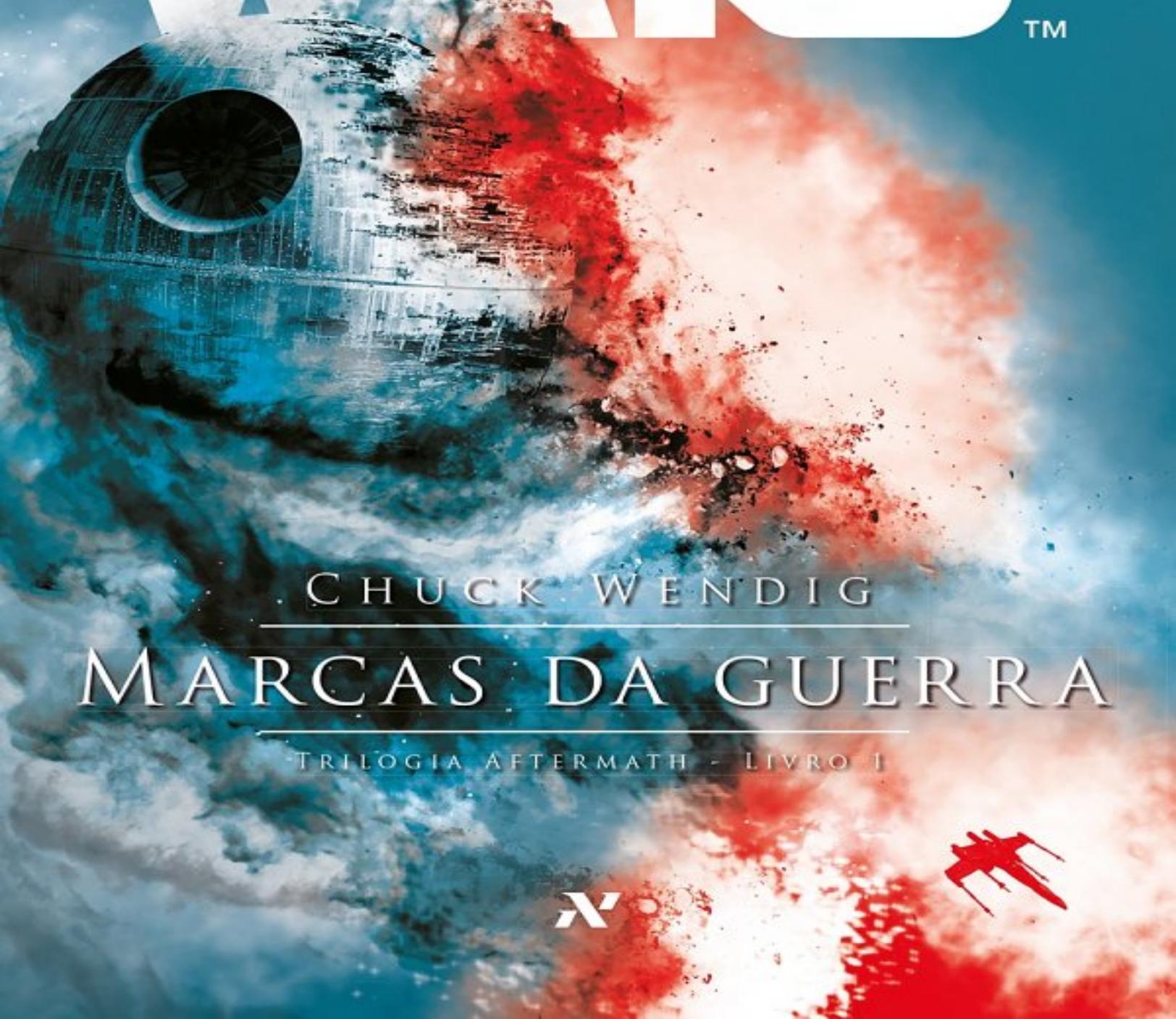




JORNADA PARA STAR WARS: O DESPERTAR DA FORÇA

STAR WARS™



CHUCK WENDIG

MARCAS DA GUERRA

TRILOGIA AFTERMATH - LIVRO 1



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHUCK WENDIG

STAR WARS™

MARCAS DA GUERRA

TRILOGIA AFTERMATH
- LIVRO I

TRADUÇÃO
ANDRÉ GORDIRRO
GUILHERME KROLL


ALEPH

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Nota dos editores](#)

[Agradecimentos](#)

[Prelúdio](#)

[Coruscant](#)

[Parte um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Interlúdio: Chandrila](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Interlúdio: Saleucami](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Interlúdio: Naalol](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

Parte dois

Capítulo 12

Interlúdio: Uyter

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Interlúdio: Chandrila

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Interlúdio: Cidade de Coronet, Corellia

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Interlúdio: Sevarcos

Parte três

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Interlúdio: Taris

Capítulo 25

Capítulo 26

Interlúdio: Hiperespaço

Capítulo 27

Interlúdio: Coruscant

Capítulo 28

Interlúdio: Theed, Naboo

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Interlúdio: Tatooine](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Interlúdio: Cidade das nuvens de Bespin](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Interlúdio: Jakku](#)

[Parte quatro](#)

[Capítulo 38](#)

[Interlúdio: Chandrila](#)

[Epílogo](#)

[Créditos](#)

*Para Tracy, por ter me levado para ver meu
primeiro filme de STAR WARS
(O Império contra-ataca, em um drive-in!).*

*Para minha mãe, por ter comprado todos
aqueles maravilhosos brinquedos da Kenner.*

*Para Michelle e Ben, por virem comigo nesta
louca corrida de speederbike e torná-la dez vezes
mais sensacional do que já é.*

NOTA DOS EDITORES

O universo de STAR WARS é infinitamente rico e criativo. Desde 1977, inúmeros planetas, raças alienígenas e personagens vêm despertando a imaginação de fãs do mundo inteiro. A ideia de expandir um universo ficcional, embora não seja nova, ganha novas proporções com STAR WARS. O livro *STAR WARS: from the adventures of Luke Skywalker*, novelização do Episódio IV da saga, foi lançado em 1976, antes mesmo da estreia do filme no cinema. E, antes do final da trilogia clássica, já existiam diversos quadrinhos e romances, que muitas vezes davam sinais dos caminhos a ser seguidos depois nas telas, ou mesmo, como no caso do livro *Splinter of the mind's eye*, de Alan Dean Foster, diferiam completamente da trajetória seguida nas continuações. Esse era apenas um prelúdio da força que o Universo Expandido de STAR WARS acumularia nas décadas seguintes.

Embora outras rarefeitas obras tenham sido lançadas no início dos anos 1980, dois marcos importantes deram impulso à saga, projetando-a ao atual ousado projeto transmídia: em 1987, veio o lançamento do RPG *Star Wars – The Roleplaying Game*; em 1991, a publicação de *STAR WARS: Herdeiro do Império*, de Timothy Zahn. Enquanto a importância do RPG foi estabelecer novos cenários e trazer detalhes do universo de STAR WARS, o livro de Zahn fez história ao ser o primeiro com autorização oficial da Lucasfilm para abordar os acontecimentos posteriores ao Episódio VI. Os personagens e as histórias do livro foram aproveitados por toda uma nova geração de autores, que

escreveram centenas de obras a fim de complementar cada vez mais esse universo e saciar a sede dos fãs, especialmente durante o intervalo de quinze anos entre os lançamentos das duas trilogias no cinema – e também depois.

Em 2014, a Lucasfilm lançou o novo conceito de STAR WARS, aplicável a filmes, HQs, livros, videogames e séries televisivas relacionados à franquia, formando um só cânone. Juntos, todos esses registros contam uma única história no universo de STAR WARS, complementando e continuando os filmes lançados no cinema entre 1977 e 2005, além de servirem como preparação para os tão esperados novos filmes, a começar com *STAR WARS: O despertar da Força* em 2015. Todas as obras publicadas antes de 2014 passam a ser classificadas como *Legends*: histórias que não serviram como base para o cânone estabelecido pela Lucasfilm para STAR WARS, mas cuja importância e cuja qualidade continuam sendo apreciadas.

Participando dessa nova e empolgante fase de STAR WARS, a Editora Aleph pretende lançar todos os romances adultos do novo cânone, bem como uma seleção dos títulos *Legends* mais relevantes. Convidamos os leitores a embarcar conosco nessa jornada rumo a uma galáxia muito, muito distante.

E trata-se de uma viagem que não tem ponto de partida nem direção definidos. Não importa por qual obra você decida começar, seja por uma das novas ou uma das *Legends*. Temos a certeza de que viverá uma grande aventura.

Que a Força esteja com você.

EDITORA ALEPH

AGRADECIMENTOS

O escritor é como Han Solo: capitão de uma nave, mas perdido sem uma tripulação para operá-la. Portanto, devo agradecer ao pessoal que ajudou a tornar possível este livro: Shelly Shapiro, Jen Heddle, Gary Whitta, Jason Fry, David Keck, Pablo Hidalgo e minha agente, Stacia Decker. Obrigado também a alguns colegas escritores que mantiveram minha sanidade: gente como Kevin Hearne, Delilah S. Dawson, Stephen Blackmoore, Ty Franck, Adam Christopher, Julie Hutchings, Mur Lafferty, J. C. Hutchins e Sam Sykes. Finalmente, obrigado à comunidade de fãs de STAR WARS por brincar comigo no Twitter (GeekGirlDiva, estou falando com você).

Obrigado, na verdade, ao Twitter inteiro, porque, sem essa rede social, creio que jamais teria conseguido escrever este livro.

BRINDO COM MEU COPO DE LEITE AZUL NO DE VOCÊS



HÁ MUITO TEMPO,
NUMA GALÁXIA MUITO,
MUITO DISTANTE...

A segunda Estrela da Morte está destruída. Há rumores de que o Imperador e seu poderoso capataz, Darth Vader, estejam mortos. O Império Galáctico está mergulhado no caos.

Na galáxia, alguns sistemas comemoram; em outros, facções imperiais apertam o cerco. Otimismo e medo reinam lado a lado.

E, enquanto a Aliança Rebelde enfrenta as forças fragmentadas do Império, um solitário batedor rebelde descobre uma reunião imperial secreta...

PRELÚDIO

Hoje é um dia de comemoração. Triunfamos sobre a vilania e a opressão, e demos à nossa Aliança – e à galáxia além dela – uma chance de respirar e comemorar pelo progresso no caminho para a recuperação de nossa liberdade, retomando-a de um Império que a roubou de nós. Recebemos relatórios do comandante Skywalker comunicando que o imperador Palpatine está morto, assim como seu capataz, Darth Vader.

Mas, ainda que possamos comemorar, não devemos considerar que este seja o momento para descansar. Acertamos um grande golpe contra o Império, e agora é a hora de aproveitar a brecha que criamos. A arma do Império pode estar destruída, mas o Império em si continua vivo. Sua mão opressora aperta a garganta das pessoas do bem, de mente livre, da galáxia, desde o Núcleo de Coruscant até os sistemas mais distantes da Orla Exterior. Temos de lembrar que a luta continua. Nossa rebelião acabou. Mas a guerra... a guerra está apenas começando.

ALMIRANTE ACKBAR

CORUSCANT

ANTES:

Praça do Monumento.

Correntes fazem barulho ao se enroscarem no pescoço do imperador Palpatine. Cordas vêm logo a seguir, enlaçando o centro da estátua. Gritos enlouquecidos vêm da multidão, enquanto as pessoas puxam, puxam e puxam. Gemidos de decepção quando o monumento de pedra se recusa a ceder. Mas, então, alguém prende as correntes na traseira de dois speeders possantes, e a seguir os motores roncam e ganham vida – os speeders aceleram e novamente a multidão puxa...

Um som parecido com o de um osso gigante se quebrando.

Uma fratura aparece na base da estátua.

Mais comemoração. Gritos. E...

Aplausos quando o monumento desaba.

A cabeça da estátua se solta, rola e bate em uma fonte. Um esguicho de água escura. A multidão ri.

E, então: o som de sirenes. Luzes vermelhas estroboscópicas. Três airspeeders mergulham das vias de tráfego acima – polícia imperial. Capacetes rubro-negros. O brilho dos faróis refletido nos capacetes.

Não há aviso. Não há ordem para se render.

Os canhões laser na parte frontal de cada airspeeder disparam. Raios vermelhos queimam o ar. A multidão é cortada. Corpos caem e são alvejados

por disparos.

Ainda assim, as pessoas reunidas não se acovardam. Não são mais uma multidão. Agora, são uma turba. Elas começam a catar pedaços da estátua de Palpatine e arremessá-los nos airspeeders. Um dos veículos desvia para o lado a fim de evitar um pedregulho voador – e se coloca na frente dos disparos de outro airspeeder ao colidir com ele. Cidadãos de Coruscant escalam a torre de pedra atrás de ambos os airspeeders – uma torre onde estão escritos os valores imperiais de ordem, controle e Estado de direito – e começam a pular nos veículos policiais. Um guarda de capacete é jogado para fora do airspeeder. O outro rasteja sobre o capô do veículo e dispara com um par de armas de raios, bem no momento em que um pedregulho acerta seu capacete e o derruba no chão.

Os outros dois airspeeders sobem mais e continuam atirando.

Gritos, fogo e fumaça.

Duas pessoas – um pai e um filho, Rorak e Jak – pulam rapidamente para trás da estátua derrubada. O som da batalha que se desenrola ali na Praça do Monumento não acaba. Ao longe, o barulho de mais combates, uma nuvem de chamas, clarões de disparos de raios. Um outdoor no alto do céu, entre as vias de tráfego, de repente passa a exibir estática.

O menino é jovem; tem apenas doze anos-padrão, não o suficiente para lutar. Ainda não. Ele olha para o pai com uma expressão suplicante. Mais alto que o barulho, o menino berra:

– Mas a estação de combate foi destruída, pai! A batalha acabou!

Eles acabaram de ver a notícia, apenas uma hora atrás. O suposto fim do Império. O começo de algo melhor.

A confusão nos olhos brilhantes do menino é evidente: ele não compreende o que está acontecendo.

Mas Rorak, sim. Ele ouviu histórias das Guerras Clônicas, histórias contadas pelo próprio pai. Ele sabe como uma guerra se desenrola. Não são muitas

guerras, mas apenas uma, prolongada várias vezes, cortada em pedaços para que pareça mais gerenciável.

Por muito tempo, Rorak contou para o filho não a verdade, mas a esperança idealizada: *um dia o Império cairá, e as coisas serão diferentes quando você tiver filhos*. E isso talvez ainda venha a acontecer. Mas, agora, uma verdade mais forte e incisiva é necessária:

– Jak, a batalha não acabou. A batalha está apenas começando.

Ele abraça o filho.

Depois, coloca um pedaço da estátua na mão do menino.

E pega um para si.





C A P Í T U L O

1

AGORA:

Luzes estelares deixam traços contra a escuridão brilhante.

Uma nave sai do hiperespaço: um pequeno starhopper. Uma nave para um único tripulante. Preferida por muitas das facções “menos desejáveis” lá na Orla Exterior – os piratas, os agenciadores de apostas, os caçadores de recompensas e os caçados, que têm a própria cabeça a prêmio. Essa nave em especial já esteve em situação de combate: tem cicatrizes de plasma nas asas e até nos estabilizadores verticais, além de um amassado na frente, como se o veículo tivesse sido chutado por um andador imperial. Melhor ainda para a nave se camuflar.

Adiante: o planeta Akiva. Daquele ponto, é um planeta pequeno com estrias marrons e verdes. Nuvens brancas espessas giram sobre a superfície.

O piloto, Wedge Antilles, antigamente o Líder Vermelho – e agora, bem, agora outra coisa qualquer, um papel ainda sem título formal, porque tudo é tão novo, tão diferente, de uma incerteza tão grande –, fica parado ali, descansando por um instante.

É agradável ali. Tranquilo.

Sem caças TIE. Sem raios vindo pela proa do X-wing. Sem X-wing, na verdade, e, embora ele adore pilotar aquele tipo de nave, é bom estar fora de uma. Sem Estrela da Morte – e aqui Wedge sente um arrepio, porque ele

ajudou a destruir duas daquelas coisas. Há dias em que ele se enche de orgulho disso. Em outros, enche-se de outra coisa, de algo pior. Como se fosse atraído de volta para tudo aquilo. O combate ainda ocorrendo ao seu redor. Mas hoje, não.

Hoje está tranquilo.

Wedge gosta de tranquilidade.

Ele puxa o datapad. Passa pela lista, pressionando o botão lateral. (Ele tem que apertar várias vezes só para acioná-lo. Se tem algo que Wedge espera é que eles comecem a receber novos equipamentos, quando tudo isso acabar. De alguma forma, aquele datapad tem *areia*, e é por isso que os botões estão agarrando.) A lista dos planetas vai passando.

Wedge esteve, vejamos, em cinco até agora. Florrum. Ryloth. Hinari. Abafar. Raydonia. Este, Akiva, é o sexto de uma lista de muitos planetas, de planetas demais.

A missão foi ideia dele. De alguma forma, as facções remanescentes do Império ainda estavam alimentando o esforço de guerra, mesmo meses após a destruição de sua segunda estação de combate. Wedge imaginou que eles poderiam ter se transferido para a Orla Exterior: é só estudar um pouco de história e fica fácil enxegar que as sementes do Império cresceram primeiro ali, longe dos sistemas do Núcleo, longe dos olhos intrometidos da República.

Wedge disse a Ackbar e Mon Mothma: “Talvez eles estejam por lá novamente, escondidos”. Ackbar disse que aquilo fazia sentido. Afinal de contas, Mustafar não tinha mesmo certa importância para a liderança imperial? Segundo rumores, foi para lá que Vader levou alguns Jedi, há muito tempo. Para torturá-los a fim de conseguir informações, antes que eles fossem enfim executados.

E agora Vader estava morto. Palpatine também.

Quase lá, pensa Wedge. Assim que eles encontrarem a linha de suprimentos que segue sustentando os imperiais, ele vai se sentir muito melhor.

Ele liga o comunicador. Tenta abrir um canal para o comando e...

Nada.

Talvez esteja quebrado. É uma nave velha.

Wedge mexe na lateral do corpo e puxa um comunicador pessoal de longa distância que estava pendurado no cinto. Ele aciona o botão lateral, tentando conseguir algum sinal.

Novamente: nada.

Ele sente uma pontada no estômago. Por um momento, é como se estivesse caindo. Porque tudo isso se resume a uma coisa:

O sinal está bloqueado.

Alguns sindicatos do crime que ainda operam por ali têm a tecnologia necessária para fazer algo assim, mas apenas *localmente* – não no espaço acima do planeta, de maneira alguma. Só um grupo tem tecnologia daquele tipo.

Ele contrai a mandíbula. A sensação ruim no estômago é rapidamente justificada, pois adiante um destróier estelar fura o espaço, como uma ponta de faca saindo do hiperespaço. Wedge liga os motores. *Eu tenho que sair daqui.*

Um segundo destróier estelar surge ao lado do primeiro.

Os instrumentos no painel do starhopper começam a piscar luzes vermelhas.

Eles podem vê-lo. O que fazer?

O que Han sempre diz? *Apenas voe casualmente.* A nave está disfarçada daquela maneira por um motivo: ela parece pertencer a qualquer contrabandista de meia-tigela dali, do limite da galáxia. Akiva é um foco de atividades criminais. Governadores tiranos e corruptos. Vários sindicatos disputando recursos e oportunidades. Um mercado negro já bastante conhecido: antigamente, há décadas, a Federação de Comércio teve uma fábrica de droides ali. O que significa que, se a pessoa quer um droide não registrado, pode comprá-lo ali. A Aliança Rebelde adquiriu muitos de seus droides em Akiva, aliás.

Um novo dilema, porém: o que fazer agora?

Voar até o planeta para fazer reconhecimento aéreo, como era o plano original, ou traçar uma rota de volta a Chandrila? Ali tem coisa. Dois destróieres estelares surgindo do nada? Comunicação bloqueada? Isso não é à toa. *Significa que encontrei o que procurava.*

Talvez até algo muito melhor.

Quer dizer que, finalmente, é hora de traçar uma rota para fora dali.

Isso vai levar alguns minutos, porém, já que ir para o centro da galáxia saindo da Orla Exterior não é tão fácil quanto um longo passeio de um canto para outro. É um pulo perigoso. São infinitas variáveis: nebulosas, campos de asteroides, bandos flutuantes de lixo estelar de várias escaramuças e batalhas. A última coisa que Wedge quer é pilotar em volta da beira de um buraco negro ou através do núcleo de uma estrela em estado de supernova.

O comunicador estala.

Ele está sendo saudado.

Uma voz imperial animada surge no canal.

– Aqui é o destróier estelar *Vigilância*. Você entrou em espaço imperial. – Ao ouvir aquilo, Wedge pensa: *isso não é espaço imperial. O que está acontecendo aqui?* – Identifique-se.

Ele sente uma pontada de medo, tão nítida e intensa quanto um choque elétrico. Essa não é sua melhor área de atuação. Falar. Mentir. Um pilantra como Solo poderia convencer um Jawa a comprar um saco de areia. Wedge é um piloto. Mas não é como se eles não tivessem se planejado para isso. Calrissian inventou a história. Ele pigarreia, aperta o botão...

– Aqui é Gev Hessian. Pilotando um starhopper HH-87: a *Rover*. – Wedge transmite o datacard. – Enviando as credenciais.

Uma pausa.

– Identifique a natureza de sua visita.

– Carga leve.

– Que carga?

A resposta padrão seria “peças de droides”. Mas essa pode não colar aqui. Ele pensa rápido: *Akiva. Quente. Úmido. Selva, em grande parte.*

– Peças de desumidificadores.

Pausa. Uma pausa excruciante.

O computador de navegação faz os cálculos.

Quase lá...

Uma voz diferente surge no minúsculo alto-falante. Uma voz de mulher. Há alguma rispidez nela. Menos animada. Sem cadência. É alguém com autoridade ou, pelo menos, alguém que pensa ter autoridade.

– Gev Hessian. Piloto número 45236. Devaroniano. Sim? – diz ela.

Isso confere. Calrissian conhece Hessian. O contrabandista, perdão, o “piloto e negociante legal” trabalhou contrabandeando mercadorias para ajudar Lando a construir a Cidade das Nuvens. E ele é mesmo Devaroniano.

– Acertou – responde Wedge.

Outra pausa.

O computador está quase terminando os cálculos. Mais dez segundos, no máximo. Números sendo contabilizados, piscando na tela...

– Engraçado – fala a mulher. – Nossos registros indicam que Gev Hassan morreu sob custódia imperial. Por favor, deixe-nos corrigi-los.

O computador hiperespacial conclui os cálculos.

Ele empurra a alavanca com a parte posterior da mão...

Mas a nave apenas estremece. Então, o starhopper treme outra vez e começa a ser levado adiante... na direção do par de destróieres estelares. Isso significa que eles acionaram os raios tratores.

Wedge se volta para os controles das armas.

Se ele pretende sair dessa, é agora ou nunca.

A almirante Rae Sloane encara o console e olha pela janela. O vazio negro. As estrelas brancas. Como furinhos em um cobertor. E, lá fora, como um

brinquedo de criança nesse cobertor, um pequeno caça de longo alcance.

– Faça uma varredura nele – diz ela.

O tenente Nils Tothwin ergue o olhar e dá um sorriso prestativo.

– Claro – responde ele, com o rosto tenso por aquele sorriso. Tothwin é um símbolo de tudo o que há de errado com as forças imperiais agora: muitos de seus melhores integrantes morreram. O que sobrou é, em parte, a escória. Os gravetos e as folhas no fundo de uma xícara de chá de especiarias. Ainda assim, ele obedece ordens, o que já é alguma coisa.

Sloane se pergunta quando o Império vai realmente começar a rachar. Forças fazem o que querem, quando querem. Caos e anarquia. No momento em que isso de fato acontecer, no momento em que alguém com certa proeminência optar por seguir o próprio caminho, todos eles estarão realmente perdidos.

Tothwin executa a varredura do starhopper, enquanto o raio trator puxa a nave de maneira lenta, porém inevitável. A tela abaixo dele brilha, e uma imagem holográfica da nave surge diante do tenente, como se fosse construída por mãos invisíveis. A parte inferior da imagem emite um brilho vermelho. Nils, com pânico na voz, diz:

– Hesan está carregando o sistema de armas.

A almirante faz uma expressão de desdém.

– Acalme-se, tenente. As armas em um starhopper não são suficientes para...

– Pausa. Sloane franze os olhos. – Aquilo é o que estou pensando que é?

– O quê? – pergunta Tothwin. – Eu não...

O dedo da almirante aponta para a extremidade do holograma e circula o nariz largo e curvo do caça.

– Aqui. Lançador de material bélico. Torpedos de prótons.

– Mas o starhopper não estaria equipado com... Ah. *Ah*.

– Alguém veio preparado para combate. – Ela baixou a mão e acionou o comunicador novamente. – Aqui é a almirante Rae Sloane. Estou vendo você,

pilotinho. Armandando um par de torpedos. Deixe-me adivinhar: você acha que um torpedo de prótons vai interromper nosso raio tractor por tempo suficiente para lhe permitir escapar. Isso pode ser verdade. Mas também permita-me lembrar que nós temos material bélico suficiente na *Vigilância* para transformá-lo não apenas em fragmentos, mas em *partículas muito pequenas*. Como poeira jogada na escuridão. A manobra não vai dar certo. Você vai disparar seu torpedo. Nós vamos disparar o nosso. *Mesmo que*, na hora em que suas armas nos atingirem, nosso raio seja interrompido... – Sloane estalou a língua. – Bem, se você acha que deve tentar, então tente.

Ela manda Nils mirar o starhopper.

Só para garantir.

No entanto, a almirante torce para que o piloto seja inteligente, não um tolo qualquer. Provavelmente é algum batedor rebelde, algum espião, o que é uma tolice por si só – embora seja uma tolice menor agora, com a recém-construída segunda Estrela da Morte destruída, como a antecessora.

Mais razão ainda para Sloane permanecer “vigilante”, como indica o nome de sua nave. A reunião em Akiva não podia dar errado. Ela tinha que acontecer. Tinha que dar *resultado*. Tudo parecia estar no limite, e o Império inteiro estava à beira do abismo, com o chão se desfazendo em cascalho e pedras.

A pressão é contínua. Uma pressão sentida de forma quase literal, como um punho contra as costas, forçando a saída do ar dos pulmões.

Era a chance de Sloane se destacar.

Sua chance de mudar o destino imperial.

Esqueça o antigo modelo.

Isso mesmo.

Wedge torce o rosto, e seu coração dispara no peito, como um pulso iônico. Ele sabe que ela está certa. A manobra não está a seu favor. Ele é um bom piloto, talvez um dos melhores, mas não tem a Força a seu lado. Se Wedge

lançar aqueles dois torpedos, os imperiais vão disparar tudo o que têm contra ele. E aí não vai importar se o caça se liberar do raio trator. Wedge não terá mais que um segundo para se livrar do bombardeio lançado pelos imperiais.

Algo está acontecendo. Aqui, no espaço acima de Akiva. Ou talvez lá embaixo, na superfície do planeta.

E, se ele morrer ali, ninguém saberá o que é.

O que significa que Wedge tem que fazer a jogada certa.

O piloto desliga os torpedos.

Ele tem outra ideia.

Doca 42.

Rae Sloane está no balcão envidraçado, olhando do alto o batalhão de stormtroopers reunidos. Esse grupo, assim como Nils, é imperfeito. Aqueles que receberam as maiores notas na Academia foram servir na Estrela da Morte, ou na nave de comando de Vader, a *Executor*. Metade dos que estão ali sequer terminou a Academia, tendo sido retirados do treinamento antes do tempo.

Esses darão para o gasto, entretanto. Por enquanto. Adiante está o starhopper, sendo trazido pelo vazio do espaço, embalado pela garra invisível do raio trator. A nave passa pelos caças TIE perfilados (metade do que eles precisam, um terço do que ela preferiria ter) e segue lentamente na direção dos stormtroopers reunidos.

Eles têm a vantagem numérica. O mais provável é que o starhopper tenha um único piloto. Talvez um segundo ou terceiro tripulantes.

A nave se aproxima cada vez mais.

Sloane se pergunta: *Quem é você?* Quem está dentro daquela latinha?

Então, surge um clarão intenso, acompanhado por um tremor: o starhopper subitamente emite um brilho azul do nariz em diante.

Ele explode em uma chuva de fogo e fragmentos.

– Quem quer que eles fossem – diz o tenente Tothwin –, não queriam ser descobertos. Creio que tenham preferido a saída mais fácil.

Sloane está entre os destroços fumegantes do caça de longo alcance. O cheiro é de ozônio e fogo. Um par de droides astromecânicos negros e reluzentes zumbem, enquanto disparam espuma para extinguir as últimas chamas. Eles têm que desviar de mais ou menos meia dúzia de corpos de stormtroopers que ainda estão caídos por ali. Capacetes rachados. Placas peitorais queimadas. Fuzis de raios espalhados e quebrados.

– Não seja ingênuo – fala ela, com uma expressão de desdém. – *Não*, o piloto não queria ser descoberto. Mas ele ainda está aqui. Se o piloto não queria que o explodíssemos no espaço *lá* fora, o senhor realmente acha que ele estaria ansioso para morrer *aqui* dentro?

– Pode ser um ataque suicida. Maximizar o dano...

– Não. Ele está aqui. E não pode estar longe. Encontre-o.

Nils respondeu com um aceno de cabeça nervoso e rápido.

– Sim, almirante. Imediatamente.



C A P Í T U L O

2

– Temos que dar meia-volta – diz Norra. – Traçar um novo curso...

– Opa, opa, não – fala Owerto, meio rindo. Ele ergue os olhos para Norra; metade do rosto escuro de Owerto está queimado, embaixo de um tapete sarapintado de cicatrizes, cicatrizes que ele alega ter adquirido de uma forma diferente cada vez que conta a história: lava, wampa, disparo de raios ou quando ficou bêbado com rum corelliano e caiu em uma fogueira de acampamento em brasa. – Senhorita Susser...

– Agora que estou em casa, vou usar meu nome de casada novamente. Wexley.

– *Norra*. Você me pagou para levá-la à superfície *daquele* planeta. – Ele apontou para a janela. Lá: casa. Ou já tinha sido sua casa, um dia. O planeta Akiva. Nuvens giravam em lentas espirais, sobre selvas e montanhas. Acima do planeta: dois destróieres estelares, pendurados como espadas sobre a superfície. – E o mais importante: você não é a única carga que estou trazendo. Vou terminar este serviço.

– Eles nos mandaram dar meia-volta. Isto é um cerco...

– E contrabandistas como eu são muito bons em burlar esse tipo de coisa.

– Temos que retornar à Aliança... – Norra se corrige. Essa é a mentalidade antiga. – À *Nova República*. Eles precisam saber.

Um terceiro destróier estelar subitamente perfura o espaço, alinhando-se aos demais.

– Você tem familiares lá embaixo? – pergunta Owerto.

Ela confirma com a cabeça, em um gesto tenso.

– É por isso que estou aqui. – *É por isso que estou em casa.*

– Esta viagem sempre foi um risco. O Império está aqui em Akiva há anos. Não *desta forma*, mas... Bem, eles estão aqui, e teremos que lidar com isso. – Owerto inclina o corpo e continua: – Você sabe por que eu chamo esta nave de *Mariposa*?

– Não.

– Já tentou pegar uma mariposa? Fazer uma concha com as mãos, correr atrás dela e pegá-la? Mariposa branca, marrom, de qualquer tipo? Não é possível. Elas sempre escapam. Em espasmos, para cima e para baixo, de um lado para o outro. Como uma marionete dançando sob o controle de cabos de alguém. Isso sou eu. Isso é esta nave.

– Eu continuo não gostando dessa situação.

– Eu também não gosto, mas a vida é cheia de coisas das quais a gente não gosta. Quer ver sua família de novo? Então vamos em frente. Agora é a hora, além disso. Parece que estão apenas começando a se aprontar. Pode ser que venham outros por aí.

Surge um brilho meio insano no único olho bom de Owerto. No outro, há uma lente em tom vermelho intenso, com uma armação mal-ajustada presa à pele cheia de cicatrizes. Em seguida, ele abre um sorriso, mostrando seus dentes tortos. Owerto realmente gosta disso.

Contrabandistas, pensa Norra.

Bem, ela pagou pela passagem.

É hora de fazer a viagem.

A mesa negra e comprida brilha com a luz que emana dela, uma planta holográfica da doca e das cercanias da *Vigilância*. A imagem incorpora uma nova varredura feita por droides, mostrando danos em dois caças TIE, sem falar nos corpos dos stormtroopers, ali como um lembrete sobre o que pode acontecer quando se mexe com rebeldes.

O piloto do starhopper? Sem dúvida um rebelde. Agora, a questão: aquilo foi um ataque? Ele sabia que eles estavam ali? Ou foi apenas uma confluência de eventos, alguma coincidência estúpida que levou àquele encontro?

Esse é um problema para depois. O problema agora é descobrir para onde exatamente ele foi. Porque, como Sloane já imaginava, não havia um corpo sequer dentro da nave.

Pelo que ela pode calcular, o piloto programou os torpedos de prótons para dispararem sozinhos. Antes que eles explodissem, no entanto, o rebelde... o quê? Sloane aperta um botão, voltando à planta do starhopper que puxou dos bancos de dados imperiais. Ali: uma porta na popa. É pequena, mas suficiente para colocar e retirar pequenos pacotes de carga.

Seu novo amigo piloto saiu escondido pelos fundos. Teria sido um pulo considerável. *Jedi*? Não. Não podia ser. Há apenas um desses por aí, e não há chance de os rebeldes terem mandado seu menino de ouro, Skywalker.

De volta à planta da doca...

A almirante gira a imagem. Destaca os dutos de acesso.

É isso. Ela puxa o comunicador.

– Tothwin. Nosso piloto está nos dutos. Aposto todos os meus créditos que haverá um duto de ventilação aber...

– Temos um problema.

O problema é que você me interrompeu, pensa Sloane, mas não diz.

– O que foi?

– Temos um fura-cerco.

– Outro terrorista?

- Pode ser. Parece um contrabandista completamente comum, no entanto. Está pilotando um pequeno cargueiro corelliano... É, ahn, vejamos, um MK-4.
- Despache os TIEs. Deixe que eles cuidem disso.
- Claro, almirante.

Tudo parece estar em câmera lenta. Norra está sentada, paralisada no assento do navegador ao lado de Owerto Naiucho, o contrabandista com cicatrizes no rosto. Clarões brilham em seu rosto: luz verde de lasers em sua direção, luz laranja desabrochando de um caça TIE que encontra seu fim prematuro. Lá fora, adiante deles, há um enxame de TIEs como uma nuvem de insetos. O grito horrível deixado pela passagem dos caças faz vibrar a cadeira embaixo de Norra e o console agarrado com firmeza por suas mãos. Nos momentos em que ela pisca, Norra não vê a escuridão. Ela vê outra batalha se desenrolando...

“É uma armadilha!”, diz a voz de Ackbar pelo comunicador. *A sensação terrível de TIEs imperiais descendo sobre eles como vespas vermelhas saindo de um ninho atingido por uma pedra. A escuridão do espaço sendo iluminada por um raio crepitante de luz verde-azulada, vindo da semiconstruída Estrela da Morte; apenas mais uma pá de cal na cova da Aliança, quando uma das próprias naus capitânicas é destruída, apagada em um pulso de luz, relâmpago e fogo...*

O cargueiro mergulha na direção da superfície do planeta e executa um parafuso. A nave treme quando os disparos de laser atingem a lateral. Os escudos não aguentarão eternamente.

– Você precisa manejar as armas! Norra! *As armas!* – berra Owerto.

Mas ela não consegue sair daquele assento. As mãos sem sangue sequer abandonam o console. A boca está seca. As axilas, molhadas. O coração bate como um pulsar antes de se apagar.

“Queremos que você voe conosco”, fala o capitão Antilles. Ela se opõe, obviamente. Norra vem trabalhando para os rebeldes há anos agora, desde antes da destruição da primeira Estrela da Morte. Mas apenas como piloto de cargueiro,

levando droides mensageiros, contrabandeando armas ou transportando pessoas de um planeta a outro e de uma base a outra. “E isso não muda o tipo de piloto que você é”, continua ele. “Você deixou para trás um destróier estelar. Obrigou dois interceptadores TIE a colidirem um com o outro. Sempre foi uma grande piloto. E nós agora precisamos de você, para o momento em que o general Solo desligar aqueles geradores de escudos.” O capitão Antilles pergunta de novo: ela topa? Vai voar com os esquadrões Vermelho e Dourado? Sim. Norra diz sim. Porque é claro que sim: como poderia dizer outra coisa?

Tudo girando. Luzes piscando dentro da cabine. Uma chuva de fagulhas vem de algum ponto atrás dos assentos. Ali, na *Mariposa*, tudo parece equilibrado na cabeça de um alfinete. Pelo vidro, vê-se o planeta. As nuvens se aproximam e são perfuradas por caças TIE, que deixam um rastro de vapor. Norra se levanta, com as mãos trêmulas.

Dentro das entranhas do monstro. Canos e vapor assobiando. Vigas esqueléticas e feixes de cabos e conduítes. As vísceras da ressuscitada Estrela da Morte. Os escudos foram desligados. Essa é a única chance. Mas os caças TIE estão por toda parte, surgindo como falcões por trás deles, bicando as penas de seu rabo. Norra sabe onde isso vai dar: significa que ela vai morrer. Mas é assim que as coisas são feitas. Comunicação do Líder Dourado: a voz de Lando no ouvido e do copiloto Sullustano logo atrás. Eles dizem o que ela tem que fazer. E, novamente, Norra pensa: É agora, é assim que eu morro. Ela acelera o caça. A assinatura térmica do núcleo aponta para a esquerda. Ela puxa o Y-wing para a direita, e um punhado de TIEs se separam e a seguem para as profundezas. Para longe da Millennium Falcon. Para longe dos X-wings. Disparos de laser fritam os motores. Arrancam o topo do droide astromecânico. Fumaça toma conta da cabine. O cheiro de ozônio...

– Eu não sou uma artilheira – diz Norra. – Sou uma piloto.

A seguir, ela arranca Owerto do assento do piloto. Ele reclama, mas ela dispara um olhar para Owerto: uma expressão que Norra já tinha ensaiado, uma expressão de cara fechada como aço esfriando, a expressão de uma ave de

rapina antes de arrancar os olhos de alguém. O contrabandista acena com a cabeça, em um gesto praticamente imperceptível, e é bom que tenha respondido dessa forma. Porque, assim que Norra se senta na cadeira e agarra o manche e o manete, ela vê um par de caças TIE vindo rápido pela frente...

Norra cerra os dentes com tanta força que pensa que a mandíbula vai quebrar. Lasers como fogo demoníaco rasgam o céu acima, vindo diretamente para eles.

Ela puxa o manche. A *Mariposa* encerra o mergulho para a superfície do planeta; os lasers erram por pouco, passam por baixo da traseira do cargueiro e continuam...

Bum.

Os disparos eliminam dois dos caças TIE que vinham seguindo bem de perto. E, mesmo continuando a puxar o manche, com o estômago e o coração trocando de lugares e o sangue rugindo nas orelhas, Norra vira a nave a tempo de ver os dois TIEs que sobraram se rasparem. Os painéis verticais das asas colidem e se soltam, e cada um dos caças imperiais de curto alcance subitamente vai embora girando, executando piruetas frenéticas pelo espaço como um par de girândolas do Dia da República.

– Tem mais caças vindo! – berra Owerto de algum ponto atrás de Norra.

Ela ouve o rangido das engrenagens dos canhões duplos da *Mariposa* quando a torre gira para se posicionar, começando a cuspir fogo.

As nuvens passam em alta velocidade.

A nave pula e sacode ao abrir um buraco na atmosfera.

Esse é o meu lar, pensa Norra. Ou era. Ela cresceu em Akiva. O mais importante, que valia para a Norra daquela época tanto quanto para a Norra de agora: ela não gosta muito de pessoas. Saía sozinha muitas vezes. Explorou o ermo fora da capital Myrra, os velhos templos, os sistemas de cavernas, os rios, os desfiladeiros.

Norra conhece esses lugares. Todos os caminhos em zigue-zague, todas as curvas, cada detalhe. Novamente, ela pensa: *Esse é o meu lar*, e, repetindo este mantra, Norra controla as mãos trêmulas, vira a nave com força para estibordo e executa um parafuso enquanto os raios laser passam.

A superfície do planeta surge rápido. Rápido demais, mas Norra diz a si mesma que sabe o que está fazendo. Ali embaixo, o terreno elevado com belos morros e penhascos lisos dá espaço para o Desfiladeiro de Akar, um vale sinuoso, e é para lá que ela leva a *Mariposa*, para o canal tomado por floresta tropical. Chuviscos caem na visão dianteira e escorrem para fora. As asas do cargueiro raspam em galhos, agitando folhas, enquanto Norra sacode para a esquerda e dá um solavanco para a direita, tornando assim a *Mariposa* um alvo muito difícil de ser atingido.

Disparos de laser queimam a copa das árvores adiante.

Então, surge uma massa de neblina.

Ela empurra o manche e faz o cargueiro descer ainda mais. Ali, a garganta é mais apertada. As árvores se esticam como mãos interesseiras, que brotam de afloramentos rochosos. Norra raspa as rochas propositalmente, novamente à esquerda, depois à direita. As torres da *Mariposa* cospem fogo dos canhões e, de repente, um TIE rola de ponta-cabeça como um pedregulho arremessado, e ela tem que virar a nave para valer, a fim de desviar. O caça bate em uma árvore, soltando uma imensa bola de fogo.

O cargueiro treme.

Mais fagulhas. A cabine fica às escuras.

– Perdemos a torre! – grita Owerto.

Norra pensa: *Não precisamos dela.*

Porque ela sabe o que está por vir: um dos mais antigos conjuntos de templos abandonados, um artefato de arquitetura de um tempo muito, muito distante, quando o povo Ahia-Ko ainda vivia ali. Mas, antes disso, uma cachoeira, uma onda de água prateada, pulando da borda de um penhasco,

chamado de Dedo da Bruxa por parecer um dedo curvo e acusador. Há um espaço embaixo daquela ponte de pedra, um canal apertado. *Apertado demais*, pensa ela. Mas talvez não. Especialmente agora, sem a torre. Tarde demais para agir diferente, de qualquer forma...

Ela vira o cargueiro de lado...

Adiante, a brecha embaixo da pedra. Cachoeira de um lado, paredão escarpado do penhasco do outro. Norra controla a respiração. Arregala os olhos.

Aquele mantra surge mais uma vez, agora falado em voz alta:

– Essa é a minha casa.

O cargueiro passa pelo canal.

A *Mariposa* balança como um velho bêbado, e o que sobrou da torre é arrancado, indo embora rangendo e caindo, girando, na cachoeira...

Mas eles escapam. Inteiros. Vivos.

No console, duas luzes vermelhas piscam.

Caças TIE. Atrás deles.

Espere.

Espere...

O ar retumba com um par de explosões.

As duas luzes no console tremulam e somem.

Owerto vibra, batendo palmas.

– Escapamos!

Escapamos, mesmo.

Ela vira o cargueiro e traça um curso para os arredores de Myrra.

Nils Tothwin engole em seco e passa por cima do vidro quebrado e da poça de bebida borbulhante, saída de uma garrafa cerimonial de vinho de groselha lothaliano, um vinho tão púrpura que chega quase a ser negro. Na verdade, a poça no chão pode ser facilmente confundida com um buraco.

Tothwin esfrega as mãos. Ele está nervoso.

– O senhor não o encontrou – diz Rae Sloane.

– Não.

– E vejo que a nave do contrabandista foi embora.

– A senhora quer dizer “escapou”.

Ela franziu os olhos.

– Eu sei o que quis dizer.

– Claro, almirante.

A poça borbulha. Aquela garrafa foi dada a ela para comemorar a ascensão à patente de almirante. Era apropriado que fosse uma garrafa cerimonial, porque isso também valia para seu papel: a liderança de Rae Sloane era pura cerimônia. Por anos ela foi excluída. Sim, Sloane recebeu o comando da *Vigilância*, mas a nave em si jamais recebeu algo que sequer chegasse perto de um papel importante na luta contra a Rebelião insurgente. Trabalho insignificante. Patrulhas na Orla Exterior, na maioria das vezes. Defesa e escolta de burocratas, moffs, dignatários, embaixadores.

Foi o que ela recebeu. Sloane fez muitos inimigos no início. Sempre foi de falar o que pensava. Não sabia seu lugar. E aquilo a prejudicou.

Mas agora é a hora de segundas chances.

Ela interrompe o silêncio:

– Esse é um mau momento para o caos, tenente. Lá fora, dois de nossos estimados convidados já chegaram. – O moff Valco Pandion, no destróier estelar *Repressão*, e, no *Ascensão*, um dos mais antigos estrategistas do Império Galáctico, o general Jylia Shale. – Em breve, os demais chegarão. Não posso deixar que essa seja uma ocasião que demonstre a minha fraqueza. Não podemos revelar incapacidade de controlar nosso próprio ambiente, porque, se isso acontecer, vai provar, especialmente para Pandion, que não conseguimos sequer controlar uma reunião. E quanto a essa reunião? Ela *precisa* ser controlada.

– Certamente, almirante. Nós encontraremos o invasor de nossa nave...

– Não. *Eu* vou liderar a busca pelo convidado inesperado. O *senhor* reunirá uma equipe e irá para a superfície do planeta antes da reunião. Localize o contrabandista e o cargueiro que escaparam de nós, só para garantir que não fazem parte de alguma coisa maior. Isso tem que dar certo, mas, e se der errado? Eu vou considerá-lo pessoalmente responsável.

A pouca cor que Nils Tothwin tem no rosto some.

– Como quiser, almirante.

Vapor sobe como espectros agitados na superfície da *Mariposa*; a chuva parou, e agora o sol saiu. Intenso e quente. O ar está tomado pela umidade. Norra já sente o cabelo, normalmente liso e prateado como a cachoeira por baixo da qual eles passaram há uma hora, começando a enroscar nas pontas, com os fios se emaranhando. Um pensamento estranho: *Será que eu trouxe uma escova?* Será que ela até mesmo trouxe as roupas adequadas? O que Temmin pensará de Norra?

Ela não vê o filho há... tempo demais, agora. Três anos-padrão? Ao pensar nisso, Norra estremece.

– Você é uma piloto maluca – fala Owerto, surgindo pela lateral. Ele bate na nave: *tum, tum, tum*. – Sou suficientemente homem para admitir que você talvez tenha salvado o couro da *Mariposa* lá atrás.

Ela dá um sorriso contido.

– Bem, eu dei sorte.

– Voar daquela forma não é sorte. É habilidade. Você é uma piloto rebelde, certo?

– Certo.

– Parece que está no time vencedor, então.

Ainda não, pensa Norra, mas tudo que ela diz é:

– É o que esperamos.

– Eles morreram, mesmo? O imperador? Aquele homem-máquina, Vader? A Estrela da Morte inteira foi explodida em pedacinhos novamente?

– Foi, sim. Eu estava lá. Estava... dentro dela, na verdade.

Owerto solta um assobio longo e baixo.

– Isso explica a pilotagem cheia de truques.

– Talvez.

– Parabéns. Você é uma heroína. Deve ter sido algo do outro mundo.

– Foi do outro mundo, de fato.

Mesmo agora, ao pensar nisso, Norra sente uma pontada fria na coluna, apesar do calor opressor. Outros podem ter sentido empolgação durante aquela batalha, mas, para ela, o combate continua vivo nos pesadelos. A visão de bons pilotos despencando, rodopiando na superfície daquela base gigantesca. O som dos gritos pelo comunicador.

– Seu dinheiro – diz Norra, abruptamente. Ela tira um saquinho da bolsa de pano e joga para o contrabandista. – Dez mil ao chegar, como prometido. Obrigada. Desculpe pela nave.

– Eu mando consertar. Boa sorte com a família.

– Meu filho, principalmente. Estou aqui para pegá-lo e ir embora.

Ele levanta a sobancelha sobre o único olho perfeito.

– Isso vai ser complicado, com o cerco. Já sabe como sair do planeta?

– Não. Você está se oferecendo?

– Pague o mesmo valor e prometa pilotar a nave novamente se a chapa esquentar, e estamos combinados.

Norra oferece a mão, e os dois selam o acordo com um cumprimento.

– Ah – acrescenta Owerto, ao ir embora –, bem-vinda ao lar, Norra *Wexley*.



C A P Í T U L O

3

Akiva sempre teve a presença de imperiais, só que não de uma força de ocupação. Como em muitos mundos na Orla Exterior, girando nos próprios eixos nos limites do espaço conhecido, os imperiais usavam o planeta, mas jamais poderiam reivindicar oficialmente o direito sobre Akiva, ou talvez jamais fossem *de fato* reivindicá-lo. Esses exoplanetas eram animais ferozes demais, selvagens demais, estranhos demais para um dia serem subjugados pelo Império Galáctico. Quando os imperiais iam ali, geralmente o faziam por motivos pessoais: a bebida, as especiarias, o fumo, a jogatina, o mercado negro. Ou talvez apenas como turistas, para ver os rostos estranhos e os alienígenas insatisfeitos que se esbarravam naquele posto avançado de depravados e aberrantes.

Isso, *tudo* isso, é o que o traz aqui.

Sinjir Rath Velus. Agente de lealdade imperial.

Bem. *Ex*-agente de lealdade imperial.

As marés galácticas trouxeram Sinjir aqui e o jogaram neste planeta de selvas indomadas e montanhas escarpadas, lugar de vulcões negros e praias de quartzo. E lá está ele, sentado na mesma cadeira, no mesmo bar, no mesmo bairro sórdido de Myrra, com o mesmo barman Mon Calamari servindo drinques sobre o tampo de oka do bar.

Ele está bebendo devagar um hidromel de folhas de sashin. É uma bebida dourada, doce, parecida com uma mistura de fruta jybbug e oi-ois, aquelas amorinhas que a mãe dele costumava colher. É a terceira dose do dia, e o sol nasceu há poucas horas. A cabeça dele já parece uma mosca na teia grudada de uma aranha, lutando e tentando fugir voando antes de finalmente cair e ceder ao torpor.

Sua mente parece pastosa, embaçada, pantanosa.

Sinjir ergue a bebida e a admira da maneira como alguém admiraria uma amante. Com paixão e fervor, ele fala com o drinque.

– Pode contar comigo. Estou completamente dentro.

Então, Sinjir para de bebericar e engole tudo de uma vez. A bebida desce fácil. Ele estremece de prazer, depois bate com o fundo do copo na madeira.

– Barman. Guardião dos drinques. Vendedor de licores estranhos! Outro, por favor.

O Mon Calamari, chamado Pok, vem sem pressa. Esse Mon Cal é velho; os *tentáculos do queixo*, ou seja lá o que forem, cresceram compridos e grossos, formando uma barba franjada de pele vermelha, ventosas trêmulas e cracas reluzentes. Ele não tem um braço, que foi substituído pelo membro prateado e brilhante de um droide de protocolo. Um trabalho feito às pressas, malajustado, com fios plugados sem cerimônia na pele áspera do ombro vermelho. Uma coisa desagradável de se ver, mas Sinjir pouco se importa a esta altura. Ele não merece nada melhor que isso.

Pok murmura e resmunga em seja lá que língua os Mon Cals falam. Os dois travam a mesma conversa todas as vezes:

Pok emite *sons*.

Sinjir pede, depois exige, que o barman fale na língua básica.

– Eu não sei falar a língua básica – diz Pok, na língua básica, antes de voltar a tagarelar no idioma alienígena.

E, então, Sinjir faz seu pedido, e Pok enche o copo.

No fim da conversa, Sinjir faz um novo pedido.

– Eu vou querer... Por todas as estrelas em todos os céus, está quente aqui, não é? Vou beber algo refrescante. O que você tem que seja refrescante, meu amigo com cara de molusco? Pode trazer.

O barman dá de ombros. Seus olhos gelatinosos parecidos com ovas de sapo tremem, e ele pega um copo de madeira com alguns cubos de gelo sacudindo no fundo. Pok tira uma garrafa encardida da prateleira, alguma coisa com um texto rasbicado no rótulo, sem ser na língua básica. Assim como não consegue entender as palavras do Mon Cal, Sinjir não é capaz de traduzir o idioma da garrafa. O Império tinha pouco interesse em aprender as maneiras e as línguas de outras culturas. Eles sequer encorajavam que seu pessoal aprendesse alguma coisa no próprio tempo livre.

(Sinjir se lembra do tempo em que descobriu um jovem agente estudando ithorês, por incrível que pareça. Aquele rapaz de aspecto jovial e saudável, sentado de pernas cruzadas, varria com um dedo indicador comprido frases no texto alienígena. Sinjir quebrou aquele dedo. Disse que era melhor que qualquer punição administrativa... e mais rápido também.)

(Sinjir também se lembra de outra coisa: *Eu sou uma pessoa terrível*. Culpa e vergonha duelam em suas entranhas como um par de gatos-loth, rosnando um contra o outro.)

Pok serve mais bebida da garrafa.

Sinjir gira o drinque. O cheiro que ele exala poderia arrancar o preto do capacete de um piloto de TIE. Sinjir prova, na expectativa de que a língua e a garganta peguem fogo, mas ocorre exatamente o contrário. Não é um sabor doce. É floral. Um gosto que não bate com o cheiro. Fascinante.

Ele suspira.

– Ei – sussura alguém ao lado dele.

Sinjir ignora a pessoa e toma um longo e barulhento gole da bebida estranha.

– *Ei.*

Estão falando com ele, não é? Ugh. Sinjir inclina a cabeça e ergue ambas as sobrelhas esperançosamente, mas só vê um Twi'lek sentado ali, com a pele rosa como a de um bebê recém-nascido. Um dos lekkus da cabeça sai do topo da testa alta demais e se enrosca no ombro, passando por baixo do braço, do jeito que um trabalhador levaria um rolo de corda ou uma mangueira.

– Parceiro – diz o Twi'lek. – *Ei.*

– Não – responde Sinjir, de maneira bem clara. – Não é... Não. Eu não falo com pessoas. Não estou aqui para conversar. Estou aqui para *isto*. – Ele ergue o copo de madeira e gira um pouco para que o gelo faça barulho. – Não para *isso*. – Sinjir gesticula e mexe os dedos, apontando o espaço ocupado pelo Twi'lek.

– Você viu o holovídeo? – pergunta o Twi'lek, indicando ser um daqueles tipos arrogantes e agressivos que só entendem uma indireta social quando é dita por um punho ou pelo cano de um fuzil de raios.

Ainda assim, holovídeo? Sinjir fica curioso.

– Não, o que é?

O Twi'lek olha para a esquerda, olha para a direita, depois puxa um disquinho, maior que a palma da mão, menor que um prato de jantar. Anel de metal. Centro de vidro azul. O alienígena lambe os dentes afiados e depois aperta um botão.

Uma imagem aparece flutuando acima do disco.

Uma mulher. Pose majestosa. Queixo erguido, e, mesmo no holograma borrado, ele percebe que os olhos dela são intensos e brilham com uma inteligência aguda. Claro, talvez seja porque Sinjir já a conheça:

Princesa Leia Organa. Antigamente, de Alderaan. Agora, um dos heróis e líderes da Aliança Rebelde.

A imagem gravada da princesa diz:

“Aqui é Leia Organa, a última princesa de Alderaan, ex-integrante do Senado Galáctico e uma líder da Aliança para Restaurar a República. Tenho uma mensagem para a galáxia. O domínio do Império sobre nossa galáxia e seus cidadãos acabou. A Estrela da Morte próxima à lua florestal de Endor foi destruída, levando com ela a liderança imperial.”

Nesse ponto, o holograma muda para uma visão bem conhecida por Sinjir:

A Estrela da Morte explodindo no céu acima de Endor.

Ele sabe, porque esteve lá. Viu o grande clarão, o pulso de fogo, as nuvens salientes como se fossem o cérebro arrancado da cabeça quebrada de um tolo qualquer. Todos os fragmentos da estação lá em cima, estáticos, flutuando como detritos. A imagem tremula, e Leia volta.

“O tirano Palpatine está morto. Mas a luta não acabou. A guerra continua mesmo com o poder do Império diminuindo. Mas estamos aqui por vocês. Saibam que, onde quer que estejam, não importando a distância em que morem na Orla Exterior, a Nova República está chegando para ajudar. Já capturamos dezenas de naus capitânicas e destróieres imperiais...”

Agora, o holograma mostra a imagem tridimensional de imperais descendo a rampa de uma nave, algemados.

“E, nos meses que se seguiram desde a destruição da terrível estação de combate do Império, nós já libertamos inúmeros planetas em nome da Aliança.”

Uma nova imagem: rebeldes sendo saudados como salvadores e libertadores por uma multidão comemorando em... Onde é aquilo? Naboo? Pode ser Naboo. Leia volta:

“Sejam pacientes. Sejam fortes. Contra-ataquem onde puderem. A máquina de guerra imperial está caindo, uma peça, uma arma, um stormtrooper por vez. A Nova República está chegando. E queremos a ajuda de vocês para encerrarmos a luta.”

Uma última imagem trêmula:

Caças da Aliança deixando um rastro de explosões de fogos de artifício.

Outra visão conhecida por Sinjir; ele viu os rebeldes vitoriosos disparando fogos de artifício bem acima do topo das gigantescas árvores de Endor. Aquelas criaturas meio rato, meio urso vibravam, comemorando e chilreando ao longe, enquanto Sinjir se encolhia covardemente, com frio, sozinho, na mata.

– É um novo dia – diz o Twi’lek, abrindo um sorrisão com aqueles pequeninos dentes pontudos em fileiras tortas e serrilhadas.

– Um conquistador substitui outro – responde Sinjir, com o lábio franzido em uma expressão típica de desdém.

Mas a expressão no rosto não bate com o sentimento no coração, da mesma forma que a bebida diante dele tem um cheiro que não combina com o gosto. No coração, ele sente uma onda de... esperança? Sério? Esperança, felicidade e nova promessa? Que lamentável.

Ele lambe os lábios e diz:

– Bom, vamos ver de novo, que tal?

O Twi’lek concorda com a cabeça, empolgado, e aperta o botão.

Som de botas se arrastando atrás deles. Pok, o barman, rosna um aviso.

Uma luva negra range ao descer sobre o ombro de Sinjir. Outra pausa no ombro do Twi’lek, dando um aperto doloroso.

Sinjir sente o cheiro do couro engraxado, do linho impecável, do detergente padrão oficial. O cheiro do *asseio* imperial.

– O que temos aqui? – Vem um rosnado brutal como voz. É um oficial de voz gutural, e Sinjir se vira para encontrar uma aparência bastante *desleixada*. Uma pança empurra tanto a frente do uniforme cinza que um dos botões está aberto. Barba por fazer, cabelo um pouco bagunçado.

O outro sujeito ao lado dele tem uma aparência consideravelmente melhor: maxilar contraído, olhar intenso, uniforme lavado e passado. Tem um sorriso presunçoso, uma presunção que não é ensaiada, mas (como Sinjir bem sabe) natural.

Atrás deles, um par de stormtroopers.

Uau, isso, sim, é novidade. Stormtroopers ali, em Akiva?

Sempre houve imperiais em Akiva, mas nunca stormtroopers. Aqueles soldados de armadura branca são para guerra e ocupação. Ele não vêm aqui para beber, dançar e desaparecer.

Alguma coisa mudou. Sinjir ainda não sabe o quê, mas sente uma coceira de curiosidade na nuca, como uma toupeira cavoucando a terra atrás de lagartas.

– Eu e meu amigo de tentáculos na cabeça estamos apenas assistindo a um pouco de propaganda – diz ele. – Nada que cause preocupação em ninguém, de modo algum.

O Twi'lek empina o queixo. Medo brilha em seu olhar, mas outra coisa também; algo que Sinjir já viu naqueles que ele atormentou e torturou, naqueles que acham que não vão ceder: *coragem*.

Coragem. Que coisa idiota.

– O tempo de vocês *acabou* – rosna o Twi'lek, com a voz trêmula. – O Império chegou ao fim. A Nova República está vindo e...

O oficial palerma dá um direto forte na garganta do Twi'lek; o cabeça de tentáculos agarra a traqueia e gorgoleja. O outro homem, o presunçoso, coloca uma mão no ombro de Sinjir para acalmá-lo. Um aviso, implícito mas igualmente claro: *Faça um movimento e junte-se ao seu amigo*.

Alguém rosna. Atrás do bar, Pok resmunga e dá um alerta qualquer em tom indistinto, enquanto aponta para uma placa acima da cabeça, que diz, na língua básica: PROIBIDO IMPERIAIS.

Na verdade, é aquela placa que tem mantido Sinjir ali dia e noite durante a última semana. Primeiro, porque significa que ninguém do Império virá ali, o que significa que ninguém vai reconhecê-lo. Segundo, porque ele simplesmente gosta da *ironia* do aviso.

O oficial palerma arreganha um sorriso para o barman Mon Calamari.

– Os tempos estão mudando, barba-de-lula. É melhor repensar aquela placa.
– Ele acena rispidamente para os stormtroopers, que dão um passo à frente

com as armas de raios erguidas e apontadas diretamente para Pok. – Estamos aqui para ficar.

Dito isso, o grandalhão palerma recomeça a bater no cabeça de tentáculos.

O Twi'lek berra de dor.

Não é assim que as coisas deveriam acontecer. De maneira alguma. Sinjir, então, toma uma decisão, e é a decisão de simplesmente se levantar, ir embora e deixar tudo aquilo para trás. Não é necessário arrumar confusão. Não é preciso ser notado por ninguém. *Saia. Encontre outra birosca.*

É o que ele decide fazer.

Não é, estranhamente, o que Sinjir faz, na verdade.

O que ele *faz*, em vez disso, é se levantar, em um impulso. E, quando o “oficial Presunçoso” tenta empurrá-lo de volta para a cadeira, Sinjir agarra a mão do sujeito e separa dois dedos com um gesto violento. Ele vai além, dobrando tanto os dedos para trás que eles chegam a estalar...

O homem berra. Como deveria. Sinjir sabe provocar dor.

Isso causa uma certa preocupação entre os companheiros do oficial, obviamente. O palerma joga o cabeça de tentáculos no chão e leva a mão à pistola. Os dois stormtroopers dão meia-volta e erguem os fuzis em sua direção...

Sinjir está bêbado. Ou melhor, meio alto. Isso deveria ser um problema, mas, para surpresa dele, não é; é como se a onda quente do estranho licor tivesse levado embora quaisquer dúvidas, qualquer *análise crítica* incômoda que pudesse fazê-lo parar, e, em vez disso, Sinjir age rapidamente e sem hesitação. (Ainda que de forma deselegante.)

Ele gira por trás do oficial presunçoso, que grita de dor. Ergue o braço do homem como a alavanca de um caça-níqueis corelliano e, com a outra mão, arranca a pistola do coldre dele.

O palerma já está disparando a arma de raios. A pistola de Sinjir (bem, a pistola do presunçoso) é atingida e sai girando de sua mão, soltando faíscas.

Droga.

Sinjir diminui a silhueta e vira o presunçoso para aparar o ataque; lasers abrem buracos no peito do homem, e ele grita antes de desmoronar. Então, com um rápido e violento empurrão com o pé, Sinjir lança o corpo mole na direção do par de stormtroopers; nenhum deles está preparado para o ataque.

E ambos caem de costas sobre as mesas.

O palerma grita, erguendo novamente a pistola...

Sinjir dissecas as defesas do sujeito. Mão sob o pulso. A pistola sobe e dispara em direção ao teto, fazendo chover poeira na cabeça deles. Sinjir dá pontapés com a bota e acerta o homem na canela, no joelho e na parte de cima da coxa. O corpanzil do imperial desmorona como uma mesa com a perna quebrada, mas Sinjir não o deixa cair; ele segura o homem pelo pulso e, com a mão livre, atinge pontos vulneráveis. Nariz. Olho. Traqueia. Boca do estômago. Depois, volta ao nariz, onde enfia um par de dedos cruéis nas narinas do desalinhado para forçá-lo contra o chão. O homem chora, abre um berreiro e sangra.

Os stormtroopers não estão derrotados.

Eles se agitam para se levantar. Os fuzis são erguidos novamente...

Alguém surge ao lado do trooper à direita e desenha um arco impiedoso e violento com uma cadeira. Ela pega bem embaixo do capacete branco do soldado, que gira. O trooper estremece no momento em que uma garrafa de bebida rodopia no ar e acerta o segundo soldado no capacete: uma garrafa lançada pelo braço de droide do Mon Cal atrás do bar.

Como um bônus, Sinjir torce o pulso do palerma para que a pistola caia da mão do imperial para a dele. Depois, gira a arma e dispara dois tiros. Um no meio de cada capacete.

Os stormtroopers caem. Desta vez, não se levantarão novamente.

Sinjir para em cima do palerma. Ele novamente agarra o nariz do homem e torce.

– A coisa maravilhosa sobre o nariz é que ele está ligado a todas as terminações nervosas por trás do rosto. Essa protuberância carnuda, e a sua parece um focinho de porco, honestamente, agora é o motivo de sua cabeça estar se enchendo de muco, e os olhos, de lágrimas.

– Sua escória rebelde – gorgoleja o palerma.

– Isso é engraçado. Realmente, muito engraçado. – *Seu idiota. Você acha que sou um deles, quando na verdade eu sou um de vocês.* – Quero saber o que está acontecendo.

– O que está acontecendo é que o Império está aqui, e você está...

Sinjir torce. O homem berra.

– Poupe-me do papo de vendedor. Detalhes. Por que você está aqui? Com stormtroopers, ainda por cima.

– Eu não sei...

Outra torção. Outro gemido.

– *Eu juro que não sei!* Mas algo está acontecendo. Está crescendo rápido. Eu... Nós descemos da *Vigilância*, e aí a comunicação caiu, e o cerco...

Sinjir dispara um olhar para Pok.

– Você sabe alguma coisa sobre uma queda na comunicação? Ou um cerco?

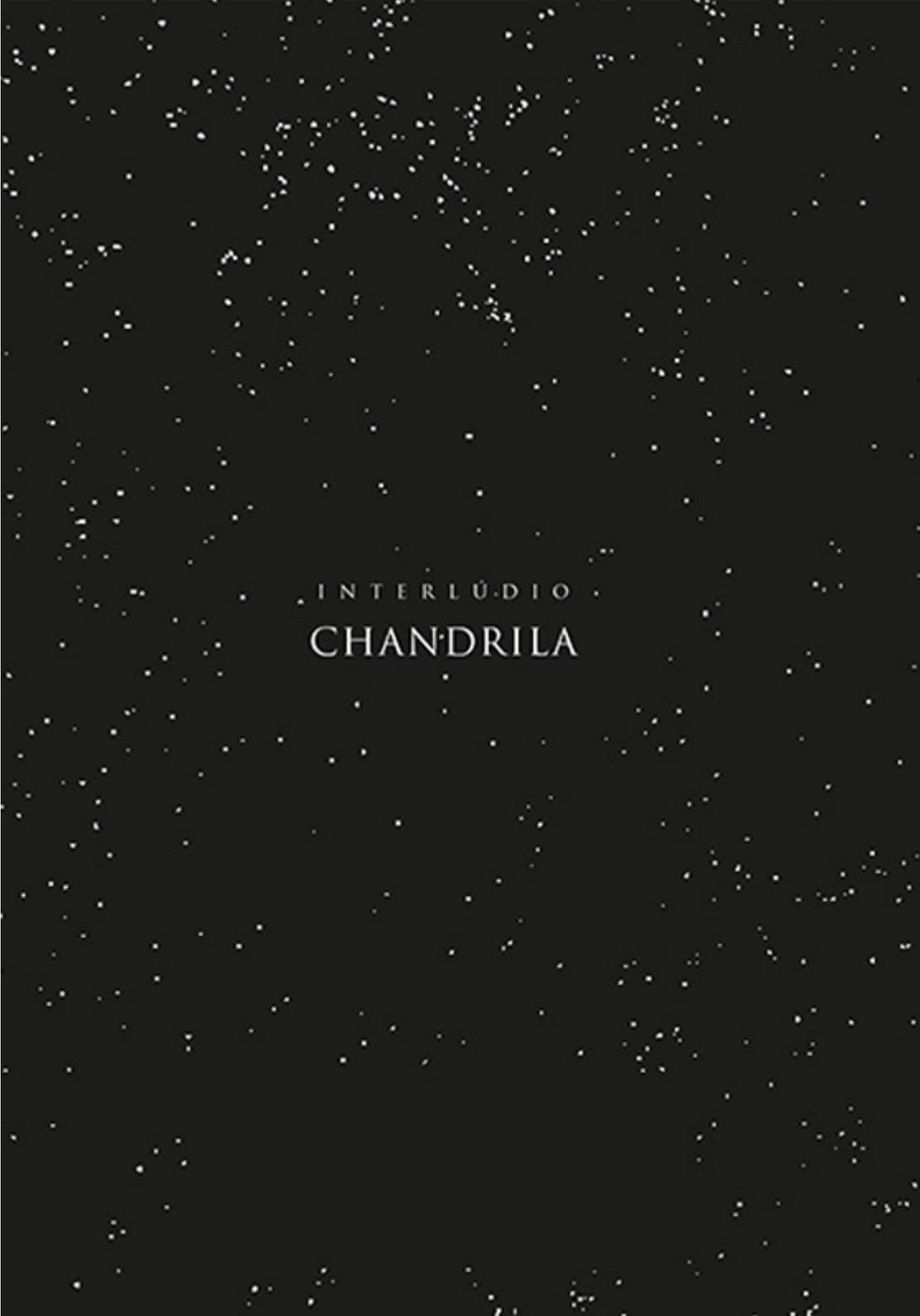
O barman dá de ombros.

Sinjir suspira, enfiando em seguida o punho na cara do palerma.

A cabeça do oficial desleixado cai para trás, e a consciência o abandona. Sinjir deixa o homem cair, depois se volta para Pok.

– Alguém vai ter que limpar isso aqui. Ah. Boa sorte?

E aí, assobiando, ele sai com calma pela frente da cantina.



INTERLÚDIO
CHANDRILA

Uma imagem borrada.

Um som: vap, vap, vap.

A imagem borrada treme. Fica mais borrada por um segundo, depois entra em foco aos trancos e barrancos, até se tornar nítida.

A imagem se estabiliza. Estão ali duas mulheres. Uma é humana. Alta, magra, ar profissional. Tem o cabelo negro preso em um coque, como uma onda prestes a quebrar. Um colar no pescoço, que parece uma revoada de pássaros acorrentados, reflete a luz do sol. O sorriso é grande, largo, ensaiado.

A outra mulher é menor. Pantorana. Pele azul. Cabelo dourado preso em uma trança simples e prática. Ela usa um vestido que combina: alguém pode chamá-lo de prático e desprezioso, outros diriam que é banal, sem graça ou até mesmo simplório. A única joia que carrega é um par de braceletes de prata. O sorriso também é ensaiado, mas nervoso.

Atrás das duas, o modesto horizonte da capital, Cidade de Hanna.

A primeira mulher, Tracene Kane, fala com o Trandoshano atrás da câmera:

– Como está, Lug?

Um rosnado assoviado surge por trás da câmera.

– Estava ruim. Eu bati nela. Agora está bom.

Tracene dá de ombros para a outra mulher, Olia Choko, como um gesto de desculpas.

– Equipamento antigo. Nem sempre obedece.

– É nossa primeira transmissão – fala Olia. – É compreensível.

– Este dia é uma novidade para nós duas, creio eu. – Trace ri, uma risada que parece alta demais para ser verdadeira. Talvez seja como ela é. Ou talvez a risada, como o sorriso, tenha nascido de esforço e planejamento. – Então é assim que vamos fazer. Eu começo a entrevista, fazendo uma pequena introdução: blá, blá, blá, primeiro dia no novo Senado Galáctico, é uma nova alvorada para a galáxia; depois, passo para você, Olia Choko, relações públicas de Mon Mothma e do novo Senado. Entramos logo no assunto.

– Ótimo – diz Olia. Ela respira fundo. – Simplesmente ótimo.

– Você parece nervosa.

– Estou... um pouquinho nervosa.

– Vai dar tudo certo. Você é bonita. É alienígena. Vai virar o assunto do momento.

– Ah! – exclama Olia, erguendo um dedo. – Você vai focalizar o que está atrás de nós, certo? A Cidade de Hanna simboliza o recomeço modesto do Senado; estamos aqui para o povo da galáxia, todo o povo trabalhador. E Mon Mothma é daqui, então...

Tracene coloca uma mão no ombro de Olia.

– Pode deixar com a gente.

– Ah! Mas, bem, não se esqueça também de mostrar a instalação de arte no centro da cidade. É um bando de capacetes de stormtroopers pintados de cores diferentes, marcados com símbolos como flores, clarões de estrelas e selos da Aliança. É feita pelo artista...

Tracene aperta o braço de Olia.

– Eu disse que você *pode deixar com a gente*. Nós temos as imagens. Você é o último elo da corrente. Vamos falar com você, depois o Senado entra. Nada vai dar errado. Você está bem?

Olia hesita. O sorriso no rosto é tenso. Ela parece um morcego-guinchador em pânico, sob o facho da lanterna do capacete de um minerador. Mas Olia concorda com a cabeça.

– Sim, estou bem. Estou ótima. Eu consigo.

Tracene aponta para a câmera.

– Entramos no ar em três, Lug. Três, dois... – Ela fala a palavra *um* sem emitir som... – Aqui é Tracene Kane, transmitindo no primeiro dia da Rede Rainha do Núcleo. Estou com Olia Choko, relações públicas da chanceler Mon Mothma e do novo Senado Galáctico, aqui em Chandrila...



C A P Í T U L O

4

O droide interrogador paira no ar. Um pequeno painel na parte inferior se abre com um som de engrenagem girando e um clique. Um braço extensor se desdobra, um que termina em um par de tenazes de aparência cruel. São tão precisas e afiadas que parecem capazes de arrancar perfeitamente o olho da cabeça de um homem. (Um ato que esse droide provavelmente já executou em algum momento.) O braço desce na direção do alvo.

Ele pega o dado de dez faces, ergue e solta.

O dado faz barulho. Vira um 7 para cima.

O droide exclama em voz alta, monótona e digitalizada:

– AH. RECEBI A OPORTUNIDADE DE COMPRAR UM NOVO RECURSO. COMPRAREI UMA ROTA DE ESPECIARIAS. ELA SE CONECTA ÀS MINHAS OUTRAS QUATRO ROTAS DE ESPECIARIAS. ISTO ME DÁ CINCO NO TOTAL, O QUE ME RENDE UM PONTO DE VITÓRIA. ESTOU VENCENDO AGORA. O PLACAR ESTÁ SEIS A CINCO.

Temmin franze os lábios, em uma careta de frustração. O tabuleiro abaixo dos dois consiste em um mapa de inúmeros territórios hexagonais. Alguns dos hexágonos contêm planetas, outros contêm estrelas, campos de asteroides ou nebulosas.

Ele jamais venceu uma partida de Expansão Galáctica contra o droide interrogador recauchutado, mas está próximo, agora. Ele nunca esteve tão perto.

– Pega leve no manete, sua bola de borgleball convencida. Um ponto não faz de você um conquistador.

Temmin rola o dado. Um 5. Não é o suficiente para ganhar um novo recurso, mas ele pode colocar uma nova rota de entregas ou de contrabando. Temmin tem que pensar a respeito da jogada. Ele se recosta na cadeira e deixa o olhar se perder pela oficina e loja. Ao redor, prateleiras e mesas, montadas com o que parece ser ferro-velho. E muito ferro-velho. Peças de droides astromecânicos. Sobras de astronaves. Armas de raios desmontadas. No canto, há um droide de reparos WED há muito desativado, mas que acabou recebendo luzes piscantes. Pendurada acima da cabeça de Temmin por um conjunto de cabos trançados fica uma speederbike marcada por disparos de laser.

E lá, contra a parede dos fundos, está um antigo droide de combate da Federação de Comércio, encolhido em sua forma dobrada e envolto em um cobertor esfarrapado.

Não é um dos B2s, os droides de guerra com canhões nos antebraços e blindagem peitoral reforçada.

Também não é um dos droidekas, aquelas máquinas de morte redondas, como se um escorpião da selva tivesse tido um filho com um detonador térmico rolante.

É apenas um velho B1. Uma lata-velha.

Tudo ali é, ou se parece com, uma lata-velha.

Temmin pega uma peça de rota de contrabando, marcada com a linha pontilhada vermelha, e está prestes a encaixá-la quando o droide interrogador se vira subitamente.

Como se fosse encarar alguém.

– CHEGARAM FREGUESES – entoa o droide.

Temmin estala os dedos, fica de pé e coloca o melhor sorriso de vendedor no rosto. O adolescente afasta a cadeira de rodinhas com um chute e se volta para encarar... um trio de valentões. O sorriso esmorece, mas apenas por um segundo.

– Um Koorivar, um Ithoriano e um Abednedo entram em um ferro-velho – diz ele, fazendo um comentário sarcástico. Eles não parecem ter achado graça. – É como o começo de uma piada, mas, se a pessoa tem que explicar, ela meio que deixa de ser engraçada. – Temmin bate as mãos. – O que posso fazer pelos cavalheiros?

– Eu sou uma *mulher* – dispara a Koorivar, dando um passo à frente.

Ela endireita a capa escarlate e empina o queixo. O chifre espiralado no topo de sua cabeça é curvado e torto. Uma língua branca treme no ar e lambe lábios secos e rachados.

A Koorivar tem uma faca comprida e serrilhada pendurada na cintura.

Temmin sabe quem ela é. Sabe quem são todos os três.

O Abednedo, com suas narinas carnudas e tentáculos de pele em volta da boca franzida, em expressão de desdém: Toomata Wree. Normalmente conhecido como “Tooms”.

O Ithoriano, com olhos sonolentos, o casaco surrado, o canhão pendurado no ombro parecido com um galho de árvore: Herf.

E a Koorivar: Makarial Gravin. (Embora, verdade seja dita, Temmin realmente tenha pensado que *ela* fosse *ele*. Os Koorivares não tornam fácil distinguir.)

Todos os três trabalham para, ou melhor, pertencem a Surat Nuat. São propriedade do Sullustano.

– Senhora... – fala Temmin, abrindo os braços. – O que posso fazer por vocês hoje? Que maravilhas de ferro-velho posso lhes oferecer...

– Corte a conversa para rancor dormir, seu vomitozinho – diz o Abednedo.

Em sua língua alienígena, o Ithoriano acrescenta:

– *Você roubou do sagrado salvador de Myrra, Surat Nuat.*

– Ei, não – diz Temmin, erguendo as mãos. – Somos todos amigos aqui. Eu nunca, *já* roubaria de Surat. Somos parceiros. Está tudo bem.

– Você roubou de Surat – rosna a Koorivar. – Pior, você o ofendeu com um grave insulto ao tomar o que é dele por direito.

Temmin sempre soube que este dia chegaria. Só que não tão cedo.

Uma sensação de nervosismo sobe pela barriga dele.

– A última coisa que eu queria fazer era insultar Surat; quem nos *dera* fôssemos tão inteligentes e ardilosos quanto ele. Não sei o que vocês acham que eu roubei, mas...

Makarial, a Koorivar, dá outro passo confiante à frente.

– Pense bem no que aconteceu na estrada de Trabzon. Será que *isso* ativa seu tronco cerebral?

Temmin estala os dedos, em um tique nervoso que herdou do pai.

– Você quer dizer o transporte que caiu lá? Não, não... Quer dizer, é, sim, eu *definitivamente* saqueei o que sobrou por lá. Fui eu. A culpa é minha. Mas eu não fazia ideia de que era a nave de Surat...

– Ela tinha o selo da guilda de Surat por toda parte! – diz Tooms, o Abednedo, enfurecido. As argolas de pele penduradas no rosto tremem e se contorcem enquanto ele fala.

– Nenhum que eu pudesse ter visto... O transporte foi atacado pelos Uugteens. Muito primitivos, sabe? Eles queimaram bem a nave por fora. Assaram tudo, como um floraquito antes de arrancar as penas.

– E, no entanto, o interior ainda estava perfeito para ser saqueado por você – acusa Makarial.

– Eles não conseguiram quebrar aquela noz. Os Uugteens, quero dizer. As facas toscas não conseguiram abrir a comporta, mas eu tinha uma tocha e... –

Temmin dá uma risada falsa. – Eu rogo a vocês, amigos. Eu não sabia de quem estava pegando.

Temmin sabia. Claro que sabia. E também sabia que um dia ele não seria mais capaz de fugir daquilo. Mas o ganho potencial...

Se algum dia espera derrubar Surat, Temmin tem que participar do jogo com grandes lances. Sem se curvar com medo, aceitando migalhas, sem toques suaves, sem jogadas hesitantes. Tem que jogar com tudo: ser grande, ousado, inteligente, forte como um touro.

– Você ainda possui a arma? – pergunta Tooms.

– Ahh, heh-heh, ahh. – Temmin pigarreia e depois mente, com os dentes cerrados. – Não exatamente.

A Koorivar arregala os olhos. Com fúria e determinação, se Temmin tivesse que adivinhar. Makarial age rápido. A faca sai do cinto da alienígena e, no piscar de um relâmpago, vai parar na garganta de Temmin.

Do lado de fora, o tempo age de acordo e também acrescenta uma ameaça: o estrondo retumbante de um trovão. Uma chuva intensa cai no telhado da loja de Temmin, acentuando ainda mais o silêncio. Atrás de Temmin, o droide interrogador paira perto da mesa onde está o tabuleiro de Expansão Galáctica.

O garoto engole em seco.

– Eu vou compensar isso para vocês. Tenho muita coisa para oferecer aqui. Ei, olhe. Uma speederbike. Ou posso arrumar uns dois droides...

– Isso tudo é sucata – fala Makarial. – Surat conhece seu truque. Ou seja, todos nós conhecemos seu truque. Isto... – Com a mão livre, a Koorivar fez um gesto similar (ou talvez em deboche) ao próprio gesto de Temmin quando eles chegaram ali. – ... *tudo* isto é uma fachada. Você não é um vendedor de ferro-velho.

– O lixo de um homem é o tesouro de outro...

A faca faz mais pressão contra a garganta exposta.

– Não estamos nada interessados no lixo. Estamos muito interessados no tesouro.

– Pois, então, vamos falar de tesouro.

– Surat tem um preço.

Ele sente algo úmido escorrer pela garganta. *Sangue ou suor?* Temmin honestamente não tem certeza.

– Todo mundo tem. Diga o preço.

Makarial sorri. Uma visão horrível, porque a Koorivar é, na mente de Temmin, mais feia que um happaívoro andando de costas. Todas aquelas corcovas e escamas. Ela tem um nariz igual a uma larva gorda e segmentada, e esporões ossudos em cima dos olhos. O bafo também não ajuda, com seu cheiro de carne podre.

A Koorivar diz algo, mexendo a língua:

– Sua loja.

– A loja, tipo... o prédio?

– E tudo dentro. E tudo *embaixo* dela.

Agora, vem o pânico de verdade. Uma onda fria e salina no sangue. Eles sabem. Sabem onde ele guarda alguns, *a maioria* de seus melhores bens.

Isso não é o ideal.

– Eu tenho uma coisa! – dispara Temmin. – Algo grande. Uma coisa... que Surat quer. Ok? *Ok?* Tipo, posso mostrar para vocês? Por favor? *Por favor.*

Os três valentões alienígenas trocam olhares. O Ithoriano, Herf, dá de ombros em um gesto evasivo e fala em ithorês:

– *Não custa darmos uma olhada.*

Makarial tira a faca da garganta de Themmin, que arfa e esfrega o pescoço. A mão sai molhada de suor, não de sangue. Ele bate as palmas.

– Está bem aqui. Estão vendo aquele cobertor esfarrapado? Está, bem, está embaixo daquilo.

Makarial acena com a cabeça para Herf. O Ithoriano tira o canhão do ombro; a arma é uma modificação especial, baseada no corpo de um fuzil DLT, porém tunada para ter poder de fogo ampliado. O cano é comprido, tão comprido que provavelmente é da altura de Temmin.

O Ithoriano de pescoço curvo pisca os olhos de tubarão-martelo, depois usa o cano da arma para erguer o cobertor. E, assim, expõe o droide de combate de primeira geração: o B1.

O droide fica de pé. Os ossos fazem barulho quando o B1 se levanta. São literalmente ossos: ossos de animais, de peixes e pássaros, presos aos braços e às pernas de metal com barbante e arame. E essas não são as únicas modificações na aparência do droide. Metade da cabeça está faltando, sendo substituída por um olho vermelho telescópico. A ponta do nariz foi afiada e curvada, estando menos para o bico de uma destemida ave aquática e mais para o de uma ave de rapina.

A intenção é gerar medo.

Os valentões alienígenas riem. O Abednedo ri tanto que dobra o corpo e dá um tapa no joelho, enquanto as orelhinhas parecidas com cogumelos balançam de alegria.

– Um droide de combate? – pergunta Makarial. Mais risos. – Você queria nos mostrar... um droide de combate? O droide soldado mais incompetente tanto na história da República como na do Império. Uma comédia de erros mecânica. – A maneira como a alienígena diz a última sentença: *co-MÉ-dia de ER-ros me-CÂ-ni-ca*. – E você acredita que Surat iria querer um mero droide B1 inútil?

– Eu o chamo de Senhor Ossudo – fala Temmin.

Ao dizer o nome do droide, o olho da máquina brilha em um tom sinistro de vermelho.

– SENHOR OSSUDO ESTÁ ONLINE – diz o droide, em uma voz que é uma distorção incômoda, interrompida por surtos de estática. As palavras saem

apressadas e depois diminuem a velocidade novamente, mutiladas pelo que parece ser um vocoder defeituoso. – Olá, todos vocês.

O Abednedo balança a cabeça.

– Um nome idiota para um droide idiota.

– Acho que você o insultou – diz Temmin.

A gargalhada para apenas por um instante, enquanto eles tentam entender o que aquilo significa, ou que jogo Temmin está jogando.

A hesitação não é prudente.

Senhor Ossudo cacareja, soltando uma risada aguda e distorcida pelos alto-falantes, enquanto sua mão se solta em uma dobradiça. Do buraco surge uma lâmina vibratória e reluzente. O Ithoriano demora para reagir, e, no momento em que Herf finalmente ergue o canhão DLT, Ossudo já o golpeou três vezes; o canhão é reduzido a três pedaços fumegantes, que caem no chão.

O Abednedo saca uma arma de raios...

Ossudo dá um empurrão em Herf e joga o Ithoriano contra Tooms. O Abednedo se debate e cai, com o Ithoriano em cima dele, e Ossudo em cima de Herf. O guarda-costas B1 de Temmin começa a esmurrar com as duas mãos, socando a cabeça de formato estranho do Ithoriano com tanta força que, a cada golpe, ela acerta o rosto sem nariz de Toom, abaixo. *Paf! Paf! Paf!*

Senhor Ossudo faz uma algazarra e ri.

Makarial abre a bocarra e rosna de aflição e raiva. A Koorivar leva a mão às costas, sob a capa, sacando de lá uma arma de raios e apontando-a diretamente para a cabeça de Temmin. Ele agora está paralisado, com a mão esticada para a própria arma, enfiada em um coldre de couro preso à parte inferior de uma mesa próxima.

– Não pegue isso – sussurra Makarial.

Temmin calcula suas chances.

Elas não são boas.

Ele recolhe a mão. Sorri. Concorda com a cabeça.

– Claro, claro.

– Mande o *droide* parar.

– Ei, espere...

– *Mande.*

Temmin dá um sorriso maroto.

– De que droide nós estamos falando aqui?

Os olhos brancos e fantasmagóricos de Makarial entram em foco e depois se contraem em perplexidade, no momento em que o droide interrogador surge flutuando atrás dela, com uma seringa presa à ponta do segundo braço extensor. Temmin ri.

O droide flutuante dá a agulhada. A agulha contém um narcótico tóxico, de origem e produção locais, com poder de parada suficiente para colocar um Gamorreano para dormir por quase uma semana.

A agulha se quebra e faz barulho ao cair no chão. Não chega a inocular o conteúdo tóxico.

Certo, certo, pensa Temmin, muito desapontado; os Koorivars têm uma pele muito grossa, não é?

Temmin corre. Ele pula sobre uma mesa, depois outra; em seguida, passa por cima de um trio de bancos de metal, enquanto raios fritam o ar atrás dele e derrubam sucata das prateleiras. Uma lata de óleo cai da ponta de uma mesa diante de Temmin. Ele berra ao disparar para a porta...

Lá. Adiante. A porta está aberta. Alguém está parado ali.

Alguém novo. Longa capa escura.

Alguém com a própria arma de raios.

A nova figura ergue a arma. Temmin deixa o corpo amolecer, e a perna cede embaixo dele. Vem uma troca de disparos de laser sobre sua cabeça, e, em algum ponto atrás de Temmin, Makarial grita de dor. Depois, um baque.

Temmin fica de pé em um pulo e se espreme contra a parede texturizada do ferro-velho. Makarial está caída, contorcendo-se e urrando. Senhor Ossudo

ergue a cabeça, como um cachorro curioso e assustado. O novo visitante observa a situação e, então, abaixa o capuz.

Não é um homem, de maneira alguma. É uma *mulher*.

Temmin arregala os olhos.

– *Mãe?*



C A P Í T U L O

5

– Almirante Sloane, a nave está pronta.

Ela está parada, com as mãos atrás das costas, encarando um longo corredor. No fundo, há um duto de ventilação cortado por um micromaçarico. Adiante, stormtroopers entram e saem de cabines e alojamentos. Não há sinal do invasor em lugar algum. Sloane cerra os dentes para conter a raiva.

O tenente Tothwin repete:

– Almirante, eu disse...

– Eu ouvi o que o senhor disse – dispara ela.

– Os outros. Eles já estão a caminho da superfície do planeta.

– Sabemos a localização de todo mundo, então.

– Sim. Pandion. Shale. O iate de Arsin Crassus apareceu no monitor há pouco tempo e agora está descendo para Akiva.

– E Yupe Tashu?

– A nave do conselheiro Tashu também está no monitor. Nós vamos orientá-lo para que continue na direção do ponto de encontro. Eles esperam que a senhora chegue antes...

– Eles podem esperar.

– É claro. O problema é que... o moff Pandion já está...

– Diga-me – fala ela. – Este convés. Nada de importante aqui, não é?

– Almirante? – pergunta Tothwin, sem compreendê-la.

Sloane se vira para ele, impaciente.

– Quero dizer, aqui só há alojamentos vazios para hóspedes, e, na outra ponta, cozinhas, instalações sanitárias, uma sala de jogos. – Ela reflete um pouco. Será que ele estaria usando o duto de saneamento? Os stormtroopers já verificaram por ali e não encontraram nada.

– Talvez ele tenha pensado em roubar um pouco de comida...

– *Não* – diz ela, ao subitamente resolver o dilema. – É um ardil. É sempre um ardil com os rebeldes, não é? Sempre algum truque, alguma jogada. Ele não parou aqui, quer apenas que nós pensemos que sim, para perdermos tempo. Aquele duto de ventilação, para onde vai? Mostre-me a planta.

Tothwin se atrapalha com o holodisco e liga o aparelho. Ali, surge a planta da *Vigilância*. Ela navega pela imagem, destaca o duto de navegação e o acompanha até sua conclusão lógica...

Ah, não.

– Eu sei para onde ele está indo – rosna ela.

Ou para onde ele já foi.

Droga!

Ele não acha que a perna esteja quebrada, apenas com uma forte torção. Uma vez, Wedge caiu com um A-wing na borda de um vulcão. Era uma de suas primeiras missões como piloto para a então nascente Aliança Rebelde, por insistência de um amigo, um agente rebelde conhecido apenas como Fulcrum. Aquela queda deixou Wedge mancando por meses, e naquela ocasião a perna tinha quebrado. Em três pontos, ainda por cima. Aquilo quase encerrou qualquer carreira que ele esperasse ter como piloto, mas Wedge convenceu os rebeldes a deixá-lo continuar trabalhando, em um cargueiro na operação das armas e como navegador ocasional.

Seja como for, ele tem certeza de que a perna não está quebrada.

Mas certamente está doendo, depois do pulo que deu da traseira daquele starhopper, momentos após ele programar os torpedos para explodir.

Rastejar por dutos de ventilação não ajudou a melhorar a dor. Mas fugir do olhar imperial era fundamental. Desde então, ele vinha se esgueirando, voltando atrás, cobrindo o próprio rastro, entrando e saindo de dutos. No início, Wedge estava sem rumo, sem um plano concreto, embora não tenha demorado muito para que ele se desse conta do que tinha que fazer. E, melhor ainda, estar ali naquele destróier estelar lhe dava uma verdadeira oportunidade.

A comunicação está bloqueada para todo o tráfego no espaço acima de Akiva e, Wedge aposta, para todo o tráfego no solo também.

Mas, se alguém tem canais ainda abertos, esse alguém é o Império.

E agora Wedge se encontra na sala de comunicações. Os corpos de três oficiais de comunicações estão caídos ali perto. Um está curvado sobre sua estação, outros dois estão derrubados no chão. Foram atordoados, não mortos. Wedge não é um matador. Ele é um piloto, e abater outros pilotos significa acabar com a vida de *combatentes*. Oficiais de comunicação não são soldados, não são pilotos. São apenas pessoas. Wedge pensa: *Essa é uma lição que devemos aprender. Os imperiais são como a gente*. Alguns, pelo menos. É fácil rotular aqueles que servem ao Império como totalmente malignos, todos inimigos, mas a verdade é que aqueles que fazem isso ou só acreditaram em um bando de mentiras ou foram forçados a servir, por ameaça de sofrimento ou morte. A Nova República já viu desertores, homens e mulheres que enxergaram uma chance de escapar, de uma nova vida...

Isso significa mandar a mensagem. Isso significa assumir a comunicação agora e convocar as tropas.

Surgem duas holotelas. Em uma delas, Wedge tenta achar uma frequência subespacial na direção do espaço controlado pela Nova República, mas todas aquelas frequências permanecem bloqueadas. Isso apresenta um problema a curto e a longo prazos. Neste momento, significa que ele não pode mandar

uma mensagem para onde ela precisa ser enviada. A longo prazo, significa que o Império conhece as frequências republicanas. Isso sugere que, em algum lugar, há um informante nos salões da Nova República, o que talvez não chegue a surpreender, mas é mais um motivo pelo qual Wedge deve conseguir enviar a mensagem, de uma maneira ou de outra.

Ele muda a sintonia para o canal de tráfego local.

Lá, nenhum dos conhecidos canais republicanos está bloqueado.

Assim, Wedge pode mandar uma mensagem a quem for leal à Nova República, contanto que seja uma pessoa local. Quais são as chances de ele encontrar aqui, no precipício do espaço colonizado, alguém na escuta, alguém leal aos republicanos?

É a única chance que Wedge tem.

Ele faz a conexão. Wedge entra no canal de emergência, depois tira o microfone do console e sente o metal frio na mão. Ele começa a falar:

– Aqui é o capitão Wedge Antilles, da Nova República. Repito: aqui é Wedge Antilles, da Nova República. Estou preso no destróier estelar *Vigilância* no espaço sobre Akiva, e estou em...

Uma luz intensa. O som de uma arma de raios.

Ele grita de dor quando um raio laser abre um buraco em seu ombro. A mão se abre por reflexo, e o microfone cai longe. Wedge tenta pegar a própria arma de raios na cintura, mas, após outro tiro, a pistola pendurada ali é destruída e arrancada do cinto.

Respirando fundo e cerrando os dentes contra a dor, ele se vira em direção ao agressor. Wedge espera ver um stormtrooper qualquer ou um oficial de comunicações ironicamente voltando de uma refeição.

Mas não.

A mulher parada ali veste um uniforme impecável de almirante. Ela tem a pele negra, que combina com seus olhos marrons e frios. Na mão, uma pistola

de cano longo: uma arma de raios singular, com acabamento elegante de cromo espelhado.

– Por favor – diz ele, ao segurar o ombro e defender a perna.

Ela dá três passos dentro da sala.

– Eu não posso permitir que você complique o que está prestes a acontecer. O futuro do Império, da galáxia inteira, está em jogo. – E, então, vem um arroubo de empatia surpreendente: – Sinto muito.

– Espere. Vamos resolver isso na conversa. – Wedge engole em seco e faz uma careta de dor. – Acabou. Você sabe que acabou. Podemos negociar uma rendição, uma rendição *relevante*. Aqui mesmo, neste instante, você e eu podemos...

Atrás dela, surge um pequeno esquadrão de stormtroopers, fazendo barulho com as botas blindadas pelo corredor. Eles erguem as armas de raios quando a almirante abaixa a dela.

– Lamento, capitão – diz Sloane; depois, dirigindo-se aos reforços: – Prendam-no. Levem-no para o nível de detenção... Não, esperem. – Ela estala os dedos. – Algemem-no e levem-no para a minha nave. Coloquem um droide médico de plantão. – Com um leve sorriso, Sloane fala (como se buscasse a aprovação dele): – Não somos animais.



C A P Í T U L O

6

Por anos, Norra não chorou. *Não conseguia* chorar. Tinha se juntado à Aliança Rebelde como piloto e, a partir do momento em que a decisão fora tomada, feita mais com sua bravura e menos com sua razão, ela entrara de cabeça. Fortaleceu-se com coragem. Todos os medos, preocupações e emoções se tornaram coisas alheias; haviam sido como âncoras, ela pensou, mantendo-a presa a uma vida antiga, a um jeito antiquado de se pensar. Se ela fosse conseguir passar por tudo aquilo, teria que cortar esses grilhões com uma faca fria, sem piedade. Deixar tudo para trás.

A Aliança merecia isso dela. Essa luta não permitia nenhum tempo para chorar. Eles não tinham o luxo de poder olhar para trás.

Desde que ela se juntou à luta, houve dois momentos em que chorou. A primeira vez foi há apenas alguns meses, logo depois do fim da batalha em Endor; depois de ela e seu Y-wing (e seu astromec crispado de lasers) emergirem do labirinto que eram as passagens semiconstruídas da segunda Estrela da Morte, escapando em meio a uma bola de fogo conforme a coisa toda começou a implodir para, então, explodir por trás de Norra, com as ondas de choque fazendo sua pequena nave dar cambalhotas até que ela quase desmaiasse. Naquela noite, Norra sentou-se sozinha no vestiário do cruzador estelar *Lar Um*, vestida com apenas metade do macacão de voo, e chorou. Como um bebê sem a mãe. Soluços pesados e torturantes a acertaram como

ondas na arrebentação, até que ela estivesse deitada no chão, dobrada sobre si mesma, sentindo-se eviscerada. Um dia depois, ganhou sua medalha. Ela sorriu, virou-se em direção à multidão que aplaudia. Não mostrou quão devastada se sentia.

A segunda vez é bem aqui e agora. Segurando seu filho e sentindo os braços dele em volta dela como resposta. As lágrimas que escorrem agora não são os soluços torturantes daquela noite meses atrás, mas de felicidade (e, embora hesite em admitir, até mesmo em sua própria mente, de *vergonha*). Parece um circuito completo: o que ela tinha perdido na batalha daquela noite havia voltado bem aqui e agora. Naquele dia, ela se sentiu eviscerada. Agora, sente-se completa, uma vez mais.

E, então, tudo parece voltar ao presente. O tempo acelera, saindo desse momento lento e perfeito (ela não via o filho há anos, afinal), e de súbito Temmin se revela menos uma criança e mais um homem, jovem, mas começando a ganhar corpo. Esguio, enebado, com uma confusão de cabelos escuros brotando do topo da cabeça. Ele está tirando o estranho droide de combate do chão, batendo palmas:

– Ossudo. Empurre o speeder para trás. Precisamos tirar esses beberrões lodosos filhos de um Hutt daqui, e você vai levá-los para *o mais longe possível*, seguindo pela estrada de Trabzon, e estou falando do caminho até Kora Biedies... – Aqui ele se vira para ela e diz: – Estes turbilhões de água, onde o rio se encontra com a estrada. Cachoeiras. – Então, de volta ao droide: – Entendeu, Ossudo?

O droide de combate do tipo B1 se levanta, e todos os ossos pendurados no seu corpo se balançam conforme ele faz isso. O homem mecânico faz uma saudação estranha e, em uma voz truncada e distorcida, diz:

– ENTENDIDO. CORPOS IRÃO EMBORA, MESTRE.

Em seguida, o robô cantarola uma melodia dissonante e começa a arrastar os bandidos para a passagem da porta dos fundos.

– Cubra-os antes de ir. Use aquele cobertor! – Temmin chama logo depois.

– ENTENDIDO, MESTRE! – responde, já de fora, a voz mecânica.

– Temmin, não sei o que está acontecendo... – diz Norra.

– Mãe, agora não – ele a repreende. – Venha, vamos. – Ele se apressa pelo recinto, pulando sobre uma pilha de lixo espalhado, e se estica até alcançar o crânio dentado de um velho droide tradutor. Com dois dedos, pressiona dentro dos olhos da máquina.

Eles se comprimem, soltando cliques altos.

E, a alguns metros de distância, uma prateleira desliza de lado. Depois disso, uma seção da parede também se move, revelando um conjunto de degraus. Temmin a apressa, usando as mãos.

– Vamos, vamos. – Então, ele se abaixa pela passagem.

Isso tudo é um pouco atordoante, mas que escolha ela tem? Norra contorna a beira da loja de sucata e segue seu filho escada abaixo. Suas botas rangem contra os degraus de metal, e tudo vai ficando cada vez mais escuro, até que ela não consegue ver mais nada. E então...

Clique. Luzes. Berrantes, brilhantes, vindas a uma lâmpada por vez.

Um aposento como o lá de cima, exceto pelas prateleiras limpas e brilhantes, e abrigando não tranqueiras, mas tesouros genuínos. Tesouros indo da mais alta tecnologia até estranhos artefatos.

– Bem-vinda à *real* loja do Temmin – ele diz.

Ela vê partes para droides que não existiam desde que ela era uma menina. Uma estante inteira de fuzis de raios top de linha. Uma caixa de detonadores térmicos. Uma prateleira de livros velhos e de misteriosos vasos, escurecidos por oxidação, mostrando imagens de homens em vestes escuras e com faces vermelhas.

– Não entendo – ela diz.

– Lá em cima, eu vendo tranqueiras. Aqui embaixo? Outra história.

– Não – ela responde. – Quero dizer, *costumávamos morar aqui*. Isto... Isto aqui era nossa casa. O que aconteceu?

Ele para e a encara, quase como se ela fosse um estranho.

– Aconteceu que... você foi embora.

O silêncio repentino entre eles se ergue como um muro invisível. E, então, de forma tão repentina quanto veio, vai embora, e Temmin está uma vez mais girando pela sala, tagarelando.

– Então. Surat sabe sobre tudo isso aqui embaixo. O que não é bom. E ele sabe que eu roubei *isso*, também... – Temmin aponta para uma caixa preta fosca, mantida fechada com faixas de carbono. – Eu roubei isso de Surat. É algum tipo de... arma, acho. Não tenho ideia de para que serve. Ele sabe que está aqui; mas o que ele não sabe, o que ele *não pode* saber, é...

O filho dela se apressa até o canto oposto e tira uma sacola azul de algo: um velho valacordeon.

O velho valacordeon *deles*. O instrumento não era um artefato da história antiga, mas, sim, da própria história de Temmin. (E aqui a memória vem a ela com a força de uma ventania: Temmin e o pai dele, Brentin, sentados diante daquele mesmo valacordeon, tocando uma das antigas canções animadas de mineiros, rindo juntos.)

– Veja. Ou melhor, *escute* – diz Temmin.

Ele toca cinco notas nas teclas...

As cinco primeiras notas de uma daquelas antigas canções dos mineiros: *A cabana de vagão e carvão*. E, com isso, *outra* porta se abre, essa com um estouro e um silvo. Enquanto ela se abre, uma leve brisa passa pelas velhas paredes de pedra e além, como um lamento. Ela sente o cheiro de mofo, de decadência e de algo metálico.

– Não tem como Surat saber a respeito *disso* – ele diz. Então, a revelação a atinge: o brilho nos olhos dele, o sorriso em seu rosto. A princípio, ela pensou

que ele a fizesse lembrar do pai. Mas, talvez, apenas talvez, ele a fizesse lembrar *dela mesma*.

– Temmin...

– Então, se formos para as antigas passagens debaixo da cidade e...

– Temmin. – Ela emprega sua voz maternal, a que usa para atrair a atenção das pessoas. Norra atenua ainda mais sua fala, e continua: – Filho. Será que podemos... parar por um momento?

– O tempo é importante. Sabe esses bandidos que estavam aqui? Eventualmente eles vão acordar e rastejar de volta para o chefe deles, do outro lado da cidade. Surat não vai tolerar o que eu fiz. Ele vai mandar alguém maior, mais malvado... Ou quer saber o mais provável? Ele virá pessoalmente.

Ela chega mais perto dele.

– Temmin, não sei o que está acontecendo aqui. Tudo isso... é estranho para mim...

– É porque você esteve longe daqui. Por *três anos*.

– Eu sei...

– Há três anos você não voltou para cá.

– A Rebelião precisava de gente...

O volume de sua voz sobe um pouco, conforme ele fica mais agitado, com mais raiva.

– Não, eu precisava ter meu pai de volta, e você achou que se juntar à Rebelião pudesse ajudar a encontrá-lo. E deu certo? – Ele olha em volta dela, como se ela estivesse escondendo algo atrás das costas. – Não o vejo em lugar algum. Meu pai está aqui? Você está escondendo ele? Isso é uma surpresa? Um presente de aniversário para compensar os três que você perdeu? Não? Não acho que seja isso.

– Havia uma grande batalha acontecendo. Não era só por seu pai, era por... todos os pais, todos os filhos, todas as mães e as famílias perdidas ou aprisionadas pelo Império. Nós lutamos. Eu estive na Batalha de Endor...

– E quem se importa? Me poupe dos atos heroicos. Não preciso de um herói.

– Você vai respeitar sua mãe – ela rosna para ele.

– Ah, é? – Ele ri: um som melancólico. – Vou? Escute as holonotícias, moça: eu não preciso respeitar você. Não sou mais uma criança. Sou um adulto.

– Você é apenas um menino. Quatorze anos...

– *Quinze.*

Ela estremece.

Ele continua:

– Já sou um homem. As crianças têm pais, mas eu não tive. Tive uma mãe que fugiu. A cada vez, eram meses sem ouvir notícias de você. Eu tinha que me virar, então eu me virei. Agora? Agora sou um homem de negócios, e preciso manter o meu negócio a salvo. Você fez a sua escolha. Entre mim e a galáxia, você escolheu a galáxia, então não finja que eu sou importante agora.

– Você é importante. Temmin, por todas as estrelas, você importa para mim. Estou aqui para levá-lo comigo. Eu tenho um contrabandista pronto para nos levar para fora deste planeta...

No cinto dela, o relé de comunicação veio à vida, vibrando.

O que queria dizer: chamada de emergência. Um sinal da Nova República.

Uma voz muito familiar preencheu o ar:

– *Aqui é o capitão Wedge Antilles, da Nova República. Repito: aqui é Wedge Antilles, da Nova República. Estou preso no destróier estelar Vigilância no espaço sobre Akiva, e estou em...*

E, então, o som de uma arma de raios. Wedge grita de dor e...

O contato é interrompido.

O sangue dela gela.

A mente de Norra divaga... Ela tenta entender o que isso significa. O capitão Antilles está aqui? Em um daqueles destróieres imperiais? Algo *de fato* está acontecendo. E, de súbito, ela está de novo no olho do furacão. *De novo.*

– Aí está aquela cara – Temmin diz.

– O quê? – ela pergunta, de repente distraída.

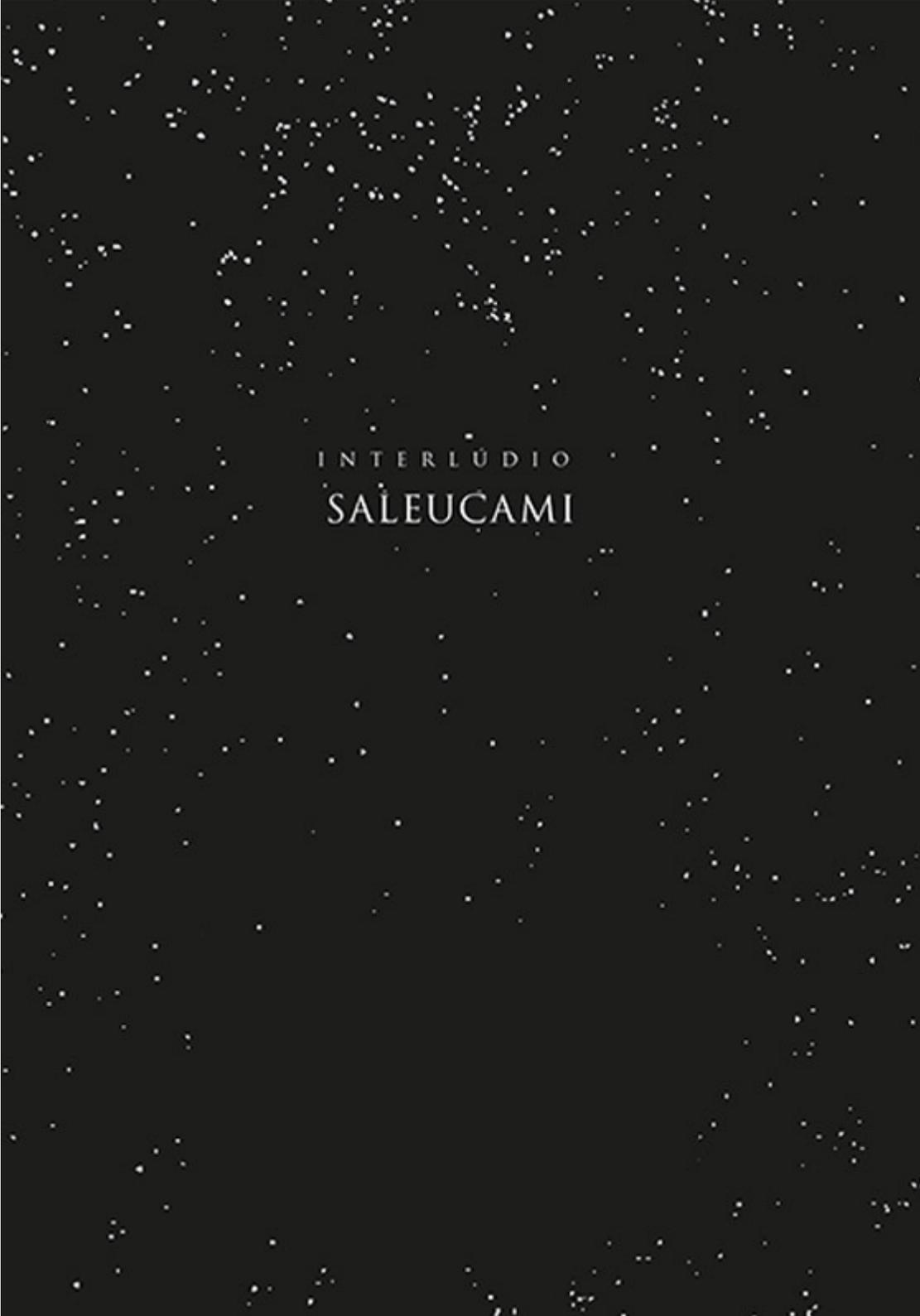
– É a cara que você faz quando está prestes a me desapontar de novo.

– Temmin. Por favor. Isso é importante.

– Oh, acredite em mim, eu sei. Eu posso sempre dizer quando algo é importante, porque você vai logo atrás, deixando todos nós, os perdedores *desimportantes*, para trás.

E, com isso, ele se abaixa pela passagem lateral. Ela corre atrás dele, mas Temmin puxa uma alavanca do outro lado...

A porta bate e se fecha entre eles.



INTERLÚDIO
SALEUCAMI

Jantar em família na casa de Taffral. O patriarca da família, Glen, está sentado na cabeceira da mesa. À sua esquerda se senta Webb, o mais velho de dois irmãos. À direita, Dav, o mais novo. Webb tem ombros largos, peito cheio e uma grande barriga. Seu cabelo está cortado bem rente, como o de seu pai. Dav é mais magro, menor, e um pouco desleixado, também.

Nenhum deles fala. Mas a cena está longe de ser quieta, com o barulho alto de talheres batendo contra os pratos, o ruído de uma colher de servir indo de encontro a uma tigela de madeira, o gemido das pernas das cadeiras rangendo no chão de madeira da velha casa de fazenda. Do lado de fora, o vento assobia por entre as plantações, carrega os sons vibrantes dos bandos de pássaros starkle migrando para o leste.

– Passa os feijões – diz Dav. Webb dá uma olhada na direção do irmão. – Por favor.

Webb pega a comida, começa a passá-la para o irmão e, então, para, com o prato mantido firme em sua mão. Ele o coloca de novo na mesa. Sua mandíbula está apertada, e seus dentes trabalham para pulverizar algumas sementes no fundo de sua boca.

– Não acredito que você voltou aqui – Webb diz. Ele diz isso como se não quisesse dizê-lo, como se estivesse tentando engolir de volta as palavras. Mas elas saem, de qualquer maneira. – Seu filho de uma gualama, pastorzinho de merda.

Dav funga.

– Zowie, Webb, por que você não me diz como se sente de verdade?

Glen apenas encara o outro lado da mesa, em silêncio, como um juiz.

– Oh, eu digo. Vou contar pra você. Você traiu nossa família no momento em que partiu e se tornou um amante de rebeldes. Quando resolveu fazer parte desses malditos terroristas estelares, como se eles fossem algum tipo de combatentes em favor da liberdade em vez de... em vez dos criminosos que eles são!

Dav deixa o garfo e a faca caírem, batendo contra o prato e a mesa.

– Eles não são terroristas. Começaram como uma aliança de resistência, mas agora são um governo legítimo, Webb. Eles são a realidade. – Ele enxuga a boca com um guardanapo. – Os dias do Império estão terminados.

Subitamente, Webb se levanta. Sua cadeira cai para trás.

– Olha a boca. Isso que você está falando é traiçoeiragem.

– A palavra certa é *traição* – Dav diz, ficando no seu assento. – E por que você se esforça tanto para defender o Império, de qualquer forma? Você falhou, colocaram você para fora da Academia. Eles batem no seu couro sem dó, dia sim, dia não.

Webb estufou o peito.

– Isso me faz um homem melhor.

– Faz de você um idiota briguento.

– Seu lambe-mofo, péssimo irmão... – E, com isso, Webb se lança por cima da mesa. Mas ele já está meio bêbado de rum de koja, e, como Dav está tão sóbrio quanto o céu do meio-dia, ele desvia para o lado com perícia, enquanto Webb se choca contra a cadeira vazia e bate contra a parede.

Mas Webb bêbado ainda é perigoso; os seus braços se balançam contra Dav e os dois caem, socando, chutando e xingando um ao outro de todo tipo de nome. Isso até Glen dar um pigarro, pegar uma tigela de vegetais e atirar contra a parede o mais forte que consegue. O objeto bate e faz barulho. Salada voa e se espalha contra a parede e o teto.

Os dois irmãos olham para cima, como duas marmotas.

– Os dois, sentados – Glen diz, inclinando-se para trás em sua cadeira. – Sentem-se.

Os irmãos fazem conforme o pai comanda.

– Pai, ele que começou – Dav diz.

– Pai, não escute esse macaco *traiçoeiro*... – Webb lança.

– Calem a boca. Os dois! Vocês precisam mesmo é de uma lição. Eu sou um homem velho. Tive vocês mais tarde do que eu gostaria. Sempre me imaginei como um homem solteiro, um simples fazendeiro, até que sua mãe apareceu... que todas as estrelas recebam a sua alma. – Ele segura a mão contra o coração e fecha os olhos. – Então, já vi algumas coisas na vida.

Entre os dentes, Webb murmura, em um tom de galhofa:

– *Eu tive que rastejar até a Academia, enfando minhas mãos e joelhos na lama e em urzes, e ursos comeram as minhas pernas...*

Com sua faca, Glen gesticula, dizendo:

– Rapaz, é melhor você cortar essa tagarelice, a menos que queira que eu seque sua pele com pó de mico.

– Desculpe, pai... – Webb resmunga.

– Agora, escutem. O que aconteceu antes vai acontecer de novo. A República era o jeito do mundo antes, e será o jeito de novo. E, por um tempo, todo mundo vai saudá-la, e tudo será bonitinho, mas virá um momento em que tudo ficará amargo e alguém decidirá que tem um jeito melhor de fazer as coisas. E a Nova República, ou a Nova-Nova República, ou ainda a República-Que-Temos-Esta-Semana vai reprimir tudo isso com força. Então, essas pessoas, com seu suposto “jeito melhor de fazer as coisas”, vão se tornar a nova corajosa Aliança Rebelde, e a República vai virar o inimigo. E a roda vai girar uma vez mais. – Ele esfrega os olhos. – Sou velho o bastante para me lembrar de quando a República deu um tiro no próprio pé. Ela não foi *dominada* pelo Império, ela *se tornou* o Império. De forma bem devagar, claro; não foi da noite para o dia, mas ao longo de anos e de décadas. A fruta sempre é melhor quando madura. Mas nunca permanece assim: toda fruta estraga, se demora tempo demais para ser colhida. Lembrem-se disso.

– Pai – Dav diz. – Não vai ser assim dessa vez.

– Ele escolheu o lado dele – Webb diz. – E eu, o meu.

– E esse é o problema, droga! – Glenn diz, batendo na mesa. – Vocês dois escolhendo “lados”. As únicas pessoas de quem vocês deveriam estar ao lado são as da sua família. Não importa o que aconteça. Acima de tudo. Mas aqui estão vocês, se bicando como pássaros starkles para decidirem qual come primeiro. Vocês conhecem a família Lawquane? O velho Cut lutou nas Guerras Clônicas. Ele viu a verdade: nenhum dos lados em uma guerra é o lado certo. Ele fez o que era correto, sossegou. Teve uma família. Nunca voltou para a lama. Mas vocês dois não são bons o bastante para...

Um som. Um par de guinchadores. Caças TIE.

O Império não vai para aqueles lados. E a compreensão veio a galope.

– Você me entregou – Dav diz, horrorizado.

Webb parece envergonhado.

– O Império paga quem delata escória rebelde. – Mas suas palavras não parecem sair com tanta convicção. Arrependimento e culpa se misturam ali.

De súbito, um raio de atordoamento. O ar é cortado por rajadas azuis, e Webb grita, caindo com a cara em uma tigela de purê de raízes de alcachofra-girassol. Dav arregala os olhos.

– Pai...

– Você acredita no que está fazendo, Dav?

– Eu... acredito.

– Certo. Isso basta para mim. Espero que esteja certo. – Ele suspira. – É melhor partir agora. Vá até a janela dos fundos e pegue a speederbike no celeiro.

– Pai... obrigado.

– Vá agora.

– O que você vai fazer?

O pai dá de ombros.

– Vou contar a eles a verdade. Que você me dominou, atirou em mim e fugiu. – Ele aponta a sua arma contra si próprio e atira. A arma de

atordoamento derruba o homem velho contra sua cadeira. Seus calcanhares sobem, e ele geme.

Dav pisca algumas lágrimas. Então, apressa-se, pega a arma e se lança pela janela dos fundos, enquanto a porta da frente se abre.



C A P Í T U L O

7

Uma neblina paira sobre a cidade de Myrra. Até mesmo o sol, brilhante, corajoso e punitivo, parece ter que empurrar sua luz através do ar espesso e translúcido. Vapores quentes sobem, distorcendo tudo. A umidade deste lugar é vista na mesma medida em que é sentida.

Assim, leva um momento até que Jas Emari confirme o que ela está vendo. Lá, descendendo do céu como uma carruagem divina, uma nave brilha contra o sol. Um iate, na verdade: ornamentado e opulento, de bronze reluzente e com uma tubulação carmim, uma nave construída tanto pela aparência como pela funcionalidade.

É o iate de Arsin Crassus.

O Império Galáctico tem a força de um leviatã, um punho blindado de carbono esmagando qualquer sistema que ouse negar a sua autoridade. Mas tamanhas força e autoridade não podem ser conjuradas assim, do nada. Mesmo os Sith seriam incapazes de uma mágica desse porte. Porém, tinha uma coisa que fazia a diferença.

Créditos.

Dinheiro.

Há décadas, Crassus tem sido um dos principais financiadores do Império. A história que se conta é que ele era um jovem na Federação de Comércio, tendo ajudado um Império ainda em formação, mas já florescente, a conduzir a

Federação ao massacre em Mustafar, o que levou ao saque de todas as contas do lugar, a fim de financiar o novo governo. E era ali que ele tinha estado desde então: ajudando o lado corporativo do governo imperial.

Ele também é um senhor de escravos.

E hoje ele é o alvo dela.

Jas se agarra à torre velha e enferrujada que sobe bem acima do decrepito prédio do capitólio de Myrra. Cabos estão presos ao redor de sua cintura e de sua coxa direita, mantendo-a presa à estrutura, de forma que ela possa se inclinar com alguma liberdade de movimentos e, o mais importante, que tenha liberdade para as duas mãos. Tudo sem cair.

A caçadora de recompensas está ali esperando há algum tempo. Cansada, quase dormindo. Os músculos dela doem, mas esse é o seu trabalho. (A vida de uma caçadora de recompensas oferece uma grande dose de esperas e vigias, acompanhadas de muito pequenas, mas intensas doses de ação.)

Ela destrava o rifle das costas: um de longo alcance, que a própria Zabrak tinha construído. Baseando-se na velha arma de fogo czerka, ela modificou o rifle para atirar diferentes munições, de acordo com que cano e que telha ela acopla à arma. Jas ouviu certa vez que os Jedi construíam seus próprios sabres de luz e pensou que poderia fazer o mesmo com um rifle. E fez, porque ela podia fazer o que quisesse.

Jas levanta o rifle até o ombro. Então, com a mão esquerda, puxa o cabo telescópico conectado ao anel de metal tipo D em seu cinto. (Isso confere ao rifle uma pequena estabilidade extra, especialmente em uma posição tão instável como essa, dependurada a mais de cem metros do chão, olhando para a cidade que se estende sob ela.) A caçadora de recompensas pressiona o olho contra a mira telescópica.

Ali, o iate. A mira pode dar a ela algumas informações importantes: a trajetória e a velocidade da nave, o calor emitido por ela, a existência de

qualquer presença biológica (estas últimas leituras são nulas, devido aos escudos do iate).

Ela aponta a arma em direção à plataforma de pouso no topo do palácio, residência do sátrapa Isstra Dirus, um governador corrupto conhecido por se importar muito pouco com as pessoas da sua cidade e bastante com quão rico ele poderia ficar pegando os créditos alheios.

Em uma galáxia perfeita, ele também seria um alvo.

Porém, Jas Emari é uma profissional, que age sem causar danos colaterais. Sejam eles justificados ou não.

Pela mira telescópica, ela vê o seguinte:

O iate reduz a velocidade para pousar, com vapor queimando e subindo em colunas fantasmagóricas. Então, o veículo pouso, balançando suavemente, e uma prancha de desembarque se projeta dele. O sátrapa emerge dali: um homem alto, que em outros tempos já foi bonito – embora, mesmo pela visão da mira de longa distância, ela agora consiga ver as rugas que marcam sua face pétrea, como água que abre canais em uma montanha. Ele é só sorrisos e cumprimentos gentis, curvando-se e distribuindo tapinhas nas costas, porque sabe de que lado o seu pão muftari é temperado; Jas tinha visto seu histórico, estudando como os créditos fluíam de várias corporações imperiais até caírem nos seus cofres sem fim. Os planetas da Orla Exterior são um lugar muito bom para quem quer esconder dinheiro e procurar suprimentos ilícitos (incluindo escravos), e Akiva é um desses planetas. Atrás do sátrapa estão dois de seus guardas, com capacetes altos e de plumagem vermelha. Cada um deles carrega uma vibro-lança mais alta que aqueles capacetes, com as pontas das lâminas apontadas para cima.

Crassus desce da prancha, acompanhado por sua própria guarda: mulheres, provavelmente escravas, com máscaras de animais feitas de madeira dura e envernizada.

O homem em si não é um alvo pequeno; é grande e redondo, com uma barba tingida da cor do espaço profundo e um manto cintilante arrastando-se atrás de si, parecendo um pavão com a cauda no chão. Ele bate as mãos e então as leva até o pulso do sátrapa.

Eles riem.

Ha, ha, ha.

É hora de acabar com a sua raça, Arsin Crassus.

Mas, então, sua mira começa a piscar...

Naves chegando.

Jas gira o rifle, seguindo as setas na tela da mira, e em seguida vê um transporte imperial, classe lambda, descendendo por entre a cobertura de nuvens em espiral. Uma segunda e uma terceira setas piscam.

Dois novos transportes.

E, com eles, caças TIE.

Ela lança o rifle de volta para a plataforma. Crassus ainda está lá (ela sibila uma respiração de pânico entre os dentes, feliz por não ter perdido sua oportunidade por causa de uma distração), agora lado a lado com o sátrapa. Sua guarda se posiciona alinhada, esperando. Crassus tira o manto e uma de suas guardas o mantém refrescado, com um leque aberto.

Então, três stormtroopers surgem pela porta da cobertura.

Curioso.

Atire, ela pensa. Ganhe os créditos.

Mas... mas.

Algo está acontecendo. Jas não tinha previsto nada daquilo em suas pesquisas antes do trabalho, e agora ela se amaldiçoa por cair em uma armadilha já conhecida. Ela opera com muita frequência como se estivesse usando antolhos, ou seja, visualizando o alvo e marcando o caminho mais curto até ele. No entanto, de vez em quando, ao fazer isso, deixa passar algumas coisas. Inimigos ocultos, complicações. A vista na sua mira era tudo de que precisava; pelo

menos era nisso que ela acreditava até a realidade se provar bem diferente. Ela já estava caçando Arsin Crassus há um mês, seguindo seu rastro presunçoso de vapor conforme ele voava pela galáxia como um pardal assustado. Quando Jas ouviu sobre o encontro entre ele e o sátrapa Dirus, não procurou mais nada a respeito dele.

Parece que devia ter procurado mais.

Seu dedo hesita, e, um a um, os transportes começam a pousar e a se alinhar em um semicírculo. Eles se abrem e seus convidados começam a sair.

E, com isso, sua respiração para no peito. Ela se sente como alguém que fez um buraco no jardim e encontrou uma caixa cheia de créditos galácticos da Velha República, um inesperado baú de tesouro.

Arsin Crassus, sim.

E depois alguém que ela não conhece, alguém usando algo absurdo na cabeça (se Jas tivesse que descrever o chapéu, ela diria que era como se alguém tivesse matado um tetraz kofta esmeralda e enfiado o animal morto na cabeça), com as exuberantes e luxuosas vestes roxas de um velho conselheiro imperial.

Saindo do transporte seguinte, vem alguém que ela reconhece no mesmo instante: Jylia Shale. É uma mulher velha, encolhida como um cálculo biliar e com toda a dureza de uma noz koja. Com os ombros para a frente, as mãos entrelaçadas atrás das costas, Shale usa um uniforme em cinza-imperial nítido, com o cabelo preso em um coque austero no alto da cabeça. Ela vem com um par de guardas imperiais de capacetes e capas vermelhos. Parte da proteção real do próprio Palpatine.

E, então, do último transporte...

Moff Valco Pandion.

Rígido, com queixo para cima e uma cicatriz que corta a sobrancelha, o tipo de cicatriz que parece ter uma história por trás.

E lá, em seu peito, um curioso emblema: retangular, com seis quadrados azuis na linha de cima, três vermelhos e três amarelos logo abaixo.

Ali, o emblema não mais de um moff, mas de um grão-moff.

Um título recebido ou reivindicado e tomado?

Naquela plataforma estão três alvos significativos. Crassus era o pretendido... Mas Shale? Pandion? Pagamentos melhores. Pandion em particular é o maior número no cartão de Pazaak entregue pelo contato dela com a Nova República. O maior número no cartão significava um alvo mais valioso, e ali estavam três desses alvos.

Sentiu um nó no estômago.

Matar Pandion.

A Nova República preferiria todos eles vivos, mas ainda pagaria bastante pelos seus corpos. Contanto que eles não fossem desintegrados, claro, pois entregar um jarro de cinzas não é a melhor forma de se pedir um pagamento. Ela sempre pretendeu matar Crassus. Era melhor que um homem como ele fosse eliminado do que jogado em uma cela como pena por seus crimes.

Na plataforma de desembarque, Pandion se junta aos outros, embora permaneça um passo ou dois atrás, distante, altivo, separado de propósito. Os outros estão conversando, talvez se apresentando ou se reapresentando.

Jas pondera sobre a situação. Procura tirar os antolhos, tentando pensar além daquele momento, além de simplesmente puxar o gatilho.

Matar Pandion, ou qualquer um deles, é uma opção.

Um tiro só, e um deles cai. Com isso, um pagamento significativo.

Os outros vão se espalhar, voltando aos seus transportes ou indo para dentro do palácio. Se forem ao palácio, então talvez, *talvez* ela tenha uma chance para abater ou capturar os outros. Mas e se voltassem para o céu? Então, essa oportunidade estaria perdida.

Bate um vento, quente mesmo lá em cima como o hálito de uma besta. Um silvo passa pelos espinhos no topo de sua cabeça.

Isso poderia funcionar.

Deixá-los ir, pegar um alvo.

Porém, havia um lance maior: todos eles juntos. Um belo golpe para ela. Jas tinha um nome com o Império. E também com os muitos sindicatos do crime que havia na Orla Exterior, com o dos Hutts, o Sol Negro e o Crymorah, o cartel perlemiano. Só que, com a destruição da Estrela da Morte (*de novo*), e com a mudança de sua própria filiação, seu nome e sua reputação estão em trânsito – bem como toda a galáxia. Se ela quiser ganhar o seu sustento, isso significa assumir riscos maiores. Tomar o caminho mais fácil – lento e constante – não é uma opção.

Ela chega a uma decisão, pondo o rifle de lado.

Um alvo não é o bastante.

Ela precisa pegar todos.

E eu preciso fazer isso agora mesmo.

Turbulência, conforme o transporte entra na atmosfera de Akiva. Sloane está sentada na cadeira do navegador, um papel que não era essencial dada a curta distância do voo, embora ela pudesse ocupá-lo com competência se fosse necessário. Ela observa, enquanto a escuridão do espaço abre caminho para a luz desbotada do planeta abaixo. Nuvens passam escovando o vidro, e a tela de controle mostra a linha do horizonte, a trajetória e o curso estabelecido.

Perto dela está quem pilota a nave: Morna Kee. Trabalha para ela já há algum tempo. Piloto competente e leal ao Império. Uma que tinha *fé* no Império. É bom ter ao seu redor pessoas cujo nome ela sabia. Porém, a derrota deles em Endor, somada ao fato de a Nova República estar fazendo acordos com governadores e líderes de setores por todos os lugares, com o propósito de recolher naves de guerra imperiais? Sem mencionar a ameaça de cisma interno. Isso tudo a fazia vacilar e sentir-se cada vez mais ávida por detalhes que no passado já considerava vitais. E que, agora, não podiam mais ser importantes.

Atrás dela está o arquivista, o homenzinho responsável por registrar o encontro, anotando os resultados da reunião de cúpula, de modo que a história

do ressurgimento imperial seja registrada de forma apropriada e oficial. Perto dele está a assistente de Sloane nessa missão, uma jovem Corelliana de olhos brilhantes chamada Adea Rite. E, então, meio esquadrão de stormtroopers, os que tiveram as melhores notas em seus testes, retirados das fileiras da *Vigilância*. Montam guarda para o novo prisioneiro dela: o capitão Wedge Antilles. O rebelde está deitado, flutuando em uma mesa médica, inconsciente pelas drogas que são bombeadas para suas veias. O droide médico paira sobre ele, checando sinais vitais e garantindo que ele fique entubado.

Uma pequena dificuldade, mas capaz de estragar tudo. É uma das mais perigosas, pois os rebeldes viriam procurá-lo.

E, então, o que aconteceria?

Ela sente a pressão na junção da sua mandíbula. Isso tem que funcionar. Tudo isso. O encontro deve render resultados. O futuro do Império e a estabilidade da galáxia contam com isso.

O encontro não foi só ideia dela, embora aqueles que estejam se reunindo pensem que sim. Mais uma razão para que isso funcione de acordo com o planejado, sem quaisquer embaraços. *Se isso der errado, vão me culpar.*

Abaixo está a cidade de Myrra, uma vasta e sufocante confusão. Prédios em ângulos estranhos saem de dentro da selva, embora isso não aconteça sem luta: videiras se projetam como dedos cruéis, aderindo-se às paredes e aos telhados com telhas de barro, como se tentassem derrubar a cidade lentamente. Entre os prédios, há caminhos estreitos demais para serem chamados de estradas – apenas ruelas, na verdade, e essa é uma das razões pelas quais foi sempre complicada a ocupação imperial do planeta. Essas “ruas” são muito estreitas para qualquer um dos transportes do Império, com a exceção de speederbikes e, mesmo assim, as esquinas são muito agudas para que as speeders possam dobrá-las.

Isso não importa, ela diz a si mesma. *É temporário*. O encontro não pode durar para sempre (ainda que às vezes pareça que sim).

O transporte gira com força, voando baixo sobre a cidade. Bem à frente, ela vê o palácio de seu aliado, o sátrapa Isstra Dirus, um bajulador execrável, embora ela se lembre de que a presença dele em particular é uma condição por vezes necessária; a máquina só se move quando todas as partes trabalham juntas. O palácio em si é pomposo, um antigo templo da cidade reformado para servir à opulência do sátrapa. Tem paredes de quartzito, permeadas de cinabre brilhante, salpicadas por pontas douradas inúteis, janelas multifacetadas e cristalinas que, embora lindas, não parecem capazes de manter a principal característica que as janelas são destinadas a demonstrar: transparência. Ela certamente prefere o austero e inflexível design de...

Movimento à frente.

Alguém desce de tirolesa em frente a uma torre de comunicações nas proximidades, uma que parece estar sem uso há muito tempo. A torre já tinha sido parte do prédio do capitólio, que falhara em manter um governo de maneira apropriada, já que o sátrapa tomou para si poderes absolutos (não por coincidência, na mesma época que o Império dominou o Senado Galáctico). Rae comprime um botão, gira um seletor...

Uma parte da tela captura a imagem do intruso de tirolesa, dando zoom. É uma fêmea Zabrak, pelos chifres na cabeça. Com um longo rifle de precisão nas costas.

Caçadora de recompensas.

Rae Sloane grunhe, salta da cadeira e vai em direção ao console atrás dela, o posto de artilharia. Quem quer que seja essa Zabrak, Rae não tem tempo nem paciência para descobrir, e, embora seja estranho que uma almirante assuma o posto de artilharia, é o que se tem para hoje.

Deixe que se preocupem.

Ela puxa os controles para cima e começa a disparar.

Jas reza para que o cabo lançado por ela da torre até o telhado do outro lado a segure. A distância é longa, e a torre em que ele está ancorado é fraca. Agora mesmo ela pode ouvir o lugar gemendo às suas costas.

No fim, isso acaba não importando muito.

A nave de transporte aparece à sua esquerda, do nada. Outro veículo imperial classe lambda, com um vidro preto acima do cone do nariz.

Implacável e indiferente.

Os canhões começam a atirar. Jas puxa o ar e contrai o corpo. Ela se lança contra o cabo e, com os músculos queimando, puxa as pernas para junto do corpo, com os joelhos dobrados sobre o estômago. Tudo isso é um esforço para se tornar um alvo tão menor quanto possível, conforme os canhões cospem suas cargas...

Eles queimam o ar na frente de Jas bem como atrás, acima e abaixo dela. A caçadora de recompensas sabe que está fazendo um barulho, um longo e constante grito de raiva e medo, mas não consegue propriamente ouvi-lo. Tudo o que percebe são o vento e os canhões.

A boa notícia é que as armas de raios localizadas sob cada uma das asas da nave não tinham sido projetadas para acertar alvos tão pequenos quanto ela. A não ser que a pessoa pilotando aquela coisa fosse sensível à Força, um Jedi ou alguma Irmã da Noite Dathomiri, acertá-la seria um ato de pura providência cósmica.

A má notícia é que a pessoa operando aquela coisa já parece ter percebido isso também.

O transporte vira um pouco... e dispara contra a torre atrás de Jas.

Um brilho luminoso de chamas vem por trás da Zabrak. Ela escuta um ruído de metal se contorcendo, e então a estrutura começa a cair. Ela sabe que está caindo porque, de súbito, o cabo em que estava deslizando fica frouxo em suas mãos, passando de uma linha rígida para um espaguete molenga.

E ela pensa: *Segure nisso, segure firme, isso vai levar você até o chão...*

A agitação, porém, é muito grande, e o cabo escorrega pelos seus dedos.

O vento passa como um chicote, e a cidade se aproxima para cumprimentá-la.

Jas Emari cai.



C A P Í T U L O

8

Norra volta até o porão. A porta secreta ainda está fechada, e o valacordeon ainda está ali. Ela resmunga, mais para si mesma que qualquer outra coisa. Agora, ela precisa fazer algo que nunca foi muito boa em fazer.

Ela tem que se lembrar de como tocar valacordeon.

Bem, tem que se lembrar de como tocar algumas poucas notas no instrumento, porque não é necessário que ela tenha sequer uma fração do talento musical do seu marido e do seu filho. Ela se senta, aperta algumas teclas, e cada nota soa como um tom melodioso, tingido com um fraco sussurro mecânico por trás. *Tap, tap, tap*. Ela não está fazendo música. Ela está só fazendo bagunça.

Mas então... *ah*. É isso, esse é o início de *Vagão e carvão*, não? A velha canção dos mineiros. Norra fecha os olhos e se lembra das mãos do marido na teclas, o jeito como o polegar e o mindinho se estendiam, a progressão das notas, um-dois-três-quatro-cinco...

Ela dá um longo suspiro e as toca.

E a porta se abre com o som de ar entrando na sala.

Uma torrente de alívio invade Norra, e ela passa pelo batente da porta. Mais uma vez, o cheiro bate nela em cheio: o odor do tempo, de pó e de mofo. É como o cheiro de um pedaço de sujeira que se desfaz em sua mão, ou de musgo seco que esfarela.

As paredes logo à frente parecem feitas de pedras antigas. Myrra costumava ser a casa de Norra, e ela sabe que sob a cidade estão as velhas catacumbas, uma verdadeira cidade embaixo da outra, um labirinto de tempos mais remotos.

Sempre houve muitos rumores sobre o labirinto: que ele seria um templo de treinamento Jedi, uma armadilha Sith, a primeira habitação dos primitivos Uugteen, um solo viscoso de cultivo Hutt. Havia histórias de pessoas que se perdiam ali e nunca mais eram encontradas, terminando comidas por rancors, caindo para sempre em poços sem fundo, sendo sequestradas por Uugteen e tornando-se o que quer eles fossem. Havia até mesmo histórias de fantasmas, como se o lugar fosse assombrado.

Ela conhece as histórias.

O que Norra não sabia é que as velhas catacumbas se conectavam direto à droga de sua casa. Que coisa, não?

Ela dá um passo e quase grita.

Temmin está bem ali sentado, em uma pequena alcova, com o rosto iluminado pelo brilho azul de um pequeno holopad. Na tela, um mapa. Ele o gira rapidamente, e a tela fica escura. Depois, funga e limpa os olhos com as costas da mão para, então, levantar o queixo, como se quisesse esconder que estava chorando.

Norra diz:

– Peço desculpas.

– É, eu também.

Ela estende a mão para ele segurar. Norra dá um leve aperto.

– Eu não sabia que isso... estava aqui.

Ele olha para cima e ao redor.

– As catacumbas? Sim. Consegui um mapa há cerca de dois anos. Os subterrâneos se conectam bastante com as casas, especialmente aqui em Chenza Hill.

– Falei com suas tias.

– Ah é?

– Elas me disseram que você nem sequer fica com elas.

Ele dá um pigarro.

– Não. Eu fico aqui agora, sou independente. – Ele suspira. – Você vai vê-las enquanto está aqui?

– Não – ela responde.

– Imaginei.

Norra sente uma pontada de raiva. Não contra Temmin, mas contra as tias dele: a irmã dela, Esmelle, e a esposa de Esmelle, Shirene. Não é culpa delas, ela sabe disso, mas não consegue evitar o sentimento. Elas não conseguiram lidar com Temmin, e aqui está ele, tomando conta dessa loja. Cuidando da própria vida e quase sendo morto por... Por quem? Criminosos locais, bandidos, valentões.

– Eu falei com elas. Não querem sair de Akiva. Elas se estabeleceram aqui, e acho que não as culpo.

Temmin se levanta com um sorriso sarcástico e incrédulo no rosto.

– Sair daqui? O que você quer dizer com sair daqui?

– Temmin. – Norra segura a mão dele com força. – É por isso que estou aqui, para pegar você. Temos que partir.

– Partir? Sem chance. A minha vida é aqui. Esta é a minha loja. Esta é a minha *casa*. Você está louca se pensa que eu vou partir.

– Escute, algo está acontecendo por aqui. O Império caiu, mas não acabou. A cidade está infestada de stormtroopers. O Império está aqui, fez um embargo e bloqueou as comunicações.

Ele estreita os olhos. Temmin não sabia de nada disso, sabia? A maioria das pessoas de Myrra provavelmente também não sabia, embora fosse perceber isso, mais cedo ou mais tarde.

– E daí? Eu me dou bem com os imperiais, vendo coisas pra eles. Não estou preocupado. Você deveria ir salvar seu... amigo. Wedgie ou sei lá.

– Wedge.

– Claro.

Ela diz:

– Não vou. Eu ouvi o que você disse, Temmin. Estou fazendo uma escolha, e é *você*. Minha prioridade é você, vou levá-lo embora daqui.

– Não vai, não. Vou ficar bem aqui. Mas você pode ir, se quiser. Vou continuar o que eu faço: sobreviver muito bem sem você.

Ela morde o lábio, tentando não contar sobre todas as coisas terríveis que estão por vir. Ele sempre foi teimoso e cheio de vontades, mas isso já é demais. Temmin a empurra, abrindo caminho em direção à loja no porão, de volta à passagem secreta.

– Temmin, espere...

– Preciso começar a colocar essas coisas nas catacumbas. Esconder tudo de Surat. Foi bom ver você, mãe. Pode ir.

Ela segura o braço de Temmin antes que ele saia pela porta. Quando o rapaz se vira, pode ver o que ela tem na mão, e sua boca se abre em protesto...

Norra enfia a agulha, aquela meio quebrada que ela roubou do droide interrogador, no pescoço do filho. Ela só precisa pressionar uma parte do êmbolo, pois logo as pálpebras de Temmin vibram como borboletas em um frasco.

Ele desmaia, e sua mãe o segura.

– Sinto muito – ela diz.

Então, começa a arrastá-lo de volta para cima.



C A P Í T U L O

9

Assim que a almirante Rae Sloane entra na sala, eles se amontoam ao seu redor. O aposento é grande, espaçoso e arqueado, com uma grande mesa no centro feita da madeira de alguma árvore velha, incrustada com azulejos de vidro espelhado. Porém, a forma como todos vêm em sua direção faz Sloane se sentir subitamente claustrofóbica, como se a grandeza da sala fosse apenas uma ilusão, como se fosse bem menor do que suas dimensões parecem sugerir. Mas ela deixa que venham, sem vacilar ou mostrar que se sente pressionada.

Todos ali exigem saber o que foi aquilo, mas o moff Pandion é aquele a exigir com mais clareza. E, quando ele fala, os outros ficam quietos.

Ela nota isso. Sem surpresa, talvez, mas ainda assim o percebe.

– O que diabos foi esse som? – ele pergunta, dando um passo à frente. Dessa forma, fica quase cara a cara com ela, entrando desconfortavelmente em seu espaço.

– Você se refere aos canhões de raios.

– Não – ele diz, com um intenso revirar de olhos –, eu me refiro ao canto dos pássaros, aos latidos dos cachorros, ao que você estava assoviando quando entrou. – De alguma maneira, ele sorri e faz uma carranca ao mesmo tempo. – *Sim*, eu me refiro aos canhões de raios. O que foi isso?

– Um insurgente – ela diz.

– Um rebelde? – diz o outrora conselheiro de Palpatine, Yupe Tashu, e o terror reverbera em sua face como o soar de um sino. – Aqui?

– Não – ela mente. E provavelmente não seria a última mentira que viria a contar durante essa reunião, também. – Nem perto disso. Algum local. Como vocês sabem... – Ela para subitamente, e diz: – Será que podemos nos acalmar? Vamos todos nos sentar? Aproveitar a comida que o sátrapa Dirus nos está oferecendo hoje? – A sugestão encontra acenos relutantes e resmungos. Rae segue pelo grupo, assentindo para cumprimentar os demais integrantes: Jylia Shale, Arsin Crassus, o sátrapa e toda a sua quadrilha de conselheiros sórdidos.

Serviçais circulam pela sala com tigelas rasas de madeira, oferecidas aos convidados ali reunidos para o encontro de cúpula, com vários tipos de comida – comidas essas que Rae não reconhece. Pequenas coisas que se contorcem, com tentáculos escuros como tinta; bolinhos pequenos, com cheiro perfumado de ameixa; pequenas bolotas salpicadas de sementes, que cheiram como o interior das botas dela depois de um longo dia em contato com seus pés. Yupe Tashu pega a comida, Crassus come com avidez, Jylia coloca um pratinho na frente dela, mas parece hesitante em tocá-lo, e Pandion, como já era de se imaginar, dispensa tudo.

– Como vocês sabem – ela retoma, ocupando a cabeceira da mesa... de pé, não sentada. – Os rebeldes começaram a disseminar propaganda, em forma de vários holovídeos. Em alguns casos, eles literalmente roubaram e subverteram alguns dos nossos droides de sonda, usando-os, então, para espalhar suas mentiras.

– São mentiras mesmo? – Shale diz, alto o bastante apenas para ser ouvida. – Ou somos nós que estamos mentindo para nós mesmos?

Silêncio depois disso. Os olhos de Pandion são como adagas apontando para a mulher idosa.

Rae ignora a pergunta e segue em frente:

– Fomos traídos por vários líderes de setores e governadores, por toda a galáxia. A assim chamada Nova República liderou ataques a muitos dos nossos cargueiros e veículos de transporte. Ataques *bem-sucedidos*, devo admitir. Dessa forma, diminuem os nossos números. Estamos, para ser franca, na defensiva. É um momento inoportuno para estarmos dispersos e sem liderança. E esse é o motivo desta reunião. Gostaria de agradecer a todos por...

Pandion a interrompe:

– Então, foi isso que aconteceu agora há pouco. Fomos atacados por um insurgente local? Não era um... rebelde de fato?

– Não. – Rae se eriça com a interrupção, mas isso já é algo que se espera de Pandion. – Como foi dito, era apenas um local. É provável que tenha sido alguém inspirado pela propaganda que mencionei antes. Agora, a cúpula começa esta noite...

– Primeiro, você está atrasada. Depois, abre fogo do lado de fora do palácio do sátrapa. E o rebelde que você capturou? E a nave de contrabandistas que furou o bloqueio e escapou? Estamos mesmo a salvo aqui, almirante?

Uma péssima sensação amarga surge no âmago de Rae. Seu estômago queima. Se Pandion sabe disso tudo, significa que a nave dela está comprometida. *Um espião*. Traição. Não se passou nem uma hora da reunião e já vem o sentimento de que ela perdeu o controle.

Yupe Tashu parece encantado.

– Temos um prisioneiro?

– E você não nos contou? – Crassus pergunta.

– Isto é bastante preocupante – Shale diz. – *Bastante* preocupante.

Rae se vira, olha na direção do seu próprio esquadrão de stormtroopers, todos de guarda na porta. A eles e ao piloto, ela dá um pequeno aceno de cabeça.

Eles desaparecem.

– O rebelde não era parte de qualquer ataque coordenado – ela explica. – Apenas um rebelde solitário, provavelmente um batedor à procura de presença imperial.

– Bem, ele encontrou – Pandion diz, dando um sorrisinho.

Com isso, a porta se abre de novo, e os stormtroopers conduzem a mesa médica flutuante para dentro. O droide médico acompanha o capitão Antilles, que por enquanto ainda permanece sedado.

– *Isto* – Sloane diz – é um perigo para nós; mas é também um golpe de sorte, pois não capturamos um rebelde qualquer hoje. Esse é o capitão Wedge Antilles, um dos heróis da equivocada Rebelião, presente e parte importante de ambos os ataques à Estrela da Morte. Não só Antilles será adequado para que possamos obter informações, mas, caso os rebeldes descubram essa reunião, também poderemos usá-lo como moeda de troca.

Tashu levanta uma mão.

– Posso me envolver no... interrogatório?

Ela o ignora.

Pandion diz:

– É nisso que nos tornamos? Reduzidos a sequestradores ordinários? Talvez o Império Galáctico esteja mesmo evanescendo, como uma estrela que antes brilhava e depois se reduziu a pó. Pelo menos será assim, com gente como você no comando. – Essa última sentença vem como uma farpa, dirigida diretamente a Sloane.

– A cúpula começa esta noite – Sloane diz. – Então, descansem, se for necessário. O tempo é a essência. O futuro do Império será decidido por nós. – Ela olha para o arquivista, um homem pequeno e irritadiço chamado Temmt, Februs Temmt. – Que conste no registro oficial que seremos mencionados na história como o Conselho do Futuro Imperial, ou CFI. – Ela dirige um cumprimento afiado aos participantes. – Quero agradecer por ver tantos de vocês aqui.

Ela se move com rapidez em direção à porta. Sloane fisga Adea, a sua nova assistente, com a dobra do braço e a puxa para perto, sussurrando:

– Algum sinal do caçador de recompensas?

Em pânico, Adea dá um pequeno balanço de cabeça.

– Não, almirante.

– Problemas? – Pandion diz, aparecendo de súbito ao lado dela. Aquele sorriso reptiliano continua em seu rosto pálido.

– Nenhum – Sloane responde.

– Almirante, admiro o que você está fazendo aqui. De verdade. Você não está errada quando diz que agora é a hora para agir. O Império que eu amo não vai se recuperar com tanta facilidade da perda não apenas da Estrela da Morte, como também da nossa liderança. Mas quero que você perceba que o futuro do Império nunca foi decidido por algo tão *sem força moral e sem alma* como um conselho. Um império precisa de um líder. Um império demanda um *imperador*.

– Então talvez seja isso que esse conselho venha a descobrir – ela diz. Seus olhos descem em direção às insígnias retangulares no peito dele. – Vejo que você foi promovido a grão-moff. Imagino que seja um título autoproclamado.

Aquele sorriso perverso.

– Se alguém quer o poder, deve tomá-lo.

– Talvez seja verdade.

– Não é *talvez*. E você sabe disso. Eu sei que você tomou o controle não só da nave *Vigilância*, mas também da *Dilacerador*. Bem como das frotas que acompanham essas naves. Imagine só, a pequena Rae Sloane, tripulando um superdestróier estelar sozinha. Nosso último, não é?

Ela não diz nada, só o encara com o rosto pétreo.

Ele continua:

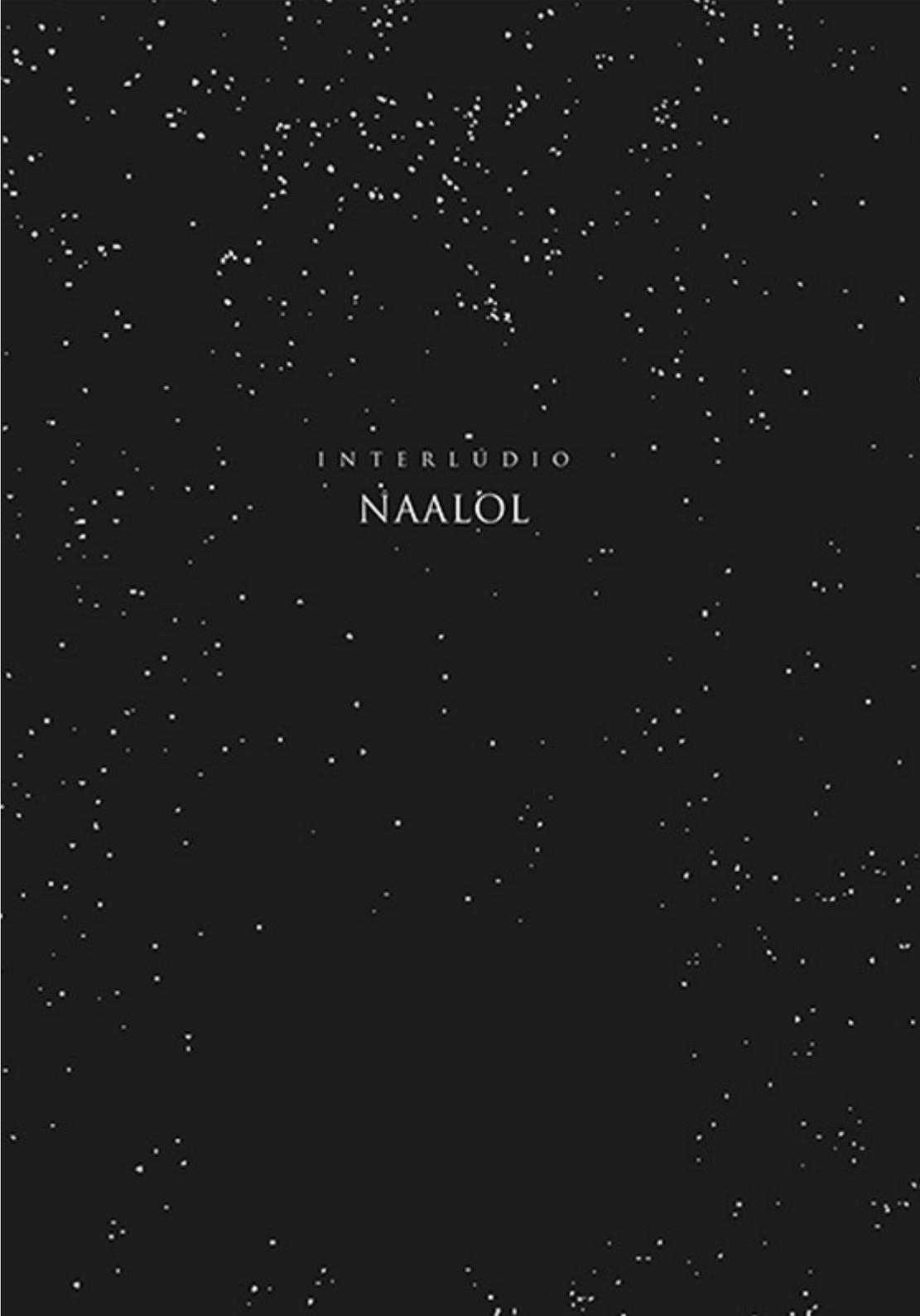
– Essa foi a nave do almirante da frota, não?

– Foi.

– *Foi*. Então ele se foi, de fato?

– De fato. E infelizmente. Ele era um dos melhores entre nós.

– Era. – Um brilho malandro vem aos olhos de Pandion. Ele tem segredos. Todos eles têm seus segredos, mas ela ainda não tinha descoberto qual era o do agora grão-moff Pandion. – Vejo você na reunião, almirante. Estou ansioso para começar.



INTERLÜDIO
NAALÖL

Na pequena cidade nas montanhas, reduzida a escombros, o vento passa chicoteando, e folhas secas rolam pela estrada, entre os corpos. Os cadáveres estão em toda parte. Dois stormtroopers do outro lado da rua, dois soldados da Nova República caídos contra uma casa em chamas, com o telhado ainda fumegando.

Mais alguns descendo a rua, e ainda outros em seguida.

Mon Mothma anda entre os destroços, com assistentes em cada lado dela: Hostis Ij à esquerda e Auxi Kray Korbin à direita. Cada um no papel de anjo e demônio sobre seus ombros (embora o papel não seja fixo, mudando de um para o outro de acordo com a situação). Atrás deles, quatro soldados da Nova República caminham com seus fuzis de raios de prontidão.

Esta é a realidade da guerra, Mon Mothma pensa. Aquilo tem que ter um fim logo. *Precisa ter*. Acabar com esse conflito é a principal prioridade. Naalol é estrategicamente insignificante, nada mais que uma série de pequenas cidades montanhosas com suas pequenas casas serranas tortas, e habitantes que eram pastores de valdeer, artesãos ou mineiros. Mas não muito longe dali havia um pequeno entreposto imperial, e, quando o Império começava a perder terreno em algum lugar, tentava ganhar planetas como Naalol, em posições recuadas. O que era um pequeno entreposto havia se tornado grande, e então a guerra caiu sobre essas pessoas. E agora todas elas, ou pelo menos os moradores dessa cidade, estão ou mortas ou com a vida em ruínas.

É como se Hostis ouvisse os pensamentos dela. Conforme ela anda, ele acaricia sua longa barba, soltando um monte de sons como *hmmm* e *ahhh*. Ele acaba falando, sem ser chamado (como faz com frequência):

– Esse é o preço da guerra. Não é culpa da Nova República, chanceler.

– Eu conheço a guerra – Mon Mothma diz. – Sei como é, sei o que a rodeia. Mas nunca ficarei confortável com ela. – *Como alguns decerto ficam*, ela pensa.

Ela caminha entre alguns moradores, reunidos ao longo da extensão de uma longa parede de pedra. Dois soldados da República pegam caldo quente com

uma concha de dentro de uma panela e dão a eles, em copos. Mon Mothma vai apertando mãos, distribuindo alguns poucos créditos no caminho e dizendo algumas palavras de desculpas e gratidão. Ao passar pelos moradores, ela completa:

– É, sim, nossa culpa, e temos que agir dessa forma, a fim de assumir as nossas responsabilidades. E é por isso que essa guerra tem que acabar logo. Não podemos continuar com a luta, não estamos equipados para isso.

Hostis bufa e diz:

– Isso não é bem verdade. Estamos mais equipados que nunca, chanceler. O Império está minguando, e toda a galáxia pode sentir isso. Nós mal podemos absorver a grande quantidade de recrutas dispostos a lutar por nós, agora que o conflito está mais aberto. Temos mais naves, mais equipamentos, mais armas. A maré virou e...

– Não digo equipado no sentido literal, Hostis. Quero dizer que isso não está no nosso coração. A guerra não é uma condição natural. Deve ser um caos temporário, entre períodos de paz. Alguns querem que a guerra seja o caminho das coisas, um fato padrão da existência. Mas não vou permitir que seja assim.

Aqui, Auxi se inclina, e a mulher Togruta sussurra:

– Chanceler, apenas para estarmos atentos: temos que partir logo, se quisermos estar em Chandrila a tempo do primeiro dia do retorno do Senado.

– Sim, claro.

Mon Mothma fica de pé no meio de tudo aquilo, dos escombros e dos corpos. A distância, um walker imperial AT-AT jaz destruído, caído para a frente como um animal com o pescoço quebrado. Não longe dali, ailerons-X de um X-wing queimam, quebrados, em uma borda da montanha. Uma rua acima, uma fila de soldados imperiais estão presos em uma série em cascata de algemas, conectadas umas às outras por um fio zumbindo de eletricidade. Os prisioneiros são conduzidos para um transporte por soldados da Nova República.

O caos que antes se inflamou ali agora já está morrendo. O entreposto imperial foi subjugado. Os soldados fugiram para as montanhas, sendo então perseguidos por soldados da Nova República. Ela imagina que o período que Naalol passará metida com a confusão da guerra será curto. É como deveria ser. Ainda assim, a guerra deixa suas marcas, independente de sua duração: Naalol jamais esqueceria este dia.

Para Hostis, Auxi diz:

– Vocês sabem que ainda vamos em frente com a renúncia, não é?

– O quê? Você não pode estar falando sério – exaspera-se Hostis. Para Mon Mothma, ele diz: – Chanceler, eu imploro, agora *não* é hora.

– Tem que ser agora – responde Mon Mothma, com a voz baixa, mas firme.

– Nesse mesmo instante, posso colocar meu dedo em qualquer lugar do mapa estelar, e nossas tropas irão para lá lutar. Alguns de nossos soldados vão morrer. Isso é minha responsabilidade, mas não quero isso. Nunca quis nada disso. O estatuto de chanceler mantém os poderes de emergência concedidos por Palpatine, e isso não pode continuar. É um veneno para a democracia e rebaixa o meu papel. – Conforme Hostis começa a gaguejar, ela se vira para ele e pega sua mão. Mon Mothma continua: – Não sou uma líder militar, Hostis. Sou líder do Senado, e, se pretendemos realmente atrair mais mundos e convencê-los a voltar a esse processo, não pode parecer que estarão fazendo isso sob ameaça.

– Mas o exército e a frota da República...

– Vão continuar por um tempo, só que não sob meu comando. Em vez disso, vão funcionar de acordo com um arranjo que já existe na prática, mas que ainda não está na lei: eu vou ser parte de um conselho de vozes sábias cuja tarefa será determinar o melhor curso de ação em termos da nossa presença militar nessa guerra civil. – Ela pausa para considerar suas próximas palavras. – É vital que desmilitarizemos nosso governo, de forma que uma guerra galáctica como essa não aconteça de novo.

O vento bate e levanta o cabelo ralo da cabeça de Hostis, salpicada de manchas.

– Nós ainda não chegamos nesse dia – ele diz. – Devemos mostrar força militar. Se demonstrarmos qualquer fraqueza, o Império vai capitalizar em cima disso. Deixar a guerra nas mãos dos caprichos volúveis da política irá diminuir nosso tempo de resposta, enfraquecer nossa determinação e fazer-nos parecer vulneráveis... Em parte porque *estaremos* vulneráveis.

Auxi dá um irônico e já conhecido sorriso. Ela está gostando disso, não está?

– Oh, e fica pior, Hostis – ela diz. – Conte a ele, chanceler.

Mon Mothma suspira e completa:

– Colocarei hoje em votação um projeto para cortar a nossa presença militar em noventa por cento, uma vez que sejamos capazes de confirmar oficialmente um fim para esta guerra.

O queixo de Hostis cai. O velho fica de olhos e boca abertos, como se esperasse engolir uma das moscas de olhos alaranjados que passam circulando por ali.

– Você não pode estar falando sério.

– Estou bem séria. Olhe ao redor. Os mortos do nosso lado não são soldados de verdade, não importa o quanto finjamos que sim. São fazendeiros e mineiros, pilotos e contrabandistas, todos arrastados para esse conflito contra o grande mal que é o Império. Assim que nosso conflito acabar, o que diremos a eles? Pediremos que continuem lutando por nós? Contra o quê? Com que propósito? Por qual ideal?

– Pela democracia, é evidente...

– Democracia não precisa de defesa; as pessoas, sim. E é por isso que manteremos os dez por cento. Uma força pacificadora. O resto dos nossos esforços irá para treinar militares em outros mundos. Nós seremos uma verdadeira Aliança Galáctica, e não uma falsa, com um sol autoritário em seu centro.

Hostis franze o cenho e diz, com gravidade:

– Então nós veremos apenas guerras sem fim, chanceler. Exércitos menores significam guerras menores pela galáxia. Isso quer dizer que a opressão vai crescer como erva daninha, e não teremos os olhos ou o controle necessários para interromper isso. Nesse momento de turbulência, a galáxia vai precisar de lei e ordem, e você dará a ela apenas caos. E é justamente essa vulnerabilidade que causou a ascensão do Império, em primeiro lugar. As pessoas da galáxia estenderam a mão, procurando por uma autoridade central, desesperadas por proteção...

É Auxi quem fala em seguida. A mulher é sempre irônica, irascível, e até mesmo um pouco venenosa de vez em quando.

– Parece que você está do lado errado desse conflito. Tenho certeza de que o Império ficaria feliz em ter você, Hostis.

– Por quê... Como você *ousa*...

Mon Mothma levanta ambas as mãos.

– Parem, por favor. Não quero que fiquem se bicando. Não desse jeito. Temos que respeitar discordâncias. Dito isso, Auxi tem certa razão. Não estamos enfrentado o Império apenas para nos tornarmos o Império. Não é uma simples tomada de poder, e é isso que quero mostrar à galáxia. Quero que saibam que confiamos neles, como a República sempre confiou. Se vamos pedir a alguém que lute por nós, esse alguém precisa saber pelo que estará lutando. E essas pessoas vão lutar por uma galáxia democrática unificada, não por uma que apenas finge ser uma democracia, enquanto fecha as mãos em um punho inflexível. Temos que ceder. E quanto ao seu comentário sobre a história antiga... Vamos nos precaver. Vamos seguir em frente, de forma mais inteligente dessa vez. Seremos mais atentos.

– Chanceler... – Hostis diz, mas o apelo morre em sua boca.

– Estou decidida. É por isso que eu trouxe vocês dois aqui. Precisava que vissem os corpos, o desperdício, a tragédia da guerra. Precisava que vissem o

motivo pelo qual temos que acabar com isso. Não posso pedir que nosso povo lute de novo e de novo. Não quando o Império estiver de fato reduzido.

Auxi assente, dizendo em seguida:

– É hora de irmos, chanceler. A história a espera.

Hostis não diz mais nada, apenas torce o rosto em um sorriso desconfortável e oferece um aceno de cabeça austero e apaziguador.

– Claro.

– Obrigado a ambos – Mon Mothma diz.

Juntos, eles caminham de volta, por entre os escombros de guerra. Pois é o momento de voltar para casa, de devolver a democracia à galáxia.



C A P Í T U L O

10

– Preciso encontrar um jeito de sair deste lugar... – murmura Sinjir, abrindo caminho pelas ruas estreitas de Myrra. Ele passa por um vendedor de comida, um Bith de cabeça grande que está, como a maioria dos ambulantes, com seus tabuleiros e vendinhas pressionados nos cantos e nas esquinas, entre os edifícios da cidade. Quando Sinjir passa por ali, pega algo crocante de uma prateleira pendurada. Ele joga rápido a coisa para a outra mão, de forma que ninguém possa ver o que está fazendo, e então olha para baixo e vê um tipo de passarinho empanado e frito. Dá uma mordida; é quente e suculento. Quente e suculento demais. Porém, deve servir, já que ele está faminto.

Atrás dele, vem apressado o Twi'lek do bar do Pok.

– Mas por que você quer partir?

Para me livrar de você. O alienígena o vem seguindo pela última hora. Sinjir saiu do bar para clarear as ideias, ou melhor, para ficar longe daquela confusão estúpida, a qual seria de fato sábio evitar, e desse bocó que agora o segue como um nek perdido.

Em vez disso, Sinjir diz:

– Não quero estar aqui quando este lugar for pelos ares. Toda a correria, a gritaria e... – Sinjir gesticula com as mãos para indicar uma confusão frenética.
– O caos é algo muito desagradável.

Como se fosse para enfatizar seu argumento, um par de caças TIE passa rugindo por sobre as suas cabeças, não muito acima das construções da cidade.

Isso pode até não ser uma ocupação militar, mas algo com certeza está acontecendo.

– Mas... Você é um rebelde. Está aqui para enfrentar o Império.

Sinjir para. *Você é um rebelde.* Ele quase ri, mas a ideia é absurda, tão absurda, mas tão absurda que ele só consegue ficar ali parado, com a respiração suspensa. Poderia muito bem continuar a mentira, que começou de fato naquela floresta, na lua de Endor, muitos meses atrás.

– Sim – ele diz, indo na direção do Twi'lek, com firmeza na voz. – Eu *sou* um agente da Nova República. Isso é verdade. E devo pegar tudo o que aprendi aqui e levar para os meus aliados leais da Aliança.

Ele espia por cima do ombro do Twi'lek e vê um trio de stormtroopers subindo pelo beco apertado, alinhados ombro a ombro, com armas de raios nas mãos. Estavam procurando por algo... ou por alguém. Talvez por ele.

Sinjir segura o Twi'lek, empurrando-o para um recanto escuro e colocando o dedo em seus lábios, para que fique quieto. Os stormtroopers passam.

– Viu? Estamos em perigo.

O Twi'lek aquiesce.

– Meu nome é Orgadomo Dokura – o Twi'lek diz, com aqueles rabinhos na cabeça se contorcendo como serpentes, enquanto declara seu nome com algum orgulho. – Por favor, deixe-me ajudar. Faça de mim um agente da Rebelião.

– Você quer dizer da Nova República.

– Sim! Sim.

– Meu nome é Markoos... Cozen – diz Sinjir, inventando um nome ali, naquele instante. Cozen é um sobrenome distante da sua família, do lado da mãe. Markoos é... Bem, esse aí ele inventa na hora, mesmo. – Você quer me ajudar? Então me ajude a encontrar um transporte para fora deste planeta. Se houver um bloqueio lá em cima... – Ele aponta para o céu, e, mesmo entre as

nuvens em redemoinho, é possível ver as formas distantes de triângulos flutuantes. Destróieres estelares imperiais. – Então, preciso de uma forma de escapar daqui, em segredo. Quem consegue me garantir isso? A quem eu devo recorrer, Oga-doki Domura?

– Orgadomo Dokura.

– Sim, ótimo, que seja. Apenas responda.

– Você vai precisar ver Surat Nuat.

O gângster.

– Ele? Sério? Nenhum outro sindicato do crime concorrente? Nenhuma guilda contrabandista por aí? Nenhum cara que conhece um cara? Nada disso?

O Twi'lek oferece um sorriso amarelo, mostrando seus pequenos dentes afiados.

– Desculpe.

– Certo, vamos. Você pode me mostrar o caminho.

Eles saem do canto escuro... E lá estão dois stormtroopers. A centímetros de distância, perto a ponto de quase trombarem com eles.

– Saiam do caminho – rosna um dos soldados, e então chega para empurrá-los de lado, com um jogo de braço.

O outro stormtrooper, entretanto, vira para dar uma rápida segunda olhada.

– Ei. *Ei*. Pega eles!

Tanta coisa, para acabar assim.

Sinjir se esquiva de um braço que tenta agarrá-lo e dá uma joelhada na arma do outro stormtrooper, para que o cano aponte para o céu enquanto atira. Ele arrebatava o fuzil e bate com ele contra um dos capacetes, derrubando o soldado.

Para o Twi'lek, Sinjir apenas solta a palavra:

– *Corra*.

Ela não consegue ver a floresta além das árvores.

Em sua visão: princesa Leia Organa. Vestida não como uma princesa, não como uma dignitária, uma diplomata ou uma enviada de um planeta para outro, mas como um soldado. Não é uma simples fantasia; Jas tinha lido os arquivos. E, mesmo sem eles, as histórias são conhecidas: Leia é uma mulher poderosa, tão capaz com uma arma quanto dez stormtroopers.

Até mesmo vinte. E agora ela está ferida.

Um pássaro com a asa quebrada, um alvo fácil.

Jas está sentada em uma das árvores endorianas, coisas de troncos massivos, com tamanhos quase impossíveis. Elas a fazem sentir-se muito pequena. Levou algum tempo apenas para chegar a este ponto: navegar pela batalha, desviar de disparos de raios, evitar aqueles tipinhos de olhos escuros e com cara de rato que são os nativos deste lugar. Agora, ela está no lugar certo. Ao redor, a luta arrefece. Os nativos peludos estão por toda parte, arrancando capacetes das cabeças de stormtroopers, atacando-os mais uma vez antes de arrastá-los de volta através da selva.

Então, um andador imperial de reconhecimento vem trotando pelas árvores. Arbustos se quebram sob seus pés, e as armas permanecem apontadas contra os escudos da casamata. Han Solo emerge, enquanto Leia se coloca contra a porta, com os braços para cima. O droide dourado reclama, um astromec a menos na conta.

Se o andador os explodisse para sempre, e daí? Será que ela conseguiria recuperar o corpo? Conseguir créditos com isso? Reclamar o sucesso?

Aquilo seria um embuste, um que ela prefere não fazer. Jas Emari é uma profissional. E, ainda que ela despreze o Império Galáctico, eles são seus clientes e, se descobrissem... Embora, de repente, ela se pergunte se aquilo importa de fato.

Isso não é problema dela.

A preocupação dela é o presente momento.

Uma oportunidade de terminar o trabalho.

Ela se volta de novo para Leia, colocando-a sob sua mira. Seu dedo se enrola no gatilho como uma cobra faminta, e então...

O barulho de uma bota. Jas abre os olhos e se levanta. Ela se move com rapidez, lembrando-se de quando foi atingida e caiu daquela tirolesa. Ela chegou a atirar um cabo secundário de emergência, *tarde demais*, e sua garra se fixou a uma varanda apenas três andares acima da estrada. O cabo deslocou seu braço do ombro, e então ela balançou e se chocou contra o lado da parede do palácio. Uma parede salpicada de um reboco irregular. Seu braço agora estava todo ralado e a pele, em frangalhos, já com cascas de feridas sobre as cicatrizes.

Isso não importa agora; o que importa, sim, é a pergunta: “Quem é você?”.

Um Sullustano está ali de pé. Um de seus olhos está morto, coberto por uma catarata opalescente e rodeado por uma estrela de tecido cicatricial. Um pequeno nariz de dois orifícios e lábios franzidos se acomodam sob as abas duplas de pele das bochechas. No topo de sua cabeça, um chapéu simples, sem abas e de cor preta, como uma aranha agarrando seu crânio.

– Surat – ela diz.

Ele não está sozinho, é evidente. Seis outros estão de pé atrás dele. São vários bandidos, de diferentes raças: dois Narquois com as armas de raios a postos, um Ithoriano com um fuzil longo e um olho machucado fechado, uma dupla de Duros de rostos cinzentos e, no fundo, um Herglic arfando e fervendo pelo seu buraco de respiração, com a pele negra manchada estufando e silvando porções de ar e saliva. O Herglic tinha um machado, e dos grandes.

Jas Emari se amaldiçoa.

Ela caiu no sono, ali na loja de tranqueiras do rapaz. Tinha vindo até ali e não encontrara Temmin Wexley. Em seguida, enrolou-se em um banco perto de uma mesa, onde havia um tabuleiro de um tipo de... jogo de estratégia infantil.

– Eu sei quem você é – o Sullustano diz. Seu rosto é úmido e grosso, com abas, e seria de se esperar que sua voz fosse como os sons de um gargarejo úmido, ou, como para alguns naturais de Sullust, um grasnar tagarelante. Porém, ela é suave, quase aveludada, com sons graves profundos. – Você é uma caçadora de recompensas, Jas Emari.

– Fico feliz que meu nome seja reconhecido nos ambientes apropriados – ela responde, oferecendo um sorriso rígido, totalmente falso. – O que quer que seja isso, não tem nada a ver comigo. Com licença.

Ela se move para contorná-lo, mas ele dá um passo para o lado, ficando no caminho. O Sullustano levanta um dedo e o balança para a direita e para a esquerda.

– Na-na-não. Podemos conversar?

– Estou no meio de um serviço. Então, a não ser que você tenha alguns créditos pra gastar...

– Por favor, aparentemente você tem tempo o bastante para uma *soneca*. Com certeza pode dispor do luxo de conversar com um amigo. – Era um castigo por ela ter dormido. Um merecido.

– Amigo... Somos amigos?

– Podemos ser. Se você for honesta comigo.

Ela para. Então, suspira e dá um passo para trás.

– Vamos conversar.

– O que traz você aqui? Parece um lugar estranho para se encontrar uma caçadora do seu calibre. Esse garoto... essa loja... – O Sullustano faz uma expressão como se tivesse lambido a extremidade traseira de um bantha. – Está bem abaixo do seu nível.

Ela dá de ombros.

– Eu precisava de peças para minha arma, ele tinha as peças.

– Eu tenho peças.

Um dos Narquois ri.

– Nada contra você, é que é apenas um pequeno componente e, de verdade, abaixo do seu nível. Então, vim aqui.

Surat bate as palmas das mãos, em um som suado. *Clap, clap, clap.*

– Muito bem. Muito bem. – Mas, então, o pequeno sorriso some dos seus lábios franzidos. Ele dá um passo à frente. – Posso dizer qual é a minha teoria?

Jas é boa em ler linguagem corporal. Um talento que foi praticado com o tempo, um dos muitos sentidos que ela se esforça para manter afiados, como uma faca. Todo o corpo do gângster fica tenso naquele instante. Seus olhos se estreitam e se arregalam de novo. Paranoia sangra dele, em ondas, uma característica que não é incomum em indivíduos na sua posição. Decerto que ser *líder de um sindicato do crime* é uma vida repleta de ameaças quase constantes. A vida dela é similar. Mas ela sabe não ceder a isso. Paranoia é uma emoção que pode ser mortal.

Mortal para você e para quem estiver ao seu redor, também.

– O que quer que esteja pensando...

– Estou pensando que esse verme insolente do Temmin Wexley decidiu ter um plano. Ele orquestrou o roubo de... algo importante para mim. E agora ele quer acabar comigo. – Mais um passo à frente. – É um trilobita habilidoso, esse aí. Esperto, ou pelo menos esperto o suficiente. Ele chega até você de ladinho, como fez comigo no ano passado. *Mordiscando* meu negócio pelas bordas, como um dragão-larva sibilante de Sullust, mastigando nossos jardins subterrâneos, comendo as raízes das nossas árvores. – As abas úmidas do rosto do gângster tremem. – Você! Ele contratou *você* para me matar.

Aí está a paranoia.

– Você está sendo paranoico – ela diz.

– Paranoia me manteve vivo até hoje. Até mesmo quando ela se mostra equivocada, eu prefiro me manter alegremente paranoico, e não me arrependo. Melhor prevenir que remediar.

– Não estou aqui para matá-lo.

– É o que você diz. Eu deixo você ir e é provável que ganhe um tiro na minha nuca antes que deite para dormir esta noite.

Jas pensa: *se eu quisesse acabar com você, poderia fazer isso aqui e agora.* Nas suas costas está preso um pequeno estilete. A lâmina pularia com o apertar do botão. Ela é rápida, mais rápida que ele. Mas suspeita de que não seja mais rápida que os companheiros dele. E certamente não é mais rápida que as armas deles. Outra opção é fugir: abaixar, esquivar, fintar, movimentar. Atacar o bando, não ele. Distrair, arremessar lixo. Mas eles estão bloqueando a porta de saída. E ela está cansada e contundida; não é uma situação ideal.

Ela faz os cálculos e apenas uma opção se apresenta. Uma solução excruciante, na verdade, mas ela não consegue pensar em outra escolha razoável.

– Não estou aqui por você, estou por outra pessoa. O pagamento é bom, posso incluir você, repassar 25%.

– Caramba. – Ele se abana. – 25%? – Sua boca se torce em uma curva azeda. – Você acha que sua vida vale isso?

Acabe com ele.

Não.

– Sessenta pra mim, quarenta pra você – ela oferece. – E você me ajuda a chegar perto do alvo. Nesse nível, espero que meus parceiros façam por merecer seus pagamentos. – Uma afirmação verdadeira; ou seria, se ela trabalhasse com *parceiros*.

– Deixe-me adivinhar, o alvo é imperial? Estou vendo o que acontece lá fora. Stormtroopers nas ruas, oficiais cacarejando por aí como pequenos pássaros cinzentos, caças TIE, transportes. – Ele sorri. – O boato é que um transporte desse porte, de designação lambda, atirou contra o prédio do capitólio.

– Então você vai ajudar.

– Pelas estrelas, *não*. O Império é um aliado. Acha que eu não sei? Você não está mais firmando contratos com eles. Ou com tipos como eu. Você é como um cãozinho fiel agora, na coleira da Aliança. Isso é bem deprimente.

Os músculos dela se contraem; isso não está funcionando. Ela faz uma última tentativa:

– Você precisa observar as estrelas, Surat. A galáxia está rodando sobre seu eixo, está se virando contra o Império. Não aposte suas fichas nessa nave, porque ela está prestes a cair. A Nova República...

– É um bastião de idiotas! – ele grita de repente, e sua saliva malcheirosa mancha as bochechas dela. Ela dá meia-volta...

Um raio vindo de um dos Narquois a acerta pelo flanco. Seus pés derrapam e ela cai sobre a mesa cheia de pecinhas. Metal faz barulho contra o chão, enquanto ela desliza. Seu corpo fica indolente, e sua mente de súbito se desconecta dos músculos. Um tiro atordoante, não para matar.

Surat fica de pé diante dela, com as mãos cruzadas à sua frente enquanto ele fervilha:

– A Nova República não vai dar espaço a pessoas como eu. Não vou ser extinto nas mãos de um bando de gente moralista que faz o bem. O Império permite que eu faça o meu trabalho, então continua sendo meu amigo. E, agora, ao que parece, tenho um novo presente para esse meu amigo.

Ele bate as palmas de novo e de repente seus capangas a levantam do chão. O Herglic a joga por cima do seu ombro escorregadio e cartilaginoso. Jas quer que suas mãos se mexam, ou suas pernas ou seus *dentes*, que seja. Qualquer coisa. Mas é tudo em vão; seus esforços são inúteis.

E, conforme eles a carregam, ela pensa: *Você deveria ter me matado*.

Sinjir vai da luz que evanesce do dia para dentro de um frio, úmido e subterrâneo... bem, como isso pode ser chamado? É provável que seja uma cantina, pelo menos em parte. O nome pendurado na porta do lado de fora

diz: O Alcazar. Mas é mais que apenas uma cantina. Pela sua aparência, é também uma casa de apostas. E um lugar de baixa reputação. Provavelmente também um local para o comércio de escravos, para o mercado negro, todo um maldito complexo. Há ali um palco elevado, em que uma turma de supostos *músicos* está tocando. Ao longo da parede mais distante está um grande bar preto, esculpido em algum pedaço de madeira encontrado à deriva; em todo o resto do lugar, veem-se mesas de jogadores, todos rezando por um pouco de sorte, seja em uma partida de pazaak, rolando sheg-knuckles ou puxando a alavanca no jogo do Contrabandista Maneta.

Jogatina. Sinjir nunca entendeu isso. Antes, ele tinha que tomar medidas punitivas contra qualquer soldado imperial, ou mesmo oficial, que tentasse jogar nos beliches, na bagunça que vinha depois de um longo e solitário turno. Ele decidira que jogatina não tinha nada a ver com os créditos. Era sempre a respeito do risco.

O risco e a excitação que vinha com ele.

Sinjir não gosta nem um pouco dessa excitação.

E ele quer sair desse planeta o quanto antes.

– Vamos, Ogly – ele diz, apressando seu novo amigo.

– Orgadomo.

– Isso mesmo. Vamos tomar alguma coisa. – Sua própria hidratação está começando a secar e desgastar; agora é uma boa hora para se repor esse sentimento agradável. E, claro, conseguir algumas informações. Ele pega uma ponta do lekku na cabeça do Twi'lek e o puxa até o bar, dando um tapa suado no balcão.

O barman, um humano tão desgrenhado quanto um Wookiee e, ainda assim, de alguma forma tão viscoso quanto um worrt, se vira, mastigando algum tipo de folha verde. Um líquido igualmente verde escorre para baixo do queixo, e ele lambe o único dente bom na boca.

– Que foi?

– Duas bebidas. Eu quero... – Sinjir se vira para o Twi'lek. – Você primeiro, amigo. O que vai beber?

– Ahn... Uma cerveja tipo ale?

O Twi'lek parece nervoso.

Sinjir faz uma careta.

– Ele quer uma ale. Eu preciso de algo mais forte. Você tem, deixe-me ver, conhaque de fruta de Jogan?

– Em que tipo de lugar chique você acha que está? – o atendente ronca. – Tenho cerveja. Mais cerveja. Grog, e fogo de estrela 'skee.

– Quero esse último aí, então. Uma dose de 'skee pra mim.

O atendente resmunga. Começa derramando algo marrom e enlameado em um copo, antes de deslizar uma garrafa de cerveja espumante para o Twi'lek.

– São dez créditos.

Sinjir pega o pulso do homem com gentileza e a pele dele é, como a aparência sugere, suada e viscosa. O interpelado dá uma olhada venenosa para Sinjir, enquanto outro fio de fluido verde escorre pelo seu queixo. Sinjir ri, larga a mão dele e diz:

– Mais uma coisa.

– Diga.

– Eu preciso ver o homem responsável por este estabelecimento. Surat Nuat.

– Precisa, é?

– Sim, e eu pago.

O barman olha ao redor.

– Então vamos dizer que sejam cem créditos.

Sinjir estremece. *É uma boa grana para uma bebida.* Ele se recorda de que agora isso também vale uma *fuga*. Ele tira os créditos do bolso e desliza o pequeno monte torpe de ganância para o outro lado da mesa.

– Agora – ele diz –, onde posso encontrá-lo?

O atendente coloca um grande sorriso em seu rosto desagradável. Um sorriso que mais parece uma mancha de lama ao longo da parede.

– Ele está vindo pela porta agora mesmo.

Sinjir suspira, vira e olha.

Um Sullustano vem pela porta. Tem um olho esbranquiçado e o olhar presunçoso e satisfeito. Ele é seguido por um bando de marginais e bandidos. O jeito como as pessoas se viram para ele, uma mistura de admiração genuína e medo absoluto, diz a Sinjir que esse alienígena é o cara. Aquele é, de fato, Surat Nuat.

Ele está prestes a se virar e pedir seus créditos de volta, mas então vê alguém mais.

Uma mulher. Uma Zabrak... ou Dathomiriana? Ou Iridoniana? Não tem certeza da distinção, se é que existe uma. Aqueles olhos pálidos, as tatuagens escuras formando espirais e nós nas bochechas, sobrancelhas e queixo.

Ele fica sem ar...

Sinjir está ali parado, com samambaias até os quadris. Uma árvore caída no solo mole e esponjoso de Endor. Diante dele, um rebelde. Morto. As roupas do homem – colete, poncho e calças camufladas – agora estão no corpo de Sinjir. Ele coloca o capacete também, pisca e engole em seco, tentando focar a mente.

Uma gota de sangue escorre da cabeça de Sinjir até o fim de seu nariz, ficando lá pendurada até que ele a assoe. Seus ouvidos ainda zunem por causa da explosão dos geradores de escudos.

Suas mãos estão sujas com terra e sangue. Sangue dele próprio.

Cortes superficiais, ele diz a si mesmo. Nada muito profundo; ele não está morrendo. Pelo menos, não hoje.

Então, ouve o barulho de um galho se partindo.

Ele se vira, e lá está ela. Uma alienígena. Espinhos afiados formam uma coroa na sua pele azul cor do luar. Ela se vira e o vê. As tatuagens no rosto dela – espirais

e nós em tinta preta – quase parecem se mexer e se enrolar, como cobras se entrelaçando em outras cobras. Mas, quando ele pisca de novo, o movimento para. Apenas uma ilusão. Ele ainda está abalado; talvez ela nem seja real.

Ela assente para ele.

Ele responde.

E, então, ela arranca algo como uma videira e toda uma faixa de rede de tecido aparece do meio de gravetos e cobertores, parecendo estar lá com o objetivo de esconder algo bem à vista. Debaixo daquilo, uma speederbike.

A mulher joga um fuzil para as costas e dá uma última olhada para ele.

Então, o motor da speederbike liga e ela vai embora, assobiando através da vegetação rasteira e entre as árvores.

Ele a conhece.

– Eu sei quem ela é – diz, baixo o bastante para que apenas seu novo amigo escute.

O Twi'lek dá grunhidos confusos.

– *Ela* – Sinjir esclarece. – Aquela ali, com os capangas de Surat. – *Eu a vi na lua de Endor*, ele quase diz. – Eu não a conheço-conheço. Deixa pra lá, vamos.

Ele pula para fora do banco...

Então, volta rapidinho para o balcão e vira o 'skee de uma vez. É como beber puro laser, que desce queimando. Sinjir se chacoalha e vai atrás de Surat e sua comitiva.



C A P Í T U L O

11

Pela janela, contra o escuro infinito, um droide de reparos passa cambaleando, carregando pedaços de sucata, com o fogo da sua solda oscilando por um longo tubo preto. Mesmo após tantos meses, o *Lar Um* ainda requer alguns reparos, por causa da batalha de Endor. Ackbar pensa: *Que bom que vencemos aquela batalha.* Era a última tentativa deles. Eles apostaram tudo. E quase perderam tudo. Graças às estrelas, aos mares, a todos os deuses e heróis, de alguma forma, *de algum jeito*, eles conseguiram.

Ele limpa a garganta com um pigarro. Chegou a hora. Com a mão membranosa, ele pega a garrafa de plástico, aperta hidratante na palma e então esfrega no pescoço, nos ombros e ao longo de cada braço.

Um suspiro profundo.

Em seguida, está de novo sob ataque. Ele se move com rapidez, pegando o kar-shak – um bastão com rede, uma tradicional arma dos Mon Calamaris – e gira ao seu redor, no quarto acolchoado. Um stormtrooper entra, com um fuzil de raios em punho.

Ackbar dá grunhidos de raiva, girando o kar-shak para acertar o stormtrooper no capacete. A ponta afiada do bastão é como um anzol. Faz um barulho conforme se movimenta livremente pelo ar, indo direto até o capacete imperial branco.

Ao passar por ele, o bastão interrompe o holograma por apenas um momento...

E então o stormtrooper está de volta, e o inimigo de Ackbar tomba.

Um segundo inimigo vem para cima, e em seguida um terceiro. Ackbar prende a cabeça de um na rede e o lança contra o outro. Os hologramas somem novamente, e então voltam à vida logo antes de caírem.

Um, dois, e agora três stormtroopers entram pelos projetores do canto e...

Alguém dá uma tossida e Ackbar para.

– Pausa! – ele grita. O trio de soldados fica congelado no ar, cintilante.

Ali na porta há um jovem, um cadete.

– Senhor – ele diz, com um pouco de medo brilhando nos olhos. Mas permanece parado firme, da mesma maneira. Queixo para cima e para a frente, com as mãos segurando uma tela contra o peito. – Se essa não for a melhor hora...

– Deltura, não é?

– Alferes Deltura, sim, senhor.

– Não, agora é uma hora apropriada – Ackbar rosna, e baixa o seu bastão. – Devo assumir que isso é importante, alferes?

– Correto.

– E por que não é a comandante Agate a trazer isso para mim?

– Ela está ocupada com os reparos, senhor.

Ackbar pigarreia, e então dá um passo à frente. Seus dedos afiados se juntam.

– Muito bem, vamos ver.

Deltura entrega a tela. O almirante dá uma olhada e seus grandes olhos amarelos se voltam ao alferes.

– Tem certeza disso?

– Sim, senhor. O capitão Antilles ainda não deu sinal, e seu comunicador não responde. Não conseguimos sequer rastreá-lo.

– Qual é sua última localização conhecida?

– Raydonia.

– E não encontrou nada lá.

– Não, senhor.

– E vou arriscar um palpite de que não estamos certos sobre qual foi o último salto dele. Correto?

O alferes balança a cabeça em uma negativa, porque não era assim que Wedge queria fazer isso, não é? O capitão Antilles não viu problema em fazer algumas patrulhas de reconhecimento na velocidade da luz. Ele disse que seriam como “férias”, só ele e o starhopper. Sozinho, com seus pensamentos.

Ackbar pensa: *Eu o avisei.*

Tenho certeza de que não vou encontrar nada, Wedge disse na ocasião.

Você não sabe disso. Ninguém quer encontrar casualmente um poço de enguias, Ackbar ponderou. *Mas acontece.*

Só estou fazendo o meu dever. Será ótimo, respondeu Wedge.

– Ótimo... – murmura o comandante.

Mais uma limpada de garganta barulhenta. O alferes diz:

– Os cinco mundos mais próximos de Raydonia podem oferecer um vislumbre de onde o capitão Antilles estaria em seguida. – Na tela, surge a lista dos cinco planetas: Mustafar, Geonosis, Dermos, Akiva e Tatooine. Poderia ser qualquer um deles, eles sabiam que o Império tinha caído. – Mustafar faz algum sentido, bem como Geonosis...

Deltura olha para ele, querendo dizer mais alguma coisa.

Ackbar aguarda, dizendo:

– O que foi?

– Tem mais coisa.

– E?

– Algo a mais do que há na tela.

– Fale logo, alferes. Eu não gosto desse tipo de rodeios.

– Temos informações de inteligência. Do Operador.

Ackbar chega mais perto de Deltura.

– E como *você* sabe a respeito do Operador? Isso é informação confidencial, alferes.

– A comandante Agate me esclareceu.

– A comandante Agate parece confiar em você.

– Espero que sim – responde Deltura, com um leve aceno de cabeça.

– Então, eu também confio. Qual é a informação?

Quando Deltura conta a ele, Ackbar sente a umidade sair do seu corpo. O ar da nave é mantido tão úmido quanto possível, afinal é um veículo Mon Calamari, mas ele sente de súbito seus ossos ficarem secos, desidratados. Sente-se mais uma vez à beira de algo maior, algo *perigoso*. Como se houvesse sombras ocultas ao seu redor.

– Tem certeza disso?

– Não. Não temos espiões conhecidos nessa região.

– Estou velho – Ackbar diz, subitamente, olhando para o vazio. – A razão pela qual faço isso, treinando o meu kotas com o meu kar-shak, é querer continuar em forma, flexível e em vantagem contra meus inimigos. Sei que um dia vou falhar, e quase falhamos em Endor. Fomos apressados e descuidados. Quase perdemos tudo.

Um momento de silêncio entre eles. As narinas do Mon Calamari se dilatam.

– Senhor...

– Sim, sim, mande batedores para cada um desses planetas. Mas mande *dois* para Akiva. Temos que ter certeza do que está acontecendo antes de nos comprometer com algo.

– Senhor, sim, senhor. – Deltura bate continência.

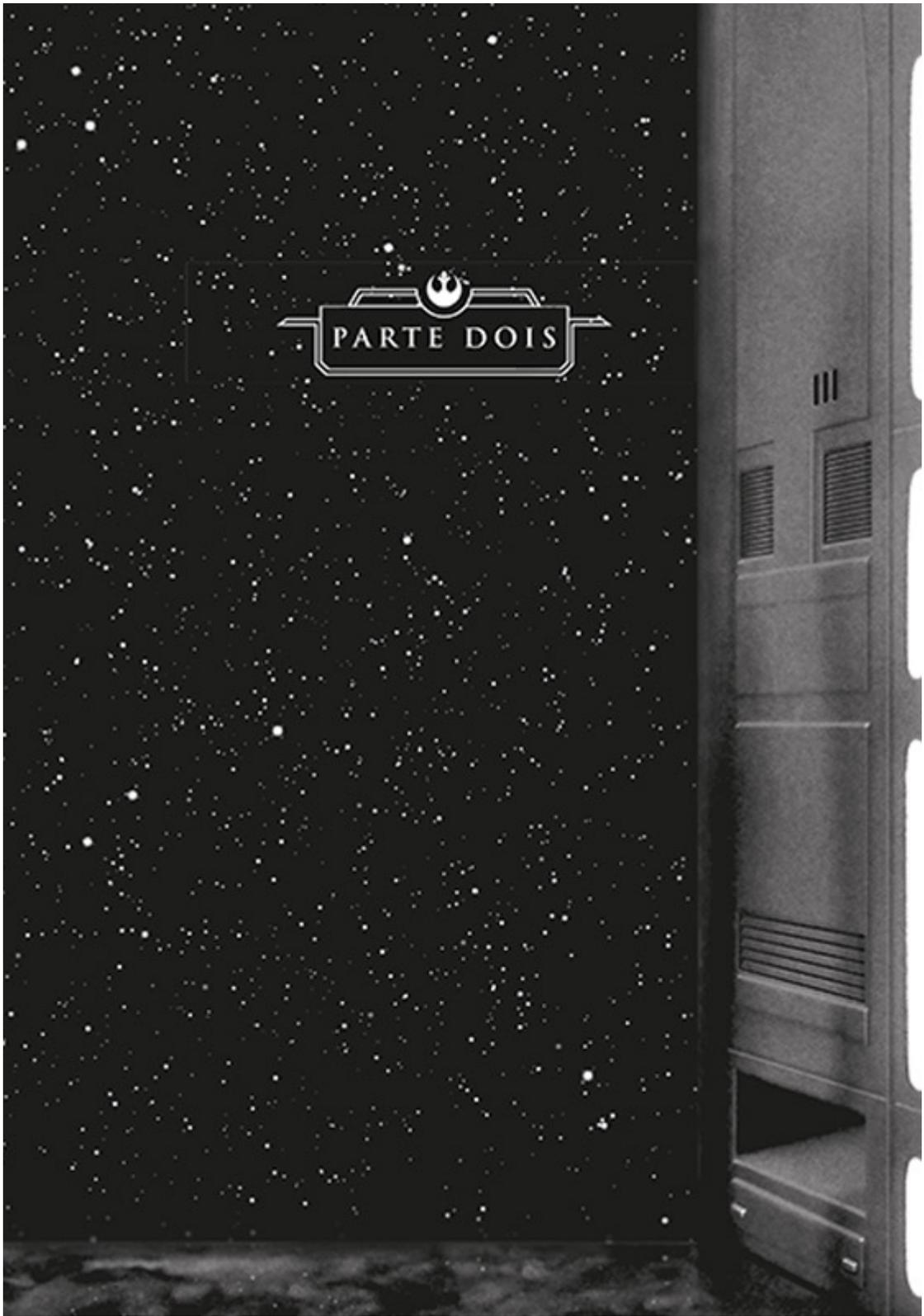
Quando o alferes sai, Ackbar fica sozinho de novo. E ele sente por um momento todo o peso da galáxia em seus ombros, de verdade. Uma ilusão, é claro. Ele não é o porta-estandarte da Nova República, e nada depende dele. Mas a pressão continua igual.

E, com isso, um pensamento preocupante persiste: desde que vinha atuando como informante junto ao Império, o autointitulado Operador ainda não os havia enviado para um lugar errado. Sua prospecção de rotas e comboios imperiais vulneráveis, bem como o fornecimento de uma lista de governadores e de outros líderes galácticos que poderiam vir a trair o Império, foram de grande ajuda.

Então, por que Ackbar não consegue se livrar do sentimento de que estão sendo levados para uma armadilha?



PARTE DOIS





C A P Í T U L O

12

– *Temos um problema.*

Alguém balança Temmin até que ele acorde. Ele arfa, sentando-se na cama no recanto no andar de cima de sua casa. Trovões ribombam como canhões do lado de fora, como naves no céu destruindo umas às outras; raios cortam o céu como fogo. É um mausim, uma velha palavra de Akiva para uma das tempestades anuais que se precipitam e sinalizam o início da estação chuvosa. As nuvens escurecem e se apertam sobre a cidade como um laço. Uma tempestade mausim pode durar dias, até mesmo semanas, inundando a cidade com chuvas fortes e parando o trânsito com vendavais.

Temmin funga e esfrega os olhos. É o pai dele, que para e lhe dá um beijo na testa.

– *Papai... o... que tá acontecendo?*

Uma voz vinda da porta: mamãe.

– *Brentin. O que é isso?*

– *Sinto muito. Sinto mesmo... – Papai responde.*

Lá em baixo, uma batida na porta.

Então, outro ribombar de um trovão, e Brentin para e abraça forte o filho.

– *Temmin, preciso que você seja bom com sua mãe. Me prometa isso.*

Temmin pisca, ainda sonolento.

– *Papai, do que você está falando...*

Mamãe está ali agora, de pé do lado da cama, com um rosto preocupado revelando-se a cada raio de luz. Lá embaixo, mais batidas na porta, e então os visitantes mostram impaciência, entrando na casa. Mamãe grita. Brentin repete para o filho:

– Me prometa isso.

– Eu... prometo.

Seu pai lhe dá um último abraço.

– Norra. Me ajude com isso...

Ele corre até a janela, uma janela coberta com ripas de uma persiana metálica, feita para manter a tempestade do lado de fora. Se o vento quebrasse o vidro, as persianas reagiriam, fechando-se e selando todo o lugar. Os dois vão naquela direção, puxando cada um de um lado as alavancas que mantêm a persiana na moldura da janela.

– Brentin, o que está acontecendo? – mamãe pergunta.

– Eles estão vindo atrás de mim, não de você. De mim.

Vozes. O estalo de um comunicador. Passos. De repente, outros estão no aposento: um par de stormtroopers, com suas armaduras brancas. Surge também o uniforme preto de um oficial do Império. Todos gritam, com armas para cima. Papai diz que irá com eles, pacificamente. Temmin grita. Mamãe se coloca entre os soldados e papai com as mãos para cima, e um deles acerta sua cabeça com a coronha da arma.

Ela grita e cai. Papai salta, xingando-os de monstros e batendo os punhos contra um dos capacetes...

Em seguida, um disparo de uma arma de raios. Papai grita e cai. Eles começam a puxá-lo. Mamãe engatinha atrás deles, e o oficial de preto fica para trás, inclina-se e enfia um datapad na cara dela.

– Mandado de prisão para Brentin Lore Wexley. Escória rebelde.

Ela agarra sua bota e ele a afasta para se libertar.

Temmin vai até a mãe. Ela está em choque, caída no chão, chorando. Tristeza e medo são sobrepujados por uma súbita onda de raiva. Temmin se levanta, desce as escadas e vê que já levaram seu pai pela porta. Arrastado debaixo de chuva, pela rua, onde a água espirra das poças conforme os soldados pisam nelas. Temmin se lança para fora, em direção ao dolorido chicoteio da chuva, e tudo parece um pesadelo, como se nada daquilo pudesse ser real, como se o céu tivesse se aberto para que todo o mal saísse de uma vez. Porém, isso é real.

Ele grita para que parem. O oficial se vira e ri, enquanto os dois stormtroopers jogam o pai dele na parte de trás de um bala-bala, um dos pequenos speeders usados para navegar nos apertados canais e ruas de Myrra.

O oficial saca sua pistola.

– Parem – Temmin diz, e a voz parece mais a de um animal em sofrimento do que a sua própria. – Por favor.

O oficial aponta a arma de raios.

– Não se intrometa, garoto. Seu pai é um criminoso. Deixe a justiça seguir o seu caminho.

– Isso não é justiça.

– Dê mais um passo e você vai ver o que é justiça.

Temmin começa a dar um passo...

Mas um par de mãos o pega pelo meio do corpo, levantando-o do chão. Temmin chuta e grita, enquanto sua mãe fala em seu ouvido:

– Temmin, não, shhh, não desse jeito. Volte pra dentro! Pra dentro!

– Eu vou matar vocês! – ele grita, embora nem saiba para quem. – Prometo que vou matar vocês por causa disso!

– Temos um problema.

Sua mãe está falando em seu ouvido.

Sussurrando.

– Que-que-foi? – ele solta abruptamente, com a boca seca e pegajosa.

– Shhh – ela o silencia. – Estamos em perigo.

Ele dá um suspiro. Tenta se orientar. Compartimento de carga de uma pequena nave. Talvez um cargueiro. Design corelliano. Eles estão atrás de uma pilha de engradados de carbono em um pallet. Um hoverpallet, é o que parece, embora agora esteja desligado e recostado contra o chão de metal da nave.

Então, ele espia: um corpo.

Um homem morto, virado de lado. Metade do seu rosto é marcada por cicatrizes, com crateras com queimaduras antigas. Os olhos dele perderam o brilho.

À esquerda, a porta do compartimento de carga e descarga, grande o bastante para um trio desses engradados, dispostos lado a lado. À direita, uma porta selada, que deve levar ao resto da nave, como a casamata, o posto de tiro, a cabine de pilotagem, a ponte.

Para além daquela porta, o som de um comunicador tagarela. E é possível ouvir vozes vindo de alto-falantes de capacetes.

– Stormtroopers – ele diz, com a voz baixa.

Ele tenta se lembrar do que aconteceu, de como ele chegou até ali. É como tentar pinçar nuvens com os dedos. Mas, então, a memória começa a ficar mais clara. Ele estava nas catacumbas, mas não muito para dentro. Apenas lá, sentado. Discutia com a mãe, então virou-se para voltar e...

Ela enfiou algo em seu pescoço.

Sua mãe começa a dizer algo, mas ele sussurra:

– Você me trouxe aqui!

– Eu precisei. – Há sobressalto nos olhos dela.

– Oh. Você *precisou*?

– Nós *temos* que sair deste planeta, Tem.

– Onde está o Ossudo? E onde nós estamos?

– Seu droide? – ela pergunta, soando quase irritada. – Eu sei lá. *Nós* estamos em uma nave. Na periferia, próximo à estrada de Akar.

Deuses, quão longe ela o tinha levado? Todo o caminho até ali? Perto dos cânions e dos complexos de templos antigos? O pânico se apodera dele. *Minha loja, minhas mercadorias, meus droides.*

– Esse é o piloto. – Ela aponta para o homem morto. – Ele ia nos levar para longe daqui. O lugar estava fervendo de stormtroopers, então me esgueirei com você para dentro e o encontrei assim, já morto. Os stormtroopers voltaram... não sei por quê. Uma segunda varredura, talvez procurando por contrabando.

Estavam procurando por nós, ele pensa.

– Precisamos pegar a nave e fugir – a mãe continua. – Podemos fazer isso. Juntos. Preciso que você seja o navegador... não temos um astromec. – Ela deve ter notado o olhar dele, porque completa: – Deixe que eu guie você.

Ela lhe dá a mão e aperta.

Ele se agita, dizendo:

– Eu *não posso* sair daqui. Esta é a minha casa.

– Temos uma nova casa, agora.

– Você não pode chegar e me sequestrar...

– Posso, porque sou sua *mãe*.

Milhares de respostas irritadas passam pela cabeça dele, como cães correndo atrás dos próprios rabos, mas agora não é hora disso.

– Eu... tenho um plano – ele diz. Não é uma mentira. Não mesmo.

– Pode falar.

– Fique aqui e espere o meu sinal.

Ela começa um protesto, mas ele se apressa, saindo de trás dos engradados e indo em direção à porta da cabine. Perto da porta há um painel. Ele lança um olhar para a mãe, que o encara com uma expressão interrogativa.

Sinto muito são as duas palavras que ele balbucia para ela, em silêncio.

Seus olhos se arregalam assim que ela percebe.

Tenho um plano, só que é um de que você não vai gostar.

Ele aperta rápido alguns botões no painel da parede, acionando as dobradiças pneumáticas do compartimento de carga, que abrem a porta do compartimento de carga e fazem descer uma rampa lentamente, colocando-a contra o solo de forma tão gentil quanto uma mãe ninando seu bebê. Mas Temmin não tem tempo para isso. Ele apressa os pistões com um silvo alto e a rampa cai, com um ressoante *bang*.

Do lado de fora há uma pista rachada e quebrada, com raízes e brotos subindo pelo concreto, floresta e cidade se misturando.

E stormtroopers.

Todo um esquadrão de stormtroopers.

Eles parecem surpresos; não estão em formação, nem prontos para a batalha. Estão circulando de boqueira, parados em pé, mexendo em arbustos ou quebrando engradados abertos.

Isso dá a Temmin uma oportunidade.

Ele grita, correndo para a frente, batendo o ombro contra o pallet cheio de engradados. Com um empurrão rápido do joelho, ele aciona o botão do puxador do pallet e a coisa de pronto sai do chão, flutuando alguns centímetros sobre o compartimento de carga. Sua mãe se apressa na direção dele.

Porém, ela é muito lenta.

Temmin vai para frente, empurrando a pilha flutuante para fora do compartimento de carga com o ombro. Ele se esconde atrás dela, protegendo-se do fuzilamento de raios que se segue. Sua mãe o chama, mas tudo o que ele consegue pensar é: *Essa foi uma ideia bem estúpida*.

– Algum problema? – Surat Nuat pergunta.

Sinjir cruzou o andar da jogatina, esbarrando em lançadores de dados e mãos de cartas até que estivesse diante do gângster Sullustano. E agora esse gângster está ali parado, medindo-o com seu único olho bom. Sinjir sente-se de repente dissecado, como um inseto desmembrado pelos dedos cruéis de uma criança. O

sentimento só fica mais intenso pelo som de armas de raios apontadas em sua direção, prontas para disparar.

Pessoas engolem em seco por toda parte. A música para. Olhos observam. Sinjir sente seu novo “amigo” Twi’lek tremendo atrás dele.

Ele limpa a garganta e sorri.

– Nenhum – diz Sinjir. – Sem problema algum. Uma súplica educada, se tanto. Posso apelar para o seu... – Que palavra seria satisfatória para esse bandido presunçoso? O que poderia acariciar o ego do Sullustano? Um ego que com certeza é tão inflado quanto uma carcaça de shaak deixada no sol. – Para a sua graça ilimitada, a sua vasta sabedoria e o seu poder eterno?

Surat aperta os lábios.

– Você tem eloquência e modos. Eu gosto disso. Mesmo com seu nojento nariz humano cheio de ranho. Então, faça seu apelo, mas seja rápido.

A mente de Sinjir funciona a mil por hora: *Apenas vá embora. Isso não tem nada a ver com você. Ela não é ninguém que importe. Vocês não se conhecem! Tiveram um momento juntos, um único momento. Momentos não significam nada. Fuja, como você faz tão bem.*

Mas e a mulher? A Zabrak está olhando para ele. E ele pode só estar imaginando, mas... Aquilo é reconhecimento nos olhos dela? Como se examinasse algo que lhe é familiar?

Como que para confirmar seus pensamentos, ela lhe dá um leve aceno de cabeça.

Para Surat, Sinjir diz:

– A mulher é sua para ser vendida?

– É, sim – Surat confirma, franzindo os lábios com alegria.

– Então gostaria de comprá-la. Eu pagaria muito bem...

– O processo – Surat interrompe – para um espécime desse tipo teria de ser um leilão. Dessa forma, maximizam-se os esforços e se garante que todos os interessados tenham uma chance.

– Então eu pago a mais para tirá-los da jogada.

Surat levanta a mão.

– Isso não importa, pois não haverá leilão para esta aqui. Já temos um comprador. A não ser que você ache que pode igualar os cofres infinitos do Império Galáctico.

O coração de Sinjir se aperta no peito, mas ele se recusa a mostrar medo e desapontamento. Em vez disso, bate palmas e abre um largo sorriso.

– Então, deve ter tido alguma confusão... algum ruído na comunicação. Veja bem, eu sou *do* Império Galáctico. Um emissário. Sou o agente de lealdade Sinjir Rath Velus, designado na última vez para a base-escudo imperial em Endor, e agora aqui em Akiva como parte de uma... missão diplomática. Eles não disseram que eu estava chegando? Costumávamos ser tão *eficientes* antes desses malditos quebrarem nosso brinquedo favorito. Eu peço desculpas, mas estou aqui para...

– Eu ainda não informei ao Império a respeito desse prêmio – Surat diz.

– O quê? Não entendi.

– Eles não sabem que eu capturei esta daqui. – O gângster aponta para a mulher. – Talvez você tenha um Jedi com você, que tenha previsto minha ligação... Ou talvez você, agente de lealdade Sinjir Rath Velus, seja um tipo de feiticeiro, em posse de grande poder de clarividência?

– Bem, tenho meus talentos.

– Ou talvez você seja um rebelde... ou apenas um pilantra. Isso importa?

Sinjir engole em seco, força um sorriso e diz:

– Eu lhe asseguro que...

Surat faz uma careta.

– Acabem com ele! – o gângster late.

Os capangas de Surat começam a atirar.

– Temos um problema, almirante – diz Adea Rite.

Sloane vai em direção ao salão do palácio, que tem paredes com retratos emoldurados em ouro de sátrapas do passado: a cara gosmenta e caída do sátrapa Mongo Hingo; a aparência doente e amarelada do sátrapa Tin Withrafisp; a imponente e bela figura do jovem sátrapa Kade Hingo, um jovem governador que morreu muito cedo (a história oficial diz que por *assassinato*, mas por baixo dos panos é dito que foi *doença venérea*). Sloane para e diz:

– Que tipo de problema? Devo lembrar que estou indo para uma reunião que pode restaurar ou quebrar a espinha dorsal do Império e deixar a galáxia desgovernada.

Oh, a expressão de medo que surge no rosto da pobre garota... É como o sol sendo coberto por nuvens. Sloane sente uma pequena alfinetada de vergonha por causa disso. Qualquer que seja o problema, é improvável que seja culpa da garota. Mesmo assim, para mérito dela, Adea invoca toda a coragem que tem após respirar fundo.

– Duas naves batedoras rebeldes – Adea diz. Mais uma para mérito dela: isso é dito em voz baixa. Ninguém sabe quem mais pode estar ouvindo.

– Onde? Aqui? Sobre este planeta?

– Sim. Tothwin alega que ambos são rebeldes designados como A-wings – responde, após um pequeno aceno de cabeça.

Isso está acontecendo muito rápido.

– E o que aconteceu com eles?

Não que importe muito.

Adea responde:

– Ambas foram destruídas antes de voltar ao hiperspaço.

Rae estremece.

– Os outros destróieres estelares viram?

– Acho que não. Pelo menos não indicaram que tenham visto. As naves chegaram a estibordo, longe dos outros dois destróieres. A distância entre elas e os destróieres sugere que não poderiam vê-las.

Isso poderia lhes dar um pouco mais de tempo. Se esses A-wings tivessem conseguido voltar e reportar o que viram, a rapidez de um ataque rebelde contra o bloqueio que tinham estabelecido poderia ser impressionante. Porém, já que os A-wings não podem voltar, os rebeldes não terão nenhuma informação útil. Isso lhes dará um tempo. Os A-wings poderiam até ter sido destruídos por um ataque imperial, sim. Ou por uma nuvem de oort volátil. Ou um campo de destroços inesperado. A frota rebelde agiria com cautela.

Independentemente disso, ela agora tem um novo problema: deve contar tudo aos outros? Ela poderia tentar suplantar a autoridade deles. Nem Shale nem Pandion eram almirantes. *Tecnicamente*, nenhum deles tinha a autoridade para comandar os movimentos de frota como Sloane faz. Mas cada um deles ainda estava no comando de um destróier estelar, e as regras no momento não eram tão claras sobre quem tinha mesmo a *autoridade apropriada* para fazer qualquer coisa.

Se ela tentar passá-los para trás...

Eles tentarão o mesmo com ela. Um golpe, talvez.

Então, a reunião se tornaria uma disputa totalmente diferente.

Sloane se segura para não soltar um palavrão.

– Certo – ela diz, e agradece sua assistente.

Sloane marcha em direção ao primeiro fatídico encontro da cúpula.

– Qual é o problema em... *ei!*

Norra vai em direção à voz e vê que ela pertence a um stormtrooper, um dos três em pé diante da porta entre a área de carga e descarga e a maior parte da nave. Os três entram, com fuzis de raios armados e engatilhados.

Temmin, por que você fugiu?

E uma voz menor dentro dela responde: *Porque você não deu nenhuma escolha a ele.*

Do lado de fora da nave, depois da porta de carga e onde ela não consegue ver, Norra escuta o som de uma batalha: fuzis de raios e homens gritando em alarme.

– Lá! – um dos stormtroopers diz, encontrando-a.

O trio vai na direção dela, apontando e fazendo gestos com as armas.

– Parada.

– Levante-se – diz o terceiro.

Norra se levanta devagar. A arma de raios na sua cintura parece pesada, como se carregasse com ela um grande propósito e um grande risco. Sua mão coça com a vontade de pegar a arma, sacá-la, arriscar-se. O sangue bombeia em seus ouvidos, como um rio de raiva e medo. Tudo tinha voltado: eles estavam chutando a porta da sua casa, os soldados imperiais arrastavam seu marido para longe da cama do seu filho, o stormtrooper batia na cabeça dela com a coronha do fuzil.

Ela pensa: *Você é rápida, e os cabeças de balde são lentos. Arrisque.*

Um dos soldados se vira em direção à baia de embarque e desembarque. Ele se sobressalta, pego de surpresa, e por um momento ela não sabe por quê.

– Cuidado! – ele começa a dizer, e então o disparo de raio o lança contra a parede. Os outros dois se separam, respondendo com fogo, mas é tarde demais para eles também...

Uma speederbike entra com tudo pela porta da baia e derrapa conforme faz isso, com sua parte traseira deslizando com força e acertando os outros dois stormtroopers na altura dos joelhos. Eles gritam enquanto são varridos pelo veículo, que os derruba no chão.

Temmin levanta a aba do seu novo capacete com o polegar.

– Vamos embora! – ele diz. – *Vamos, vamos, vamos.*

Norra respira profundamente e salta para cima da speeder, atrás de Temmin, que inclina sua pegada no guidão para a frente. O veículo decola como um foguete de prótons.

– Temos um... – Rae começa a dizer.

Pandion completa:

– Um problema, sim, pode-se dizer que sim. Ouvi que o capitão Antilles não está respondendo ainda a nenhum de nossos... esforços.

Tashu, que chegou tarde, usando uma máscara estranha de metal vermelho, uma que parecia bem demoníaca, gira a máscara (agora, contra a mesa) com a mão.

– Não se preocupe, moff Pandion. Minhas técnicas levam tempo, mas fui treinado pelos melhores. A antiga arte Sith de...

– É *grão-moff* – Pandion interrompe –, e devo lembrá-lo de que os Sith estão todos mortos, e que você não carrega a magia deles com você.

– *O problema* – Rae responde, colocando alguma centelha em sua voz – é que o destróier *Vigilância* encontrou duas naves rebeldes batedoras do tipo A-wing. Acabamos com ambas...

Arsin Crassus se levanta. O homem, já mais branco que pó-de-arroz, fica quase translúcido. Pânico enrola sua língua, que se aperta enquanto ele gagueja:

– Os rebeldes virão atrás de nós. Temos que acabar com esta reunião imediatamente, não sou nenhum guerreiro, apenas um mercador...

– Sente-se – Rae diz.

Crassus hesita, esfregando os polegares contra os dedos, em um tique nervoso.

Pandion diz:

– Não seja covarde, Crassus. *Sente-se*.

Crassus senta-se, então. Embora, como Sloane nota, apenas o faça quando Pandion dá a ordem.

– Eu tenho um plano – ela diz. – Ainda que não pareça muito convencional.

– Estamos ouvindo – Jylia Shale diz, inclinando-se para a frente.

– Quero levar os destróieres estelares para o hiperspaço. Não muito longe, mas longe do alcance tanto dos sensores ópticos como dos de varredura.

– Isso vai nos deixar expostos! – Crassus diz.

– Se os rebeldes não encontrarem nada aqui, irão embora. Eles não têm tempo nem recursos para monitorar um território atrasado da periferia como este aqui. Mas se virem um trio de destróieres estelares imperiais...

Pandion se recosta em sua cadeira, de forma zombeteira.

– Aparentemente, estou em uma *mesa* cheia de covardes. Deixe-me colocar uma solução alternativa, almirante. Você controla a frota do *Dilacerador*. Nosso último superdestróier estelar. E você tem ali... bem, quantas naves? Sequer sabemos. Uma quantidade desconhecida, escondida como os brinquedos favoritos de uma criança mimada. – Nesse momento, ele vai para a frente e aponta um dedo acusador. – Talvez tenha chegado a hora de *dividir*, almirante. Traga sua frota para a frente. Não vamos fugir com o rabo entre as pernas. Vamos fazer de *outro jeito*. Expor nossa presença. Os rebeldes que vierem aqui cutucar vão descobrir que mexeram em um ninho de vespas.

– Não – a general Shale diz, batendo na mesa com a sua pequena e enrugada mão. A velha expressa uma negativa firme com a cabeça. – Nenhum de nós está pronto para isso. Esse é um jogo de chatta-ragul. Todas as peças estão no tabuleiro, queiramos ou não. Agentes, batedores, cavaleiros, todo o caminho até os pontífices, o alcazar, a imperatriz. Você nunca deve mover a imperatriz a não ser que não tenha nenhuma outra escolha. Esta foi a falha de Palpatine com a grande estação de batalha: a Estrela da Morte era nossa imperatriz. Nós a movemos muito rápido: um gambito de chatta-ragul que falhou de forma espetacular.

– Chega de rodeios – Pandion diz. – Isso não é um jogo.

– Isso é um jogo – Jylia diz, rangendo os dentes. – É um jogo de apostas muito altas, no qual devemos antecipar os movimentos do nosso oponente. O cabeça da frota da Nova República é o grão-almirante Ackbar. Ele é um gênio

da tática. Um guerreiro mental. Mas ele não vai entrar rápido nisso aqui. Um rebelde desaparecido, e, então, outros dois abatidos: ele vai temer que algo esteja acontecendo, que essa possa ser outra armadilha que estamos armando para ele. Mas, sem nenhuma informação, ele vai hesitar antes de mandar mais um rebelde para o túmulo. Seu próximo movimento será mandar uma nave não tripulada.

– Ou um droide – Rae diz.

– Sim. Sim! Uma sonda de longo alcance, é provável. Mandada por uma nave mantida à distância, perto o bastante para uma varredura, o que significa: e se mantivermos as naves aqui? O droide será totalmente desnecessário. E essa nave estará fora do alcance das nossas armas. Ela irá pular pelo hiperespaço, e Ackbar irá mobilizar sua tropa. Uma nova guerra aberta se seguirá a isso. Uma batalha que não podemos nos dar ao luxo de perder, porque, como devo lembrar a vocês, estamos gastando recursos a uma velocidade maior do que conseguimos produzir. Perdemos naves, fábricas de armas, de droides, de minas, depósitos de combustível. Querem arriscar mais? Não poderemos pagar essa dívida.

– *Covardes* – Pandion se irrita, levantando-se tão rápido que sua cadeira quase cai atrás dele. – O *Dilacerador* é uma arma poderosa, e Sloane está sentada sobre ele como uma galinha nuna gorda sobre um ninho de ovos já chocados. – Ele aponta para Crassus e Tashu. – Esta é uma reunião em que cada voz conta, não é? Então, pergunto a vocês dois: no que vocês votam? Somos o Império ou um bando de franguinhos, cacarejando e gemendo no escuro? O que me dizem?

Crass aquiesce.

– Digo para movermos esse superdestróier estelar. Devemos atacar. – Ele desajeitadamente empurra um punho na palma de sua mão aberta.

Rae diz:

– Crassus já admitiu que não é nenhum guerreiro. Apenas um mercador, não é, Arsin? Vai ouvir o conselho dele?

Tashu fala, adiantando-se ao próximo rompante de Pandion.

– Vou dizer o seguinte: os Sith são mestres na arte de enganar. Não é covardia se esconder nas sombras e atacar quando seu inimigo passar. Concordo com a almirante.

Sloane assente com a cabeça.

– Isso dá dois em três. Moveremos os destróieres.

– Não – Pandion diz. – Uma dessas naves está sob meu comando. E eu não vou tirá-la daqui.

O desafio em seus olhos brilha como fogo estelar. Isso está acontecendo antes do que Sloane esperava; ela sempre soube que um deles, provavelmente Valco Pandion, iria testá-la. Tudo bem. Ela marcha ao redor da mesa e chega perto dele, e os dois ficam cara a cara.

– Sou a almirante dessa frota. Você não tem a autoridade, autodeclarada ou não, para comandar uma nave contra o movimento de suas companheiras. Você não tem autoridade para me contrariar nesse assunto.

Pandion sorri.

– E se eu fizer isso, de qualquer jeito?

– Então, a *Vigilância* vai derrubar sua nave, e as peças dela vão chover sobre nós. Será assim que o Império vai acabar, com nós nos destruindo uns aos outros, como ratos enlouquecidos pela fome, ratos que devorarão uns aos outros em vez de se juntar para caçar uma refeição adequada.

– Posso pegar minha nave e voar para algum sistema distante...

– Voar? – ela pergunta. – Você quer fugir. Então, *você é* o covarde.

Pandion dá uma pequena respirada, um leve engasgo.

Eu peguei você.

Por enquanto.

– Almirante – ele diz, com seu tom mudando subitamente. Ele ainda oferece um sorriso pálido e inclina a cabeça. – Estou apenas bancando o advogado do Império. É natural que se queira ir a fundo no assunto para entendê-lo bem, e assim eu aprecio que você tenha me deixado desafiá-la dessa forma. Faça como achar melhor.

Ela assente com a cabeça. Uma vitória temporária, ela pensa. Porém, Pandion está fazendo exatamente o que ela pretende fazer com a tropa que paira acima de Akiva: está recuando no momento, com a esperança de voltar a lutar outro dia. O que foi que Tashu disse? *Esconder-se nas sombras e atacar quando seu inimigo passar.*

Parece que temos mesmo um problema, afinal, Sinjir pensa, esquivando-se de disparos de raios e saltando, correndo por entre mesas de jogatina. Ele chuta uma pilha de notas no ar, e o jogador, algum degenerado pastor de nerf como uma cara suada e gosmenta, sai para tentar reaver suas notas perdidas, tomando um raio nas costas pelo incômodo. Sinjir derruba um monte de dados de outra mesa e, então, quase tropeça em uma roleta antes de dar um último pique...

Ele tromba com o balcão do bar com a barriga e o ar sai do seu pulmão. Disparos de raios acertam a madeira e mandam pelos ares garrafas e copos, que se estilhaçam. Sinjir solta um *uff*, mas ainda consegue se levantar e pular para o outro lado do balcão, segurando os braços acima da cabeça para proteger seu crânio das coisas que caem do bar.

Então, tudo fica em silêncio.

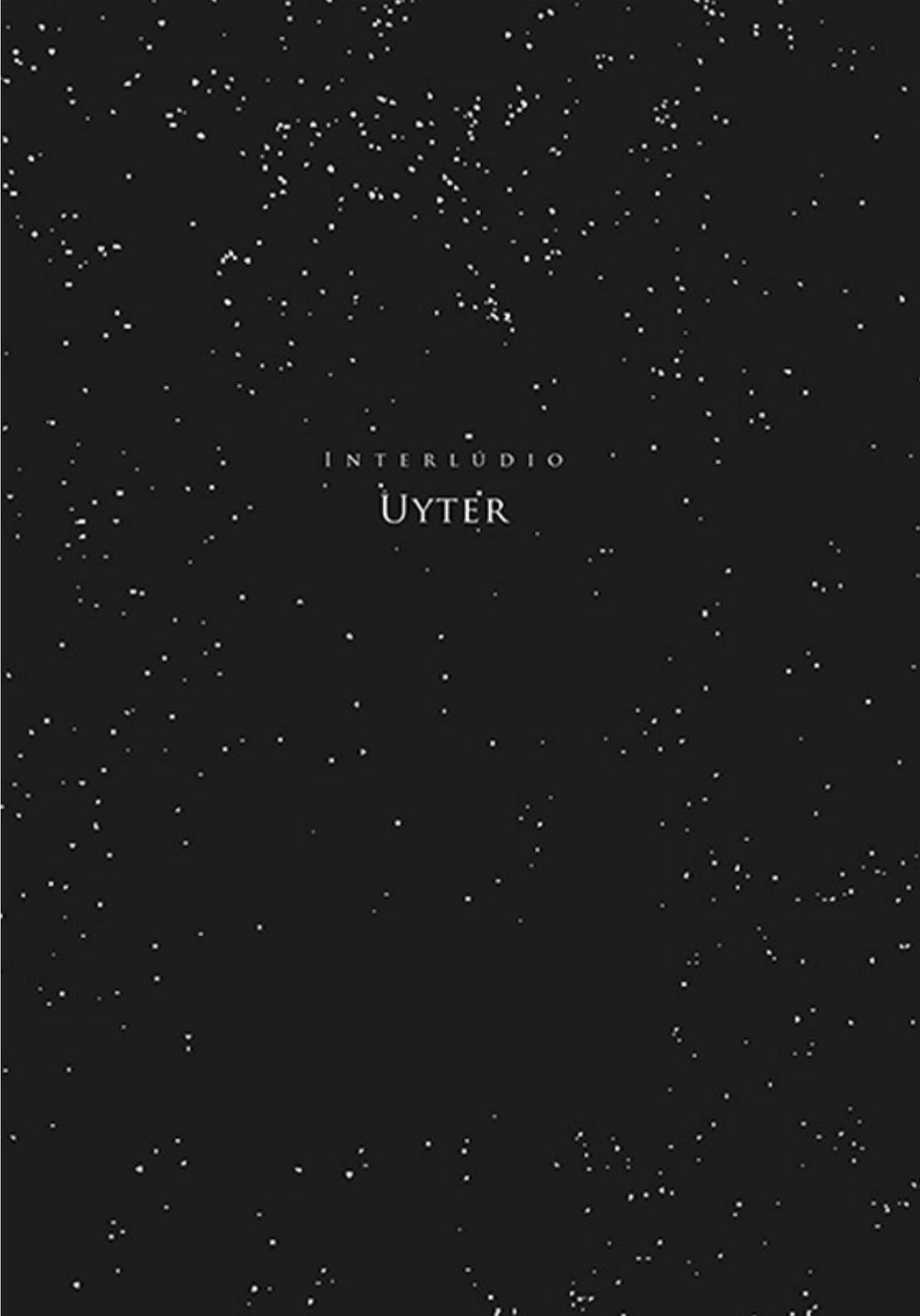
Ele pensa: *acabou?*

Uma sombra desce sobre ele.

O barman olha para baixo com um sorrisinho na cara. Seu queixo ainda está verde com o sumo da planta que ele continua a mastigar.

– Você tem um problema – o barman diz.

Então, o atendente desce um soco como um meteoro. Ele acerta Sinjir como o pistão de uma porta de baia com defeito, e seus olhos rolam para trás enquanto ele perde o equilíbrio e cai em direção à inconsciência.



INTERLÚDIO
UYTER

– Temos um problema – o motorista diz.

O jovem Pade vê a fumaça por sobre as montanhas muito antes de enxergar o que está causando isso. Ainda assim, o garoto certamente pode imaginar o que é.

Ele olha ao redor, para os outros recrutas, ou recrutas em potencial. Eles estão todos cochichando a respeito daquilo, agora. Murmurando e abrindo a janela do transporte para olhar para fora.

O motorista do hoverbus, um Nimbanel cheio de bigodes e pelos faciais, com um focinho largo, olha para trás com olhos que parecem lustrosos sob suas grandes sobrancelhas. O Nimbanel diz a Pade e aos outros rapazes:

– Vocês... Digam a eles que eu não trabalho para o Império. Sou apenas um motorista! Você todos sabem disso, certo?

– Pode ir, senhor – Pade diz. – Vire o veículo e nos leve até lá.

O Nimbanel xinga baixinho.

Um dos outros garotos, atarracado, com cabelo escuro e áspero e o rosto salpicado de manchas, vira-se para encarar o assento de Pade.

– Você acha que estamos prontos para isso?

– Não sei – Pade dá de ombros. – Vamos ver no que dá.

Ele faz uma cara de durão. O que é uma mentira, pois ele também está com medo.

O hoverbus continua, seguindo pelas estradas esburacadas de Uytter. Há montanhas em ambos os lados, com grama que um dia foi verde, mas que agora é pálida e quebradiça. E logo, enfiada entre aqueles montes, surge a Academia Imperial de stormtroopers.

O lugar está queimando. Ou melhor, tinha queimado. Metade da Academia foi aberta pelas mãos dilacerantes do velho fogo, e agora uma fumaça preta é projetada de lá.

No chão há uma dúzia de stormtroopers mortos. Entre eles, outros homens e mulheres que não são imperiais, pois usam coletes simples e cintos de

utilidade. Eles têm em mãos fuzis e armas de raio. Todos os meninos no ônibus se inclinam para fora e olham. Eles, como Pade, nunca tinham visto armas tão de perto. Veem forcados e chaves inglesas e alguns instrumentos pouco eficazes aqui e ali. A maioria deles é de fazendeiros, originários dos mundos periféricos. Alguns deles, recrutados por oficiais. Outros, como Pade, apenas... mandados embora.

Mandados para cá.

Para um lugar que não é mais um lugar.

O hoverbus para quando um dos homens – *um dos rebeldes*, Pade pensa – coloca-se na frente do veículo. A porta se abre e o Nimbanel pula para fora, mas os rapazes continuam sentados, sem ter certeza do que devem fazer. Pade pensa em parecer durão, descendo do hoverbus também.

O Nimbanel e o rebelde, um homem com barba malfeita e uma cicatriz em todo o lado de seu pescoço, estão discutindo. O Nimbanel balança as mãos e diz:

– Não, não, esses garotos não são minha responsabilidade. Não! Eu não vou levá-los de volta, não sou pago para...

– Senhor – o rebelde diz –, como pode ver, a Academia Imperial está fechada. Não é mais um lugar para crianças...

E, então, ele vê Pade ali, de pé. O homem se afasta do motorista e olha para baixo.

– Senhor – Pade diz.

– Filho – o homem diz –, vamos colocá-lo de volta no hoverbus e levá-lo para casa mais rápido que dois balanços de um rabo de nerf...

– Não quero voltar para casa.

– Que seja, aqui não é o seu lar.

– O meu lar não é em lugar nenhum, então. Meus pais me chutaram de casa e se mudaram quando eu não estava olhando. Fugiram para ser nômades em algum lugar. Para mim, é a Academia Imperial ou nada.

O rebelde pondera sobre isso. Ele olha para as colinas, depois para o Nimbanel, para o hoverbus e de volta para Pade.

– O que você fará se não puder ficar aqui?

– Já disse, não vou a parte alguma. – Pade se inclina e baixa a voz. – Vocês mataram as crianças nesta Academia? Os stormtroopers bebês?

– O quê? Pelas estrelas, não.

– O que fizeram com elas?

– Quer mesmo se meter nisso, moleque?

– Talvez tenha sido por isso que os meus pais quiseram se livrar de mim.

O homem suspira e se ajoelha.

– Algumas dessas crianças vão voltar pra casa. Algumas foram mandadas para a nova Academia, em Chandrila. Se tiverem a idade apropriada, vamos levá-las e ensiná-las a serem soldados, caso queiram se juntar à causa. Do contrário, elas voltam para os pais, ou vão para orfanatos.

Pade levanta o queixo.

– Então é para onde eu quero ir, também. Para a nova Academia.

– Hmm... – O homem cerra os olhos. – Certo. Aqui está. – Ele mete a mão no bolso e puxa um punhado de créditos. Então, se volta e os coloca na mão do Nimbanel. A Pade, ele diz: – A Cidade Central ainda está na folha de pagamento do Império, então certifique-se de que ele levará vocês por Riverbreaker. O transporte parte amanhã de manhã da cidade de Hanna. Esteja lá.

– Obrigado, senhor. – Pade assente com a cabeça.

– Outros meninos são bem-vindos para pegar essa carona, também. Diga a eles.

– Direi. – Pade se vira e diz por sobre os ombros: – Obrigado. Que a Força esteja com você, senhor.

– Com você também, garoto. Com você também.



C A P Í T U L O

13

É uma coisa estranha ser pai ou mãe de alguém. Uma mãe cria a criança com a expectativa de que é trabalho dela ensinar a criança a fazer... tudo, basicamente. Como comer, viver, respirar, trabalhar, brincar, *existir*. Uma mãe aconselha o filho a como lidar com colegas valentões, ou quais ruas são seguras ou não, ou como dirigir um bala-bala sem bater contra a parede. Os pais e mães ensinam essas coisas porque a criança precisa aprender. Porque a criança não é capaz. Não por culpa dela, claro. As crianças nascem como folhas de papel em branco. É trabalho dos pais escrever nelas as primeiras coisas, que sirvam como um manual de instruções. É trabalho deles garantir que a criança não *morra* tentando descobrir como se *vive*.

É difícil sair desse *modus operandi*. Difícil perceber quando uma criança sai do seu manto de ignorância e começa a entender como as coisas são feitas.

Ou apenas como *ser*.

E, agora, Norra não está percebendo isso.

Porque seu filho está prestes a matá-los, tanto a ela como a si mesmo.

Ela sobe na speederbike e Temmin se lança para fora da baía de carga e descarga da *Mariposa* como um morcego-jogan com as asas pegando fogo. Ela puxa o braço dele e aponta em direção à selva. A floresta tropical é espessa, e é fácil se perder lá dentro. Esses stormtroopers não estão prontos para esse tipo de terreno, não são pilotos de speeder propriamente ditos. Entre as árvores e as

trepadeiras, Temmin e Norra poderão desaparecer. Talvez até se abrigar em um cânion.

Mas Temmin não obedece.

Obedecer, ao que parece, não é mais seu forte. Ele costumava ser obediente, um *bom garoto*. Sempre teimoso, certo de tudo, mas ouvia sua mãe, ouvia os conselhos dela, fazia o que ela mandava.

Isso tinha mudado completamente. Ela diz para ir para a selva, ele vai por outro caminho. Temmin manda a speeder de volta para a *cidade*.

As ruas são muito estreitas! Eles podem tomar algumas das principais vias, sim – com a speeder pela CBD ou cruzando a Principal 66 –, mas a primeira estará lotada de gente e a segunda, afogada de veículos e gado. Ela tenta gritar com ele novamente, procurando fazê-lo voltar e seguir em direção à floresta tropical, mas ele a ignora...

Logo quando disparos de raios espalham pedra e lama ao redor deles.

Um olhar sobre o ombro revela duas speederbikes vindo rápido.

Os stormtroopers estão curvados para a frente, acelerando as speeders ao máximo. Disparos vermelhos de armas de raios cauterizam o ar, vindos de baixo das pás de direção, na linha de frente de cada veículo. Ela grita no ouvido de Temmin:

– Cuidado!

Ele lhe dá um leve aceno de cabeça e corta com a speeder bruscamente para a direita. Segue ao longo de um pequeno acostamento, e, em seguida, abaixo deles surge um caminho de concreto rachado que os leva direto a uma pista sinuosa.

Paredes passam chicoteando de cada lado. Norra sente a respiração presa em seus pulmões. Apenas alguns centímetros para um lado ou outro e eles estão acabados. Se ela se mover *um pouquinho*, a parede vai esmigalhar o seu joelho ou o seu cotovelo como um macrolixadeira, e isso será o fim deles. De repente,

a speeder salta por cima de um conjunto de cercas de arame, atravessando a pista.

Atrás deles, ambas as speeders em perseguição conseguem dar o mesmo salto. Uma depois da outra, e agora em uma fila, não muito perto uma da outra. O que significa que agora apenas uma pode disparar o seu canhão. Um movimento astuto do seu filho. *Talvez.*

Contanto que eles não morram por fazer um movimento muito brusco.

Temmin de fato faz uma curva fechada, ao redor da beirada de um edifício octogonal. Um velho banco, ela pensa, o que significa que eles estão indo em direção aos mercados, na avenida CBD. Lá é um lugar mais amplo para se dirigir, mas mais perigoso também. Todas aquelas pessoas vão complicar a equação. Serão como asteroides flutuando no espaço aberto, e a última coisa que ela quer ver é o que vai acontecer quando eles se chocarem com algum mercador ou vendedor de folhas quilka, transformando-o em uma mancha vermelha no asfalto.

À frente, entre uma pilha de caixas, o caminho para a CBD.

Disparos de raios acertam as caixas. Eles pulam sobre elas e sacolejam.

A entrada aparece... E Temmin não a pega, continuando reto.

À frente, uma parede baixa. Um *beco sem saída*, com apenas uma pilha de lixo, mais montes de fios, mais engradados, um pedaço de chapa ondulada de alumínio.

– Temmin! *Temmin!* – Ela começa a gritar o nome do filho, mas ele apenas responde levantando o polegar.

– Confie em mim! – ele grita de volta.

Confiar no filho.

Confiar nele para tomar as decisões corretas.

Confiar que ele não vai se matar, nem matá-la ou matar os dois stormtroopers na sua cola.

A parede se aproxima rápido: caixas, fios, e metal.

E, então, ela percebe: ele não está indo reto.

Ele os está levando direto para *cima*.

Um rápido tiro da arma de raios na frente da speeder deles e o alumínio dá um pulo, deslizando um pouco para a esquerda, criando uma rampa no nível em que eles estão. Ele vira a speeder *só um pouco*, e a próxima coisa de que Norra se dá conta é que seu estômago ficou para trás, em algum lugar a três metros atrás deles, lá no chão.

Norra sente seu filho ficar tenso. E, então, os impulsionadores turbo os empurram para a frente, com força e velocidade.

A speeder se lança pela rampa, por sobre as caixas e ao longo da parte de cima da pequena parede recortada, com o concreto moldado em contornos ondulados. E a speeder segue essas ondulações como se fosse um barco pulando sobre o mar revolto. Eles passam rápido pelas depressões, o suficiente para revirar o estômago, e Norra segura firme por sua vida.

Atrás deles, um dos stormtroopers tenta fazer o mesmo.

A folha frontal pega na borda da parede, e a parte de trás do veículo se vira para cima e para o outro lado. O stormtrooper grita ao ser arremessado para a frente enquanto a speeder cai em cima dele. Tudo explode em uma bola de fogo.

A outra speeder consegue pular através do fogo da primeira e ruge, com o canhão em plena forma, salpicando o ar em torno deles com disparos de raios.

Temmin corta para a direita, levando a speeder para uma prancha no canto, passando da parede baixa para outra mais alta de uma casa com um jardim decrepito na cobertura, há muito tempo não utilizado. Eles passam zunindo por um Lutrillian flácido, inchado e desgrenhado, sentado em uma cadeira de jardim meio quebrada, com um anfíbio meio comido na mão. Ele mal nota quando eles passam.

Temmin, ela percebe, não planeja descer ao nível da rua. Ele pretende usar os telhados, claro. Quando se quer viajar por Myrra, a maioria usa as ruas. Mas

Temmin e seus amigos sempre usaram os telhados, saltando de prédio em prédio de uma forma que faria Norra quebrar o tornozelo como se fosse um galho seco. Temmin e os outros deixavam tábuas e folhas de lata preparadas. Cordas e postes de equilíbrio, também.

Ele conhece bem os telhados dessa cidade.

E algo ocorre a ela: é provável que essa não seja a primeira vez que ele leva uma speederbike lá pra cima.

Seu filho, Norra nota, é um ótimo piloto.

E uma voz menor a repreende: *Tão imprudente quanto você, além disso.*

De repente, cai uma chuva de faíscas sobre eles. Seu cóccix vibra quando o raio acerta os grampos atrás da speeder deles. O veículo começa a oscilar e a derrapar, conforme atravessam outro conjunto de pranchas, rumo a um telhado ainda mais alto. Temmin, porém, consegue manter tudo firme.

Ele se estica para trás e segura as mãos da mãe, puxando-a para frente, colocando as mãos dela nas alavancas de controle.

– Sua vez! – ele grita. Em seguida, o garoto começa a se contorcer para passar por baixo do braço dela.

– Como é? – ela grita de volta, em pânico.

À frente, um poste de metal se projeta para fora de uma estufa, formando um ângulo de 45°. Quando Temmin consegue chegar na parte de trás da speeder, deixando-a no controle, ele grita:

– Nos encontramos na casa da tia Esmelle!

Temmin, não!

Ele pula da speeder.

Ela continua em frente, passando por um pavimento de metal duro entre um telhado e outro. Norra pensa em pisar nos freios, mas fazer isso agora? Ela perderia muita aceleração. Provavelmente iria bater a extremidade dianteira da speeder na borda da parede e capotar por cima dela.

Então, faz o que é possível. Ela acelera.

Atrás, vê o filho girando no poste de metal como se fosse um trapezista de circo – *Quando foi que ele aprendeu a fazer isso?* – para, em seguida, balançar de volta para baixo, caindo bem atrás do stormtrooper na speeder imperial.

Norra dá um pulo, chega a outro telhado e então *freia*.

A speeder protesta por causa da rápida desaceleração. Ela ergue os controles de manobra para que o veículo derrape até parar, paralelamente à borda do telhado...

Seu coração para quando ela vê, no telhado, o stormtrooper. Deitado de costas e parado.

E, na outra direção, a nova speeder de Temmin desaparece de volta pelo caminho de onde tinham vindo.

Norra rilha os dentes e dá a volta com o veículo. Ela não pilota uma speeder há anos, e tudo parece desajeitado. E, mesmo quando ela consegue impulsionar aquilo para a frente de novo, a ideia bate nela como um soco no queixo:

Eu o perdi.



C A P Í T U L O

14

Trovões estrangulam os céus de Myrra, e relâmpagos passam rapidamente entre os conjuntos de nuvens escuras, como a língua de um costa-de-orvalho. A escuridão tinha se estabelecido, e com ela veio a chuva. Norra encara a janela, cujo vidro circular é castigado pela torrente de água. A cada barulho e raio, Norra se sobressalta.

– Tenho certeza de que ele está bem – diz sua irmã, Esmelle.

Esmelle é mais velha que ela em um bom número de anos. Quando Norra nasceu, Esmelle já circulava pela cidade com sua própria gangue de arruaceiros. Ela perdera muito desse lado rebelde desde então; agora, é uma mulher contente, sentada em sua casa em Orchard Hill, como se esperasse a morte para se unir aos demais túmulos que beiram a estrada acima. Túmulos debaixo de árvores frutíferas: PARA QUE POSSAMOS COMER AQUELES QUE PERDEMOS E NOS LEMBRAR DELES, como diz uma placa no portão para o pomar. Essa ideia sempre revirou o estômago de Norra.

Ela se vira para encontrar Esmelle. Tenta conter a raiva, mas está nervosa, no limite, e sente estar perdendo o controle.

– Sério? Por que acha isso?

Esmelle, leve como uma pluma, é só sorrisos.

– Ele sempre fica bem.

– Sim, ele fica bem. Perfeita e completamente *bem*. Bem como o fato de ele não viver aqui com você, de você ter deixado que ele vivesse na nossa velha casa. E de você ter permitido que ele transformasse o lugar em um pequeno mercado negro, onde ele é ameaçado por... por *criminosos*, onde rouba e vende *sabe-se lá o quê*, onde...

Esmelle, sempre sorrindo, dá um tapinha no ombro da irmã.

– Norra, querida, você devia se orgulhar dele. Você o criou para ser inteligente. *Independente*. Não pode ficar brava por ele seguir seus ensinamentos.

Norra solta um riso oco e amargo.

– Não estou brava com ele, Esme. Estou irritada com *você*. Eu o deixei com você, que deveria ter cuidado do meu filho. E agora descobro que você desistiu disso. Você sequer tentou?

– Se eu tentei? – O sorriso desaparece do rosto de Esmelle como a última folha de uma árvore chacoalhada por uma tempestade. Seus olhos se estreitam. *Que bom*, pensa Norra. *Chegou a hora de botar tudo pra fora*. – Devo lembrá-la, querida Norra, que *você* foi embora. Eu fui mais esperta e não fui atrás de uma cruzada estúpida pela galáxia, como você fez, optando por se responsabilizar por outras pessoas em vez de cuidar do próprio filho. E... – Esmelle emite um som exasperado, *pfah!* – Se você se questiona por que seu menino gosta da companhia de criminosos, devo lembrá-la de que seu próprio marido era...

– Não. – Norra levanta a mão.

Esmelle pisca e engole em seco, como se tivesse percebido que dançou até a beira de um precipício, que agora está se desfazendo sob seus pés.

– Estou apenas dizendo que a última memória que ele tem do pai é vê-lo sendo arrastado na rua como um criminoso qualquer.

– Brentin era um *homem bom*. Ele transmitia mensagens para a Rebelião antes mesmo de *existir* uma Rebelião. E agora há mais que isso; há um novo

amanhecer, um novo dia, uma Nova República. Em parte graças a pessoas como *ele*.

Esmelle funga.

– Sim. E suponho que você se considere uma heroína, também. Salvou a galáxia, mas perdeu o seu filho. Valeu a pena, querida irmã?

Por que você... Sua víbora do cânion venenosa...

A esposa de Esmelle, Shirene, entra na conversa. Ela segura o cotovelo de Esmelle com o seu próprio e dá um beijo na bochecha dela.

– Esme, que tal um chá quente? Deixei o termojarro no topo da prateleira da cozinha.

– Sim, isso parece bom. Vou... Vou fazer o chá. – Esmelle oferece um sorriso rígido e em seguida o dissipa, como de hábito.

Shirene suspira. Ela é, de muitas formas, o oposto de Esmelle, que é magra, alta e pálida como um fantasma. Shirene é roliça, macia como uma almofada, com a pele tão escura quanto um punhado de terra revirada. Seu cabelo é curto, encaracolado e rente ao crânio; o de Esmelle é longo, como uma cascata prateada que cai pelas costas.

– Shirene, você não precisa se meter nisso...

Shirene estala a língua.

– Por favor, Norra, eu estou dentro disso. Estou envolvida. Eu amo Temmin como se ele fosse meu próprio filho. Mas o que você precisa perceber é que ele *não é* nosso filho. – Norra começa a protestar, mas Shirene cala a boca dela com um chiado e, de alguma forma, ela tem a habilidade mágica de fazer isso de forma gentil, parecendo algo bem-vindo, leve e necessário. – Não me entenda mal. Só quero dizer que nós nunca estivemos prontas para isso. Para *ele*. Ele tem a *sua* centelha. A sua e a de Brentin. Ele é desafiador *porque é* esperto como uma cobra, astuto como um pássaro. Perdoe Esmelle, me perdoe. Nós apenas não estávamos prontas. E você tinha partido, então que escolha nós tínhamos?

– Eu tinha que ir, tinha que lutar.

– Eu sei, e sinto muito que você nunca tenha encontrado Brentin.

Norra se encolhe com isso. É como levar um tapa na cara. Shirene não quis que suas palavras soassem assim, e o rosto dela diz a Norra que o pensamento é sincero, e não uma cutucada. Mas dói do mesmo jeito.

– Ele não era um criminoso.

– Eu sei disso. E Esmelle também sabe.

Do lado de fora, o céu se divide com o barulho de um trovão. Chuva golpeia a lateral da casa. Comuns nessa época do ano, as tempestades de monção já começaram a ir e vir, inaugurando a estação chuvosa.

– Aqui vai a verdade das estrelas... – Shirene diz. – Temmin cuida mais de nós do que nós cuidamos dele. Ele ajuda a pagar as contas, aparece no começo da semana com uma cesta de frutas e pães, às vezes com carne de wyrg ou um poço daquela salsicha apimentada arguez. Se nosso evaporador ou nossa bomba quebra, ele aparece com peças e ferramentas para consertar. Somos um casal de velhas, e ele cuida muito bem de nós. Vamos sentir a falta dele.

– Vocês podem vir conosco. Essa oferta ainda está de pé...

– *Psst*. Mal ou bem, nos estabelecemos aqui, Norra. Gostamos dessa colina, bem como do pomar na estrada, dos ossos repousando na terra. Mas você deve pegar o seu garoto e levá-lo para um lugar melhor.

Norra suspira.

– Não é como se ele quisesse ir.

– Bem, ele construiu uma vida aqui. Aquela loja dele...

Aquela loja dele.

Aquilo atinge Norra como um feixe de luz.

– Foi pra lá que ele foi – ela diz, sacando tudo. – Temmin nunca planejou voltar para cá, ele voltou para a loja. – *Eu nunca deveria tê-lo tirado de lá, para começo de conversa.*

– Bem, então está tudo bem...

– Não está tudo bem, não. Lembra-se dos criminosos que mencionei? Eles irão atrás dele. Droga! Estou tão envolvida na situação que não fui capaz de prever isso. Os stormtroopers não o pegaram, ele apenas escapou. – Ela suspira e pressiona a parte de baixo das mãos contra os olhos, forte o suficiente para que veja estrelas que cortam e se derretem no preto atrás de suas pálpebras. – Preciso pegar emprestado o bala-bala de vocês.

Shirene dá um sorriso triste.

– Claro, Norra. Qualquer coisa de que precisar.

Maldita chuva!, Temmin pensa. Ele está deitado de costas no telhado da loja de dao-ben, um pão cozido no vapor, do mestre Hyor-ka, que fica de frente para a sua, e, embora esteja sentado sob uma lona, está tão ensopado quanto um rato do deserto que entrou em uma cisterna. A chuva o castiga ali como uma mão divina.

Ele mais uma vez levanta os macrobinóculos contra os olhos, mudando-os para a visão noturna.

Dois dos lacaios de Surat Nuat – um Rodiano barrigudo e um Herglic besuntado em óleo – continuam o que estiveram fazendo na última hora. Eles pegam lixo da loja de Temmin e jogam tudo para a rua, com um barulho de metal contra o solo. E, então, o mesmo par de macacos-lagartos de Kowakian desce do telhado mais próximo a fim de escolher os itens mais brilhantes, antes de fugir mais uma vez, cacarejando como pequenos lunáticos enrugados.

Do lado de dentro, ele escuta mais batidas. Perfurações. Gritos.

Estão tentando descobrir como chegar ao compartimento subterrâneo. Querem aquilo que ele roubou de Surat.

Não que ele saiba *exatamente* o que roubou de Surat.

Imagina que seja uma arma. Tem que ser.

E, o que quer que seja, é *dele* agora. Não daquele Sullustano cabeça-quadrada.

Quando eles abrem a porta, Temmin consegue ver direitinho lá dentro, notando os familiares pés pontudos do seu droide de combate B1: Senhor Ossudo. Os pés estão parados, parecem caídos contra as pernas, o que significa que o droide raquítico está caído e em modo de armazenamento. Pior ainda, Temmin pode ver um leve brilho azul em volta do metal.

Aquilo, ele suspeita, é o brilho de uma fechadura de íons. Isso explica por que Senhor Ossudo não estava respondendo aos chamados. Eles tinham prendido o droide, desligando-o em um campo de íons.

Lance inteligente.

E isso deixa Temmin com uma opção a menos do que antes. Na verdade, o Senhor Ossudo era sua melhor chance de reaver rápido a loja (ainda que de forma temporária): bastava mandar o droide modelo B1 bater em todo mundo para que Temmin pudesse se esgueirar para dentro do compartimento subterrâneo, garantindo, então, a segurança das suas coisas.

Sem essa opção, um caminho mais árduo o esperava: tinha que encontrar uma das entradas para as catacumbas sob a cidade e então serpentear de volta para a loja. Ele conhece o caminho, mas não será rápido. Então, é melhor se apressar. E ele ainda precisa torcer para chegar lá antes que a comitiva descerebrada de Surat descubra como entrar.

Temmin começa a colocar seus binóculos de lado...

Mas o que é aquilo à sua direita? Uma gargalhada estridente.

Ele conhece esse som.

De repente, um flash de movimento; uma forma dispara na direção dele, e um dos macacos-lagartos pega seus binóculos. O demoninho sibila e cospe nele, bicando suas mãos em seguida, e começa a jogar cabo de guerra com a coisa.

– Sai daqui! – Temmin rosna.

Então, algo acerta com força suas costas: o segundo macaco-lagarto.

Esse começa a arranhar suas orelhas e arrancar tufo do seu cabelo, rindo a valer no processo. É distração o bastante para que os binóculos escapem da sua

mão e o macaco-lagarto se gabe disso, deleitando-se com o prêmio conquistado.

Temmin cambaleia até ficar de pé, lançando-se até ele...

O segundo cai no chão e se joga contra Temmin.

Seu tornozelo pega no corpo da criatura, e a cauda dela está ao redor de sua coxa, dando um puxão forte. Em seguida, Temmin cai de perna para o ar, pela beirada do telhado. Ele bate no toldo sobre a loja de dao-ben e rola de lá, caindo em uma poça profunda. *Splash.*

Temmin espalha e cospe água ao levantar. Água escorre por uma pequena cachoeira suja, e o seu cabelo agora está sobre os seus olhos. Temmin tira os cachos dos olhos...

E a ponta curvada de uma lâmina de machado gigante aparece bem na frente das suas narinas, levantando sua cabeça. *Opa, opa, opa!* O Herglic está ali, e sua boca se torce em um sorriso sinistro, com linhas e linhas de dentes serrados rangendo, soltando um barulho similar a uma lixa passando na madeira.

O Herglic grita:

– É o garoto! É o garoto!

Acima, o macaco-lagarto canta e dança.

Ele cambaleia através da floresta. A floresta queima. Pedacos de plantas passam escovando de forma ardente. Um capacete de stormtrooper está ali, carbonizado e meio derretido. Há um pequeno incêndio nas proximidades. A distância, o esqueleto de um andador AT-AT, com o topo aberto por uma explosão, descascado como uma flor de metal, também queima.

Corpos por toda parte.

Alguns deles não têm rostos, não têm nomes. Para ele, pelo menos. Mas há outros que ele conhece, ou conhecia. Ali... o oficial com cara de novato, Cerk Lormin. Bom garoto, sempre ansioso por agradar. Tinha se juntado ao Império porque era algo que se fazia, não por acreditar naquilo, nem de longe. Perto dele estava o

capitão Blevins – esse, sim, acreditava na causa. Era um fanfarrão e um valentão, também. Seu rosto era uma máscara de sangue. Sinjir fica feliz que ele esteja morto. Nos arredores, uma jovem. Ele reconhece o rosto dela no meio da confusão, mas não sabe o seu nome, e a insígnia que indica a sua patente está coberta de sangue. Quem quer que tenha sido, agora ela não é ninguém. Adubo para a floresta. Comida para os Ewoks. Apenas pó estelar e mais nada.

Todos somos pó estelar e mais nada, ele pensa.

Um pensamento absurdo, entretanto. Mas não menos que o que se segue:

Fizemos isto a nós mesmos.

Ele deveria culpar os rebeldes. Mesmo agora ele os pode ouvir aplaudindo. Disparando raios para cima. Aldeões e caipiras. Guerreiros de fazenda e pilotos de encanamentos.

Bom para eles.

Eles merecem essa celebração.

Assim como nós merecemos nossos túmulos.

Uma pedrinha o acorda. *Pop!* Acerta sua cabeça, que parece ter sido esmagada pela perna de um andador imperial, caindo, então, ruidosamente perto do seu rosto, em uma pequena pilha de outras pedras.

Sinjir geme e tenta se levantar.

O chão debaixo dele balança e ele sente como se caísse, embora isso não esteja acontecendo. A vertigem o assalta.

Ele pisca e tenta se orientar.

Está preso em uma apertada jaula de ferro, enferrujada e no formato exato de uma gaiola de passarinhos, exceto pelo fato de ser para uma *pessoa*. Ela está dependurada por uma corrente pesada, de calibre grosso. A corrente sobe por uma rocha irregular e gotejante acima, rumo a um poço longo e escuro. Abaixo dele...

Nada.

Uma fenda enorme, um abismo negro entre paredes escarpadas e molhadas. Paredes mal-iluminadas por braseiros de luz dispostos ao longo de outra, uma parede que ostenta uma passarela de metal estreita, aparafusada na rocha cintilante.

Uma figura anda pelo caminho: um Sakiyano, careca e de pele escura como tinta. O guarda tem na mão o fim de uma coleira, que está presa no seu pulso, amarrada até o cotovelo. E, do outro lado da corda? Uma grande besta de olhos vermelhos, com a pele tão áspera e irregular quanto a parede, uma bocarra estreita com muitos dentes e uma barriga amarelada arrastando-se pelo chão.

– Você está acordado – diz uma voz atrás dele.

Sinjir se sobressalta. Isso faz sua própria gaiola balançar, o que por sua vez faz sua cabeça doer ainda mais. Ele em vão considera vomitar.

Ali, há dúzias de outras gaiolas como a dele.

Apenas duas estão ocupadas. Em uma, há um esqueleto que não é humano, embora humanoide. Algo com um chifre na cabeça. O pouco de pele deixado sobre aqueles ossos se parece com trapos esfarrapados e tiras de couro podre.

Na outra está a Zabrak, a caçadora de recompensas.

Ainda bem que é ela quem está falando, não o esqueleto. Isso seria nojento.

– Você – ele geme. – Era você que estava jogando pedrinhas em mim.

– Sim, eu. Aquela que você tentou comprar.

– Não é do jeito que você está pensando.

– Então como é?

Ele inclina sua frente contra o ferro frio. Água escorre sobre a sua cabeça, indo até a ponta do nariz (*uma gota de sangue escorre da cabeça de Sinjir até o fim de seu nariz, ficando lá pendurada até que ele a assoe: uma memória recorrente que o atinge como um abalo sísmico*).

– Você não se lembra de mim mesmo, não é?

– Não.

Decepção o puxa para baixo como areia movediça.

– Pensei que tínhamos tido um momento especial.

– Claramente não tivemos.

– Endor – ele diz. – Depois de tudo, depois que os rebeldes asseguraram sua vitória, eu... Nós nos vimos.

Ela hesita.

– Oh. Certo.

– Então, você se lembra.

– Acho que sim.

– Bem, vamos lá. Você não acha que isso significa alguma coisa? Que tem algum tipo de significado cósmico nisso? A galáxia tentando nos dizer alguma coisa? Quero dizer, quais são as probabilidades?

Ela funga.

– Não tenho um droide aqui para fazer as contas.

– Vamos assumir que sejam *astronômicas*, então.

– E o que isso significa?

– Eu... Eu não sei, só esperava que significasse algo. – De repente, aparece uma pedrinha no meio da escuridão e o acerta na cabeça. – Ai! Você precisa continuar fazendo isso? Já estou acordado.

– Tudo significa algo, mas nem sempre esse algo *importa*. Eu não acredito em significados cósmicos. Não ligo para a magia da Força ou na sorte que há em se beijar uma moeda e jogá-la em uma fonte. Eu ligo para o que consigo ver, provar, cheirar e, o mais importante, para o que posso fazer. Você não significa nada para mim até significar alguma coisa. Você é um rebelde?

– Sim? – ele diz, mordendo o lábio.

– Por que está aqui?

– Vim para ver Surat e tentar encontrar um jeito de sair desta pedra imunda. Por acaso você viu o que aconteceu com o meu amigo? Aquele que tem caudas na cabeça?

– Eles carregaram o corpo dele depois que levaram você.

– Ele está...

– Morto, sim.

Sinjir fecha os olhos. Faz uma pequena oração sem significado para o idiota ansioso. Qual era o nome dele? *Orgadomie, Orlagummo, Orgie-Borgie...* *Quem quer que você fosse, não merecia isso.*

– Por que *você* está aqui? – ele pergunta, mas a Zabrak ignora a pergunta. Ela estica o pescoço, olhando para fora.

Ele segue o olhar dela. Pelo caminho, o guarda e a criatura na coleira desaparecem dentro de um túnel.

– Estou planejando escapar – ela diz.

– Ah, muito bem. Posso ir junto?

Ela se levanta, fazendo um pequeno movimento com a cabeça. Ele observa os seus dedos deslizando ao longo dos chifres farpados que formam a coroa de espinhos na cabeça da Zabrak. Ela faz uma careta, conforme quebra um deles, produzindo um barulho seco e alto.

Ele diz:

– Isso parece doer.

– Não dói, é falso.

Ela remexe e tira algo do chifre, algo de metal. Como uma chave. Ela começa a usar na fechadura, que faz um clique.

Esperta.

– Você pode vir comigo, se for útil.

– Eu sou muito útil. Um rebelde muito útil, na verdade.

A fechadura abre e a porta se escancara.

– Até agora não ouvi nada que evidencie isso.

Ela salta para fora da gaiola, para trás, pegando a borda com as mãos. Toda a coisa balança para a frente e para trás. A Zabrak balança algumas poucas vezes, então inclina as costas de uma forma que Sinjir tem certeza de que vai quebrar

a espinha dela como um pingente de gelo. Suas pernas balançam o suficiente para que seus pés cheguem ao topo da gaiola, e, então, ela solta as mãos.

Suas pernas projetam seu torso superior de volta para cima.

– Você é... flexível – ele diz.

– E você parece inútil. Minhas condolências.

Ela escala rápido a corrente sobre a jaula, desaparecendo em um espaço vazio. *Não, não, não!* Ela é a única chance dele! Ele está preso porque tentou salvá-la!

– Espere! – ele chama. – Não sou um rebelde! Sou imperial! – Ele grita mais alto: – Um ex-agente de lealdade imperial! Roubei roupas de um rebelde em Endor! E a... – Mas ela já tinha ido. Sua gaiola já tinha parado de se mexer – ... identidade dele. – *E a vida, a nave e seu código moral, aparentemente.*

Que seja.

Ele geme, considerando mais uma vez vomitar.

Mas, então, sua jaula estremece, e o rosto de ponta-cabeça da Zabrak aparece na altura dele.

Ela faz uma careta.

– Um agente de lealdade. Você acabou de ficar interessante. E útil. – A caçadora de recompensas segura a chave-mestra. – Você vai me ajudar a pegar a minha presa. Esse é o acordo. Aceite e eu abro essa porta. Do contrário, é provável que Surat venda você para o Império. Ouvi que eles não gostam muito de desertores. Acho que no passado já existiu um tribunal, mas hoje em dia eles vão simplesmente atirar em você no meio da rua, como um vira-lata qualquer.

– Aceito o acordo, contanto que você me ajude a sair deste planeta depois.

Ela pondera.

– Combinado. – Depois que a Zabrak abre a fechadura, ela continua: – Sou Jas Emari.

– Sinjir Rath Velus.

– Muito prazer. Se você tentar me passar para trás, vou estripá-lo na mesma hora.

– Entendido.

A porta se abre e ela oferece a mão a ele.

– Vamos.

Toomata Wree, conhecido como Tooms, fuça as tranqueiras na loja do garoto. Os outros já foram embora. Uma vez que o próprio rapaz tinha aparecido, a bagunça e o revirar de coisas por ali haviam parado. Surat disse que eles deveriam pegar a informação com o moleque da maneira *apropriada*, porque, apesar de ser um pivete, o garoto não era nada mais além disso. Ele acabaria cedendo, como um péssimo jogador, contando a eles como chegar ao subterrâneo desse lugar, de forma que poderiam roubar de volta o prêmio de Surat e qualquer outra coisa interessante que encontrassem.

Tooms mete a mão no bolso e puxa um spray analgésico. Ele dá umas boas espirradas em seu rosto machucado – *psst psst psst* –, e no mesmo instante a dor desaparece debaixo de um tapete de anestesia.

O droide de combate o tinha acertado de jeito.

Um *droide de combate*, dentre tudo que era possível.

O garoto podia ser um pivete, mas também tinha talento.

Que seja. Agora, Tooms olha pela loja. Talvez ele encontre algo aqui para a sua garota, Looda. Ele não estava nos melhores termos com ela (a mesma lenga-lenga de sempre: *Você trabalha demais, Toomata; você não liga pra mim; se gosta tanto do Surat Nuat, por que não o namora?*), e, por isso, um pequeno presente poderia fazer bem. Mas no meio de todas essas coisas? Peças de droides e conduítes, bem como partes retiradas de espaçonaves. Por ali, peças de evaporadores. Abaixo, peças de vaporizadores. Depois, placas de circuitos em uma caixa meio podre. Em seguida, uma caixa cheia de detonadores térmicos quebrados. Tudo peso de papel.

Então, ele vê algo.

A cabeça de um droide tradutor. Manchado, mas ainda brilhante. Looda gosta de coisas brilhantes. Talvez ele possa fazer algo com isso. Colocar um par de orquídeas vermelhas nela, ou abrir e usar como um... prato.

Ele alcança o negócio, com os dedos direto nos olhos...

A cabeça não se move para fora da prateleira. Está aparafusada.

Ele puxa com força...

E os olhos do droide de repente afundam para dentro do crânio, com um clique.

Uma porta se abre. Um pequeno vento entra através do espaço aberto e o Rodiano vê os degraus. É isso. *É isso*. Esse é o caminho para o porão! Para dentro do *estoque especial* de Temmin Wexley. Tooms pega o comunicador no cinto, então para. Talvez ele deva dar uma rápida olhada por si mesmo, sabe? Para ver se acha algo para Looda.

Ele ri, indo em seguida em direção à porta.

Atrás dele, uma voz de mulher:

– Onde está o meu filho?

O Rodiano franze os lábios cortados e se move com rapidez, girando e tentando pegar a arma de raios no lado do corpo...

A mulher atira primeiro.

O disparo o acerta na barriga. Ele grita, cambaleando para trás enquanto tenta levantar sua própria arma de raios, mas a mulher atira de novo, e a arma dele cai da sua mão. Ele agarra a barriga queimada, ardendo.

Ela se aproxima, revelando o rosto sob o capuz. Um olhar sombrio e firme o espera. Ele a reconhece da loja daquele dia.

A carranca em seu rosto é profunda. A mãe do garoto coloca a pistola no queixo dele.

– Vou perguntar mais uma vez: onde está o meu filho, Temmin?

A bota pressiona a parte de trás do pescoço de Temmin.

Suas mãos estão presas nas costas, envoltas em correntes e mantidas firmes com um par de algemas magnéticas. Ele sente o gosto de sangue e poeira.

– Você roubou de mim – Surat diz, pressionando-o com a bota.

Temmin tenta não gritar, mas sente dor, e um som escapa sem querer de sua garganta: o som de um animal ferido.

Ele está no escritório de Surat. É um quarto sobressalente severo, com paredes vermelhas forradas com algemas. No meio, uma mesa cuja superfície é feita a partir de algum Sullustano congelado em carbonita. Em cima dela, está uma arma de raios, uma coleção de espinhos em um copo e um vasilhame de tinta. O quarto dispõe de apenas outro móvel: um armário alto e preto, selado com uma fechadura magnética.

– Eu... não... – Temmin diz. – Foi um acidente. Eu não sabia...

Ele é levantado do chão. O Herglic é o responsável por erguê-lo. Surat fica de pé diante do garoto, franzindo os lábios, quase como se quisesse beijar o ar. O Sullustano gângster passa um dedo indicador por baixo das abas das suas bochechas, sacudindo a sujeira para longe com o polegar e o dedo.

– Você está mentido para mim, rapaz. E, mesmo que você não esteja mentindo, o que isso importa? Você me menosprezou, e deve pagar por isso. Senão, como eu fico diante dos outros?

– Vai parecer que você é misericordioso...

O Sullustano pega Temmin pelo pescoço e o aperta. O sangue começa a ser bombeado para as têmporas do garoto, conforme ele sibila e gorgoleja; enquanto ele tenta desesperadamente respirar, todo o seu rosto começa a latejar. A escuridão passa nos limites da sua visão, como piscinas de petróleo derramado.

– A única Misericórdia que eu tive foi uma escrava Corelliana. Ela era boa pra mim, e eu era bom para ela. Na maioria das vezes.

Então, o chefe do crime o solta. Oxigênio corre de volta para a garganta de Temmin, que queima. Ele tosse e engasga, e saliva voa dos seus lábios.

O Herglic o chuta na parte de trás do joelho e Temmin cai mais uma vez. Com os braços atrás das costas, o máximo que o rapaz consegue fazer é deixar que a pancada acerte o seu ombro de forma que sua cabeça não bata no chão de metal.

– Deixe-me contar quem sou eu – Surat diz. – Então, você entenderá do que eu sou capaz. Eu matei minha própria mãe por ela ousar me contestar. Nós vivíamos em um túnel coletor de vento em Sullust, e eu a joguei nas pás do rotor. Quando meu pai descobriu, claro que quis se vingar de mim, e da mesma maneira. Mas... meu pai? Ele era mole, um homem dócil. Tentou me bater e eu cortei a sua garganta com um cutelo de cozinha. Foi o meu irmão que se provou o maior desafio. Lutamos por anos. Indo e vindo, das sombras. Rutar era implacável, um desafio à altura. – O Sullustano acena pensativo com a cabeça, como se estivesse perdido nas suas memórias. De repente, ele se endireita e assente. – É ele aqui – diz, apontando para a mesa. – Ele é quem está congelado na carbonita. Alguns dirão que eu aprendi esse truque com o Império, mas asseguro que foram eles que aprenderam comigo.

– Por favor – Temmin diz, com bolhas de saliva se formando e estourando em seus lábios. – Me dê uma chance de acertar tudo. Eu pago. Fico devendo...

– A questão é: o que eu posso querer agora? Uma orelha? Uma mão? Meu irmão pegou meu olho na nossa batalha final... – Surat levanta a cabeça para que o seu olho leitoso e arruinado aponte direto para Temmin. – E esse se tornou o meu jeito de fazer as coisas. Meus inimigos devem partir e deixar para trás algo vital. Não só dinheiro. Créditos são tão *vulgares*, mas são algo necessário. Um pedaço do meu inimigo deve ser oferecido e arrancado. O que você oferece?

– Não, não isso... Você pode ficar com a minha loja, com os meus droides, eu devolvo a sua arma, qualquer coisa. Vamos só... Vamos apenas conversar

sobre isso. Podemos falar sobre isso, não?

Surat suspira.

– Acho que a hora de conversar já passou. – E, então, ele coloca o dedo para cima no ar, e um grande sorriso aparece em sua cara estranha. – Ah, sim! Você gosta de falar, não? Eu devo arrancar a sua língua.

Temmin coloca as pernas para baixo e tenta se levantar, enquanto grita de medo e raiva. O Herglic o coloca de joelhos e o derruba novamente.

O bruto de pele gosmenta ri.

Surat diz:

– Gor-kooda, leve-o até a cisterna. Eu vou buscar minhas coisas. – Então, Surat passeia ao longo do seu gabinete. Ele puxa uma manga e revela um bracelete. Ele o balança perto do fecho magnético, que se abre.

Conforme o Herglic chamado Gor-kooda arrasta Temmin para fora da sala aos chutes e gritos, Surat pega uma longa bata cirúrgica e começa a vesti-la, cantarolando.

– Isso *não* parece essencial.

– Mas é.

– Ele não é problema nosso.

– Eles vão cortar a língua dele.

– Oh, *agora* você tem um ponto fraco? Pensei que você só ajudasse quem era... Como você mesma falou? “Útil”.

– O rapaz é útil. Acredito que ele possa fornecer os reparos para a minha arma. De outra forma, eu o deixaria à própria sorte. E você, deixaria?

Sinjir se encolhe ao ouvir isso. Mais uma vez, as questões vêm a ele: *Que tipo de homem eu sou? Sou capaz de abandonar o passado? Será que sou diferente agora, ou ainda sou o mesmo?* Ele se transformou naquele dia em Endor. Algo mudou dentro dele. O choque agudo e rápido de perder tudo fez dele uma pessoa nova.

Mas em que sentido? Quem era ele, agora?

Um covarde ou alguém maior, alguém melhor?

Os dois passam agachados pelos túneis sob o Alcazar, cantina e reduto criminal de Surat. Após a caçadora de recompensas arrastá-lo para fora do túnel, eles rastejaram em busca de uma saída. E lá ouviram vozes, vindas do aposento ao lado. Era Surat, que maltratava e ameaçava um garoto.

O arrastar de pés do Herglic fica mais próximo. Com isso, vêm os gemidos e balidos do garoto, além do som dos seus pés chutando o chão e a parede, conforme ele luta para tentar escapar.

– Você primeiro – Jas sussurra no ouvido de Sinjir.

Então, ela o empurra para fora, para a frente do Herglic, a grande criatura brilhante, com olhos minúsculos e uma cabeça enorme e sem pescoço, pequenos dentes e uma papada grande e sem queixo.

– Hein? – o Herglic diz.

Sinjir estremece; então, lança um pé para acertar o joelho da fera, um ponto fraco comum para a maioria dos seres humanoides. Mas é como chutar uma árvore. *Tum*. O Herglic apenas olha para baixo e bufa. O alienígena solta os punhos do rapaz e pega Sinjir com as duas mãos, grandes o bastante para esmagar uma speederbike. Mas essas mãos também são escorregadias, e Sinjir desliza por elas e se apressa em tentar outro ponto fraco: a garganta do monstro. Ele gira, tentando intensamente colocar seus braços em volta do pescoço da criatura, mas, opa, não há pescoço. O Herglic ri; então, joga sua imensa figura para a direita e para esquerda, a cada vez batendo Sinjir contra a parede. *Bam! Bam!*

Sinjir vê estrelas; seu cérebro é agitado para cima e para baixo como bebida em uma coqueteleira.

Escuta uma voz, a voz dela. Da Zabrak.

– O nariz – ela diz.

Então, Sinjir lança a parte de baixo da mão para a frente, contra o nariz do Herglic.

O alienígena uiva, espremendo os olhos. Algum tipo de ranho salgado e cheio de limo começa a verter dos seus orifícios nasais, e o pobre coitado dá tapas no focinho, como se ele estivesse pegando fogo.

– Pegue o garoto – ela diz.

Sinjir passa pela figura monstruosa do Herglic e ajuda o rapaz a se levantar. O menino parece algum pivete de rua: pele bronzeada, com o cabelo para cima em uma bagunça emaranhada. Alguém o tinha pegado de jeito, pois ele apresentava hematomas no rosto e o lábio estava partido.

– O resgate chegou – Sinjir diz, dando um sorriso rígido.

Em seguida, ele empurra o menino para a frente, para fora do alcance dos socos desferidos às cegas pelo Herglic.

O garoto olha para a caçadora de recompensas.

– Eu conheço você – ele diz.

– Falamos disso mais tarde – ela responde. – Precisamos ir. *Agora.*

Essa é a vida dela. Essa é a vida de uma caçadora de recompensas. Nunca é fácil. Muitos tentam, fingem que estão fazendo o trabalho, mas não estão prontos para o que os espera. Porque... o trabalho? O trabalho nunca é fácil. Você pensa que pegar um apostador profissional Quarren que está roubando do Império será moleza, mas no final ele tem seis irmãos e irmãs cabeças-de-molusco que são exatamente iguais a ele. Outro trabalho começa e também parece fácil: tudo o que você tem que fazer é matar um contador molenga do Sol Negro. Mas, aí, você descobre que há uma recompensa por *você*, e no instante seguinte está amarrada no compartimento de carga de uma nave que pertence àquele desleixado lazarento do Dengar, tudo enquanto a sua presa se desbaratou para o canto mais escuro da Orla Exterior. Você pensa que, *sim*, vai matar a princesa guerreira rebelde irascível, como o Império deseja. Mas,

quando você vê que os rebeldes viraram a guerra e o lado vencedor não está mais vencendo, conclui que, se quer sobreviver, é melhor mudar de lado ou desaparecer completamente.

Você pensa: *só vou acabar com Arsin Crassus*. Um tiro, *bam*.

E, então, percebe que ele está sentado em um ninho cheio de imperiais. Gente de alta patente, com preço de recompensa bem grande. Em seguida, você está caindo, a sua arma quebra e um gângster local com delírios de grandeza a força a fugir da prisão e da cantina dele. No entanto, quando você sobe as escadas e planeja ir direto em direção à porta...

Você vê um oficial do Império lá com um quarteto de stormtroopers. E um outro quadro de bandidos de Surat, sem mencionar aqueles que provavelmente virão por trás de você *a qualquer instante*.

Porque você acabou de escapar da prisão deles.

E porque também soltou outros prisioneiros. O trabalho é sempre complicado.

Nunca é tão fácil quanto parece. Mesmo os trabalhos mais difíceis acabam sempre ainda mais difíceis. Mas essa é a vida que Jas escolheu para si.

E ela aprendeu a lidar com tudo sem entrar em pânico. (Ou, pelo menos, sem deixar que o pânico transpareça. O medo pode ser um grande motivador, desde que você o controle, em vez de deixar que *ele* controle *você*.)

A cantina e casa de jogatina está lotada, mesmo nessa hora. Mais cheia agora que antes. Uma névoa de fumaça paira no ar, tão espessa que dá para pegar na mão e enrolar numa bola. O barulho na sala é de um rugido grave: um alarido de vozes gritando, cartas sendo embaralhadas e dados sendo jogados contra as mesas.

Ali do lado, há uma pequena porta de saída. Provavelmente leva a um beco. A *porta da vergonha*, como é chamada. Se você bebe muito 'skee, perde as calças na Roleta de Kessel, conhece um novo amigo ou não quer que ninguém o veja saindo... vai na direção da porta da vergonha. Ou quem sabe é

conduzido para fora em silêncio pelos homens de Surat; não é bom apenas jogar as pessoas na rua, pois isso tende a ter um efeito repelente em quem estiver passando por ali, com vontade de gastar alguns créditos.

A questão é que a porta da vergonha está sempre protegida.

Nesta noite, quem a protege é um Ithoriano com um dos lados da cabeça de martelo enrolado em uma bandagem, cobrindo um de seus olhos.

Jas não conta o plano aos outros, apenas aponta e se move. Eles a seguem.

O Ithoriano grunhe quando os vê chegar. O alienígena solta um gorgolejo em seu idioma nativo, afastando-os com as mãos. Mas, então, seu olho bom se arregala, ao reconhecê-los.

Em língua básica, ele diz:

– Ei!

Jas engancha a parte de dentro da sua perna ao redor do braço do alienígena, grosso como uma árvore, gira ao redor dele como se fosse de um poste e usa o movimento para bater a lateral da cabeça do segurança contra a parede. Seu olho se fecha, e ele cai como uma árvore cortada.

Sinjir vai abrir a porta e, então, xinga baixinho.

– Seu verme, seu lixo espacial nojento queimado.

E chuta a porta.

A princípio, ela não vê o que ele está fazendo; mas, então...

A porta está trancada. O Ithoriano estava diante da *fechadura-roda*: três placas coloridas de metal dentro de um círculo, como um grande travão achatado. Para abrir, basta bater nas três placas na combinação certa e girar a roda. Problema: eles não têm a combinação certa.

Seu planeta por um droide astromec.

Ela sente movimento. Do outro lado da sala, na frente da cantina, um stormtrooper está batendo no ombro de um oficial imperial com uma mão. E a outra?

Está apontando direto para eles.

– Fomos percebidos – ela sibila.

Jas dá um chute rápido na cintura do Ithoriano e pega o coldre da arma de raios dele com a ponta da bota. A arma faz um rodopio e pula para cima, no ar, onde ela a agarra. Atrás deles, da porta de onde tinham acabado de sair, vêm outros três homens de Surat.

– Ali! – grita um Rodiano de pescoço fino. – Matem-nos!

Ele levanta a pistola, uma pequena BlasTech lançadora de raios, e dispara.

Jas agarra Temmin, girando-o até tirá-lo do caminho, bem na hora em que o disparo passa zunindo e acerta o painel da fechadura, que se abre com uma chuva de faíscas, caindo da parede como um quadro durante um terremoto. Jas rilha os dentes. *Não dá pra sair por aí.*

Então, a porta estremece e se escancara. Todo o mau funcionamento do sistema parecia a favor deles.

– Pra fora! – ela diz, empurrando o garoto e o ex-agente imperial pela porta e para a chuva. Ela desvia de mais tiros, então gira e salta para fora da porta...

Uma tempestade cai sobre sua cabeça. A água corre pelo beco tortuoso, repleto de luz neon que se move como cobras cor-de-rosa brilhantes. A chuva cai com tanta força e tão rápido que é difícil enxergar. Então, raios – pulsos azuis de luz no céu, seguidos depressa por trovões de balançar o chão – forçam seus olhos a se reajustar.

Apenas escolha um caminho, ela pensa, dando um passo...

– Ali! – ouvem um grito.

Formas claras vêm naquela direção. Stormtroopers, vindo da frente do Alcazar. Jas dá alguns tiros e depois empurra Sinjir e o garoto para o outro lado.

Eles disparam pelo beco, com os pés espalhando água. A chuva ameaça jogá-los contra o concreto rachado e afogá-los como gatinhos indesejados.

Os três dobram uma esquina...

E um trovão pisca de novo, revelando um beco sem saída.

Vozes seguem atrás deles. Mais água se espalha.

O beco deveria ser a rota de fuga deles. Agora, é só uma sentença de morte.

– Estamos presos – Sinjir diz.

Temmin bate com o ombro nela.

– Minhas algemas, dê um tiro nelas!

Ele vira as costas para ela e levanta os braços. Jas segura um dos pulsos e coloca o cano da arma contra as algemas...

Brilho e chuva de brasas vermelhas surgem, conforme ela puxa o gatilho. O raio guincha pelo meio das algemas, e Temmin dá um grito de dor, cambaleando para a frente, balançando as mãos como se tivesse sido picado por uma abelha.

– Vamos – ele diz. – Vejam, uma escada de tempestade. – Ele aponta, e a caçadora de recompensas segue a direção do dedo dele.

No final do beco, com certeza, há uma escada articulada feita de corrente entrelaçada, indo até o topo de um telhado estreito. *Escadas de tempestade*. Certo. Durante tempestades muito fortes, é preciso sair do chão com rapidez, em caso de uma inundação relâmpago. Um monte de telhados tem isso aqui.

Os três se apressam para ela. Temmin bate contra a parede, tateando até encontrar o botão e bater nele com a palma da mão. Acima da cabeça, ouvem um clique, à medida que a escada é liberada de sua amarração. Com um ruído de chocalho, ela desce pela parede.

Passos e gritos vêm da esquina, a menos de quinze metros de distância. Um disparo de raio sibila pela chuva e acerta a parede. Temmin começa a ir escada acima, mas logo um som de metal guincha, seguido por um gemido reverberante.

A escada acima de repente fica sem apoio; os suportes que prendem as correntes no lugar dão um estalo e se soltam. Temmin cai um metro, até pousar de costas, ofegando. Jas grita para que ele se mova, o que ele faz,

rolando para o lado na hora certa, antes que o mecanismo da escada caia exatamente onde sua cabeça estava um segundo antes.

Jas o ajuda a se levantar.

O único caminho para cima e para fora do beco sem saída tinha sumido.

Eles esperam por mais disparos, porque estão nas mãos dos inimigos agora. O que se aproxima é uma curiosa mistura de *imperial* e *criminoso*: os bandidos de Surat nos lados e os imperiais – um oficial e quatro stormtroopers – no meio. O oficial é um pedante narigudo, que chega arreganhando a boca como se tivesse ganhado o primeiro pedaço do assado do Dia do Fundador.

– Largue a arma – ele fala, por cima do barulho da chuva.

Jas prende a respiração, pensando em uma rota de fuga. Empurrar o garoto e o ex-imperial, pular na cabeça deles e usar os capacetes dos stormtroopers como um caminho de pedras, torcendo para que possa usar a noite e o tempo ruim a seu favor, para escapar. Esperando que eles se contentem com o prêmio que seria Sinjir e o garoto.

Não vai funcionar, muito arriscado.

Ela resmunga e larga a arma de raios na água, na frente dos pés deles. Luzes piscam de novo.

E é aí que ela vê.

Aquela coisa quase esmagou a minha cabeça, Temmin pensa, enquanto a água gorgoleja ao passar por seus ouvidos. Acima, nuvens de chuva brilham, grávidas de raios, antes de descarregá-los do céu. A mulher, a caçadora de recompensas, se ele lembra bem, abaixa-se e o ajuda a se levantar.

Ele ainda está confuso quando percebe que tudo acabou. Eles estão agora como droides na mesa de um ferro-velho: prestes a serem partidos e destrinchados.

Eles mandam Jas largar a arma.

Ela hesita, mas, então, obedece.

O coração de Temmin para. Tão perto. Surat vai arrancar mais que a sua língua por isso. Mas é aí que surge outro pulso de luz.

E um sorriso se espalha pelo rosto do garoto.

A luz ilumina uma figura em um telhado acima e atrás do bando formado por imperiais e bandidos. Quando o raio desaparece, uma vez mais a figura se funde com as trevas. Mas, para os olhos de Temmin, a forma da coisa permanece estampada em sua visão, como um raio X. Ele conhece aquele formato de esqueleto e a cabeça em formato de bico. As articulações nodosas.

Senhor Ossudo está aqui.

O relâmpago seguinte brilha...

E ali está ele, saltando, com os braços agarrados em volta dos joelhos. Em espiral através do espaço aberto, capturado pelo pulso de luz da tempestade e sumindo de novo quando a escuridão volta...

Mas ele não some de verdade.

O droide cai no chão, com um baque alto e o barulho de água se espalhando.

Então, tem início.

O que acontece a seguir é como algo saído de um pesadelo, Sinjir pensa. (Embora pareça ser um pesadelo sonhado a seu favor.) Eles estão ali parados, prestes a se render. Então, veem algo, um movimento no ar, alguma coisa rodando. E o barulho de algo que cai.

Os imperiais e os homens de Surat demoram a responder.

Demoram demais, ao que parece.

Dois gritos estrangulados sobem e logo são silenciados; dois capacetes de stormtrooper voam pelo ar, girando como piões. Ocorre a Sinjir instantes depois: *Os capacetes, não: as cabeças.*

Os dois outros soldados se viram, bem como a coleção de bandidos de Surat. O oficial, como demora mais para perceber, é derrubado no chão, enquanto

algo se move no meio deles, atravessando o grupo como uma máquina debulhadora. Algumas *formas*, algumas *formas ósseas de membros*, começam a surgir, ao som de um vibro-punhal zunindo pelo ar. Homens gritam e descarregam suas armas, mas essa coisa é rápida, *muito* rápida, de forma improvável, e eles acabam atirando uns nos outros enquanto a coisa se esquiva, com o corpo todo se dobrando e de repente caindo e se abrindo como uma aranha. A coisa chega por baixo do oficial logo que se levanta, e, então, ele é jogado ao chão uma vez mais, debatendo-se. Seus ossos se quebram e se esmigalham, conforme o grito do imperial é interrompido.

O queixo de Sinjir cai.

O que diabos é isto?

O garoto, porém, puxa o seu cotovelo, apressando-o.

– Precisamos ir!

Sinjir assente, resoluto. Sim, eles precisam ir.

Eles correm em meio ao caos. Cruzam a aglomeração de corpos que lutam contra um notadamente insano droide de combate na chuva, que agora exulta uma canção dissonante, enquanto gira com o seu vibro-punhal, nocauteando stormtroopers e despachando os bandidos de Surat com um rodopio louco e dançante.

Temmin ataca forte e quase perde o equilíbrio por causa da água que corre pelos pés. Não ajuda que ele esteja tonto, com fome e tão tomado de adrenalina que tem a certeza de que a qualquer instante vai vibrar até se desfazer em uma nuvem de moléculas desconectadas.

À frente, um Gran de três olhos avança: é um dos muitos reforços de Surat. O focinho caprino do alienígena solta um balido em sinal de alerta. O Gran ergue uma arma de rede e Temmin se contrai, à espera do disparo que virá. Porém, há um flash na chuva, e de repente os três olhos do alienígena viram para trás em seus caules carnudos, antes de o Gran cair de cara no chão.

Mãe!

Norra fica paralisada, indecisa, sobre um speeder bala-bala, veículo estreito e atarracado, ideal para navegar pelos apertados canais e pelas esquinas angulosas das ruas de Myrra. Todo mundo o usa para ir ao trabalho ou mover caixotes. Em uma manhã ou uma noite qualquer, o CBD fica lotado com esses veículos de diferentes cores, cada um deles pelo menos ligeiramente personalizado pelo dono. Esse é azul, com uma caixa atada atrás, onde também estão presos uma corrente e um engate.

Temmin o reconhece de imediato: é o speeder da tia dele.

Norra os chama, fazendo um sinal com as mãos.

– Venham! Venham logo.

Temmin sobe na garupa do veículo, atrás da mãe. Norra começa a dar a partida, mas Temmin grita para que ela aguarde os amigos dele. Ela vira, e o seu rosto está tomado de emoções conflitantes.

– Precisamos ir agora – ela diz.

– Eles me salvaram. Ou esperamos eles, ou eu não vou.

Ela assente.

O outro homem, aquele alto que veio com a caçadora de recompensas, corre para a frente, abaixando-se para desviar de uma bola de fogo. Ele quase cai, mas se equilibra na lateral do bala-bala. Temmin aponta para o caixote na parte de trás. O homem alto faz uma careta descontente, porém sobe e se contorce todo para entrar ali, o que o faz parecer um animal muito grande que tenta caber em um espaço muito pequeno.

O homem grita:

– E ela?

Jas aparece; ela tem de volta sua arma de raios nas mãos, e está atirando para lhes dar cobertura.

A caçadora de recompensas Zabrak vira e vê a speeder atarracada.

Todos olham um para o outro, em pânico.

As portas da cantina se escancaram. Mais bandidos e brutamontes. Os Herglic lideram. Surat está entre eles, ainda em suas vestes cirúrgicas; ele aponta e guincha.

A caçadora de recompensas se move rápido.

Enquanto corre, guarda a arma de raios na calça.

Ela bate palmas e grita para o homem:

– Jogue a corrente para mim!

O homem alto arremessa a ponta da corrente para ela, que a pega no ar com facilidade, lançando-a em seguida ao redor do Gran que jaz morto ali.

Os olhos de Temmin hesitam. Ela está fazendo o que ele está pensando?

Sim, está. Porque, assim que a corrente está presa em volta do Gran, ela desvia de uma série de disparos de raios e grita:

– Vai, vai, vai!

Norra acelera. O bala-bala segue em frente como um tauntaun com o seu rabo amassado. O corpo do alienígena de três olhos é levado junto, a princípio batendo forte na água da rua, depois deslizando de leve por cima dela.

A caçadora de recompensas dirige o corpo. Como se não fosse nada demais. Como se fosse só outro dia qualquer na vida de Jas Emari.



C A P Í T U L O

15

Nas profundezas da Orla Exterior, um cruzador ligeiro classe carraca, o *Oculus*, está quieto e parado em meio a um campo de destroços, formado por sobras pulverizadas do cometa Kinro. Há muitas eras, foi previsto que esse objeto celestial abriria um caminho pelos Mundos do Núcleo, certamente destruindo um ou diversos planetas e seus habitantes. Os livros de história sugerem que foram os Jedi que se uniram, perdendo várias vidas (alguns, somente as mentes), para forçar o cometa a se despedaçar antes que sequer abrisse um buraco na Orla Média.

O alferes Deltura pouco se importa com aquela história. Não porque não se interesse por ela – ele se interessa, sim. O pai dele era fanático por história. Sua casa tinha pouca mobília, mas pilhas de livros e mapas.

Neste momento, porém, a única coisa com que Deltura se importa a respeito daquele campo de destroços do cometa é que ele proporciona uma cobertura perfeita para ele e o cruzador.

Ele olha para a jovem Togruta ao lado: a oficial científica Niriian. Ela inclina a cabeça para Deltura. Niriian é fria, eficiente. Totalmente profissional. A mulher mantém os tentáculos da cabeça recolhidos atrás do corpo, presos por uma pequena cordinha preta. Ela observa Deltura e todos os demais à sua volta como se fossem insetos alados, presos por alfinetes a um quadro. Ele gosta desse

aspecto de Niriian. Deltura suspeita que seja por isso que ela é boa no que faz. Falando nisso...

Ele acena com a cabeça para Niriian.

– Lance o droide-sonda.

Ela devolve o gesto.

– Lançando o droide-sonda, classificação BALK1.

Com o toque de um botão, surge uma nuvem de gás lá fora, no vazio do espaço, e o droide é lançado. Trata-se de um droide imperial, roubado e subvertido para os objetivos da Aliança. Aqui, ele tem que corrigir o pensamento: *da Nova República*.

– Tudo bem? – pergunta Deltura para ela.

Niriian gira um mostrador no console e aciona um interruptor. O monitor começa a se encher de dados, e o alto-falante emite a estranha canção encriptada do droide.

– Já está relatando dados atmosféricos.

– Obrigado, oficial Niriian.

Ela dá um sorrisinho para Deltura. Aquele sorriso é uma das coisas que Deltura mais admira. O fato de que apenas ele parece ser capaz de quebrar a fachada de gelo erguida por Niriian lhe enche de confiança em si mesmo, nela, nos dois como um casal e na Nova República. Droga, confiança na *galáxia inteira*. Uma explosão de otimismo.

Ele liga o comunicador, e o rosto de Ackbar surge no monitor. O almirante parece cansado, o que não é surpresa: manter unidos os cacos de uma galáxia quebrada é um grande esforço. Deltura mal consegue imaginar o preço que isso tem cobrado do Mon Calamari.

– Sonda lançada – diz Deltura.

– Excelente – responde Ackbar. – Vejo o senhor em seis horas, alferes.

Seis horas; o tempo que levará para o droide-sonda entrar na órbita de Akiva. Ainda que agora Deltura já seja capaz de ver o planeta: apenas uma

pequena bola de gude flutuando lá longe, atrás do campo de destroços.

Niriiian sorri.

– Temos tempo. Jantar, depois descanso?

– Jantar, algo mais, depois descanso?

Niriiian dá uma risadinha. Um som musical.

A discussão vara a noite, tão turbulenta quanto a tempestade do lado de fora do palácio do sátrapa. (Embora o sátrapa pareça ser o único completamente desinteressado tanto na tempestade lá fora como naquela que ocorre na própria sala. Ele está sentado em um canto, caído sobre a parede, roncando.)

– ... não podemos nos esquecer de que temos os *créditos* – diz Arsin Crassus, batendo com os nós dos dedos na mesa enquanto fala. Ele faz isso toda vez que acha que está apresentando um argumento importante, e, aparentemente, Crassus sempre acha que está apresentando um argumento importante, pois faz esse gesto de *toc-toc-toc* com uma frequência irritante. – Créditos para gastarmos como bem quisermos.

Jylia Shale está sentada, com uma expressão impassível. Ela mal se mexeu nas últimas horas, como se a discussão não estivesse cobrando um preço dela como estava dos demais.

– Créditos não comprarão nossa galáxia de volta – fala Shale. – Não comprarão os corações e as mentes das pessoas. E os cofres imperiais são menos formidáveis do que já foram, Arsin.

– Ainda temos contas de reserva. O Clá Bancário tem riqueza, uma riqueza tangível, que ainda podemos saquear...

– E mergulhar a galáxia na recessão? – rosna Shale, ofendida. – Ah, claro, isso certamente vai conquistar a confiança das pessoas para o nosso lado.

– Não é questão de conquistar *todas* as pessoas – diz Crassus. *Toc-toc-toc*. – Eu já lhe disse: a melhor maneira de irmos em frente é estabelecendo um Império formal dissidente. Fazer uma trégua com esses cães imundos da Nova

República, deixar que eles sigam o caminho deles, e nós, o nosso. Já estamos travando uma espécie de guerra fria com esses *ninnymanderers*, então vamos oficializar o conflito.

Shale revira os olhos.

– Sim. Vamos erigir um muro bem no meio da galáxia. Eles podem ficar com uma metade, e nós ficamos com a nossa. A coisa não funciona assim. Permitam que eu deixe perfeitamente claro para todos que ousem escutar: nós perdemos esta guerra. Apostamos em uma mão tola, arrogante e *imprudente*, e pagamos o preço por isso. Não há trégua a ser feita. A Nova República não vai tolerar que levemos nossos brinquedos para a Orla Exterior. Eles vão nos caçar. Vão nos julgar como criminosos de guerra. Vão prender alguns de nós e executar os outros.

Sloane observa que o arquivista sofre para acompanhar o ritmo, enquanto anota tudo às pressas. Ele e o sátrapa são os únicos sem participação ativa na reunião a receber permissão para estar presentes. Até mesmo Adea deve estar em outro lugar qualquer. (Embora a porta fosse guarnecida por stormtroopers, é claro.)

Mais uma vez, Arsin se debruça para a frente e começa a falar, batendo com os nós dos dedos na mesa para acentuar as palavras.

– Shale, você foi uma estrategista importante para o Império e, no entanto, lamenta a estratégia imperial...

– *Arsin* – explode Rae. – Se você bater com os dedos na mesa mais uma vez, eu vou quebrá-los com um pedaço de pau.

– Eu... Isso não são modos de falar comigo – vocifera ele.

Pandion dá um sorriso irônico.

– Ela está certa, Crassus. É irritante demais. Faça isso de novo, e eu quebrarei a outra mão para garantir que o serviço realmente seja feito direito.

O banqueiro se empertiga no assento e cruza os braços sobre o amplo peitoral. Ele faz beicinho, como uma criança mimada.

– A estratégia do Império Galáctico – começa a explicar Shale – não estava sob meu controle supremo. Vou deixar claro *novamente* que discordo da implementação de *ambas* as Estrelas da Morte. Eu me opus à sua criação desde o início; e, na verdade, aquela oposição marginalizou minhas opiniões a partir de então. Exceto, talvez, em Hoth. Mas a Estrela da Morte foi a nossa ruína. Aquele velho ditado, *não coloque todas as suas crianças trabalhando na mesma mina*, se aplica aqui. Ter empregado tanto tempo, dinheiro, esforços e *gente* no ecossistema daquela enorme estação de combate foi uma tolice. Palpatine era arrogante.

Tashu, que tem passado a maior parte do tempo calado, mexendo com os dedos nas franjas das mangas como se tudo aquilo fosse muito tedioso para ele ou como se a sua mente estivesse em outro lugar qualquer, finalmente se manifesta:

– A arrogância de Palpatine é inegável. Mas também não se pode negar que, sem ela, o Império jamais teria existido, para início de conversa.

Moff Pandion – *grão-moff* Pandion, aparentemente – fica de pé e começa a andar de um lado para o outro em um semicírculo, em volta de sua ponta da mesa.

– Eu, pelo menos uma vez, concordo com Jylia Shale. Não apenas que a Estrela da Morte tenha sido nosso maior erro, mas também que nenhuma trégua será suficiente. Isto não matará a sede que a suposta Nova República tem pelo nosso sangue. Eles meteram na cabeça que somos monstros. Está decidido. Mas isso também significa que não podemos meramente nos render. Eles querem sentir o gosto de sangue... Não se surpreendam se os melhores entre nós forem arrastados pelas ruas para que possamos levar um tiro de algum selvagem com uma arma de fogo.

– Sim, Valco – fala Shale. – Nós sabemos que você quer atacar, atacar, atacar. Não importa o custo.

Ele dá um muxoxo de desdém.

– Então você prefere pousar as armas no chão e baixar a cabeça para o machado do carrasco? Não quer morrer lutando?

– Esta não é uma *história inspiradora* qualquer. Não é mais um conto de um azarão, pobre coitado e pé-rapado, uma luta pugilista onde nós somos o gladiador de bom coração que derruba o regime opressor que o colocou na arena. *Eles* ficam com essa narrativa. *Nós* somos aqueles que escravizaram mundos inteiros, repletos de habitantes alienígenas. *Nós* somos aqueles que construíram algo chamado de Estrela da Morte sob a liderança de um velho goblin decrépito que acreditava no “lado sombrio” de uma antiga religião maluca qualquer.

Yupe Tashu encara Shale com um olhar observador e curioso.

Pandion apenas olha com desprezo.

– Se hoje fosse um dia melhor, você seria executada por traição, general Shale.

– Viu só? – diz Shale. – Somos *nós* que fazemos execuções, *grão-moff* Pandion. Se nós nos rendermos, talvez a extravagante bondade da Nova República passe para nós. Talvez ainda possamos manter nossas cabeças. – Ela se irrita. – Além disso, nós não temos uma estratégia coerente de ataque.

– Claro que temos – fala Pandion, rindo. – Você está louca? Os *rebeldes*, porque é isso que eles são, rebeldes, criminosos, dissidentes, fizeram o que fizeram com quase nenhuma máquina de guerra em vigor. São insurgentes, todos eles. Os rebeldes conseguiram dar alguns tiros de sorte com suas bandoleiras, mas nós ainda temos as naves, os homens, o treinamento. – Ele aponta para Arsin. – O *dinheiro*.

– Então por que governadores dão as costas para nós a cada dia? Por que perdemos mais naves a cada semana? Por que vemos holovídeos de mundos libertados realizando desfiles e derrubando estátuas? Eles fizeram tanto com tão pouco, Pandion. Você interpreta mal nosso lugar na história.

– Então *nós* faremos muito com pouco. Além disso... – Ele faz um gesto de desdém. – Esses holovídeos são propaganda, e você sabe muitíssimo bem. A realidade é que a Aliança Rebelde não tem os recursos para manter o controle sobre a galáxia. Mas nós ainda temos. E... – Aqui ele se vira para Rae Sloane. – Não nos esqueçamos de que ainda possuímos um superdestróier estelar. Não é isso, almirante Sloane? Ou... *Nós* possuímos? Talvez apenas *ocê* possua. Talvez você esteja sendo uma menininha egoísta, que não quer compartilhar sua frota com o resto dos colegas.

Um comentário já esperado. Um que ele vem fazendo sem parar desde que a reunião começou. Rae dá a mesma resposta sempre que ele puxa o assunto:

– A *Dilacerador* e sua frota estão à disposição do Império Galáctico, Valco. A questão é...

Valco fala ao mesmo tempo que Sloane (embora em um tom bem mais debochado):

– ... a questão é: o que é precisamente o Império nesta conjuntura, e quem o controla? Sim, estou ciente da sua posição. Só quero que o resto dos presentes esteja ciente de que é você quem está com o dedo no gatilho da nossa maior arma, e no entanto a mantém escondida... Bem, nós nem sequer sabemos onde ela está, não é?

– Seus espiões não lhe serviram esse pedaço de bolo ainda, é? – diz ela, franzindo um canto da boca. Pandion começa a reclamar, mas ela quer controlar aquela reunião, e é o que faz. – O objetivo desta reunião é decidir o destino do Império, e com as sugestões de vários conselheiros, não apenas um. Se eu quisesse pegar a *Dilacerador* e tomar o controle, eu poderia tentar, e até seria capaz de conseguir. Mas prefiro não cometer os mesmos erros do passado. Agora, grão-moff, nós ouvimos sua opinião. – *Várias vezes*. – Uma pessoa que ainda não foi ouvida foi você, conselheiro Tashu. Poderia nos esclarecer?

Tashu ergue o olhar novamente, como se tudo aquilo fosse uma distração.

– Hum? Ah, sim, sim. Claro.

Tashu foi um conselheiro íntimo – e aparentemente um amigo, tanto quanto isso fosse possível – do ex-imperador Palpatine. O homem que um dia foi senador, e depois chanceler. E o homem que os rumores diziam ter sido um sombrio Senhor dos Sith. Dentro do Império, a presença dos Sith era mais um mito do que um fato: alguns falavam que era possível, mas a maioria acreditava que fosse uma invenção. Palpatine não seria o primeiro governante a inventar histórias sobre si mesmo, como se ele tivesse importância cósmica. Os holocrons de história dizem que um regente da Velha República, Hylemane Lightbringer, alegava ter “nascido na poeira da Nebulosa Tifônica” e afirmava “não poder ser morto por armas mortais” (um fato desmentido quando ele realmente morreu por uma arma mortal: aparentemente espancado com uma cadeira). A lenda de Palpatine também se estendia ao seu capataz, o brutal Darth Vader. Sloane acha que os poderes dos dois eram reais, embora talvez não tão onipotentes quanto Palpatine preferia que todos acreditassem.

Não é surpresa, então, que Tashu se agarre a eles quando fala.

– Você critica o lado sombrio como se fosse uma doutrina do mal, risível em sua malevolência. Mas eu não o confundo com mal. E não confundo o lado luminoso como sendo o resultado de benevolência. Os Jedi de antigamente eram trapaceiros e mentirosos. Maníacos, com sede de poder, que agiam sob o disfarce de uma ordem monástica sagrada. Paladinos da moral, cuja diplomacia era a do sabre de luz. O lado sombrio é honesto. O lado sombrio é direto. É a faca na frente, em vez daquela enfiada nas costas. O lado sombrio é voltado para os próprios interesses, sim, mas também se empenha em levar esses interesses adiante. É voltado para si, mas também para além de si mesmo. Palpatine se importava com a galáxia. Ele não queria deter o controle simplesmente para ter poder sozinho... Ele já tinha poder como chanceler. Palpatine queria tirar o poder daqueles que *abusavam* dele. Isso teve um preço. Palpatine tinha noção do custo, e lamentava por ele. Mas pagou o preço

mesmo assim, porque o lado sombrio compreende que tudo tem um custo, que sempre tem que ser pago.

Um momento de silêncio.

Então, Pandion dá de ombros, em desdém. Rae pensa: *Se o Imperador ainda estivesse vivo, essa simples reação renderia a Pandion a cabeça. Esse é o custo que deve ser pago por um escárnio tão traidor.*

O moff ergue a mão e gesticula, como se fosse um boneco falante.

– Você diz todas essas palavras, conselheiro Tashu, e, no entanto, nenhuma delas parece ter ligação com... – Outra risada e mais um gesto de desdém. – Absolutamente nada.

Tashu dá um sorriso sereno e seguro de si.

– O que quero dizer é que Palpatine foi um homem esperto. Mais esperto que todos nós aqui combinados. Temos que copiar o rumo de Palpatine. O Imperador sabia que o lado sombrio era seu salvador, e, portanto, nós também devemos fazer o lado sombrio ser o nosso.

– Hmm – resmunga Shale. – E como faremos isso? Não acho que algum de nós seja treinado nos segredos da Força.

– Não sobrou nenhum Sith – diz Tashu. – E o único Jedi que existe, o filho de Anakin Skywalker, possui uma alma intocável. Pelo menos por enquanto. Em vez disso, nós devemos rumar para o lado sombrio. Palpatine considerava que a origem do seu poder vinha do universo além dos limites dos nossos mapas. Ao longo de muitos anos, ele, com nossa ajuda, despachou homens e mulheres para além do espaço conhecido. Eles construíram laboratórios e estações de comunicação em luas e asteroides distantes, aqui no ermo. Temos que segui-los. Recuar da galáxia. Ir para trás do véu das estrelas. Temos que procurar a fonte do lado sombrio, como um homem à procura de uma fonte de água.

Crassus contorce tanto o rosto gordo e papudo que parece um trapo torcido.

– Você está dizendo que devemos... ir embora? Reunir nossas naves e fugir? Como crianças com medo do cinto do papai?

– Com medo, não – fala Tashu. – Com esperança.

E, a partir disso, uma nova fuzilaria de argumentos é disparada, desta vez de todos os lados, tudo ao mesmo tempo. Uma cacofonia dos mesmos argumentos: trégua; dinheiro; rendição; guerra fria; guerra quente.

Tudo isso uma besteira. Nenhum deles concorda em nada. Sloane se pergunta se algum dia concordarão. O que significa que aquela reunião de cúpula é uma empreitada tola.

Mas ainda temos que tentar.

O Império Galáctico é um espelho quebrado, com muitos reflexos de si mesmo, estilhaçados e separados. Sloane pensa: *Cabe a mim consertar o espelho. Dar um jeito no reflexo.* Ela acredita no Império. E acredita ser a pessoa que pode e deve consertá-lo. Um Império superior governará a galáxia novamente. E o lugar de Sloane dentro dele será sedimentado; ela não ficará mais à margem, não ficará mais fora da lista. Sloane terá um papel importante.

Ela fica de pé.

– Por favor, continuem. Eu já volto.

Eles nem notam quando Sloane vai embora. Ela não tem certeza se isso é bom ou ruim.

No espaço acima de Akiva, um droide-sonda do tipo víbora desacelera, com cautelosas rajadas dos retropropulsores. Quando ele finalmente se estabiliza, seus cinco membros parecidos com as patas de uma aranha se estendem. O olho brilha. Uma série de pequenas antenas emerge da cabeça em formato de domo, todas com o objetivo de fazer medições.

O droide-sonda começa a varredura.

Uma mão bruta pega embaixo do queixo de Wedge. Move a cabeça para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita. A palma da mão intrusa bate na bochecha. Sem força. Apenas: *pat, pat, pat*.

Wedge respira fundo e abre os olhos.

É ela. A mulher que o flagrou na estação de comunicações. Aquela que disparou um raio em suas costas.

– O que acontece agora? – diz ele. – Veio me torturar pessoalmente?

O outro, o sujeito com rosto pálido e rugas escuras – e a pele marcada por estrias fundas, como se ele estivesse meio morto – não está ali agora, mas aparece de vez em quando. Talvez uma vez a cada hora, embora seja difícil dizer, já que o tempo é escorregadio. É sempre bem no momento em que Wedge começa a dormir novamente. E esse homem estranho machuca Wedge, sempre que surge. Corta a lateral do seu corpo com uma faca, sem fazer cortes profundos, apenas rasos. Ele enfiou um agulhão elétrico na parte interna da coxa de Wedge, e, quando isso aconteceu, tudo dentro de Wedge se acendeu como um console com defeito. Uma vez, o sujeito entrou comendo uma fruta, fazendo barulho. Não disse nada, em momento algum. Depois, lambeu os dedos. Em outras vezes, apenas riu baixinho enquanto provocava dor.

Mas essa mulher... era uma almirante, não era?

– Não – responde ela. – Eu não sou uma torturadora.

– Não – diz ele, ofegante. – Claro que não. Você é a interrogadora.

– Eu achava que sim, mas não tenho certeza. – Ali perto, o droide médico verifica o tubo que dá a volta no braço de Wedge e se insere na pele. – Você não me responderia de qualquer maneira, não é?

– Não – fala Wedge.

Ele tenta falar grosso. Tenta evitar que o medo entre naquela palavra. Se ela perceber medo, vai pular para cima dele. Vai atacá-lo como um wampa sentindo cheiro de sangue na neve. Mas Wedge *está* com medo. Ele passou por tudo, inúmeras batalhas no espaço, sobre neve, deserto, pântano e céu aberto,

e, agora, no fim de tudo, Wedge está ali. Ferido e amarrado em pé a uma mesa. Torturado até a morte.

– Não seria relevante, de qualquer forma. Eu perguntaria sobre detalhes vitais da Nova República: deslocamento de naves, localização de bases, planos de ataque... O que eu faria com isso? Não muita coisa, infelizmente.

– Já está pronta para se render? – diz ele, sorrindo. Não é um sorriso gentil. É cruel. A intenção é magoar. *Estou rindo de você*, pensa Wedge.

– Deixe-me perguntar uma coisa: por quê?

– Por que... o quê?

– Por que ser um rebelde? Por que se alistar?

– Para destruir o Império.

Ela balança a cabeça.

– Não. Fácil demais. Isso é apenas a pintura superficial. Raspe a cor, e haverá algo pessoal embaixo dela.

Wedge novamente mostra os dentes, expostos em um sorriso terrível.

– Claro que há, almirante. O Império prejudicou pessoas próximas a mim. Família. Amigos. Uma garota que eu amava. E não estou sozinho. Todos nós na Nova República, todos nós temos histórias assim. – Ele tosse. Os olhos ficam mareados. – Nós somos a colheita de tudo de horrível que vocês semearam.

– Mas mantivemos a ordem em uma galáxia sem lei.

– E vocês fizeram isso com um punho fechado, em vez de uma mão aberta.

– Para um mero piloto, você tem jeito com as palavras.

Wedge tenta dar de ombros, contudo até mesmo isso dói. Um gemido surge do fundo da garganta, mas ele contém qualquer novo grito.

A mulher acena com a cabeça, depois dá meia-volta e vai embora, sem mais uma palavra.

A cabeça do alferes Deltura paira sobre a mesa. Um brilho azul envolve o holograma. Ackbar se debruça sobre a mesa.

– Você tem certeza disso, alferes?

– Não há sinal de naves imperiais, almirante.

– Mas o senhor encontrou sinais das nossas.

– Apenas destroços. Nada que fosse detectável a olho nu, mas o víbora é um droide-sonda de eficiência surpreendente. Ele encontrou remanescentes moleculares que indicam a presença de nossas próprias naves, sim, senhor.

– Os A-wings... – murmura Ackbar. – Eles foram abatidos por alguma coisa.

– Alguma coisa vinda da superfície, senhor?

– Improvável. Não é possível acertar um A-wing daquela distância. – Ackbar junta as mãos e esfrega os dedos compridos e palmados. Ele gira na cadeira, para outra pessoa no ambiente...

Que também é um holograma.

E esse holograma praticamente não é uma pessoa.

A imagem está parada ali ao lado, como um fantasma. O corpo e o rosto se alteram e se distorcem. Ficam sombrios e indistintos. Este é o agente infiltrado da Nova República: um informante conhecido apenas como o Operador. Até agora, as informações foram confiáveis. Impecavelmente confiáveis. O que deixa Ackbar ainda mais desconfiado.

– O que você tem a dizer, Operador?

A voz que surge é distorcida como sempre, um som mecânico e deformado:

– O droide está detectando algum tráfego entrando ou saindo da capital? Ou em torno do planeta, em geral?

– Você ouviu a pergunta – diz Ackbar para Deltura.

– Não, senhor. Absolutamente nenhuma nave.

– Mandar o droide enviar um sinal para todos os comunicadores de longa distância no planeta – fala o Operador. – Veja o que acontece.

Deltura concorda com a cabeça e diz algo para alguém fora do alcance do holograma, provavelmente sua oficial científica, uma jovem Togruta. Momentos de silêncio incômodo se espalham como uma substância nociva

derramada no chão. Ackbar não gosta de nada disso. Uma sensação de algo infectado toma conta dele, sugando todo o otimismo que Ackbar já possuía.

A cabeça holográfica reluzente do alferes retorna.

– Nada – informa ele, quase chocado. – Ah, nada, senhor. O droide-sonda não conseguiu enviar sinais para nenhum dos comunicadores de longa distância. É como se eles estivessem mudos.

– Um apagão nas comunicações – fala o Operador. – Um truque imperial. Eles estão aqui, almirante Ackbar. As naves devem estar se escondendo. Mas, se não há tráfego entrando ou saindo, eles instituíram um cerco. Sem naves. Sem comunicações. Algo está acontecendo. Eu não sei o quê.

– Obrigado – agradece Ackbar.

– O senhor vai agir a respeito disso? – pergunta o Operador, ansioso. Ansioso *demais?*

Ackbar não responde e desliga o holograma.

– Quer que eu faça algo, senhor? – pergunta Deltura.

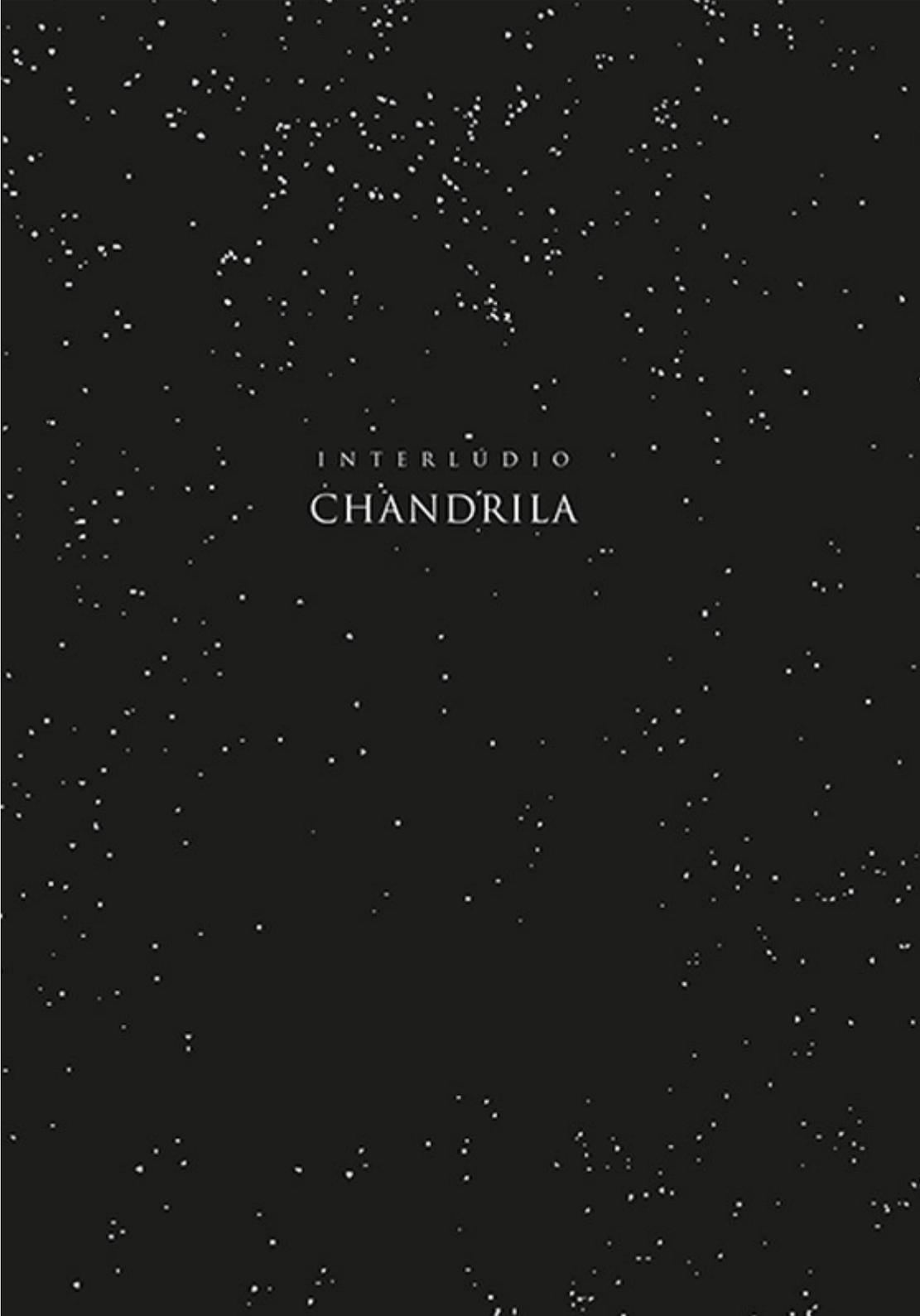
– Mantenha a posição – diz Ackbar. – Eu preciso de tempo para pensar e consultar os demais. Obrigado, alferes.

– Sim, senhor, almirante.

O rosto do homem desaparece.

A preocupação róí Ackbar como um cardume de bichos-da-salmoura. Ele precisa de tempo para pensar, mas, se demorar muito, pode perder uma oportunidade vital. *Ou, pensa Ackbar, posso escapar das garras de mais uma armadilha imperial.* Será que isso é um truque ou é para valer? Pode ser uma reunião secreta. Ali estava uma ironia grande demais para ser ignorada: antigamente eram os rebeldes que precisavam agir de mansinho e esconder a própria presença. Agora é a vez do Império. Os lados estão se invertendo. É um sinal da nascente vitória sobre a opressão imperial, talvez. Mas Ackbar também se preocupa com o excesso de confiança. O Império não acabou. Não ainda.

O Império está esperando para atacar novamente. Disso, Ackbar tem muita certeza.



INTERLÚDIO
CHANDRILA

Uma fruta púrpura surge de fora da câmara e atinge a lateral do rosto de Olia Choko. A fruta estoura, e sumo escorre pela bochecha até pingar pela mandíbula dela. Ela parece atordoada.

De fora da tela, ouve-se uma voz raivosa:

– Fora! Fora Senado Galáctico! Fora Nova República!

Outra fruta voa, mas erra o alvo e passa por cima da cabeça de Olia.

– Ok, Lug, hora de cortar... – Tracene começa a dizer.

– Não – interrompe Olia. Ela engole em seco e limpa um pouco da fruta gosmenta da bochecha. – Você. O manifestante. Aproxime-se.

Tracene acena para Lug de maneira praticamente imperceptível.

Um par de mãos escamosas de Trandoshano surge na borda da tela e gira a câmara flutuante na direção de um pequeno Xan, que veste um macacão cinza sujo. Ele possui uma cestinha de frutas e verduras, a maioria podre.

Ele está sozinho.

O Xan vê que a câmara está apontada para ele e balança a mão.

– Não, não, não quero aparecer na câmara. Por favor.

Olia se aproxima cautelosamente, com as mãos esticadas, suplicantes.

– Se você tem preocupações, eu gostaria de ouvi-las.

– Eu... – gagueja o Xan, olhando ao redor, como se isso fosse alguma piada, ou como se ele não estivesse preparado para ter causado esse efeito. – Desculpe, eu tenho que ir. – Ele começa a se afastar, mas Tracene se coloca em seu caminho.

– Você tem a oportunidade de dizer sua opinião.

– Sério? – diz ele, desconfiado.

– Sério – responde Olia. – Conte-me seus problemas.

Para a câmara, Tracene fala sem emitir som: *Ainda estamos no ar?*

Um polegar reptiliano em sinal positivo aparece momentaneamente na tela.

– Eu... – começa a falar o alienígena. – Eu sou Geeska Dotalo. Sou de Gan Moradir. Uma colônia na Orla Média. A Nova República veio. Eles... Eles

destruíram uma base imperial. Agora, os imperiais sumiram. O Império era cruel, mas pelo menos havia ordem! Tínhamos comida e água. As coisas *funcionavam*. Agora os rebeldes sumiram, e vieram as gangues. Os *piratas*. Não temos comida suficiente. A destruição afetou nossos poços e... – Ele começou a soluçar. – Nós economizamos créditos suficientes para me trazer aqui. Eu sou tudo que nós temos.

Por um momento, Olia parece emudecida pelo choque.

Tracene parece prestes a intervir, mas, então, Olia fala:

– É bom que o senhor tenha vindo, senhor Dotalo. Eu não creio que Gan Moradir já tenha um representante no Senado. Hoje, o senhor será este representante.

Os olhos dele se arregalam mais do que parece ser possível.

– O... O quê?

– A guerra é terrível. E um exército não é suficiente para resolver problemas. Precisamos de uma solução para o que acontece depois que fazemos nosso trabalho, e é por isso que o Senado está começando novamente, e por isso estamos fazendo esse início aqui, no planeta natal da chanceler. Alguns acham que este lugar é um mundo pequeno e irrelevante, mas Chandrila sempre foi o ponto de origem de grandes ideias e de cidadãos para levá-las a uma galáxia maior. A galáxia precisa de ajuda. Precisa dessas grandes ideias, mas, como o senhor disse, também precisa de coisas menores: comida, água, abrigo. Coisas básicas. E, depois que a guerra acaba, tem que haver outra coisa que conserte o que está quebrado. Eu convido o senhor a falar ao Senado sobre seu povo e sua colônia. Permita que eles o escutem. Permita que nós o ajudemos.

Ela chama alguém que está fora da câmera: outro Pantorano, um homem em robes executivos azuis. Olia sussurra para ele. Faz uma rápida apresentação entre ele e Geeska Dotalo. Então, o Pantorano gentilmente retira o homem dali.

Tracene sorri e manda cortar a gravação, mas os olhos se dirigem para o horizonte, onde parece haver um tumulto, agora. As pessoas estão olhando para o alto, ao longe. Tracene faz um gesto com a mão, e Lug gira a câmera.

A distância, uma fila de prisioneiros imperiais, algemados, estão sendo levados por um oficial da Nova República.

– Isto é *inadmissível* – rosna Olia, que a seguir dispara para intervir.



C A P Í T U L O

16

Pesadelos.

É um dos clássicos, entre os que se repetem de vez em quando dentro da cabeça de Norra. No sonho, ela, o Y-wing e o astromec, R5-G4, estão nas entranhas sinuosas da Estrela da Morte outra vez. Norra se separa da valeta principal e atrai um punhado de TIEs atrás dela, como moscas no traseiro de um gorth. Não dá para espantá-las, não dá para matá-las, não dá para voar mais rápido que elas. E, subitamente, há mais TIEs diante de Norra, e o interior da estação de combate é um labirinto que dá uma volta em si mesmo; de algum ponto, ela sente a onda de choque de uma fonte de energia explodindo, e aí tudo começa a desmoronar ao redor, e o fogo preenche o espaço atrás dela, e eis que surge pela frente também, correndo para cumprimentá-la...

Norra acorda banhada em suor. Sempre acontece, e não importa se o ar está quente ou frio. Ela olha o relógio. Esteve, é claro, dormindo por menos de uma hora. Após resgatar o filho das garras de um gângster perverso, Norra ainda tem a sensação de que eles estão sendo perseguidos. Com o coração disparado, os músculos tensos e o maxilar contraído, a adrenalina dispara dentro dela, como se fossem rajadas líquidas de armas de raios. Dormir foi uma má ideia.

Norra desce para tomar um chá. Ela espera que todos ainda estejam dormindo – e aqui ela se lembra de agradecer à irmã, Esmelle, por deixar esse

grupo singular de estranhos passar a noite em sua casa –, mas, ao descer, ouve vozes vindo da cozinha.

Lá, reunidos em volta de uma mesinha, estão os dois estranhos singulares: Jas Emari e Sinjir Rath Velus. Eles tiraram dali de cima o hidrodomo de Esmelle (onde a irmã cria pequenas plantas, como erva-de-coração e ervassinta) e espalharam pela mesinha uma série de objetos curiosos: um saleiro, alguns frascos com ervas, um porta-guardanapos, um bando de varetas e facas para frutas.

Norra entra e os dois ficam eretos, como crianças que fizeram alguma coisa errada.

Hum.

– O que é isso tudo aí? – pergunta Norra.

– Nada – responde Jas.

– Estamos apenas... jogando um jogo – diz o outro, Sinjir, com um sorriso.

Um casal estranho, esses dois. Ela é uma Zabrak de rosto impassível e poucas palavras. Ele é atraente: um pouco alto e magro, desarrumado, com cheiro de vinho e conhaque exalando dos poros. Ele tem um sorriso falso. Ela tem um olhar que cortaria pedra.

Norra murmura algo e, em seguida, aperta o botão na lateral da chaleira. Do armário de cima, ela escolhe chá gesha e coloca um pouco em uma xícara. Os outros dois estão com olhares fixos em suas costas.

A chaleira apita, e Norra se serve. Fantasmas de vapor surgem em volta dela, que se vira e diz:

– Isto parece um mapa.

– Não é – diz Sinjir, ainda sorrindo.

– É, sim – fala a Zabrak, quase que na mesma hora.

– Vocês vão me dizer o que é? – pergunta Norra.

– Não – respondem os dois, em uníssono.

Jas e Sinjir se entreolham. Um pouco confuso, um pouco divertido, esse olhar.

Norra se debruça e examina a disposição dos objetos.

– Aqui, este porta-guardanapos. É maior do que os demais objetos, portanto representa algo grande. O palácio do sátrapa, imagino eu. Ele se alinha com o resto: aqui está o velho prédio da capital; ali, a avenida da Satrapia; e aqui é a estrada Withrafisp, que antigamente era uma estrada secreta, pelo que me contaram, para que o sátrapa entrasse e saísse de mansinho do palácio, mas que se tornou pública desde que eu era uma garotinha.

– Não – diz Sinjir, fingindo sinceridade total. – Desculpe. Porém, obrigado por brincar. Agora, se nos dá licença...

– Cale a boca – fala Jas para ele, e depois para Norra: – Sim. Você está certa. Cresceu aqui?

Norra concorda com a cabeça.

– Cresci, sim.

– Você é... – Jas olha Norra de cima a baixo. – Uma rebelde?

– É tão óbvio assim?

A Zabrak dá de ombros.

– Não, mas não sou boba. Você não teve problemas em atirar em stormtroopers ontem à noite. No entanto, não se parece com uma criminosa qualquer. *Ou* simplesmente com uma local qualquer. Você... se veste como uma rebelde. O traje funcional. O cinto de utilidades. Essas botas. – Ela franze os olhos. – Piloto?

Norra ri.

– Sim, isso mesmo.

– Eu sou uma caçadora de recompensas – diz Jas. – Estou aqui atrás de uma recompensa para a Nova República. Acho que você poderia me ajudar.

– Calma com esse foguete aí! – reclama Sinjir, abanando as mãos. – Você me prometeu míseros 25%, e agora vai diminuir a recompensa ainda mais por

trazê-la?

– Eu espero que ela me ajude porque essa é a coisa certa a se fazer e porque é um ataque ao Império – diz a caçadora de recompensas. – Não por causa dos créditos.

Norra sente o chamado do dever formigando pelo corpo. Ela quer descobrir mais, quer se jogar e cuspir no olho do Império, *mas...*

– Não posso – fala Norra, com o maxilar contraído. – Realmente não posso. Meu filho e eu temos que sair deste planeta. Minha prioridade é levá-lo embora...

– Vá salvar seu amigo – diz Temmin. – Antilles. Porque eu disse que não vou. – O garoto entra na cozinha. – E, a propósito, sei que vocês acham que não estão falando alto, mas estão, sim.

Norra pega o braço do filho.

– Eu deixarei que outra pessoa qualquer... salve o capitão Antilles. Meu trabalho não é mais lutar nesta guerra. Meu trabalho é você.

Temmin se afasta da mãe. Ele pega um copo de leite azul da geladeira.

– Meu droide já voltou? Ele já deveria estar aqui, agora.

Norra quer continuar a brigar com ele, mas não fala nada. Temmin é tão teimoso quanto ela. Forçá-lo é o mesmo que socar uma parede. Ela só vai acabar quebrando a mão, se tentar.

– Aquele era seu droide, hein? – fala Sinjir para o garoto.

– É.

– Aquele era um *droide de combate*.

– Eu *sei*.

– Eles são a unidade de combate mais inepta... talvez da história da galáxia. E, acredite, stormtroopers são basicamente baldes de ponta-cabeça com armas, especialmente hoje em dia.

– Não subestime os stormtroopers – dispara Jas. – Em quantidade, eles são perigosos.

– Assim como búfalos do pântano – diz Sinjir. – Não quer dizer que sejam especialmente eficientes. Droides de combate, ainda menos. Parabéns a você, meu jovem. Transformar um deles em uma... legítima máquina de guerra? – Sinjir aplaude delicadamente. – Embora eu ache que seja prudente se preparar para o caso de ele ter sido sobrepujado. Ele é um droide de combate, não um milagre tecnológico.

– Bem... – Temmin fica parado ali, com uma expressão mal-humorada, bebendo leite. – Você não sabe diferenciar cocô de gato-borba de estrume de costa-de-orvalho, amigo. Senhor Ossudo é programado com... Bem, apenas confie em mim. Senhor Ossudo vai ficar *bem*.

Norra observa o filho, a forma como ele cerra os punhos e franze o cenho. Ele está furioso. Como ela também estava... E talvez ainda esteja, Norra admite para si mesma. Mas, então, Temmin aperta os olhos e baixa o olhar para a mesa.

– O que é isso?

– Nada – diz Sinjir.

– É um mapa – fala Temmin, e Norra se enche de um orgulho ameno. Um orgulho que se intensifica quando Temmin acrescenta: – O que é isso? O palácio do sátrapa?

– Por todas as malditas estrelas – exclama Sinjir. – Tal mãe, tal filho.

O garoto fecha a cara ao ouvir isso, e a mãe se sente ofendida.

Jas Emari cai de cabeça; então diz:

– Neste exato momento, naquele palácio, desde que não tenhamos perdido a oportunidade, está ocorrendo uma reunião secreta. Nesta reunião há um pequeno número de indivíduos muito importantes dentro das fileiras imperiais. Peixes graúdos, de alto valor de recompensa. – Ela lista os nomes: moff Valco Pandion, almirante Rae Sloane, conselheiro Yupe Tashu, general Jylia Shale e o alvo original da caçadora de recompensas, o banqueiro e escravagista Arsin Crassus.

– É isso – diz Norra, estalando os dedos.

Parte de Norra acha que ela já deveria ter resolvido o caso, mas outra parte, um lado realista, ou talvez apenas cínico, diz que ela é apenas uma piloto, então, como poderia saber?

– A conta fecha – continua Norra. – Os destróieres estelares. O cerco. O apagão de comunicações. Eles estão protegendo essa reunião. E Wedge...

A Zabrak ergue a sobrancelha.

– O que é um “Wedge”?

– Wedge Antilles – explica Sinjir. – Certo? Piloto da Aliança Rebelde?

Norra concorda com a cabeça.

– Sim, como você sabe?

O homem hesita.

– Eu sou... um rebelde também.

Para Norra, aquilo parece esquisito. Ele *está* vestido um pouco como um rebelde. Mas algo a respeito de Sinjir parece meio estranho. Ainda assim, a rebelião é um lar que acolhe todo tipo de gente.

– Eles devem estar com Wedge – segue Norra. – Ele provavelmente estava fazendo um reconhecimento da Orla Exterior e esbarrou com... o que quer que seja isso.

– Ele provavelmente ainda está vivo – diz Jas. – O que significa que você tem uma chance. Ajude-me. Nós daremos um golpe em nome da sua Nova República. Vamos desbaratar os esforços do Império, vamos cortar os jarretes no momento em que estão reaprendendo a ficar de pé. Você vai resgatar seu amigo.

Novamente, o senso de dever cerca Norra. É a chance de fazer a coisa certa. Mas a sensação oposta também surge: pelo menos uma vez, ela quer apenas abaixar a cabeça, colar o queixo ao peito e se proteger dos disparos. Não quer voar para o interior da barriga do monstro. Não dessa vez.

– Não – diz Norra, encarando-os sob o cenho franzido. – O melhor caminho a seguir é *sair* deste planeta. Assim que estivermos em alcance de comunicações, alertaremos a Nova República, eles enviarão naves e tropas e...

– Errado – interrompe a caçadora de recompensas. – Até lá, a reunião estará encerrada... se já não estiver. E seu amigo terá sumido ou estará morto. O caminho a seguir é agir agora. O trabalho é nosso.

– Estou dentro – diz Temmin. – Mas quero receber uma parte.

– Meu rapaz – fala Sinjir, rindo. – Não vamos *exagerar*. Nós respeitosa-mente salvamos sua latinha de levar um chute...

– Beleza – diz Jas Emari para o garoto. – Você pode ficar com metade da parte dele. – Ela inclina a cabeça chifruda na direção de Sinjir.

– Ei! – discorda Sinjir.

– Você ainda terá uma passagem para fora deste planeta – fala a Zabrak, que joga a cabeça para o lado em um gesto arrogante, e o cabelo curto entre os chifres cai subitamente sobre o lado raspado. – E a recompensa é tão grande que mesmo uma fração será capaz de comprar bebidas fora de série o suficiente para você ficar bêbado até que a Nova República novamente se torne a Velha República. Aceite o acordo ou caia fora.

Sinjir revira os olhos.

– Beleza.

– Eu não acho isso certo – diz Norra.

– Eu queria contar com a sua ajuda. Aposto que o seu amigo também.

Norra hesita. É como voltar a ser criança e pular de uma das cachoeiras na Garganta de Akar. Ela literalmente tem que prender a respiração antes de dizer:

– Estou dentro. Mas quero uma passagem para fora do planeta também.

– Feito – fala Jas. – Agora, acho que deveríamos...

Blam blam blam.

A casa inteira se sacode. Alguém à porta. Enquanto Jas saca a arma de raios, a memória volta correndo para Norra, tão rápido quanto a água prateada após

pular de uma daquelas cachoeiras. O som de punhos na porta. O som de imperiais chegando para levar seu marido embora.



C A P Í T U L O

17

Em volta da mesa estão sentadas três figuras de carne e osso e dois hologramas. Os presentes: almirante Ackbar, comandante Kyrsta Agate e capitão Saff Melor. Os dois hologramas: general Crix Madine e a recém-nomeada chanceler da Nova República, Mon Mothma. Todos eles parecem cansados e preocupados. Ackbar suspeita de que esteja com a mesma aparência. Para ele, tudo parece equilibrado na lâmina de uma faca. Tudo pode cair para um lado ou, com a mais leve brisa, para o outro. Uma faca de dois gumes de possibilidades, boas e ruins.

– E temos certeza de que podemos confiar nesse informante? – pergunta Madine. Ele coça a vasta barba branca. As rugas no rosto, visíveis mesmo pelo holograma, parecem estar mais fundas do que nunca.

– Até agora – responde Agate –, tudo indica que sim.

Ackbar abre um parêntese:

– Mas também temos que reconhecer a capacidade do Império de jogar sem pressa. Nossa vitória em Endor foi uma sorte, mas o Império orquestrou aquela armadilha com grande paciência.

– Despachem uma frota – sugere Melor. O capitão Cereano tem certo ar de arrogância; na cabeça comprida e encrespada, uma sobrancelha frustrada e cética se ergue para demonstrar um excesso de incredulidade. – Dois

cruzadores ligeiros e um contingente de caças do Esquadrão Dourado para ver o que há lá. Se houver um combate, a frota estará pronta para ele.

– Temos que ser cautelosos – diz Mon Mothma. – Incurções pela Orla Exterior são lentas. Além disso, estamos em um momento de paz relativa, mas essa paz está de pé, vacilante, sobre um solo muito instável. Uma incursão desta magnitude pode ser encarada como excessivamente agressiva. Temos que ser vistos como amigos, não intrusos. Ocupar o espaço aéreo sobre Akiva pode causar problemas.

Melor faz que não com a cabeça.

– Chanceler... e parabéns, por falar nisso... Akiva, com todo o respeito, não fede nem cheira. É um planeta sem importância, na melhor das hipóteses, e a satrapia está no bolso do Império. Eles produzem recursos dos quais não precisamos, e a velha fábrica de droides embaixo da capital está desativada há décadas. Assim sendo, Akiva nos oferece pouquíssima vantagem estratégica *ou* só preocupação...

– Mas as *peessoas* lá *são* a nossa preocupação – argumenta Mon Mothma.

Ackbar percebe que ela se enfureceu. Melor às vezes faz isso. Ele vem de uma família de militares, e, embora, tenha um pouco daquela arrogância intelectual cereana, sua agressividade é bem conhecida.

– E temos informações que sugerem que nossa mensagem chegou lá – continua Mon. – As pessoas estão prontas para uma mudança. A Nova República é essa mudança.

Melor começa a falar, mas Ackbar faz novamente uma colocação:

– Estou de acordo com a chanceler aqui. Essa paz é frágil. E temos que desconfiar de qualquer ardil armado diante de nós. General Madine, acha que é possível montar um grupo de ataque? Pequeno. De cinco a sete soldados republicanos.

– Acho factível. O senhor deseja que eles operem no solo?

– Hum-hum – concorda Ackbar. – Um esquadrão de pouso suborbital. Forças especiais. Salto do alto da atmosfera. Precisamos de relatórios da superfície. Esse parece ser o jeito mais oportuno de fazer isso. Pequeno, mas eficiente. Todos concordamos com isso?

Todos concordam com a cabeça, a não ser Melor. O capitão franze a testa e os lábios como se fosse discordar, mas enfim suspira e também aquiesce.

– Ótimo – fala Ackbar. – Vamos entrar em ação. Eu quero botas tocando o solo em seis horas. Antes, até, se conseguirmos. Obrigado a todos.



C A P Í T U L O

18

Jas escancara a porta, com a arma de raios em riste.

Um droide está ali, na chuva do início da manhã.

É um droide de combate B1. O droide de combate B1: o guarda-costas que Temmin chama de Senhor Ossudo. A chuva cai no servomotor do crânio exposto, que solta faíscas e vapor. Temmin passa correndo por Jas.

O droide, pintado de vermelho e preto, ri loucamente: um som mecânico e deformado. Ele ergue um braço (pois está sem o outro, agora), e todos os ossinhos de animais pendurados ali chacoalham e fazem barulho.

O droide faz um joinha robótico.

– Ossudo! – diz Temmin ao abraçá-lo.

– EU PRATIQUEI VIOLÊNCIA – entoa o droide. Jas se pergunta se ouviu um tom de orgulho na voz dissonante daquela coisa. – ENTENDIDO.

Então, irrompe uma chuva de faíscas da cabeça do droide. Os olhos se apagam e ele cai de lado, como uma árvore derrubada.

Temmin emite um som triste do fundo da garganta. Sinjir dá uma espiada e diz:

– Acho que essa coisa já viu dias melhores, garoto.

– Cale a boca – dispara Temmin. – Você vai magoá-lo. Ele apenas precisa de conserto. Ajudem-me a levá-lo para dentro.

– É noite, você sabe – diz a voz.

Wedge, preso magneticamente à mesa, acorda assustado. O sonho em que ele estava – no espaço em um caça com defeito, ficando sem oxigênio, com o astromec em pedaços e a nave sendo levada pelo vazio – se desmancha como areia úmida subitamente seca escorrendo pelas mãos.

A voz. Ela vem do estranho, do homem cuja idade é difícil definir, aquele com estrias escuras que não são exatamente rugas. Aquele com olhos pequenos e um sorriso de serpente.

Aquele que corta Wedge com a faca.

No momento, porém, ele não vê faca alguma. Apenas o homem de mãos entrelaçadas dentro das mangas bufantes do robe.

– Você está aqui para mais tortura? Eu não vou ceder.

O sorriso assustador do sujeito nunca esmorece.

– Eu sei. Eu notei. Vejo que sua vitalidade jamais esmorecerá. – Ele ergue um dedo, como se estivesse tendo uma epifania. Mas a epifania não é dele; na verdade, o homem parece querer *dar* uma epifania. – Você sabia que os lordes Sith às vezes conseguiam sugar a energia da Força de seus prisioneiros? Sugar a vida deles e usá-la para fortalecer a conexão com o lado sombrio? Prolongar as próprias vidas também, de modo que pudessem viver séculos além do prazo de validade normal?

– Você se considera alguma espécie de feiticeiro?

O homem estala a língua para dizer não.

– Longe disso. Eu sou Tashu. Meramente um historiador. Um ávido estudante dos costumes antigos. E, até recentemente, um conselheiro de Palpatine.

– Meu amigo Luke me disse algumas coisas sobre ele.

O sorriso de Tashu cresce e revela dentes exageradamente brancos.

– Sim, imagino que ele tenha dito. Coisas vistas pela lente de um garoto confuso e inocente, com certeza. – Os dedos tocam no ar, como uma aranha

testando as teias. – Sei que não farei você ceder fisicamente.

– Então por que veio aqui?

– Para evitar que você durma bem. Isso o ajudará a ceder *mentalmente*. Talvez não nos renda informação alguma, mas gosto de treinar.

– Eu sou piloto. Estou acostumado a não dormir.

– Sim, mas não está acostumado à desesperança. Olhe ao redor. Você está preso. Sendo torturado sem objetivo. Neste instante, o Império está ressurgindo aqui, neste mesmíssimo lugar. Essa sua Nova República tem um momento para respirar e se equilibrar, mas nós temos uma máquina de guerra. Temos as bênçãos do lado sombrio. E, mesmo que sua gente continue indo em frente, recuperando sistema atrás de sistema, nós estaremos esperando por vocês. De alguma forma ou de outra. O Império é apenas a pele que habitamos, veja bem. Uma *casca*. Não é apenas uma questão de lei e ordem. É uma questão de controle total. Nós sempre voltaremos atrás disso. Não importa o esforço empregado para nos expelir, nós somos uma infecção dentro dos ossos da galáxia. E sempre avançaremos quando vocês menos esperarem.

– Você está errado – diz Wedge com os dentes cerrados. – A galáxia tem boas pessoas. Há mais de nós do que de vocês.

– A questão não envolve números ou porcentagens. É uma questão de fé. Os poucos de nós têm infinitamente mais fé que os muitos de vocês.

– Eu tenho fé na Nova República.

Tashu gargalha.

– E essa fé será testada.

– Seu rosto será testado quando eu chutar seus dentes.

– Aí está – fala Tashu, estalando os dedos com tanta força que parece o som do pescoço de um pássaro se quebrando. – Uma pontada vital de fúria e ódio. Nascidos da desesperança que plantei em você. Uma sementinha terrível. Mal posso esperar que dela cresça uma árvore ignóbil, até dar o seu fruto horrível.



INTERLÚDIO
CIDADE DE CORONET,
CORELLIA

Clarões de relâmpagos brilham, e a luta continua. No telhado de um antigo holoplex, tendo como pano de fundo um outdoor brilhante, espalhafatoso, com anúncios que não param de mudar, dois homens duelam. Eles já estão ali há tanto tempo que perderam toda a noção de tempo. Estão cansados. Exauridos. Encharcados pelas chuvas que caíram e se dissiparam novamente.

Mas continuam lutando.

O mais velho – parrudo, desmazelado, com o corpo metido em uma armadura frouxa vermelho-ferrugem e a cabeça enfaixada com trapos ensopados de chuva – circula, com as mãos erguidas como se fossem porretes. Um filete de sangue escorre do seu nariz; ele o limpa com a língua e depois sorri como um bebado.

– Nós podemos parar com essa palhaçada a qualquer momento, parceiro – rosna Dengar. – Podemos nos sentar, tomar uma cerveja em algum lugar, conversar sobre o acordo.

– Sem acordo – responde o outro homem, que se chama Mercurial Swift. Ágil. Sem armadura alguma. Cabelo negro agora colado à testa branca. Nas mãos, um par de bastões. Ele gira as armas. – Você tem que desistir, Dengar. Está indo longe demais com isso. Uma tolice...

Ao ouvir isso, Dengar avança novamente, dando socos como se fossem marteladas. Como se não quisesse apenas socar o homem mais jovem e rápido, mas também espremê-lo como uma fruta para seu suco matinal. Mercurial leva um golpe na clavícula, e a dor dispara pescoço acima e braço abaixo. Um dos bastões cai no telhado, espirrando água de uma poça.

Mercurial executa uma estrela e sai do caminho. Quando Dengar tenta segui-lo, o caçador de recompensas mais jovem se abaixa e mete a ponta do bastão na brecha entre as placas da armadura de Dengar, bem nas costelas.

O valentão mais velho uiva de dor e cambaleia para trás, com as mãos na lateral do corpo. De alguma forma, seu sorriso é também uma expressão de desdém.

– Junte-se a mim. Você é bom. É *rápido*, mas burro. Olhe só para você. Verde como doaki fresquinho. Você precisa... de orientação.

– De orientação sua? – pergunta Mercurial com uma tosse de escárnio. – Não vejo isso acontecendo, velhote. – Outro clarão de relâmpago. Nenhum trovão. – Você não entende? Eu entrei nessa parada porque gosto de agir sozinho. Eu *curto* esse lance independente. – Ele dá uma risada, emitindo um som curiosamente melódico. – Não me tornei um caçador de recompensas para entrar em um clube, né?

Dengar começa a circular novamente.

Mercurial circula na outra direção para pegar o bastão perdido.

– Nós sempre fomos um clube! – berra Dengar.

– Talvez esse seja o seu empecilho. Outros caçadores sempre pegam as recompensas antes de você. Sempre chegam antes.

Ali, aos pés de Mercurial: o bastão. Ele chuta a arma para o alto e a pega com a mão.

– Ho, ho, ho, você acha que eu perdi o jeito para a coisa, hein?

– Não dá para perder um jeito que você nunca teve!

Dengar gargalha.

– Seu catador de migalhas. Eu já recolhia recompensas quando você ainda usava fraldas espaciais.

– E o que isso diz sobre você, que *ainda* usa fraldas espaciais?

– Você não gosta muito de mim, não é?

– Quer que eu diga na lata? Você é um velho estranho e nojento. Verdade verdadeira, do fundo do coração? Ninguém nunca gostou de você.

Pronto. Aquilo mexe com ele. Dengar vira uma fera ensandecida; bastou agitar a isca certa na frente do nariz para ele avançar. E é o que Dengar faz, correndo para a frente como uma besta de carga faminta.

Mas, então, no último momento, ele desvia para o lado. O caçador de recompensas mais velho pula pelo telhado e executa um rolamento. Quando

fica de pé do outro lado, ele gira o corpo... e a pistola de partículas surge em sua mão. Pronta para espalhar os átomos de Mercurial pelo outdoor piscante.

Novamente, o combate pausa. A tensão vai ao máximo, como um garrote esticado. Novo clarão de relâmpago. O dedo de Dengar paira perto do gatilho. A pistola pulsa. As mãos de Mercurial apertam com força os bastões.

Algo está prestes a ceder.

Algo *tem* que ceder. Ou Dengar vai atirar nele.

Mercurial dispara um olhar para um telhado vizinho. Ele arregala os olhos. O queixo cai. Mercurial invoca a imagem à mente e diz:

– Boba Fett?

Dengar dá meia-volta na direção daquele telhado, e o cano da pistola vira.

E essa é a chance de Mercurial. O jovem lança um dos bastões, que bate no topo da testa de Dengar assim que ele vira a cabeça. No momento em que o crânio de Dengar vai para trás, Mercurial já está pulando para a frente, lançando um joelho na lateral do rosto do caçador de recompensas mais velho. Depois, ele dá uma cotovelada na clavícula e um golpe de bastão no pulso de Dengar. A pistola cai.

Mercurial pega a arma e enfia o cano embaixo do queixo do outro caçador de recompensas.

Nesse exato momento, a chuva começa a cair de novo. Uma chuvinha fraca.

Dengar torce a cara.

– Você é bom.

– É o que dizem.

– Aquele truque lá atrás? Talvez eu tenha mesmo perdido a porcaria do jeito, parceiro.

Mercurial dá de ombros.

– Eu já fui ator e dançarino.

– Sério? – diz Dengar, com a voz rouca. – O que trouxe você para essa vida?

– O Império não se importa muito com as artes dramáticas e musicais.

– Verdade, verdade. – Dengar inala uma bolha de sangue pelo nariz e dá um sorriso desdenhoso. – Mas é essa a questão, né? As coisas estão mudando, agora. A nossa profissão está prestes a ser *marginalizada* também. Aqueles rebeldes não vão tolerar a nossa marca especial de molho por muito tempo, certo? É por isso que temos que nos unir. Formar um sindicato propriamente dito. Seremos uma força respeitável. Todos nós teremos uma aparência de autoridade!

– Eu prefiro me arriscar sozinho.

Dengar concorda com a cabeça.

– Ok. Ok. Você, há, você vai me matar?

– Não há recompensa por você. Por que perder tempo?

– Fique de olho. Esse dia vai chegar. Recompensas por caçadores de recompensas. Vai acontecer em breve. Mesmo antes que eu morra. Fique de olho.

Mercurial concorda com a cabeça e leva a arma embora.

– Cuide-se, Dengar.

– É improvável, moleque. Muitíssimo improvável.



C A P Í T U L O

19

É manhã, e Adea espera pela almirante Sloane.

Adea percebe que, no contexto geral, ela é pouco importante. Um adido. Uma assistente. Ela cuida da papelada. Pega xícaras de caf. Pede assinaturas. Entrega comunicados.

Mas talvez, um dia, ela seja algo mais.

Este é um momento glorioso para estar viva.

O Império está cambaleando. Isso, em si, não é uma coisa boa. Mas há oportunidades à espera naquelas fendas e rachaduras. Cada fenda é um lugar onde Adea pode enfiar a ponta do pé. Ela pode ampliar esses vãos e encontrar um lugar para si lá dentro. É por isso que Adea admira tanto Sloane.

A almirante compreende esse momento. Ela está tirando o melhor proveito da situação. E, neste exato momento, Adea tem más notícias para dar a ela.

Aquilo a deixa empolgada, honestamente. Não deveria, talvez. Más notícias são, pela própria definição, objetivamente más. Mas é a reação que importa. As pessoas são feitas sob pressão, são formadas pela crise. Adea cresceu em Coruscant, mas seus pais não eram pessoas importantes. O pai era um soldador. Não tão reles que tivesse que trabalhar nas entranhas da cidade-mundo, já que fazia trabalhos de primeira linha para o Império. Mas, ainda assim, sujava as mãos. E queimava, cortava, até que as mãos se tornaram garras com artrite, cheias de cicatrizes e calos.

Adea sempre ficava admirada com a capacidade que os soldados-laser tinham de montar ou desmanchar as coisas. Como podiam juntar peças, ou separá-las.

Isto é a mesma coisa.

A crise poderá unir ou destruir todos eles. No entanto, ela acredita que Sloane será formada por essa crise. Não apenas pela pequena crise que Adea está prestes a entregar, mas pela crise maior.

Ela admira muito Sloane.

Ela odiaria desapontar a almirante.

Rae está embaixo de uma ducha gelada. *Canalizada diretamente da Garganta*, disse o sátrapa. *A água mais pura que a senhora vai encontrar em Akiva. O antigo povo Abia-Ko acreditava que a água era tão pura que levava embora os pecados e tornava a pessoa melhor.*

Se ao menos isso fosse verdade.

Ela mantém a água fria, porque eram assim os banhos em seu primeiro posto, há muitos anos, quando Sloane era apenas uma cadete a bordo do destróier estelar *Resistência*. Ela passou a gostar de banho frio. A água gelada a fortalecia. Despertava. Exatamente como agora.

Além disso, é um contraste necessário ao calor dali. Assim que Sloane sai do chuveiro, ela é atacada pelo calor – sim, o calor quente e úmido é invisível, mas não menos tangível. Parece que ela está atravessando a água de um pântano em ebulição. Afogando-se de pé.

Do lado de fora do quarto luxuoso que o sátrapa arrumou para Rae, Adea aguarda. A luz matinal a ilumina enquanto ela está ali, empertigada como um cabide, com uma holotela na mão.

– Você dormiu? – pergunta Rae, enquanto seca a cabeça com uma toalha.

– Sim, almirante – responde Adea.

Ela desvia os olhos e fica corada enquanto Rae se seca e se veste. Adea não é exatamente uma militar. Rae às vezes se esquece de como as pessoas fora da Marinha ou do Exército não compartilham da mesma experiência. A nudez de Sloane não significa nada além de um estado transitório. Nada romântico, nada vergonhoso. É um fato prático da existência.

– Ótimo – diz Sloane. – O sono será necessário para o dia que vem por aí.

– Pensei que a reunião tivesse corrido bem.

– A reunião correu bem, da mesma forma que um pouso forçado corre bem. Foi um primeiro passo inútil e inconsequente.

Rae veste o uniforme e alisa as rugas da roupa: pelo menos essa é uma das vantagens da umidade. (E o cabelo na verdade está sensacional pela primeira vez em sabe-se lá quantos anos. A aparência pesa muito pouco na maneira como Sloane se vê, mas de vez em quando é bom se lembrar de como ela realmente se parece.)

– Vamos tentar novamente hoje – continua Sloane. – Dito isso, eu não espero muita coisa. Esta é apenas a primeira reunião de cúpula. Talvez precisemos de outras. Trazer mais vozes. Peça que Morna deixe a nave pronta para assim que terminar o jantar.

– É claro, almirante. A senhora espera que chamemos a *Vigilância* de volta à órbita, ou Morna deve traçar cálculos hiperespaciais no computador da na... – A tela de Adea pisca. Uma, duas vezes, depois fica vermelha.

Rae franze a testa.

– O que foi agora?

– Nós temos um problema. Uma... incursão.



C A P Í T U L O

20

O transporte treme e balança nas nuvens sobre Akiva. O sol forma uma linha quente, parecendo aço derretido, sobre os redemoinhos brancos. Lá embaixo, a praticamente invisível cidade de Myrra, escondida atrás das nuvens; e, quando ela surge, permanece envolta em uma névoa diáfana cor-de-rosa.

O sargento-major Jom Barell das Forças Especiais da Nova República (FENOR) olha para os cinco homens e mulheres à sua direita, na porta aberta. Os torsos estão guarnecidos por armaduras de carbono, e nos ombros há o símbolo da Nova República: o pássaro estelar da Aliança, agora dentro de um sol resplandecente. O símbolo de um dia novo, um novo amanhecer. A fênix realmente renascida.

Os soldados ali com ele: cabos Kason, Stromm, Gahee'abee, Polnichk e Durs. Ele sabe quem é quem, mesmo que os rostos estejam escondidos atrás das máscaras de salto orbital.

Jom Barell acena com a cabeça.

– Pulem!

Um por um, eles soltam as presilhas e saltam para dentro das nuvens, com armas de fogo às costas e de braços esticados, como se tentassem tocar o sol.

É a vez dele.

Barell odeia saltar. Podem mandá-lo fazer qualquer coisa. *Qualquer coisa.* Avançar de mansinho em um pântano qualquer de Naboo; congelar o traseiro

em alguma base na neve com muralhas de gelo. Uma vez, ele teve que pilotar uma aeronave de combate através de uma supertempestade elétrica no céu de Geonosis, a fim de desentocar uns imperiais que meteram na cabeça a ideia de colocar para funcionar as velhas fábricas de droides geonosianas novamente. A tempestade era toda composta por relâmpagos, ventos intensos e temporal, castigando a lateral da aeronave com tanta força que deixaram pequenas *mossas* no metal. Barell tinha certeza de que eles estariam mortos antes mesmo que tentassem pousar. E aquilo *ainda* era melhor que saltar de uma nave.

Especialmente um salto suborbital.

Bem, o que tem que ser feito, tem que ser feito.

Barell salta depois de Durs, o último da fila. A sensação é a de sempre: as entranhas sugadas para o traseiro, o coração deixado em algum lugar no céu acima dele, o pânico, o terror. E aí...

O ar treme. Uma onda de choque atinge Barell. O corpo gira como um pião, e, acima, Barell vê a lateral do transporte aberta por uma explosão, com fumaça negra saindo em meio a clarões de chamas e uma chuva de faíscas. A nave vira e começa pender ao despencar...

O sargento-major tenta se comunicar, mas não adianta de nada, ele sabe disso. Há um apagão nas comunicações. Nada do que ele diz vai para lugar algum.

O melhor a fazer é cair e tentar não morrer.

Mas esse é um truque bem mais difícil do que o esperado, porque, embaixo dele, Barell vê o cabo Kason, na ponta da fila, desaparecer em um clarão. Algo surge da superfície: o raio ofuscante de um turbolaser. Há um minuto, ali estava Kason, e no próximo ele é apenas um espirro vermelho e pedaços de armadura de carbono girando entre as nuvens.

Estamos mortos, pensa Barell.

Outro disparo e Stromm é o próximo; um clarão e ele está morto. Barell mergulha no espaço onde Stromm esteve, apenas dois segundos depois dele.

O sargento-major sinaliza para os demais:

– Somos alvos fáceis como pombos aqui em cima. Precisamos ser falcões: acionem as para-asas.

É cedo demais, eles estão muito no alto. Ali, as asas podem matá-los. Mas que chance eles têm? Abaixo de Barell, os outros três abrem braços e pernas, e o traje planador é acionado.

É tarde demais para Gahee'abee. No momento em que as para-asas do Kupohano se estendem do punho ao tornozelo, ele morre. Vem outro raio intenso da superfície do planeta, e ele simplesmente se torna um bando de trapos de asas levados pelo vento.



C A P Í T U L O

21

Uma manhã tranquila em Myrra. As chuvas pararam. O calor sobe dos telhados e das ruas, deixando tudo obscurecido em meio ao vapor turvo. Um par de pega-pegas de plumagem azul-celeste executa manobras no ar acima da cabeça de Norra, perseguindo um ao outro no que pode ser uma briga por território ou uma dança de acasalamento. Talvez ambos, dada a natureza corajosa desses pássaros azuis.

Parece tudo calmo ali no telhado de Esmelle e Shirene, enquanto ela toma chá. Mas a serenidade lá fora não faz nada para conter o caos no interior.

Norra conhece essa sensação. Colocar o uniforme para entrar no Y-wing. Ficar sentada no hangar do *Lar Um*, à espera do sinal, à espera do salto para o hiperespaço. Lá também estava tranquilo. Algumas vozes murmurando aqui e ali. Um droide passando e apitando. Os sons de uma velha fragata: um *tink-tink-tink* nos canos dentro das paredes, um leve gemido de metal roçando em metal, o ronco dos purificadores de ar funcionando.

Ela tenta não sentir enjoo, mas hoje é como foi aquele dia.

Norra quer apenas ir para casa.

Mas o dever a chama mais uma vez.

Lá embaixo, no porão, Temmin trabalha no droide. Os outros dois deram um jeito de dormir. Norra também, embora só por algumas horas, e mesmo essas não foram tranquilas.

No entanto o garoto não parou de trabalhar. Norra admira o filho. Ele é como o pai, obstinado e determinado, mas também herdou a teimosia da mãe. A raiva, a confiança arrogante, a mesma confiança que fez Norra abandonar esse planeta e juntar-se à Aliança Rebelde, sob a tola presunção de que ela *sozinha* seria capaz de descobrir onde o Império mantinha o marido e... o quê? Resgatá-lo? Como se ele fosse uma princesa presa em uma torre como nos antigos contos de fada? Que ideia mais sem sentido.

Do outro lado da rua, na direção do pomar, Norra olha para outro telhado, onde um casal idoso está sentado. Ela os reconhece. Estão aqui há anos, os dois. São um casal enrugado de Biths, e Norra não se lembra de seus nomes, embora Esmelle provavelmente os conheça. Os dois Biths estão sentados sob uma sombrinha, vendo o pôr do sol sobre a selva distante, bebendo de um único cilindro – provavelmente um copo de fluido de oratay. Biths parecem adorar aquilo.

Um povo pacífico, os Biths.

Norra deseja que ela fosse mais como eles...

Eis que surge um som ao longe. Um som que Norra conhece bem no fundo da alma, mesmo antes que os ouvidos sequer o captem: o rugido de um caça TIE.

Ele passa voando baixo, indo em direção ao centro da cidade.

Os Biths – aqueles Biths pacíficos, que bebem oratay – ficam de pé. O velho arranca um fuzil de raios que estava sob a cadeira e, antes que Norra se dê conta, ele grita uma série de impropérios na língua nativa, antes de fazer disparos inúteis ao caça imperial que passa berrando.

A mulher Bith ergue o punho e se junta aos xingamentos.

Norra finalmente compreende. É claro. *É claro.*

Ela está prestes a dar meia-volta e entrar quando uma explosão sacode o céu, acima do centro da cidade. Norra se vira e vê nas nuvens alguma coisa

queimando. Vê uma pequena silhueta negra: uma nave, subitamente virando e despencando pelo redemoinho de nuvens.

Outro clarão: o disparo de canhão de um turbolaser vara o céu. Ele acerta... alguma coisa lá em cima. Alguma coisa pequena.

Um soldado, talvez.

Norra sente um nó na barriga. Um soldado rebelde?

Faz sentido.

Mas isso significa que o cronograma deles acaba de mudar.

Bong! Bong! Bonnnnng!

Com a última pancada da chave, os olhos do droide de combate pulsam e piscam ao se acender. O alto-falante embaixo do bico metálico da coisa emite um som hesitante e rangente: *RRRRRRRRggggRRRRR*.

Temmin bate nele novamente.

Bong!

– EEEEEENTENDIDO.

O droide fica de pé. Servomotores giram quando ele observa o braço consertado. O braço não é bem um braço, e sim a perna de um astromec. O droide gira a perna, devagar a princípio, depois cada vez mais rápido, até se tornar uma forma indistinta.

– ESTE NÃO É O MEU BRAÇO.

– Eu sei, Ossudo. Desculpe.

– ISTO É A PERNA DE UM ASTROMECC.

– Sim, sim, eu sei.

– ASTROMECCS SÃO INFERIORES. SÃO LIXEIRAS QUE BIPAM. EU ME TORNEI INFERIOR PELA INCLUSÃO DESTE NÃO-BRAÇO.

Temmin dá de ombros.

– Eu prometo que conserto você quando a gente voltar à oficina. Por enquanto, isto é o que as minhas tias tinham sobrando.

Aqui embaixo, na oficina do porão, foi onde Temmin construiu Ossudo pela primeira vez, montando-o a partir de restos de droides que encontrou nas catacumbas sob a cidade. Destroços e ruínas das Guerras Clônicas, de quando a fábrica lá embaixo, agora uma cratera escancarada e calcinada, ainda produzia droides para os Separatistas.

Temmin pega a chave e a dobra. É uma pequena ferramenta multiuso que ele sempre mantém no cinto. A chave pode se tornar qualquer ferramenta de que ele precise, bastando estender as diferentes pontas retráteis. O garoto a gira, enfiando-a novamente no cinto de utilidades.

– TALVEZ EU AINDA CONSIGA SER FUNCIONAL. – O droide dá uma estocada com a perna de astromec. – EU POSSO ESMAGAR QUEM TENTAR MACHUCÁ-LO. VOU BATER ATÉ VIRAREM UMA PASTA GOSMENTA DE MELADO. NÃO SE PREOCUPE, MESTRE TEMMIN, O SENHOR ESTÁ SEGURO.

– Obrigado, Ossudo.

Temmin abraça o droide, que devolve o gesto, ainda que com um braço só. A perna de astromec apenas meio que... dá um tapinha na lateral do braço do garoto. *Pat pat pat.*

– Eu pensei ter perdido você – diz Temmin.

Ossudo é dele há algum tempo. A ideia de perdê-lo...

– EU FIZ BEM. EU VOLTEI.

– Fez, sim. Obrigado, Ossudo.

– ENTENDIDO.

O rangido de uma tábua indica que há alguém descendo os degraus de tábuas corridas. É a mãe dele. Os dois se encaram por alguns momentos, como se não soubessem lidar um com o outro. Porque de fato não sabem, não é? São estranhos um para o outro. Temmin se dá conta disso, agora. Ele ergue a cabeça. Está envergonhado. Será que ela o viu abraçando o droide? *Ugh.*

– Mãe. A senhora... podia bater ou algo assim, da próxima vez.

– Temmin, aconteceu uma coisa. E... acho que tenho um plano.

– Eu subo já.

Ela espera ali por um momento.

– Eu... – ela começa.

– O que foi? Desembucha.

– Estou contente que estejamos juntos. E estou contente que seu droide esteja bem. Ele parece ser muito importante para você.

– Não! Ele não é. É apenas um droide, Ok? Eu disse que subo já.

A mãe dá um sorrisinho e concorda com a cabeça, depois volta a subir.

Quando ela sai, Temmin sussurra para o droide:

– Eu não quis dizer aquilo.

– EU SEI.

– Você é o máximo.

– EU SEI DISSO TAMBÉM.

Esmelle encontra Norra no topo da escada e fecha a porta com delicadeza. A irmã está com uma expressão preocupada, com feições franzidas como um cordão bem apertado.

– O droide está bem?

– Acho que sim. – Norra deixa de mencionar a perna de astromec que agora substitui o braço ausente. – Mais ou menos.

– Aquele droide é muito importante para ele.

– Foi o que eu percebi.

– Não, você não entende. Ele construiu o Senhor Ossudo no ano em que você foi embora. Temmin não tem muitos amigos. Aquele droide talvez seja um.

– Não é possível ser amigo de um droide.

– Bem, ele é. Temmin estava sendo xingado e espancado por uma gangue de... pequenos tiranos. Ossudo o protegeu. Ele não é apenas um guarda-costas.

Quando você fez a sua... *viagem*...

– Eu entendi – dispara Norra. – Você acha que eu deveria me sentir mal por ter ido embora. Eu me senti mal na época, e me sinto pior agora. Estou tentando consertar a situação.

– E, no entanto, cá está você. Fazendo mais trabalhos para os rebeldes. É o seu filho que precisa de você, Norra, não essa a sua... campanha.

Campanha. É assim que Esmelle encara as coisas.

– A guerra está vindo para Akiva, Esme – rosna Norra. – Não virá mais tarde, virá em breve. Agora, talvez. Você pode fingir que ela não pousará na porta de casa, mas acredite em mim, minha cara irmã *sem pulsos nem brio*, a sua vontade não vai impedir a maré. Agora, dá licença. Eu não tenho tempo para esta conversa.

A irmã reclama, mas Norra força a passagem por ela.

– Posso simplesmente ficar sentado e assistir? – diz Sinjir.

Só estão ele e Jas. Diante dos dois, outra disposição de utensílios de cozinha e víveres. O mapa de Myrra cresceu desde a noite de ontem.

– Esse negócio todo é realmente muito desagradável – fala ele. – Eu poderia ficar sentado, levantando placares com notas? Tipo, fazer uma animação de torcida?

Sinjir toma um gole de uma garrafa sem rótulo. A bebida é doce. Mel no início e lavanda ao final. O gosto que fica na língua é de cobre, quase elétrico, como se ele lambesse a parte de cima de uma bateria de tório.

– Eu disse: preciso de ajuda de verdade, não de ajuda ilusória. – Jas encara Sinjir e vê que ele está bebendo. Ela arranca a garrafa das suas mãos e sente o cheiro.

– Ei! Não é assim que se faz! – Sinjir protesta.

– Você é um bêbado.

– De maneira alguma. Um picles está mais bêbado que eu. Eu me inebrio para manter um certo nível baixo de... – Ele gira o dedo no ar. – *Torpor*. Eu considero a vida bem mais agradável dessa forma.

– Eu preciso de você lúcido.

– Ah – Sinjir faz uma cara triste –, estamos muito lúcidos.

A caçadora de recompensas fuzila Sinjir com o olhar.

– O que aconteceu com você? Em Endor. Eu me lembro de você. Parado lá, coberto em sangue. Era seu?

Ele faz uma expressão de desdém.

– Eu não quero falar sobre isso.

– E, no entanto, cá estamos nós, falando sobre isso. – Jas se senta e suspira. – Eu me tornei uma caçadora de recompensas porque não gostava da vida que minha mãe havia escolhido para mim. Me pareceu... arrumadinha demais. Aquilo me *sufocava*. Então, segui os passos da irmã da minha mãe: tia Sugi era uma caçadora de recompensas também. A questão é que Sugi sempre trabalhou com uma equipe. Ela não era um pássaro sem bando, uma agente independente. Uma coisa que aprendi com ela foi: se eu fosse trabalhar com uma equipe, teria que confiar nos integrantes. Teria que conhecê-los. Então, nunca trabalhei com uma equipe, porque confiava em mim mesma acima de qualquer outra pessoa. Agora, cá estou eu. Trabalhando com você.

– O que, sejam honestos, faz de você uma pessoa muito sortuda. Eu sou realmente muito bacana. É quase como se você tivesse ganhado a loteria do Dia do Império. – Sinjir dá um sorrisinho afetado. – Ei, se você tem uma nave, onde está ela? Será que não poderíamos usá-la apenas para... decolar deste pedregulho? Para encontrar algo melhor para fazer?

– Ela está a alguns dias de caminhada no interior da selva – responde a Zabrak, mas o jeito como fala indica que ela não está entrando no jogo dele. – Tive que garantir que a minha jornada até a cidade não fosse vista.

– Conveniente. A título de uma grande inconveniência.

Ela o fuzila com o olhar.

– O que aconteceu naquele dia? Em Endor?

– Você sabe o que aconteceu. Você estava lá.

– Com você. O que aconteceu com *você*.

– Eu... – Sinjir oferece um sorriso sério, tentando não falar em voz alta das memórias que acabam com ele. – *Beleza*. Você realmente quer saber? Não vai parar de cutucar? Vamos nessa, então. – Ele gira a bebida com gosto de mel pelo fundo da garrafa. – Então, como eu disse, eu era um agente de lealdade imperial na base de Endor e... *Oh, olhe, é Norra!* – Ele quase deixa a garrafa cair quando a vê entrar na cozinha.

Ela. Norra. Parada bem ali. Enfurecida. Com o peito arfando, como se fosse uma fera que sentiu cheiro de sangue no vento. Sinjir devia tê-la ouvido se aproximar, mas a bebida e a conversa...

– Um imperial – diz Norra.

– Tenho certeza de que você ouviu mal... – fala Sinjir. – Eu disse... *Mimperial?* – Ele franze o cenho e balbucia *hummm*. – Isso não é uma palavra, é?

– Um *imperial* – repete ela, mais alto dessa vez.

– Norra, preste atenção...

Ela avança contra Sinjir e o derruba sobre a bancada da cozinha. Tigelas batem; o saleiro gira, cai da borda da mesa e se espatifa. As mãos de Norra pegam Sinjir pela garganta, e o rosto dela paira sobre o dele.

– Eu deveria saber – diz Norra. – Você não tinha a postura de um de nós. *Superior demais, nariz empinado demais*. O sotaque também, claro como água da fonte. como Seu filhodeumgundark...

O clique de uma arma de raios.

Jas enfia o cano na lateral da cabeça de Norra.

A caçadora de recompensas fala, com uma voz calma:

– Norra. Você vai ter que aceitar essa situação. Se não conseguir fazer isso, tudo vai desmoronar. Ele era um imperial. E podemos usá-lo.

É como ver a bruma se dissipar em cima da água de um lago. Norra perde o ímpeto de lutar e dá uma longa encarada nele. Sinjir liberta-se das mãos que se afrouxam e esfrega a garganta.

– Nós podemos usá-lo – concorda Norra. – Você está certa. – Ela recupera o foco, como se tivesse tomado uma decisão. – Algo está acontecendo. O cronograma mudou. Precisamos agir agora.

Atrás deles, Temmin diz:

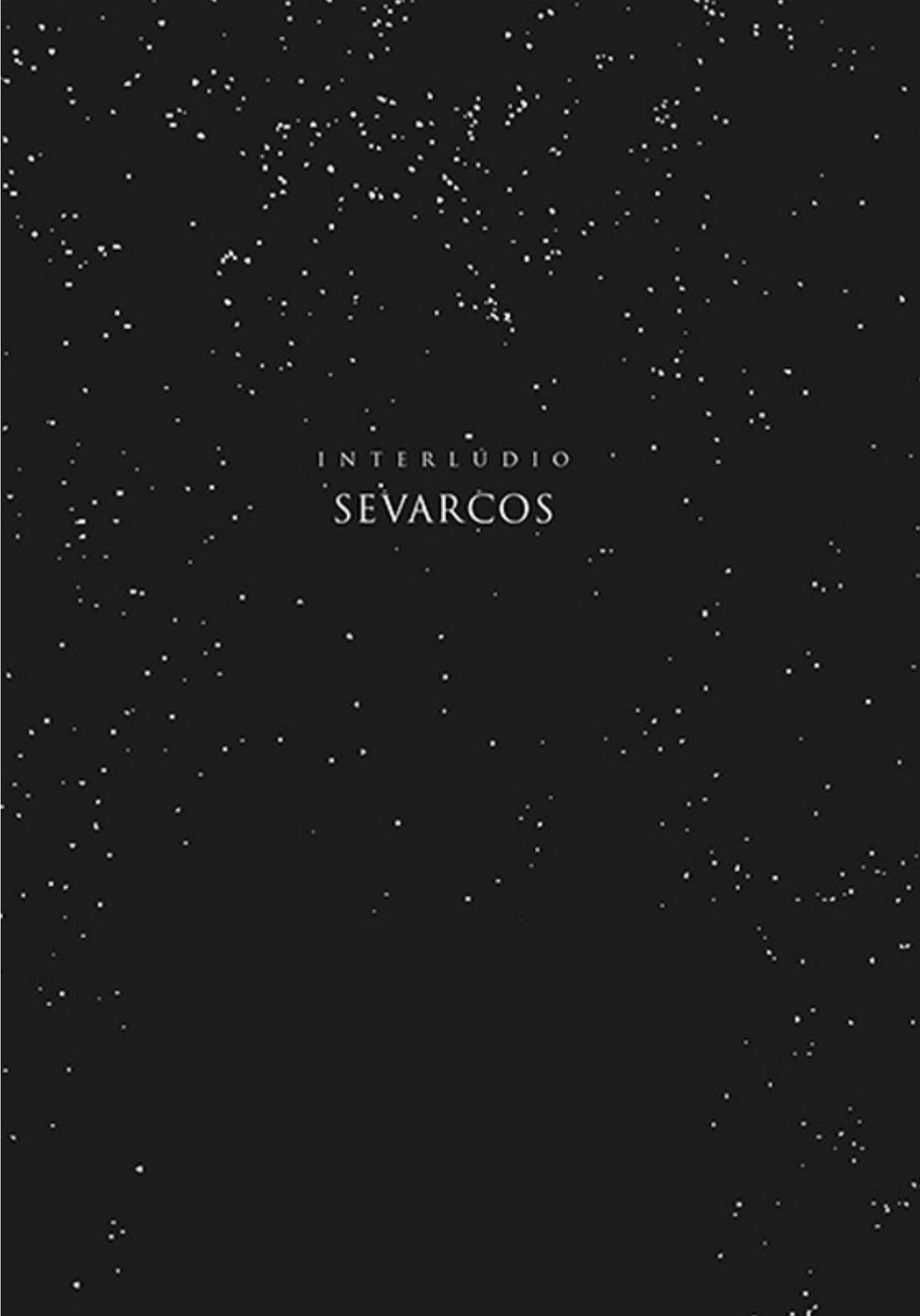
– Estou interrompendo alguma coisa?

Ninguém fala nada.

– O que está acontecendo? Oi, tem alguém aí?

Norra sorri e responde:

– Eu tenho um plano.



INTERLÚDIO
SEVARCOS

Três escravos se amontoam nas sombras de torres de artilharia imperiais, escondidos atrás de uma rocha escarpada enquanto a batalha se desenrola: Hatchet, o Weequay, cujo rosto áspero é marcado por uma cicatriz central que desce no meio dos olhos, passando sobre o nariz e lábios, até o queixo; Palabar, o Quarren, cujo rosto com tentáculos está seco, irritado e descamando (porque o ar ali é seco e cheio de partículas, a ponto de lentamente desgastar a pessoa, como água erode pedra); e Greybok, o Wookiee de um braço só, uma fera que paira sobre ambos e os protege no momento em que chovem destroços de um A-wing, após bater nas montanhas de rocha vermelha acima.

– Temos que correr – rosna Hatchet. – Os imperiais estão vencendo esta batalha. E, quando vencerem, as minas serão novamente deles. *Nós* seremos novamente deles!

O Quarren concorda com a cabeça. Palabar tem andado tão traumatizado nos últimos anos que vai para onde o vento o leva, escondendo-se, concordando e choramingando no escuro.

Mas Greybok rosna: um urro gutural de divergência. Ele balança o punho em fúria e arreganha os dentes ao ulular.

As torres de artilharia imperiais cospem fogo sobre a vasta planície que leva à boca da mina de especiarias. Outros escravos se amontoam por perto; alguns estão feridos; outros, mortos. A maioria apenas tenta sobreviver como dá.

Greybok rosna de novo com a cabeça erguida, e os pelos sujos e emaranhados se sacodem.

Hatchet faz que não com a cabeça.

– Você está maluco! Não podemos ajudar os rebeldes. Essa não é a nossa guerra, seu casaco de pele ambulante! A nossa única esperança é não morrer.

Mas, em raro momento de divergência, Palabar fala:

– E... E se o Wookiee estiver certo? E se for a nossa única chance? Se corrermos, eles vão nos encontrar...

Greybok late, concordando. Ele balança o braço novamente. Os senhores de escravos de Sevarcos arrancaram o outro braço muitos anos atrás, quando ele tentou escapar. Os senhores não são imperiais, mas a mina há muito tempo está sob controle do Império. Oficiais vêm inspecionar os procedimentos, a fim de receber um dízimo dos créditos e das especiarias. O Império não desaprova a escravidão, e na verdade foi construído sobre as costas de escravos. Os créditos nos cofres imperiais são garantidos por aqueles que estão sob cativeiro contra a própria vontade. Espécies inteiras! Greybok sabe de tudo isso; ele não é um trabalhador comum, embora seu objetivo ali seja de fato manejar uma pneumomartela e pulverizar rochas. Antigamente, ele foi um diplomata tribal. Greybok sabe como são as coisas. Não é tolo.

E, embora não seja um guerreiro, hoje ele tem um motivo para tentar.

– Não vá lá fora – dispara Hatcher. – Não seja um tolo, Wookiee.

Mas o Wookiee não se importa.

Greybok só quer ser livre.

Ele se levanta e solta o grito de combate de seu povo. Depois, corre para a batalha, desviando de disparos de laser. Um imperial em armadura de batalha mecanizada se volta para o Wookiee, apontando para ele um canhão pesado de mão. Mas Greybok tem velocidade e surpresa a seu favor. Ele entra embaixo do oponente e joga o trooper pesado em uma fissura.

Greybok nunca para de se movimentar.

Ele tem um plano.

Lá na frente, um curral, com a cerca alta e o portão eletrificado. No interior, mais três escravos, com dez vezes o tamanho de Greybok, facilmente. *Rancores*. São criaturas tornadas cruéis pelos escravagistas, forçadas a marchar pelos desfiladeiros externos a fim de evitar que os escravos escapem. Todo mundo sabe que, se a pessoa conseguir chegar aos desfiladeiros, ela será caçada e comida pelos rancores.

Mas, quando os imperiais vêm, os rancores são recolhidos para o curral de cerca alta e deixados presos ali. As feras não gostam de ninguém. Escravos *ou* imperiais. Os rancores são treinados para gostar só dos escravagistas que os treinam.

Os rancores estão aqui, agora. Do lado dos imperiais. Eles rangem os dentes e gritam. Um deles é menor que os outros, com olhos amarelos intensos e o rosto verde-acinzentado. Os demais são vermelho-ferrugem, como as montanhas dessa parte de Sevarcos; são maiores, também.

Greybok dispara para o curral, pegando uma pedra pesada no meio do caminho. Os rancores se voltam para ele, urrando. Greybok urra de volta e começa a bater com a pedra no enorme cadeado que mantém fechado o portão eletrificado.

Bam. Bam. Bam. Os rancores param de berrar e passam a observar o que ele está fazendo, com um fascínio intenso. Os imperiais começam a gritar. Disparos de laser pipocam no chão perto dos pés do Wookiee e fritam na cerca. Ele não para, *bam, bam, bam*, até que...

O cadeado quebra ao meio e cai.

As serpentes crepitantes de eletricidade que rastejavam por toda a cerca do curral subitamente piscam e morrem. A carga elétrica acabou.

E o portão começa a se abrir.

O ranco menor ruge e empurra o portão com a parte de trás da pata. O portão atinge Greybok e joga o Wookiee no chão. A sua cabeça bate em uma pedra, e tudo fica borrado.

Acima dele, aparecem silhuetas difusas, conforme os três rancores escapam. Surgem gritos. Algo explode. Homens berram, em pânico. Então, de repente, alguém aparece sobre Greybok: um escravagista, um Zygerriano com a boca contorcida em fúria animal.

– O que você fez, escravo? – diz o feitor, enraivecido.

Greybok tenta se levantar, mas o Zygerriano aponta para ele uma de suas terríveis armas: uma pistola de agulhas. O escravagista gira um mostrador na lateral e aperta o gatilho. Cordas de raios vermelho surgem da ponta da arma, envolvendo o Wookiee de um braço só.

Tudo é luz, dor e fogo.

Ele não consegue nem rugir, só é capaz de se sufocar e gorgolejar.

A escuridão surge ao seu redor. O Zygerriano tem intenção de matá-lo. Esse é um dos poderes de uma pistola de agulhas: ela pode causar pouca ou muita dor. O bastante, por um curto período, pode afetar o coração e matar.

Mas eis que a arma para; o fogo retrocede, a dor some (embora a memória dela ainda vá permanecer por muito tempo). O Zygerriano cai.

Lá está Hatchet, segurando a própria pedra.

Greybok ruge um agradecimento.

E, então, o Wookiee é tomado pela escuridão, embora apenas por um instante. Ou assim pensa ele: Greybok abre os olhos, e parece que não se passou tempo algum.

Só que se passou, sim.

Hatchet está sentado ali, palitando os dentes com um pauzinho quebrado. Tudo ao redor é a destruição da guerra: as torres de artilharia estão em chamas, rebeldes recolhem escravagistas, latas de especiarias estão sendo jogadas no fogo crepitante. Um dos rancores está morto, um dos grandes. O verde-acinzentado e o outro monstro vermelho-ferrugem não estão visíveis, nem se ouve som algum da parte deles.

Greybok ruge uma pergunta.

– O que aconteceu foi que nós vencemos – responde o Weequay. – Ou os rebeldes venceram. Bem, *alguém* venceu, e não foram nem o Império, nem os escravagistas.

Ali perto, Palabar abraça os joelhos com braços compridos. Os tentáculos se mexem no ar, com ansiedade.

– O que acontece agora? – pergunta ele.

Greybok faz a mesma pergunta, soltando um rosnado baixo e retumbante. Quando uma soldado rebelde passa por eles, Hatchet a chama:

– Ei, doçura. O que acontece agora? Para nós, quero dizer. Os escravos.

Ela ri um pouco, mas Greybok nota que a soldado também parece perdida. Tudo que ela pode fazer é dar de ombros.

– Eu não sei. Ninguém sabe. Mas vocês estão livres.

A mulher continua andando. Ela tira do caminho um capacete de stormtrooper com um chute e depois some. Ao longe, o som de outra batalha. Greybok se pergunta se Sevarcos inteiro cairá ou se será retomado pelo Império. O futuro subitamente está em suspenso, em evolução, girando, pulando aqui e ali, como um loomor-das-árvores em pânico.

Hatchet dá uma risada sem graça.

– *Ninguém sabe*. Ouviram isso, colegas? Ninguém sabe o que vai acontecer a seguir. – Ele solta um muxoxo e fica de pé. – Seja lá o que for, acho que somos nós que temos que fazer. Estamos livres, agora. É melhor agirmos de acordo, vermos o que a galáxia tem a oferecer para um trio de ex-escravos sem classe, que não valem nada, não é?





C A P Í T U L O

22

Com o olhar turvo pelo cansaço, o almirante Ackbar estuda os dados. É um pequeno conjunto de informações, tudo mostrado em 3D. Diante dele, a superfície do planeta Akiva cresce e incha como um balão, até parecer que Ackbar seria capaz de mexer nos redemoinhos de nuvens com a palma da mão. Como um deus. Mas é apenas uma projeção, um holograma, montado a partir de dados retirados de um droide-sonda ainda no espaço. Ele vê o que o droide viu: um pequeno ponto (iluminado por um círculo vermelho), que representa o transporte voando, e os soldados FENOR saindo da nave, um por um (cada soldado, um círculo amarelo). Em seguida, um clarão de disparo de canhão: um turbolaser, vindo da superfície do planeta, em algum ponto embaixo das nuvens.

O ponto vermelho pisca e se apaga, explodindo em pleno voo antes mesmo de atingir o solo.

Um por um, os círculos amarelos também piscam e se apagam.

Exceto um.

O sinal é perdido quando o soldado atinge o planeta, mas parece que o sargento-major Jom Barell das FENOR sobreviveu ao ataque. Onde ele foi parar, Ackbar não sabe. A essa altura, a informação é incompleta. O apagão de comunicações não ajuda, e o droide-sonda só conseguiu esses dados por causa de uma varredura visual. E *eles* só conseguiram os dados porque o droide

disparou o comunicado de volta para o *Oculus*, que está suficientemente fora de alcance para ser capaz de, enfim, encaminhá-lo a Ackbar ali no *Lar Um*. Assim, uma comunicação de curto alcance vira outra, de longo alcance.

– E nós achamos que Barell sobreviveu? – diz Ackbar.

O holograma da face de Deltura acena, concordando.

– Achamos.

Ele cede espaço, e o rosto da oficial científica aparece.

– Embora a sobrevivência dele não seja garantida – diz a oficial Niriian. – Note o senhor o padrão irregular que ele segue subitamente, um padrão que continua até o solo. – Ela repete aquela última parte, em que o círculo brilhante de Barell de repente dispara para a direita, depois para a esquerda, e em seguida cai em zigue-zague. – Isso sugere que ele acionou as para-asas cedo demais. O vento naquela altitude é intenso. Não temos certeza de que o homem que pousou na superfície é um homem que está vivo e bem.

Ackbar concorda com a cabeça.

– Obrigado, oficial Niriian. Trabalho louvável, como sempre. – Ele dobra o pescoço e o massageia.

Deltura retorna.

– Senhor? Nossas ordens, almirante?

– Mantenham a posição até segunda ordem, mas permaneçam alertas. Algo está acontecendo lá. Ao que parece, teremos que revelar o rosto dessa coisa com uma mão bem mais ativa do que esperávamos inicialmente.

E se for o Império, como o informante secreto leva a crer, então a guerra pela galáxia chegou antes a esse setor da Orla Exterior.

Quando Rae chega à sala, eles já sabem. O volume dos presentes é um ruído contínuo, e, quando a almirante entra pela porta, aquele protesto aflito e irascível se volta contra ela como um laser. O sátrapa, agindo como criado, corre na direção de Sloane e diz, não para ela, mas para as pessoas reunidas ali:

– Eu disse que é seguro, que as paredes aqui são feitas de pedra tão grossa quanto a altura dos senhores.

O sátrapa se aproxima de Rae e oferece uma travessa cheia de docinhos cheirosos: pequenas girândolas delicadas com frutas doces e florais no meio. Ela dispensa tudo com um gesto, apesar das reclamações do estômago faminto. Afinal, a almirante não vai parecer uma líder eficiente se estiver com um docinho fofo na mão e migalhas no canto da boca.

Não. É bom assim: que forma melhor de minimizar a gravidade da situação?

Rae pega o sátrapa pelo braço, retira um doce da tigela e começa a comê-lo.

Deixem que vejam que ela não leva aquela ameaça a sério.

Uma mentira. A ameaça é séria; ou o será, em pouco tempo.

O fato de que eles já sabem de alguma coisa é novamente mérito de Pandion. Ele tem *alguém* na equipe da almirante. Tothwin? Pode ser. Aquele fedelho. Adea ou Morna? Isso seria uma preocupação maior.

Não há nada a ser feito agora. Não há tempo para uma caça aos ratos.

Ela balança a mão e deixa cair algumas migalhas na palma.

– Como os senhores sabem – Rae começa a falar, mas tem que repetir mais alto para silenciar os presentes. – *Como os senhores sabem*, houve uma incursão no espaço de Akiva. Descobrimos um transporte rebelde na atmosfera sobre Myrra. Nós erradicamos aquele transporte com um de nossos canhões suborbitais terra-órbita. Esse é o fim das nossas preocupações atuais.

– O fim? – vocifera Barks. – Essa não me parece uma avaliação precisa. Quanta indiferença! Isso é uma ameaça, almirante Sloane! A Aliança Rebelde...

– Os rebeldes enviarão uma frota – interrompe Pandion. – Não imediatamente, mas em breve. E, quando enviarem, deveremos encontrá-los aqui. Eles estão cegos quanto à situação; nós, porém, enxergamos nitidamente. Isso nos dá uma vantagem poderosa. Eles enviarão uma frota, e nós temos a nossa à espera, liderada pelo superdestróier estelar *Dilacerador*. Uma vitória

para o Império, que servirá como o toque de um sino pela galáxia, anunciando o retorno da ordem.

Tashu e Crassus concordam com a cabeça.

– Eles ainda têm a vantagem militar – diz Shale, passando pelo sátrapa subserviente e sua bandeja de docinhos. – Especialmente se mandarem uma frota grande como resposta. Se isso é provável, eu não sei dizer, mas, ainda assim, colocar *qualquer uma* de nossas naus de comando em jogo agora é uma imprudência. Essa é uma batalha que só deve ser travada se for preciso. Se *perdermos* este combate, então perderemos as nossas naus de comando, e provavelmente as nossas vidas e a nossa liberdade. *Esse* será o toque do sino, moff Pandion. O senhor quer perder aqui como perdeu em Malastare? A perda daquela estação de comunicações nos custou o parco controle daquele mundo.

Ela também tinha ouvido falar da derrota de Pandion ali; apenas ele escapou, fugindo em uma cápsula de fuga enquanto os rebeldes tomavam a base atrás dele. Na marinha, o almirante afunda com a nave. Ao que parece, moffs não seguem esse código.

Puxar aquele assunto magoou Pandion. Sua raiva diante do comentário paira em seu rosto como uma máscara.

– Sua covarde.

Shale dá de ombros.

– Não covarde ao ponto de fugir enquanto meus homens são capturados ou mortos.

É hora de intervir antes que aqueles dois se matem. (Embora isso, pensa Sloane, fosse resolver o caso, não é? Se ao menos ela fosse assim tão implacável...)

– O plano, da forma como o vejo – diz ela novamente, bem alto –, é continuarmos o café da manhã e a discussão sobre nosso propósito maior: o futuro do Império Galáctico e da galáxia que ele controla ostensivamente. Enquanto isso, nosso pessoal vai preparar as naves, fazer as malas, e minha

assistente Adea arrumará para nós um novo local para esta reunião. Na hora do almoço, iremos a esse segundo local e continuaremos a discussão lá.

Com essa declaração, Sloane tenta meter a bota no pescoço de uma serpente ondulante, a fim de prendê-la no chão antes que seja mordida por ela. Aquela situação toda ameaça ser como uma corda escapando completamente das mãos. No momento, a declaração parece tê-los feito parar, mas a almirante sabe que, a qualquer instante, alguém como Pandion vai se apresentar para pedir uma votação. Isso estaria de acordo com o precedente aberto na noite de ontem, quando ela cometeu um erro ao permitir que todos tivessem direito a voto. (E aqui Sloane se pergunta sobre o erro maior: será que essa reunião é uma empreitada tola? Talvez Pandion tenha razão. O Império precisa de um imperador, não de um conselho em pé de guerra. É por meio de conselhos que as rodas do progresso diminuem a velocidade, até se arrastarem de maneira imperceptível. O Senado Galáctico era famoso por sua incapacidade de realizar *qualquer coisa*.)

As coisas são como são.

– Que a reunião comece – diz ela.

Jom Barell tosse. Os olhos recuperam o foco. Onde ele está? O que aconteceu?

As memórias não levam muito tempo para voltar, com a mesma velocidade do solo que avançou para encontrá-lo. Vem a lembrança da queda. O transporte em chamas. A equipe apagada do céu, um por um, como em um estalar de dedos de um deus imaturo e insensível. Suas para-asas abertas. Ele sendo levado pelo vento. Durs embaixo. Polnichk acima. Um laser apagando Durs. O vento detendo Polnichk antes de o canhão matá-lo também.

Em seguida, Jom foi pego no mesmo vento, um jato de ar que o empurrou com força, um vento gelado que o jogou de lado como uma mão bruta. Em poucos segundos, ele caiu por mais ou menos trinta metros, depois girou para a

frente quando o ar falhou por baixo das asas. Jom desmaiou e só acordou novamente já mais perto do chão, com a cidade visível embaixo dele. Ele estendeu os braços mais uma vez e sentiu o ar pegá-lo...

A descida foi mal controlada. Jom bateu na lateral de uma pequena carroça e, depois, rastejou para baixo de uma pequena plataforma de madeira repleta de feno e cascas de fruta – os restos de algum animal doméstico –, antes de desmaiar no que temeu ser sua morte.

Mas vivo ele permanece.

É tão quente quanto a boca de um rancor ali. Jom arranca a máscara e a joga no chão. Ele tenta se mexer, mas o braço cede e uma dor dispara do punho ao ombro, como um arco de eletricidade. Jom sequer consegue fechar o punho. O braço parece inútil, dentro da carapaça de carbono.

Está quebrado.

Raios.

Ele tenta pegar o fuzil pendurado nas costas com o plano de usá-lo como bengala...

Mas o fuzil sumiu.

Raios duplos.

A arma deve ter se soltado na queda (ou no pouso). Jom rola o corpo, começa a tentar ficar de joelhos com o braço ileso e...

Quando ergue a cabeça, com suor porejando na testa, Jom vê as botas brancas de stormtroopers paradas ali. Três deles, com armas de raios apontadas em sua direção.

E esses são raios triplos para a trifeta de raios.

– Bem, olá, rapazes – Jom diz, entre dentes cerrados. – Está muito quente para vocês?

– Parado – diz um stormtrooper.

– Levante-se – fala outro.

Idiotas.

– É improvável que eu consiga fazer ambos – diz Barell. – Sou apenas um homem, e não três como vocês, belos soldados...

E, ao dizer a última palavra, ele gira e dá um chute com força no poste que sustenta a plataforma de madeira. É o suficiente para o poste rachar como um osso se partindo e o telhado inteiro vir abaixo. Telhas de argila se soltam, caindo sobre os stormtroopers, ao mesmo tempo que a plataforma se coloca entre Jom e os soldados imperiais.

Não há tempo a perder. Ele toma impulso com as duas pernas, ignorando a dor, e mete o ombro no telhado, que é empurrado para frente. Os stormtroopers cedem e desabam no chão com o barulho da armadura, presos embaixo da estrutura. Jom sobe nela e joga o peso algumas vezes, mas vê movimento na beirada. Um dos stormtroopers está tentando sair rastejando, com o fuzil de raios na mão.

Jom rola e arranca a arma de raios da mão do stormtrooper.

– Ei! – berra o trooper.

– Ei – rosna Barell ao ficar de pé, usando a arma como apoio.

Em seguida, ele dispara o fuzil pela madeira, soltando uma saraivada de raios incandescentes. Voam estilhaços. Fumaça sobe dos buracos. Os stormtroopers param de lutar e ficam parados.

Jom Barell faz uma cara de dor, cospe e, então, sai de cima da plataforma.

Hora de entrar em movimento.



C A P Í T U L O

23

Eles caminham. É difícil manter o rosto escondido ali nas ruas de Myrra, especialmente no tempo quente. Um manto está fora de cogitação, e uma máscara facilmente faz a pessoa se afogar no próprio suor. Véus são a solução: Norra usa um modelo branco sobre o nariz e a boca, e Jas está com um véu completo para a cabeça, negro como a meia-noite. (Embora o véu esconda pouco os chifres da cabeça.)

Adiante, um par de stormtroopers vem na direção deles.

De algum ponto lá atrás, uma fruta jogada é lançada. Ao atingir um trooper, ela explode; sumo púrpura e sementes brancas escorrem pelo capacete branco, em filetes gosmentos. Os dois troopers dão meia-volta, com os fuzis de raios erguidos.

– Quem fez isso? Quem?

– Revele-se!

Mas ninguém se revela. O par de imperiais xinga e continua andando.

Jas e Norra apertam mais os véus no rosto e passam rápido pelos stormtroopers do outro lado da rua cheia. Elas conseguem.

Norra está tão tensa que teme que os seus dentes possam se quebrar uns contra os outros. Ela tenta relaxar, tenta se soltar, mas cada coisa parece depender de todo o resto; um passo em falso, e tudo despencará ao redor deles.

– Seu plano realmente pode funcionar – diz Jas.

– Você acha? – pergunta Norra. – De repente, não tenho tanta certeza assim. Jas dá de ombros.

– Após ver o que nós vimos? Eu me sinto consideravelmente melhor a respeito do plano. Aqui. Lá na frente. A oficina do seu filho.

A oficina de Temmin. Norra pensa, mas não diz: *Meu lar, antigamente.*

Sons de batidas vêm do interior da loja. Metal batendo em pedra. Uma broca começa a girar em algum lugar atrás da porta. Norra sente a vibração da broca subindo pelo calcanhar até a panturrilha.

– Tem certeza de que não quer que eu entre com você? – pergunta Norra.

Jas estala dos dedos de cada mão com o polegar.

– Está cheio demais lá dentro. Você só vai me atrapalhar.

– Obrigada pelo voto de confiança.

– Você, seja a piloto. Eu serei a caçadora de recompensas.

– Justo. Vou consertar minha arma, e depois encontro você no Olho Gordo.

Jas concorda com a cabeça, depois segue em frente com a arma de raios na mão. Norra espera um pouco, só para garantir. No momento em que a caçadora de recompensas avança, a porta da oficina de Temmin abre, assoviando. A Zabrak entra, e a porta se fecha.

O som da broca para, sendo substituído por gritos. *Eles a viram.*

Aí, os gritos param.

Golpes. Um baque. Disparos de raios. Outro golpe. Mais três disparos de raios, um atrás do outro. Alguém choraminga de dor. Mais um disparo. O choramingo para, interrompido tão rápido quanto começou.

Os momentos passam lentamente.

A porta se abre, soltando um assovio.

Jas está ali, com um filete de sangue descendo do nariz. O lábio está cortado, e sangue mancha os dentes. Ela dá uma piscadela.

– Estamos liberados. Agora vá.

– *Baixem as armas* – rosna Sinjir por cima dos dois fuzis de raios enfiados em seu rosto. Ele empina o queixo e fala com desdém. – Vocês sabem com quem estão falando? Ninguém informou vocês da minha presença?

Os dois stormtroopers se entreolham, perplexos, como se dissessem: *Isso é alguma espécie de truque mental Jedi?*

Atrás de Sinjir, em um beco estreito, alguns cidadãos de Myrra passam às pressas: um Dug acelerado, um par de lavadeiras, um Ughnaught em cima do pescoço curvo e torto de um Ithoriano.

E atrás dos stormtroopers há uma porta.

Uma porta que leva à estação local de comunicações, um prédio de três andares em formato de domo com uma antena comprida – ainda que torta – no topo. A antena que não é lá essas coisas, não é suficientemente grande para ser escalada ou se pendurar nela. Se o vento aumentasse durante uma tempestade, ela provavelmente iria de um lado para o outro, como o movimento de um dedo expressando uma crítica.

A antena não manda sinal para o espaço.

Mas pode fazê-lo localmente.

– Afaste-se – diz um dos troopers.

Sinjir finge incredulidade.

– Vocês realmente... Ah, vocês realmente não sabem quem eu sou. Seus rostos ficarão *bem vermelhos* sob esses capacetes austeros quando descobrirem. Vocês têm um oficial presente, imagino? *Chamem-no*.

Eles se entreolham de novo. Um dos stormtroopers chama alguém pelo rádio.

– Senhor? Nós temos um... *problema* na entrada lateral. Ah-hã. Ele está alegando ser um imperial... Sim, senhor. Sim, senhor. – Então, ele se dirige a Sinjir: – O oficial Rapace está descendo já. – O stormtrooper ergue o fuzil novamente, como se quisesse reafirmar seu controle e dizer: *Não banque o engraçadinho*.

Sinjir é cheio das gracinhas; então, opa, foi mal, tarde demais.

Momentos depois, a porta se abre atrás dos troopers, e dela sai um oficial imperial, com quepezinho e tudo mais. É um homem com nariz pedante e uma barba sedosa e felpuda.

– O que está acontecendo? Quem é esse homem?

– O senhor é o oficial Rapace? – diz Sinjir.

– Sou. Quem é você?

– Eu sou o agente de lealdade Sinjir Rath Velus.

Lá está ela. Aquela deliciosa hesitação. O aperto dos olhos. Uma tremida de mãos. Medo e incerteza, fazendo uma dança animada. Embora Rapace tente não demonstrar, Sinjir percebe. Porque é o seu trabalho perceber.

E porque todo mundo tem medo de um agente de lealdade.

– Nós não temos muitos, há, agentes de lealdade destacados para cá – fala Rapace, com um pouco de gagueira na voz.

O oficial tira um escâner do cinto e ergue o aparelho diante do rosto de Sinjir, enquanto os stormtroopers mantêm as armas de raios apontadas para ele, embora agora os canos estejam apontados *ligeiramente* para baixo, porque eles também conhecem aquele medo. Provavelmente estão tremendo dentro das armaduras.

O scanner emite um bipe.

Rapace parece supreso.

– Sinjir Rath Velus. O senhor... morreu em Endor. Está listado como baixa.

– Ugh – diz Sinjir, fazendo uma careta de nojo. – Esse *erro administrativo* grudou em mim como mau cheiro. – Ele revira os olhos. – *Não*, eu não morri em Endor, e, *sim*, estou mesmo aqui, neste exato momento, diante do senhor.

– Eu... – fala Rapace, perplexo. – O senhor não está de uniforme.

– Eu estava de folga, mas estou me apresentando para trabalhar, e esta estação local de comunicações era o local mais próximo para mim. Uma estação antiga, não é? Que bom para vocês. Controla quaisquer pontos de

transmissão de informações. Muito bem, oficial. – Antes de Rapace conseguir gaguejar um obrigado, Sinjir continua: – Posso entrar? Gostaria de avaliar a situação.

– Senhor – responde Rapace, com um aceno curto de cabeça. – É claro, agente de lealdade Velus. Imediatamente.

O oficial dá meia-volta, tentando fazer o gesto de forma cerimonial, como se indicasse *que bom imperial* ele é, e entra marchando.

Sinjir passa pelos stormtroopers.

– Vocês dois. Para dentro também.

– Mas, senhor, nós estamos protegendo a porta...

– O senhor está questionando um agente de lealdade? Talvez o senhor deva permanecer aqui. Eu poderia vasculhar seu alojamento. Examinar seus arquivos. Falar com Rapace sobre quaisquer ocorrências de... insubordinação que possam ter ocorrido.

– O senhor na frente – fala o outro stormtrooper.

(Quando Sinjir dá as costas, um cotovela o outro.)

Eles entram pela porta, que se fecha a seguir.

O oficial Rapace vai na frente, na direção de degraus mal-iluminados que sobem fazendo uma curva para o segundo andar.

Na porta do lado de fora: um *toc-toc-toc*. Metal batendo em metal.

O que significa: *chegou a hora*.

Os stormtroopers viram-se para trás e resmungam, confusos. Assim que começam a dar meia-volta, Sinjir mete a mão por trás de Rapace para pegar a pistola do oficial, enquanto empurra o homem para frente com a outra mão.

Ele atira nas costas de Rapace, que desaba de cara no chão.

Os stormtroopers gritam de susto e se voltam para Sinjir, mas para eles é tarde demais. A porta se abre, e entre os batentes está o droide de combate – o droide de Temmin, Ossudo. A perna do astromec gira como o rotor de uma turbina e acerta um dos troopers com tanta força no capacete que a blindagem

branca se divide ao meio, como uma noz kukuia rachada. O outro grita de pânico e é silenciado por um vibro-punhal que vara a sua placa peitoral.

O stormtrooper desaba.

– OLÁ, POSSO ENTRAR? – entoa Senhor Ossudo.

Sinjir suspira.

– Acho que você disse isso um pouco atrasado.

– ENTENDIDO.

Da escadaria vem o som seco de passos. Sinjir se posiciona ao lado e um pouco atrás de um pequeno baú, e, assim que os outros dois stormtroopers aparecem, ele dispara dois tiros rápidos, um atrás do outro. O primeiro trooper cambaleia para frente, o outro desmorona para trás e desliza sobre a armadura lustrosa. Eles ficam caídos, imóveis.

Sinjir acena com a cabeça para o droide.

– Diga ao Temmin que está na hora.

– MESTRE TEMMIN. O NOME DELE É MESTRE TEMMIN.

– Sim, ótimo, beleza, diga ao *mestre Temmin* que está na hora.

– ENTENDIDO!

Norra está sentada no telhado do velho armazém. Costumava ser propriedade daquele velho Cara-de-presa – o Aqualish, Torvo Bolo –, antes de ser incendiado. Bolo bancava o durão, mas sempre dava pirulitos gigantes escondido a ela e a Esmelle enquanto vendia provisões para os pais. Dizem que alguém do mercado negro incendiou a loja. É fácil aumentar os lucros do mercado negro se ele de repente incluir itens que antes eram fáceis de se obter.

Mas isto é Akiva. A corrupção que antes era reservada à satrapia e à sua aristocracia traiçoeira vazou como um barril furado de diluente slabin, espalhando-se por toda parte. Tornou-se tóxica a esse ponto. Um mundo mudado.

Esse é um pensamento para outro momento, entretanto. Agora, há uma tarefa a ser feita.

Do outro lado da rua estreita há outro telhado: o antigo Jardim Karyvin, sede desde sempre de uma daquelas famílias aristocráticas traiçoeiras, o clã Karyvin. Velhos ricos. Eles são donos de ilhas no Arquipélago do Sul e de minas de cristal nas Selvas do Norte. Os filhos sempre parecem pular a Academia e ir diretamente para a escola de oficiais; eles não apenas galgam as fileiras imperiais como simplesmente saltam por cima delas com uma vara.

Sobre o telhado há dois caças TIE. Essa ocupação quieta, secreta de Myrra trouxe uma boa quantidade daqueles caças imperiais de curto alcance, estacionados em telhados de simpatizantes do Império por toda a cidade.

Norra precisa de um deles.

Ela olha para trás e observa o telhado do Teatro Saltwheel, um telhado sobre o qual um galho retorcido de uma velha árvore jarwal caiu há anos, mas que ainda permanece de pé.

Norra espera e espera.

Quanto tempo essa operação vai levar? Jas já deveria ter...

Ali.

Um brilho: um pequeno espelho refletindo a luz do sol.

Chegou a hora.

Norra pega um pouco do cimento quebrado do telhado e arremessa, com força. O bloco acerta a asa vertical do TIE, e *poc!* A seguir, previsivelmente, surge o piloto do TIE dando a volta pelo outro lado, sem o capacete, enfiado embaixo do braço. A mão desce para a pistola.

Ele se abaixa e pega o pedaço de cimento que foi atirado.

Norra fica de pé e assovia.

O piloto de caça TIE vira a cabeça para ela, como uma marmota dentro de um buraco. Ele leva um momento para sequer perceber que há alguém ali.

– Ei, você aí! – o sujeito começa a gritar para ela, e a mão vai em direção à arma de raios.

Vindo por trás de Norra, ao longe, surge um som baixo, em direção ao telhado do teatro.

Pif.

O piloto estremece de leve. As palavras morrem na boca, ele baixa o queixo até o peito e encara, perplexo, o buraco ali.

Ele não apenas desaba, ele simplesmente... desmorona.

Norra se prepara. Ela está mais velha agora, não é mais ágil como antigamente. Os ossos não doem o tempo todo – só de manhã –, mas isso é o suficiente para lembrá-la de que ela não é mais uma jovem mãe voando pela galáxia. O tempo a deixou cansada. Norra é uma boa piloto, mas toda essa correria e esses pulos? Não são mesmo a praia dela.

É apenas um pulo curto. Você consegue.

Norra respira fundo e, então, corre. Ela cruza o telhado do empório, e adiante surge o vão da rua estreita. Norra tenta não pensar em cair, tenta não pensar em despencar de três andares e quebrar o corpo no plascreto lá embaixo, e mete o calcanhar na beirada do telhado para pular...

... no momento exato em que o segundo piloto de TIE surge e a vê.

A arma de raios já está na mão dele, e ele começa a atirar.

O pé de Norra escorrega, e ela cai do telhado.

Temmin se ajoelha e leva as mãos ao rosto. Ele encara, entre os dedos, o cano da arma de raios apontada para si.

– Por favor – implora o garoto. – *Por favor.* Eu não fiz nada.

O oficial imperial ri, dizendo em seguida:

– Eu sei.

Temmin fica de pé de supetão, fingindo que vai correr para o outro lado...

A arma dispara. O raio o atinge nas costas.

Ele cai, sem ar nos pulmões. Temmin quer gritar, ofegar, rolar, tentar tomar fôlego de novo, mas tem que prender a respiração. Aquilo precisa ser convincente. *Fique parado. Não se mexa. Nem sequer respire.*

Finja-se de morto.

Momentos passam. Temmin sente que está ficando roxo.

Então, finalmente...

– Conseguimos? – diz o oficial imperial, que é Sinjir, na verdade.

Senhor Ossudo está lá, imóvel como um cabideiro.

– O QUÊ?

Temmin exala, levantando-se e retirando a placa do comunicador de longa distância que estava embaixo da camisa. Há um amassado fundo no meio do acumulador de aço. Essas placas cobrem o exterior da torre de recepção no telhado, sendo feitas para resistirem às tempestades-mausin; portanto, são praticamente indestrutíveis.

– Esse amassado parece muito um buraco – disse ele, reclamando de Sinjir.

– Bem, *desculpe* – alfineta Sinjir. – Foi ideia sua usar a placa do comunicador. Além disso, era necessário para o teatrinho. Agora, você pode *por favor* perguntar para o seu autômato psicótico se ele capturou a gravação?

– Ossudo, você pegou a gravação?

– ENTENDIDO, MESTRE TEMMIN.

Em seguida, o droide começa a assobiar para si mesmo, trocando de pé quase como se tentasse não dançar, mas dançando mesmo assim.

– E você tem a gravação de Norra? – pergunta Sinjir ao droide.

– ENTENDIDO.

Sinjir se volta para Temmin.

– E você está com o...

– Sim, sim, estou com o holodisco. Esse troço está em toda parte. Parece que todo mundo está com ele. Ou o viu.

Temmin admite relutantemente: *Mamãe tem um plano muito bom.* Essa parte do plano, pelo menos. O resto? Ele não tem tanta certeza. Temmin definitivamente não quer ir embora deste planeta. Aqui é o seu lar. Aqui é onde Temmin tem o seu negócio. A sua vida. E ela quer apenas arrancá-lo dali? Tirá-lo do planeta e levá-lo para... onde? Chandrila? Naboo? Que nojo. Ele tenta não pensar nisso.

– Sabe, este lugar aqui costumava transmitir o noticiário – diz Temmin. – Meus pais costumavam ouvi-lo, mas a satrapia desativou tudo, sob ordens imperiais.

Ele pensa, mas não diz: *E aí se descobre que meu pai usava este mesmíssimo console para transmitir propaganda rebelde por Akiva, para todo o planeta.*

Temmin não deixa de perceber a ironia.

Sinjir puxa uma cadeira do console e a empurra na direção do garoto.

– E você realmente acha que pode hackear o sinal?

– Fui eu que montei, não foi? – Temmin aponta o droide com o polegar, sentando-se depois na cadeira e assoprando a poeira do console.

Senhor Ossudo passa o vibro-punhal pelo ar, tentando atacar uma mariposa. Finalmente, ele consegue – e ouve-se um pequeno *bzzt* quando a mariposa é cortada ao meio, com duas asinhas fumegantes flutuando até cair no chão.

– Sim – fala Sinjir, com uma voz tão seca quanto um biscoito velho. – É *isso* que me preocupa.

Os pulmões e os ombros de Norra ardem, enquanto ela se pendura no telhado verde, com as mãos arranhando a beirada úmida. As pontas das botas raspam inutilmente a parede, conforme Norra tenta erguer o corpo.

Uma sombra se agiganta sobre ela.

O piloto de caça TIE. Parado ali, com a pistola apontada para ela.

– Você matou o NK-409. Ele era um amigo. Sua escória rebbb....

Ele cambaleia para trás. O dedo tenta explorar o buraco que se abriu bem no meio da placa peitoral negra.

– Rebelde – o piloto termina de falar.

Então, ele cai para a frente, bem na direção de Norra. Ela grita e se espreme contra a parede o máximo possível, sentindo o deslocamento de ar em suas costas quando o piloto passa despencando para a rua lá embaixo.

Os dedos de Norra começam a escorregar. Ela pensa no morto lá embaixo.

Estou prestes a me juntar a ele.

Controle-se, Norra.

Tudo depende disso.

Faça Temmin sentir orgulho de você.

A ponta de uma bota apoia Norra contra a parede. Ela faz força para cima com a perna, e a panturrilha e a coxa ardem com o esforço. Então, gemendo, Norra ergue o corpo, passa pela borda e deita-se sobre o telhado verde.

Ela fica assim por um momento. Lá está a enorme asa negra de morcego do caça TIE, um *olho gordo*, como ela e alguns rebeldes chamavam, porque é isso mesmo que eles parecem quando surgem gritando na sua direção, no vazio infinito do espaço. Norra pensa: *estou prestes a pilotar uma dessas coisas.*

Um último suspiro. *Ufa. Melhor ir logo, então.*

– Estamos dentro – diz Temmin.

E eis que se ouve uma batida na porta, ali na cabine de transmissão.

– Abra! – diz a voz do outro lado.

Sinjir pega a arma de raios e dispara um tiro no mecanismo da porta, soltando um clarão de fogo e uma chuva de faíscas. A porta estremece e fica trancada.

– Acione – fala Sinjir.

Temmin aperta o botão.

A transmissão começa.

Por toda a cidade de Myrra os receptores da HoloNet são ligados. Acima dos balcões dos bares das cantinas, nas pequenas cozinhas das naves, pairando sobre projetores de pulso das pessoas presas no longo deslocamento de casa para o trabalho via bala-bala na Avenida 66. Na grande tela rachada pendurada do lado de fora da Arena Hydorrabad, no octógono central da avenida CBD.

Em todas essas projeções, aparece o rosto de Norra Wexley.

Um rosto suplicante.

A projeção de Norra diz:

Akivanos, o seu planeta foi ocupado. Myrra agora está sob controle do Império Galáctico. Por muito tempo, resistimos à ocupação total, mas agora a guerra bateu à nossa porta. E a guerra vem acompanhada de crimes como este...

Uma cena é exibida: um garoto erguendo as mãos; um oficial imperial com uma pistola. *Por favor. Por favor. Eu não fiz nada.* O oficial ri e diz: *Eu sei.* A seguir, o imperial atira nas costas do garoto, quando ele tenta escapar. O garoto cai no chão, morto.

O imperial não é realmente um imperial, e o garoto morto não é realmente um garoto morto, mas poucos teriam a chance de reconhecer o artifício.

Quando assistem à transmissão, akivanos por toda a Myrra levam um susto. Eles balançam a cabeça. Estalam as línguas. E tudo aquilo em pouco tempo se transforma em revolta.

Norra aparece novamente, com voz retumbante.

Neste momento, neste mesmíssimo instante, uma reunião está acontecendo dentro das muralhas do palácio do sátrapa. Desde já um foco de corrupção, essa reunião imperial pretende negociar a ocupação total da nossa cidade e do nosso planeta. Vocês vão deixar isso acontecer? Ou vão lutar?

Eu digo: lutem.

E eu sei que a Nova República está com vocês.

Em seguida, Norra desaparece.

Uma nova projeção é exibida, desta vez sem parar. A princesa Leia aparece e fala no mesmo vídeo que muitos myrranos já viram, o holovídeo que vem circulando. Ele começa assim:

A Nova República quer vocês. O domínio do Império sobre nossa galáxia e seus cidadãos acabou. A Estrela da Morte próxima à lua florestal de Endor foi destruída levando com ela a liderança imperial...



C A P Í T U L O

24

Rae treme.

Adea mostra a ela o holovídeo, do lado de fora do salão de jantar. Os outros ainda estão lá dentro, uma vez mais discutindo suas respectivas posições. Agora, discutem sobre *quem* exatamente deveria ser imperador na sucessão de Palpatine. Quando Adea pediu que Sloane saísse da sala, o conselheiro Tashu estava propondo a ideia de usarem um substituto para mostrar que o imperador “ainda estava vivo”; afinal, ele tinha muitos sócias, utilizados como dublês de corpo. Era fácil conseguir um. Para a surpresa dela, todos tinham parecido *gostar* da ideia.

E foi quando Adea a chamou.

E mostrou o vídeo.

... neste exato momento, está acontecendo um encontro no palácio do sátrapa...

– Alguém nos sabotou – Rae sibila, depois trava a mandíbula e rosna. – Essa informação não é pública.

– Eu sei.

– Foi você?

O medo se espalha pelo rosto de Adea, como uma rachadura na parede.

– Nã-não – gagueja. – Eu... Almirante, por favor, eu nunca...

Ela pensa em pressioná-la, agarrá-la pelo pescoço. Fazê-la confessar, esmagando sua traqueia. Mas tal crueldade está além dela, agora. Adea não fez

aquilo. Não há por quê. Não faz sentido.

Quem, então? Pandion? O sátrapa?

Alguém mais, alguém escondido?

– Traga-me Isstra – Rae diz. Adea assente, lançando-se de volta pelas grandes portas duplas vermelhas que levam à sala de jantar. São portas opulentas, com arabescos e esculturas de algum sátrapa enfrentando criaturas estranhas, um nexu em uma escultura, um bando de humanoides ferais em outra. Rae as encara e de repente se identifica: *Eu também estou sitiada.*

As portas se abrem enquanto ela observa. O sátrapa emerge, sob sorrisos bajuladores e curvando-se em respeito.

– Sim, almirante Sloane, por favor, por favor, conte-me o que posso fazer...

Ela mostra a ele o holovídeo.

Seus olhos se arregalam, cada vez mais, à medida que vai vendo aquilo.

– Oh, pelas estrelas – ele diz.

– Mostre-me uma janela que dê para a frente do prédio. Em direção à avenida do Sátrapa. *Agora.*

Ele aquiesce, bate as mãos, e, com um giro em laço de um dedo, duas de suas assistentes – mulheres jovens, vestidas em suaves lenços dourados diáfanos – o seguem. Elas mantêm o sátrapa alimentado com pequenas frutas secas conforme ele anda, apressado e preocupado. Todos sobem por um conjunto de degraus azuis em cascata, passando por um muro, que é na verdade uma fonte borbulhante, e depois por uma escadaria – em curva e tão apertada que duas pessoas não conseguem subir lado a lado. Chegam a um longo corredor, alinhado por janelas recortadas em formato de setas.

– Aqui – ele diz, mastigando nervosamente uma das pequenas frutas escuras.

Rae anda em direção a uma das janelas.

Mesmo agora ela consegue ver os Akivanos reunidos em frente ao prédio. Não é uma manifestação. Ainda não. Mas eles encaram o palácio com uma curiosidade desagradável. Como se tentassem decidir o que estão vendo. Ou o

que fazer. Talvez estejam procurando por um sinal do que de fato esteja acontecendo ali dentro, já que certamente viram as naves imperiais estacionadas ao longo do anel de pouso que forma o topo do palácio. E viram também a presença crescente de stormtroopers, os caças TIE circulando e a ocupação de diversas localizações importantes por toda a cidade de Myrra.

A situação é uma lata de gasolina presa com um pedaço de estopa pegando fogo, como um pavio.

O pavio vai queimar, e mais rápido do que qualquer um gostaria ou esperaria que acontecesse.

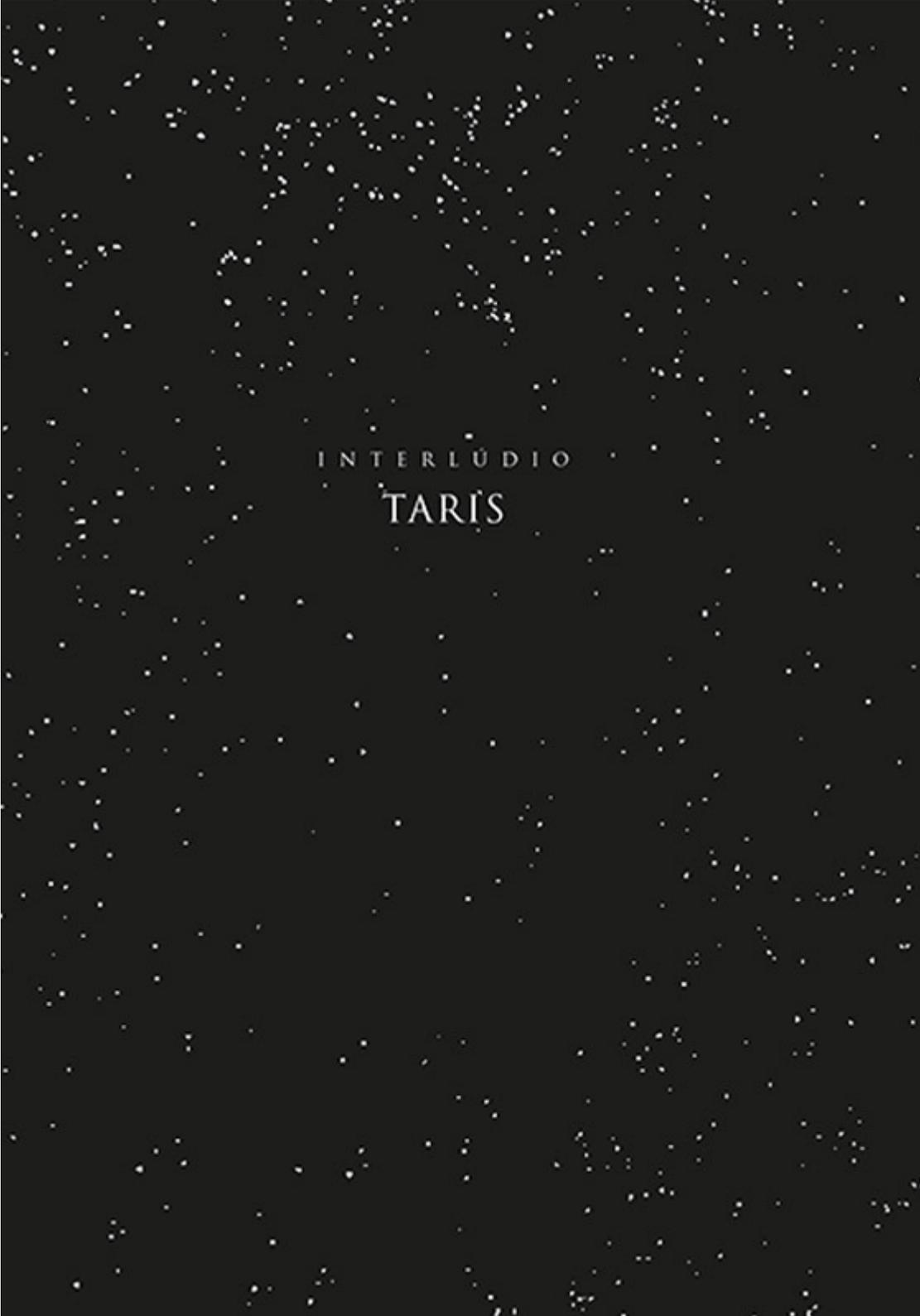
E, então, haverá um *bum*.

Para Adea, Rae diz:

- Comece a preparar as naves.
- Vai levar algum tempo até calcularmos o salto no hiperespaço...
- Podemos fazer isso depois de sair da atmosfera. O tempo é essencial.

Aquela reunião acabou.

Hora de contar aos outros.



INTERLÚDIO
TARIS

Nas trevas, a lâmina de um sabre de luz vermelho se projeta a partir da empunhadura.

Ela oscila suavemente: *vuom, vuom*. Ao fazer isso, a luz deixa listras de vermelho na escuridão. Próximo dali, uma gorda aranha-assassina se balança, o tórax brilhando com o desenho fosforescente de um crânio. O aracnídeo cospe veneno na lâmina vermelha quando o brilho se aproxima dela. Então, a espada se move com rapidez.

A aranha é dividida em dois, com um pequeno grito e um silvo.

Ambas as metades caem no chão.

A luz volta à sala quando uma jovem garota com cara de rato puxa o lençol preto que cobria a janela.

O portador do sabre de luz é um Kubaz de focinho longo, com os olhos escondidos atrás de óculos de proteção com lentes de ouro e o resto da cabeça sob cachecóis de couro vermelho. Ele retrai a lâmina carmesim de volta para a empunhadura.

Três indivíduos estão de pé diante dele. Dois trajam vestes negras, com os rostos escondidos. O terceiro é uma jovem mulher, que está na frente dos demais. Ela é pálida, curvada, como se a sua espinha se recusasse a mantê-la em linha reta. Suas mãos brincam com o ar, e seus dedos são como as pernas daquela aranha, arrancando fios invisíveis que talvez só ela possa ver.

Eles estão em um cortiço em Taris; agora, com o lençol preto fora da janela, o quarto é revelado como nada menos que um desastre, e uma pilha de travesseiros infestados de percevejos jaz no chão. As paredes estão marcadas com pichações (com uma marcação de um estêncil do familiar capacete de um lorde Sith e uma frase sob ele: VADER VIVE). Escombros e ruínas se espalham por todos os lugares. Não é muito diferente do lado de fora, com cortiços empilhando-se uns sobre os outros. Alguns lugares são míseros contêineres. Outros são cascos de naves espaciais em ruínas, equilibrando-se precariamente

uns contra os outros ou em cima deles. A poluição está em toda parte, amarela como escória sobre água suja.

O Kubaz guincha algo na sua língua nativa.

– Você trouxe os créditos? – a garota com cara de rato traduz o que ele disse, repetindo as suas palavras em língua básica.

– É mesmo o sabre de luz dele? – a jovem mulher pergunta. Sua voz é um sussurro rouco, como se houvesse algo de errado no fundo da sua garganta.

– É a espada laser do lorde Sith, com certeza.

– Posso? – ela pergunta.

O Kubaz balança o focinho e diz:

– Não. Não até eu ver o dinheiro. Dinheiro fala ou Ooblamon vai embora.

A pequena amiga de Ooblamon, a garota com cara de rato, dá um risinho enquanto traduz o que ele disse.

A mulher pálida olha para os outros dois em suas vestes negras. Eles sussurram uns com os outros, quase como se estivessem brigando.

Ela se vira.

– Como saberemos se é mesmo a lâmina de Vader?

– Não há como. Mas é um sabre de luz, não é? E é vermelho. Não é a cor que procuram?

Mais sussurros, mais discussão. Um cochicho irritado.

Finalmente, algum tipo de concessão. Cada uma das figuras nas vestes negras dá à mulher uma pequena caixa, marcada com insígnias estranhas. Ela balança as caixas, e Ooblamon, o Kubaz, reconhece o som de créditos chacoalhando. Isso aquece o seu coração maldoso.

Eles entregam as caixas e Ooblamon se recusa a pegá-las. Em vez disso, a garota com cara de rato se apressa até eles.

– Subordinada e aprendiz de Ooblamon, Vermia. – Ela pega uma das caixas com as unhas, e depois a outra. Em seguida, anda rapidamente para um dos

cantos, a fim de começar a contagem. Crédito bate contra crédito, enquanto ela faz os cálculos.

A jovem estende a mão pálida.

– O... sabre de luz, por favor.

– Quando a contagem estiver terminada – Ooblamon diz. Ele ergue a cabeça e olha para o trio, através dos óculos de proteção. – O que são vocês? Não parecem Jedi.

– Somos partidários – ela sibila. – Acólitos do Além.

– Fanáticos do lado sombrio? – ele pergunta. – Ou apenas crianças que querem se divertir com alguns brinquedos?

– Não nos julgue, ladrão.

O Kubaz fareja com o focinho, um gesto desdenhoso. Vermia corre de volta e diz, com um riso abafado:

– Os créditos estão todos aqui.

Ooblamon está prestes a entregar a arma, mas a jovem mulher se apressa para pegá-la, e ele a puxa de volta. Então, ele move um pouco para trás o sobretudo marrom molambento com que está vestido, mostrando a arma que mantém lá.

– Se você resolver bancar a louca e pensar em usar essa espada laser contra mim ou contra minha assistente, isso não vai acabar bem.

– Não somos violentos. Ainda não.

O Kubaz grunhe e entrega o sabre de luz.

Os três estranhos de repente se viram para encarar uns aos outros, segurando o sabre de luz entre eles. Sussurrando algo uns para os outros. Ou para o objeto.

A mulher murmura uma expressão entrecortada de gratidão. Então, eles se apressam pela porta. Antes que saiam, Ooblamon chama:

– O que vocês planejam fazer com essa coisa?

– Vamos destruí-la – a mulher diz, simplesmente.

– Por que vocês fariam isso? – ele ri.

– Para que possa voltar ao mestre na sua morte.

Eles se afastam rápido. Do lado de fora, o som de Tavis: uma buzina tocando, alguém gritando, uma speederbike acelerando, um distante disparo de raios.

Vermia diz:

– Aquela era mesmo a arma de Vader?

O Kubaz dá de ombros.

– Sei lá. E, realmente, quem se importa?



C A P Í T U L O

25

Uma linha de faíscas, vermelhas como olhos de um demônio, corre ao longo da parte de fora da porta que leva à sala de controle da estação de comunicação. Senhor Ossudo espera de pé diante dela, cantarolando uma pequena canção dissonante – uma música que algum maníaco poderia pensar ser bonita, o tipo de canção que soa como vento uivando através de uma caverna. Sinjir espera ali também, com a pistola na mão.

Eles virão atrás de nós.

E, então, pensa: *E o que faremos?*

Os imperiais já foram alertados de que ele está, de fato, vivo. Eles talvez não tenham percebido isso, ainda. Mas, quando tudo isso tiver se assentado, alguém, em algum escritório do Império, vai notar que o oficial Rapace fez uma busca na rede pelo nome dele, pedindo o reconhecimento facial. E se o capturarem?

Oh, a ironia das ironias...

É bem provável que ele seja levado até um agente de lealdade. Como ele um dia foi.

Ele quase queria rir daquilo.

A linha de faíscas está na metade da porta.

– Espere – Temmin diz. – Espere, espere, espere. Vejam.

Sinjir olha. A unidade de um evaporador está dependurada do teto, como um droide grávido.

– E daí? É um evaporador. Eles não usam dutos em que caibamos, é só tubulação, não? A não ser que você tenha um *raio de miniaturização molecular* que possa nos diminuir magicamente, não acho que...

– Não, *vejam*. – Temmin aponta para um par de dobradiças, fica na ponta dos pés e então bate na coisa com a parte traseira dos dedos. O resultado é um oco *bong, bong, bong*.

– Não é real – Sinjir percebe, dizendo em voz alta.

– Certo. É um caminho para sair, provavelmente pelo teto. Costumavam fazer transmissões rebeldes a partir desta cabine. Meu próprio *pai* pode ter colocado isso aqui. Ou usado. – Temmin salta, pegando a borda de metal do dispositivo. Com o seu peso, puxa-o para baixo, deixando-o dependurado pelas dobradiças.

A linha de soldador em torno da porta está quase no fim.

– Não há hora como agora – Sinjir diz, e se apressa em direção à passagem.

Lá em cima, pelo espaço que se abre, surge uma escada.

O rapaz está certo.

Eles sobem.

Temmin enfia a cabeça para cima, passando pela abertura. A porta se abre, e é como se tudo fosse carregado por uma onda de luz branca. A sala de controle da estação de comunicação estava tão escura, e aqui fora é quase brilhante demais. Ele projeta a si mesmo para cima, e os seus olhos ainda tentam se ajustar à luz. Temmin pula para o telhado da estação, dando uma cambalhota, e não pode deixar de sentir um estranho orgulho daquilo. Na sua mente, ele repete o que disse a Sinjir: *Meu próprio pai pode ter colocado isso aqui*.

Mas, então, a raiva que lhe é tão familiar surge novamente.

Papai ser um rebelde é o motivo de ele ter sido pego.

E de mamãe ter ido embora.

E de tudo ter caído por terra.

Aquele sentimento bom que ele teve instantes antes é imediatamente envenenado, como uma bela flor que é aspergida com ácido, murchando e apodrecendo dentro dele.

Temmin olha para cima, piscando.

E escuta, antes de ver qualquer coisa.

Um caça TIE. Ele pisca de novo e olha mais uma vez para o céu, em direção ao sol.

Não, não apenas um caça TIE. *Dois* deles.

Ele ajuda Sinjir a subir...

– Temos que nos mover! Inimigos estão se aproximando!

O primeiro caça TIE recai sobre eles como um meteoro, pronto para esmagá-los. É então que ele entende.

Temmin sabe o que aquele caça foi fazer ali.

Ossudo pula para fora do buraco...

Temmin se joga em Sinjir e no droide. Ele empurra os dois para trás de uma estrutura de metal, disposta de modo a parecer com o mecanismo exterior do sistema do evaporador que não funciona de verdade. Todos caem no deque no mesmo instante em que os caças TIE disparam seus canhões frontais.

O edifício treme e, do outro canto da estrutura, surgem focos de fogo e uma pequena nuvem de fumaça amarela, que sobe. Temmin levanta a cabeça e vê a matriz de antenas balançando no teto e caindo, deixando para trás uma chuva de faíscas elétricas.

Eles tinham destruído a fonte de transmissão.

Temmin espera que ela tenha ficado no ar por tempo suficiente.

E agora vem o segundo caça TIE. Ele começa a disparar sobre o telhado, com a provável intenção de derrubar todo o prédio. Não é um bombardeiro, portanto isso não deve acontecer com apenas uma saraivada, mas essas armas na

parte da frente não são de brinquedo, também. Alguns disparos e o topo da estação de comunicação será transformada em pedaços flamejantes de entulho.

Ele pega ambos os lados da cabeça de Ossudo.

– Você dá conta disso?

– CONSIDERE FEITO, MESTRE TEMMIN – diz Ossudo, naquela voz que gorjeia de grave a estridente, como uma distorção mecânica.

Os canhões TIE começam a destruir a outra metade do telhado, espalhando detritos e bolas de fogo. O som dos caças e das armas explodindo rugem nas orelhas de Temmin. E não só nas orelhas: ele consegue senti-los até no fundo dos seus *dentes*. Sinjir estremece, claramente também sentindo tudo aquilo, aparecendo enfim para disparar alguns tiros inúteis contra o caça que se aproxima... e então virando-se para disparar contra os stormtroopers que sobem pela escadaria da rota de fuga.

Ossudo guincha:

– ENTENDIDO.

Então, o droide de combate salta, comprimindo os braços e as pernas, tomando a forma de uma bala de canhão... e se chocando contra o para-brisas do caça TIE, que gira desordenadamente no ar, cambaleando bêbado pelos teto de Myrra, ziguezagueando para fora da vista.

Logo o primeiro TIE volta, disparando os canhões. Os raios salpicam o topo do prédio, cruzando o telhado e indo bem na direção deles. Temmin vira-se e olha para o caça; não há tempo para pensar, apenas para agir, mas não há nenhum outro telhado para onde eles possam saltar...

Sinjir aponta.

Um terceiro caça TIE se junta à frota.

Ele desce com os canhões de raios brilhando, e os lasers cortam os céus.

Lasers que acertam o primeiro caça na lateral, cujo painel hexagonal da asa atinge o lado da estação de comunicação. O resto da nave gira de lado,

rasgando ao longo do edifício como um meteoro, acertando o velho prédio de escritórios, caindo com um *bum* de sacudir o solo.

O terceiro TIE, o *salvador* deles, guincha acima.

Sinjir, ofegante, diz:

– Acho que a sua mãe conseguiu uma carona.

Temmin concorda, conferindo a si mesmo para ver se não estava faltando nada. *Mamãe é mesmo uma grande piloto*. Não há tempo para pensar nisso, ou nela. Em vez disso, ele diz:

– Melhor irmos. Eles vão cair em nós como um enxame a qualquer minuto.

Norra se pega pensando a respeito de vespas.

Aqui, em Akiva, existe um tipo de vespa: a jaqueta-vermelha. Com o comprimento e a largura da ponta de um polegar, a vespa jaqueta-vermelha é uma desgraça. São criaturas cruéis e perversas. Elas picam. Seus ferrões chupam sangue. Os insetos levam o sangue para alimentar os filhotes e para usá-lo na construção de seus característicos ninhos vermelho-ferrugem. Na maioria das vezes, as vespas são encontradas nas selvas, embora, de vez em quando, saiam da sua zona de conforto e seja possível encontrar um ninho embaixo de uma saliência ou de um telhado (nesse ponto, a solução mais comum é simplesmente queimar a coisa toda com uma lata de solvente e um isqueiro, fazendo um lança-chamas caseiro).

A questão é: essas vespas voam de uma forma específica. Individualmente, são mais difíceis de se capturar ou matar que qualquer outra coisa, pois voam para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita. Elas podem ir rápido para a frente e então parar no ar, flutuando, antes de se lançarem com velocidade para outro lado. (E, geralmente, é aí que se lançam para a picada, e a picada de uma jaqueta-vermelha pode deixar o braço dormente por uma hora.)

Pilotar um caça TIE faz Norra lembrar-se dessas vespas.

Tamanha possibilidade de manobra é incrível. Ela pode fazer exatamente como as vespas: impulsionar-se para a frente para, em seguida, usar um retroturbo e dar uma parada; então, ir para a direita ou para a esquerda. Como brincadeira, ela dá um giro na coisa, literalmente rosqueando a nave, enquanto voa pela cidade que no passado foi a sua casa.

Claro que há uma pegadinha nisso: o caça TIE é uma nave suicida, não é? Para conseguir velocidade e margem de manobra, o Império sacrificou segurança e sanidade no resto do design. A coisa toda é frágil como o esqueleto de um pássaro. Sequer tem um assento ejetor. Não é só um caça. Em situações terríveis, é também o túmulo do piloto.

Ainda assim, Norra não está pensando nisso quando derruba o outro caça TIE, que ameaçava o teto da estação de comunicação. Seus canhões laser gêmeos destroem o painel, e, enquanto o caça abatido cai, desintegrando-se, ela pensa:

É isso que acontece com quem mexe com o meu menino.

Norra solta um “opa”, alegre.

Agora, a próxima tarefa.

Adiante, em meio à neblina que brilha sob os raios de sol pairando sobre a cidade, ela espia a gigante fortaleza que é o palácio do sátrapa. Berrante e opulento, como todas as torres e todos os parapeitos espalhados, na assimetria de um ser insano. (Cada sátrapa construía algo novo no palácio, ao que parece, sem se preocupar se isso se encaixava ou não ao design do resto da construção. O resultado é algo mais caótico do que se esperaria. E também bonito, de uma forma estranha e impetuosa.)

Ao redor do domo e da torre centrais há um anel, onde estão estacionadas as familiares aletas dos transportes imperiais.

Esses são os seus alvos.

Abaixo dela, a tela pisca, dando em seguida um flash verde.

Há dois inimigos na cola dela, outro par de caças TIE se juntando à frota. Ela pensa: *Esse flash verde significa que o console não sabe que são inimigos, certo? Lê as assinaturas deles como amigáveis.*

Ela espera que eles leiam a *dela* como amigável, também.

Porém, ela aprende rápido a realidade da situação, quando os dois olhos-gordos atrás dela abrem fogo. Memória muscular precede o pensamento de fato (para ela, as mãos são rápidas mesmo quando o cérebro é lento), e ela gira de novo o caça pelo ar, espiralando na direção deles e para cima, com raios salpicando ao redor dela. A força da aceleração exerce pressão sobre as suas têmporas, como um torno de esmagamento. Ela sente como se a perna e as tripas estivessem em algum outro lugar, mil metros abaixo, e tudo parece prestes a ser dilacerado...

O sangue sobe de volta à cabeça de Norra (ou vai para fora dela? Norra não sabe mais dizer a diferença) e, quando ela apruma novamente o caça TIE, os dois perseguidores se tornam perseguidos, o par voando bem na frente dela.

Ela sente uma onda de excitação. O pânico está enterrado embaixo disso.

Então, Norra puxa o gatilho das suas armas voadoras gêmeas.

Lasers verdes cortam o ar, rasgando o primeiro TIE em pedaços. A carcaça do veículo destruído vai a pique contra o outro, seguindo-se um flash. Norra sente uma grande colisão de ar e fogo, enquanto os seus inimigos caem em espiral descendente, desaparecendo na cidade em uma explosão final.

Ela voa pelo fogo que desvanece.

E, mais uma vez, foca a visão no palácio adiante.

Lá, na tela mantida em posição vertical pela mão de Adea, um caça TIE se aproxima. Pilotado por um combatente inimigo, vem pela direita, indo em direção ao palácio. Rae entende o seu propósito. Ele não pode fazer nada contra o palácio em si, as paredes são muito espessas. Mas algo está exposto:

As naves de transporte.

Essas naves são a sua tábua de salvação.

É tarde demais para colocarem as próprias naves de volta ao ar. E eles não têm nenhuma defesa, nenhum canhão, nenhum...

Espera.

Ela arranca a holotela das mãos de Adea e aciona os controles de um dos três canhões turbolasers terra-órbita espalhados pela capital de Akiva. Os olhos da assistente se esbugalham.

– Almirante, o turbolaser não foi feito para isso...

– É a única chance que temos.

– Está apontado diretamente para o palácio.

Rae olha a trajetória calculada.

Não é o ideal, mas terá que servir.

Ela dispara.

Em um minuto, Norra está voando tranquila, e seu caminho parece seguro, garantido. Então, o ar se acende com uma luz que a cega, e algo corta o painel da asa direita do TIE que ela pilota. De repente, ela perde todo o controle.

Não, não todo.

Ela está girando, mais uma vez espiralando pelo ar, dessa vez de forma descontrolada, embora ainda tenha *algum* controle.

Só um pouco, mas o bastante.

Ela segura os manches com firmeza, prendendo um contra o outro, lutando contra o rodopio. A cabeça está tonta. Tudo está girando. As suas entranhas se agitam, e ela quer vomitar. *Calma. Calma.*

O pensamento distante a alcança:

Eu vou morrer.

É isso. A culminação de tudo que ela fez e de tudo o que ela é.

Parte dela se sente orgulhosa. *Eu consegui fazer tanta coisa...*, ela pensa.

Entretanto, em seguida, outro pensamento se intromete, como um rude visitante: *Mas não consegui fazer muito. Eu falhei com o meu filho e falhei com o meu marido. Brentin, Temmin, amo vocês.*

Ela mira o caça TIE rodopiante direto para o palácio. Logo à frente está o anel de pouso, com os transportes e um iate. Eles estão alinhados *bem certinho.*

Talvez eu possa levá-los comigo...

Um desvio na mente, um pensamento inútil vem a ela, conforme o palácio se aproxima para cumprimentá-la.

Eu gostaria muito que essa coisa tivesse um assento ejetor.



C A P Í T U L O

26

O palácio balança com o impacto. As luzes piscam. Poeira flui para baixo, vinda do teto, onde surgem rachaduras na pedra lisa. Rae se move com rapidez pelo prédio; ela corre, não anda. Alguém a chama. Adea. Mas, então, outra voz: Pandion, também. Adiante está a escadaria e a porta que leva ao anel de pouso, em lápis-lazuli e cobre, antiga e elegante. É uma bela construção, mas Rae está cega para tudo isso.

Tudo que ela vê é a sua piloto, Morna Kee, cambaleando pelos degraus. Uma linha cai ao longo da sua sobrancelha enegrecida de fuligem, pingando sangue. Rae a segura, quando a piloto está prestes a ir ao chão.

– Você está...?

– Estou bem – Morna diz. – Não vá lá em cima.

– Eu preciso avaliar a situação – sibila Sloane; então, ela se apressa, passando por Morna.

Mais uma vez, ouve a voz de Pandion atrás dela. *Fique aí, seu pedante*, ela pensa.

Ela abre a porta com força. A luz do sol ilumina tudo. A fumaça entra em seu nariz, agarrando-se lá como uma infecção. Um vento misericordioso sobe, empurrando então um pouco da fumaça preta esvoaçante para longe, e ela vê o estrago:

Três transportes estão ali, em diferentes estágios de destruição. O iate de Crassus não está entre eles; o veículo tinha decolado de novo e ido para a órbita, um ato pelo qual ela se sentia subitamente agradecida. Contudo, na borda do anel há um conjunto carbonizado de escombros: um caça TIE. Um dos deles. Havia sido um ataque suicida.

Era fácil ver o caminho dele pelo rastro de destruição. O caça tinha cortado uma linha diagonal pelos três transportes imperiais, esmagando a parte de trás do primeiro, a do meio do segundo e o nariz e a cabine do terceiro. Destruindo cada um de maneira bastante efetiva, deixando todos eles inutilizáveis.

Um som chega às orelhas de Rae: um rugido fraco.

Ela se pergunta o que poderia ser isso.

Rae dá um passo para dentro da fumaça, passando pelos escombros. O anel de pouso cede sob seus pés, e o metal de um dos transportes geme e estrondeia, e então tudo fica tranquilo uma vez mais. Ela não deveria ir mais além, mas ainda assim vai. Seus pés a levam para a frente, mesmo sem o seu consentimento explícito.

Na borda do anel, ela se pressiona contra um antigo corrimão de cobre, polvilhado com patina verde-esmeralda.

O rugido vem da multidão abaixo. Uma fina e pálida multidão...

Mas uma turba que aumenta, mesmo enquanto ela observa.

De outras ruas, Akivanos se movem em direção ao palácio. E o que é esse outro som que ela pode ouvir? São pedras. Estão jogando pedras contra o palácio. Nenhum deles pode acertá-la ali, pois Rae está cem metros acima deles. Eles parecem pequenos para ela, como um grupo de pessoas, mas é na verdade uma multidão, que está crescendo. Como um câncer que se espalha.

Ela se vira mais uma vez para observar as fuselagens destruídas e percebe:

Isso foi o responsável.

Os incêndios dos transportes espaciais acenderam o estopim.

Agora, o cronômetro da bomba está decrescendo. A bomba da revolta, da rebelião, da insurgência. Na porta da frente deles. E logo estará subindo os muros. Ela percebe tudo de uma vez só: *Isso foi pensado, orquestrado por alguém, talvez um dos nossos. Talvez por alguém do sátrapa. Alguém chutou o monte de terra para assistir a todas as pequenas formigas se espalharem.*

E, então, outro pensamento:

Estamos presos aqui, agora.

O anel cede de novo. Ela vai para a frente, em um passo elegante, e se segura ao corrimão. Mãos pegam o cotovelo dela, puxando-a para trás. Morna.

– Almirante, por favor, temos que voltar. Veja. – A piloto aponta para o outro lado, no teto do velho prédio do capitólio, aquele com a torre enferrujada, derrubada com os canhões dos transportes logo que chegaram aqui. Rae vê algumas pessoas escalando lá para cima. Cidadãos, provavelmente. Tentando encontrar o melhor ângulo para darem uma olhada. *Ou um tiro.*

– Sim – Rae diz. – Você tem razão, temos que voltar.

Do lado de fora das portas e das janelas da cantina, uma pequena multidão se reúne, movendo-se pela rua em direção ao palácio. Sinjir percebe o flash de uma armadura branca, pois a multidão carrega um stormtrooper, que luta para escapar.

Funcionou, não?

Funcionou melhor do que imaginávamos. Os caças TIE destruíram a antena da estação de comunicação, e ele temeu que a mensagem não tivesse ficado no ar tempo o bastante. Mas, então... as explosões no palácio. Norra deve ter tido sucesso. Isso e a propaganda adulterada que eles mandaram. Funcionou. A cidade está respondendo, *reagindo*. Toda essa raiva reprimida... A rolha tinha estourado. Tudo está fervilhando agora. Não só em relação a esse momento, não só pela ocupação. O Império brincou por tempo demais com planetas como esse. Embora nunca os tenha ocupado formalmente, impuseram tarifas e

impostos sobre os estabelecimentos que cumprem a lei, enquanto deixaram o mercado negro e os sindicatos do crime seguirem com seus negócios, desde que pagassem um dízimo de volta ao Império. Essa foi uma das coisas mais interessantes em se verem os imperiais lutando ao lado dos capangas de Surat Nuat: isso expunha a aliança às claras, revelando o que todo mundo sempre suspeitou, mas poucos realmente sabiam.

Sobre o tampo de oka do bar, o barman Mon Calamari com o braço de droide escorrega uma garrafa de algo que reluz em verde, como resíduos industriais. Sinjir arqueia a sobancelha e Pok apenas empurra a bebida para frente mais alguns centímetros, como se dissesse: *Não pergunte, apenas beba.*

Bem, o cara de lula ainda não tinha errado.

Sinjir pega a garrafa e vai em direção à mesa onde Temmin está sentado, próximo do seu droide. Senhor Ossudo estava ali quando eles chegaram – o Bar do Pok era o ponto de encontro depois de acabadas as operações –, e o droide parecia ainda mais surrado, arranhado. Suas placas de metal estão cheias de marcas. Vários de seus pequenos apetrechos ósseos sumiram (o que também significa que seu tinido ósseo não está mais presente). Fora isso, o droide parece muito bem para alguém lançado na janela da frente de um ameaçador caça TIE.

Ainda assim, Temmin está sentado, com o queixo apoiado nos braços dobrados, bufando. Ele mantém os olhos cerrados, e a ponta de um polegar está na boca do garoto, enquanto ele rói uma unha.

Sinjir bate a garrafa com força na mesa, toma um gole e de imediato faz uma careta. Um gosto enche sua boca, de alguma forma ao mesmo tempo amargo e doce. *Muito* amargo e *muito* doce. E o líquido é grosso, quase uma gosma. Coisa horrível.

Sua boca fica um pouco amortecida.

Argh. Ele toma outro gole mesmo assim, olhando ao redor, sem nenhum propósito. A cantina está quase vazia. Há apenas alguns velhos beberrões no

fundo, bebendo suas bebidas. Juntos, mas sozinhos ao mesmo tempo, de algum jeito. A maioria das pessoas está do lado de fora.

– Você *bebe* essa coisa? – Temmin fala, sem levantar o queixo.

– Acho que sim. Não que eu saiba o que “essa coisa” seja.

– Plooeysap. Vem de uma das árvores das selvas.

Sinjir torce o nariz.

– Bem, tem gosto parecido com a parte de baixo de um droide vazando, mas me sinto compelido a continuar bebendo.

– Mais energia pra você.

– Você está preocupado.

– Preocupado? Com o quê?

Dár.

– Com a sua mãe.

– Tanto faz, mamãe está bem. E se não estiver, você sabe. Tanto faz.

– Sim, você já disse uma vez: “tanto faz”.

Agora, Temmin levanta o queixo. Seus lábios se levantam em um sorriso de escárnio.

– Qual é? Não acredita em mim?

– Acredito que todo garoto se preocupa com a mãe, assim como toda mãe se preocupa com o filho. A minha costumava chicotear as minhas costas com varas que ela arrancava da árvore do nosso quintal. Eu a odiava, mas a amava e me preocupava com ela, porque é assim que filhos e mães são. Essa é apenas uma das muitas verdades do universo.

– Bem – Temmin funga –, a *minha* mãe me abandonou para ir lutar em uma guerra estúpida. Então, acredite em mim: eu não ligo. *Não ligo.*

Senhor Ossudo ecoa:

– Ele não liga.

– Se você diz...

– Eu digo. Eu. Não. Ligo...

Os olhos de Temmin voam para a porta.

Sinjir estica o pescoço e vê Jas entrar. A caçadora de recompensas os nota ali e vai até eles. Mas há algo na sua abordagem, uma leve hesitação... A sua linguagem corporal grita: *Tenho más notícias e não quero dá-las*. Então, o jeito que ela olha para Temmin enquanto entra...

Oh. Oh, pelas estrelas. Sinjir percebe o que é muito antes que ela possa falar qualquer coisa.

– Temmin – ela diz. – Sua mãe foi bem-sucedida na missão dela. Mas ela não conseguiu sair. Norra se foi.

Pânico na cúpula. Ouve-se uma cacofonia de vozes, competindo como pássaros famintos em um poleiro. Eles todos estão parados diante da grande mesa de jantar, gritando uns com os outros a respeito do que deve ser feito dali em diante. Holotelas estão espalhadas pela mesa, projetando informações das várias estações. Os dados mostram as multidões se insurgindo, revelam as baixas, oferecem previsões do que vem a seguir.

– Quantos TIEs ainda temos? – Pandion rosna. – Responda, almirante. Quantos ainda restam em Akiva?

Adea baixa a base de um dos discos holoprojetores em direção a Rae. Ali, ela vê um relatório de baixas. Sloane vira a tela em direção a Valco.

– Perdemos cinco nesse ataque. Dois no topo da estação de comunicação que servia como ponto de origem da propaganda rebelde e dois para quem quer que estivesse pilotando aquele TIE roubado, que foi o quinto. Perdemos metade.

– Metade – Pandion diz, com uma bufada. – Nós só temos *cinco* caças de curto alcance destacados na cidade?

– Correto.

– E quantos soldados?

– Uma companhia, além dos que estão aqui no palácio.

– Cem, cento e cinquenta stormtroopers? É isso?

– E os oficiais. Mais ou menos vinte.

– Então, pouco mais de cento e vinte imperiais para uma cidade de... quantos?

Aqui, Shale fala:

– Cerca de um milhão.

Pandion pergunta a questão inevitável:

– Por que não temos mais, almirante? Por que não estamos mais bem protegidos?

A verdade é que ele já sabe a resposta para essa pergunta. Todos ali sabem. Negociar essa cúpula foi rápido, mas exigiu um esforço digno de um herói: noites em claro, incontáveis comunicados, brigas incessantes. Eles fizeram exigências para cada pequeno detalhe, desde a comida que seria servida até os tipos de tecidos que desejavam em seus lençóis. Eles *sabem* por que a cidade não está dominada por todo um batalhão de stormtroopers, e, ainda assim, Pandion faz a pergunta, a fim de triturar a autoridade de Sloane, até não sobrar nada. Então, ela responde:

– Não podíamos fazer isso parecer uma ocupação total. O risco era pequeno...

– O risco agora é consideravelmente mais alto, não acha? Precisamos de mais naves. Precisamos trazer os destróieres estelares de volta. Chame-os de volta do sistema vizinho, almirante. Recoloque-os na órbita. Vamos voltar às nossas naves e escapar.

Shale levanta-se, jogando as mãos para cima. Trata-se de um gesto incomum para ela, esse ato físico de exasperação.

– Como você pretende escapar? Não temos naves nossas aqui. Estamos presos dentro desse palácio por uma população que há tempos é abusada pelo sátrapa...

Agora é o sátrapa Isstra que pede a palavra. Sua obediência estridente e bajuladora vai embora, dando lugar a um veneno na língua. Seu bonito rosto sorridente se contorce em uma máscara de desespero.

– Não! – ele diz. – Vocês não podem colocar isso nas minhas costas. Não sou seu bode expiatório. Eu impus os impostos que o Império demandou. Tenho sido um aliado leal, implementando qualquer programa que vocês queiram, e o que recebo em troca? – De súbito, a voz dele fica um tom mais aguda, como um gemido lamentoso. – Vocês abriram um buraco na lateral do meu palácio! Um disparo que derrubou a torre oriental, uma torre que esteve nesse palácio por mais de dois mil anos.

Uma mentira. Sloane sabe que a torre destruída pelo turbolaser era relativamente nova, construída por um dos Withrafpis nos últimos dois séculos. O design daquela torre, o salpicar de tijolo vermelho em espiral pelo lado, o domo em formato de cebola, tudo combina com a arquitetura *daquele* período, não do milênio anterior. Sloane bate na mesa com o punho, e a boca do sátrapa se cala.

– Não vou ordenar que os destróieres estelares retornem.

Queixos caem, e Crassus diz:

– Temos que votar isso.

– Como já deu pra perceber – Rae diz –, decisões como essa funcionam melhor na mão de uma autoridade única, não na de um corpo votante. Sou a almirante em exercício da frota e decido o que fazer com essas naves.

Pandion contrapõe:

– Você *vai* trazê-las. Você tem que fazer isso. Delas, podemos trazer um transporte e os caças TIE para nos darem a cobertura necessária. Temos que mostrar força. Não vamos apenas nos *esgueirar* e *fugir* como lebres ryukyu assustadas; nós não fugimos da briga. Temos que encarar. Então, usaremos os destróieres estelares para despacharmos bombardeiros, ensinando a essa cidade o que significa se insurgir contra o Império Galáctico.

– Agora mesmo – Shale diz –, a Nova República...

– A *Aliança Rebelde* – Pandion a corrige.

– A *Nova República* – reafirma Shale – não sabe o que fazer com essa situação. Eles ainda não mandaram uma frota, porque não sabem o que os espera. E não querem desestabilizar um mundo que pode acabar como seu aliado. Sendo assim, esperam com cautela. Hesitantes, com medo de pesarem muito a mão. Eles podem ter tido grandes vitórias, mas elas são vitórias cautelosas. Não estão jogando de forma imprudente. E nem nós deveríamos, Valco.

– Sua covarde, chorona, fraca...

– Vamos usar o iate de Crassus para escapar – Rae se intromete, acabando com cansativa discussão entre o moff e o general. – É nossa rota de fuga.

– O quê? – Crassus diz. Seu rosto fica vermelho, à medida que a raiva sobe para as suas bochechas. – O que você disse? Não vou apoiar uma coisa dessas. Minha nave preciosa, a *Harpa Dourada*. Não consinto.

– E eu não me importo. Você não é um verdadeiro imperial, é apenas um agiota, um banqueiro. Há outros como você. E só seria preciso um mandado imperial para drenar as suas contas, do mesmo jeito que uma vespa jaqueta-vermelha sugaria o sangue das suas vítimas. Fique no meu caminho, Arsin, e eu mesma o executo.

– Olha quem finalmente mostrou suas presas... – Pandion sibila.

Crassus fica pálido, e o sangue some do seu rosto.

– Eu... Você não poderia.

– Posso. E vou. – Ela saca a arma de raios e aponta na direção dele. – Você consente?

– Eu... – Ela atira bem acima da cabeça dele. Ele recua, com as mãos para cima, gesticulando freneticamente enquanto balbucia: – Sim! Sim. Pelas estrelas, sim.

– Ótimo. Chame sua *Harpa Dourada*.

Crassus assente, engolindo em seco. E, com isso, o resto da sala volta a atacar uns aos outros. Pandion, entretanto, dá a Sloane um pequeno e curioso sorriso. Ela não pode compreendê-lo completamente. O que há por trás desse sorrisinho, Sloane não consegue dizer. Ele está orgulhoso? Ele tem orgulho por ela ter afirmado a sua autoridade? Ou orgulho de si mesmo, por levá-la até esse ponto? Será que ele simplesmente está se divertindo com os esforços dela? Aquele sorriso a preocupa mais do que uma carranca.

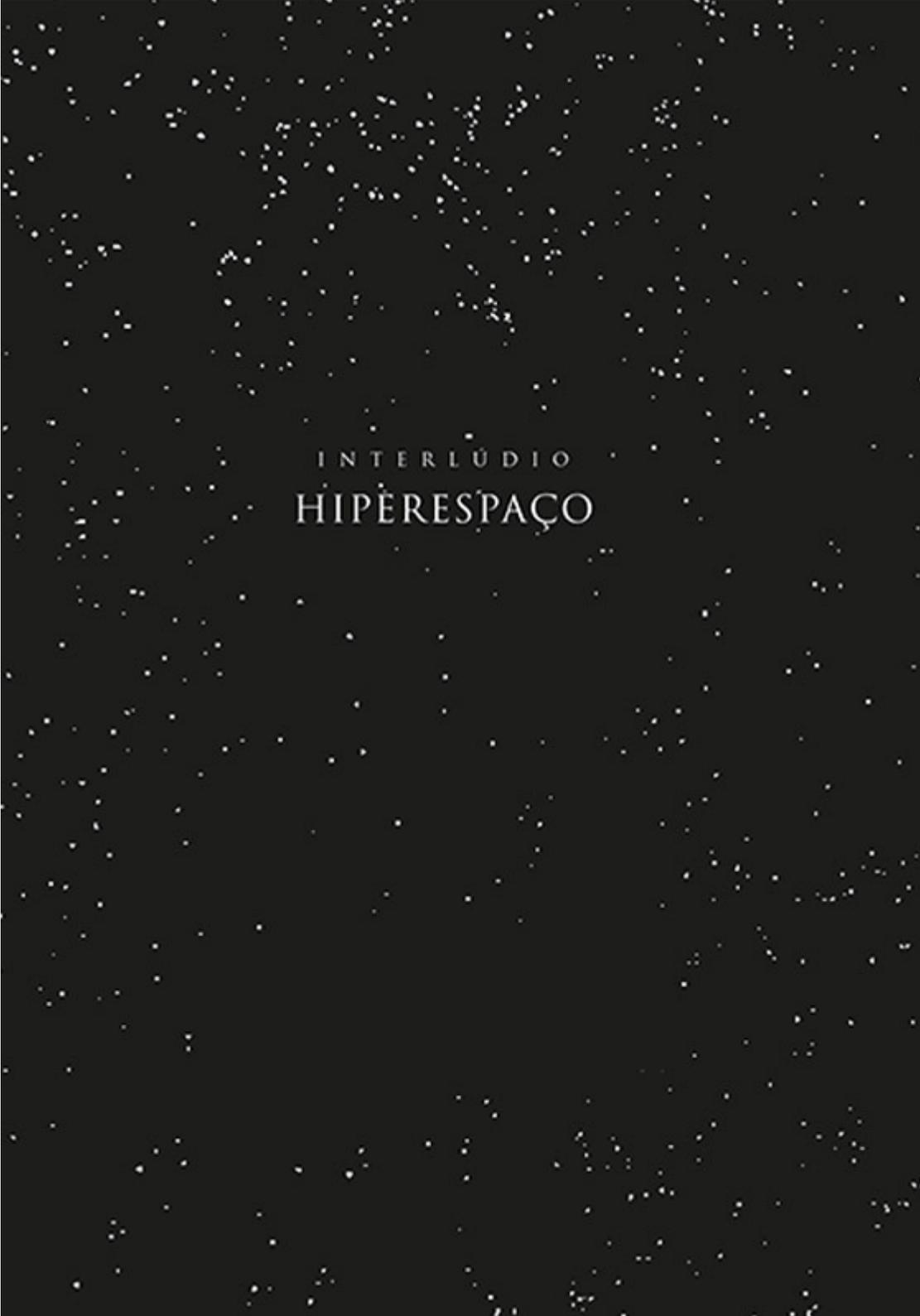
Adea inclina-se em sua direção, sussurrando no ouvido dela:

– Temos um novo problema.

Rae pensa: *Outro, não.*

– E agora, o quê? – ela pergunta, em voz baixa.

– Você deveria ver por si mesma.



INTERLÚDIO
HIPERESPAÇO

Estrelas se esticam como lanças, arremessadas através do espaço negro que passa pela *Millennium Falcon*, conforme a nave abre um buraco no hiperespaço.

Han Solo esfrega a barba que cresce sobre as suas bochechas, depois de semanas sem fazê-la. Ainda coça, e ele faz uma careta enquanto passa os dedos por ela.

Chewie grunhe, apontando na direção de Han.

– Sim, sim, agora sou *mesmo* um malandro qualquer, bagunçado. Se deixar essa pelagem crescer por tempo o suficiente, talvez pensem que eu sou você. – Han dá um sorrisinho ao Wookiee, e Chewie ressoa uma resposta. – Tá bom, relaxa, grandão, ninguém vai me confundir com você. Você é como uma árvore ambulante, coberta de pelos.

Chewie se reclina no banco de copiloto, e os traços de luz se refletem em seus olhos. Ele está entediado, e um Wookiee entediado é uma coisa perigosa. No último sistema em que estiveram, Ord Mantell, na Orla Intermediária, Chewie começou a fuçar no sistema de navegação da *Falcon*, tentando encontrar uma falha que vinha prejudicando o sistema do hiperespaço. Ele consertou o problema, então, ótimo. Mas aí as armas pararam de funcionar... o que eles descobriram, claro, apenas ao se ver encurralados por um trio de naves saqueadoras Krish. Acabaram com algumas queimaduras bem sérias nas placas de vetores em seus hoverpads, e quase não conseguiram sair de lá.

Ainda assim. É bom, de certa forma, estar aqui fora apenas com Chewie. Ele sente uma enorme falta de Leia e de Luke – até mesmo de Lando, embora nunca diga isso em voz alta –, mas estar aqui fora com seu velho camarada o faz lembrar-se dos seus dias de juventude. Ele, o Wookiee e a *Falcon*. Sem responsabilidades além de proteger os seus próprios traseiros e, naturalmente, tentar ficar ricos. (O que de fato, como recorda uma vozinha na sua cabeça, nunca aconteceu.)

– Certo, saindo do hiperespaço – ele diz, alcançando a alavanca para desacelerar. E, conforme ele faz isso, as linhas de luz se encurtam, e vem aquele momento vertiginoso. Aquele que nunca para de vir, não importa quantos saltos eles já tenham feito; aquele que o faz sentir como se seu cérebro fosse arremessado através do espaço, deixando suas tripas doze parsecs para trás.

Em seguida, o planeta cresce diante deles:

Dasoor.

Outro na lista dos planetas sem lei. É um mundo sem governo, lotado de ladrões, dominado por gangues (que, por sua vez, são controladas por cartéis) e alimentado por escravos.

Tudo sórdido demais, até mesmo para Solo nos seus dias de juventude. Com ladrões ele pode lidar. Escravos... Bem, isso faz o seu estômago revirar, quente como lava vulcânica.

Chewie grasne e rosna, e Han lhe responde:

– O plano é o mesmo de sempre. – O mesmo plano seguido em Ord Mantell, Ando Prime, Kara-bin e todo o resto. Ele afixa o implante cibernético no olho, uma lente telescópica de cristal heliodoro, que na verdade não funciona e é totalmente falsa. Com isso, mais o feio boné de aviador, ele fica disfarçado o suficiente, a fim de que as pessoas do local não o reconheçam na primeira olhada.

Quando Chewie ruge em protesto, ele concorda.

– Eu sei, amigo, eu sei. Preferiria ter você lá comigo, também. Mas se há uma coisa que nos entregaria de cara seria um contrabandista andando por aí com um dos poucos Wookiees libertos. Nós temos que descobrir as linhas que garantem os suprimentos do Império, e para isso eu devo descer lá embaixo totalmente sozinho, chutar alguma sujeira aqui e ali e descobrir que cheiro ela tem. Você só... fica por perto com a *Falcon*, para o caso de as coisas darem errado.

Os boatos mais recentes diziam que o Império, após perder algumas das suas tradicionais linhas de suprimentos e naves nos últimos meses, estava apertando certas organizações criminosas, que tinham recebido apoio imperial, em silêncio, durante as últimas décadas. Han vinha descendo, fazendo perguntas, entrando em uma ou outra briga de bar (certo, *mais* do que em uma ou outra), para ver se algo aparecia.

Até agora, nada.

Chewie late um latido afiado e Han concorda:

– Sim, também espero que Wedge esteja tendo uma experiência melhor com a missão dele. Vamos chegar ao planeta e...

O comunicador crepita. Sobre ele, um holograma azul cintilante aparece.

Han ri e Chewie acena.

– Bem – ele diz. – Olhe o que veio rastejando para fora das ondas espaciais.

A mulher projetada pelo holograma coloca uma inclinação arrogante nos quadris.

– Alô, seu velho malandro.

– Velho? – Ele finge desgosto. – Imra, isso machuca. Magoa bem no fundo do meu coração. – Ele coloca um sorrisinho maroto nos lábios. – Nunca vou ficar velho.

– Acha que Leia vai se sentir da mesma forma?

– Olha só, isso foi golpe baixo.

– Você poderia largar a princesa, sabe? Tirar essa fantasia de cidadão íntegro, cumpridor da lei, e voltar à vida da malandragem.

– Imra, você ligou apenas para tirar sarro de mim ou tem algo a me dizer?

– Nós temos uma oportunidade, com uma janela muito pequena.

Chewie gorgoleja e Han concorda:

– Imra, é como você disse: estou fora desse tipo de vida. Então, o que quer que esteja me trazendo...

Ela desaparece, e uma nova holoimagem salta: um planeta.

Chewie, agitado, levanta-se e rugue, balançando os punhos e acertando a barra estabilizadora acima da sua cabeça, soltando-a. A *Falcon* de repente treme e chacoalha, e Han tem que se levantar rápido e reajustar os estabilizadores. Ele está prestes a dizer ao velho amigo para se acalmar, relaxar, que o que quer que tenha deixado o grandão tão agitado é apenas...

Então, ele se dá conta.

O planeta é Kashyyyk.

É o *lar* de Chewie.

Um planeta cujos habitantes ainda eram escravos do Império. Chewbacca fora escravizado como os outros: algemado, meio faminto e meio louco, com o pelo emaranhado, ele trabalhou cortando as belas árvores wroshyr, que serviriam de madeira, e plantando comida nas fazendas, tudo com o propósito de servir ao exército imperial. Wookiees foram usados por toda a galáxia, também, mandados para trabalhar em minas e como construtores de estruturas como a Estrela da Morte. Os imperiais chegaram até mesmo a usar as pobres bolas de pelo como cobaias, abrindo-os para testar medicamentos e armas.

– Chewie, calma, amigo, está tudo bem. – Han dá um tapinha no ombro do amigo, empurrando-o de volta para a cadeira. Os músculos do Wookiee aparecem por baixo da sua pelagem, e os seus lábios se curvam para trás, revelando os dentes. Sua respiração vem em suspiros irregulares. Para Imra, Han diz: – O que quer dizer com “janela” e “oportunidade”?

– O planeta Wookiee ainda está sob bloqueio. O Império não quer abrir mão dele, mas não tem muita gente para segurá-lo. Normalmente, naves vêm e vão, e eles trocam stormtroopers e oficiais, mas os números totais da sua presença nunca mudam. Exceto agora, por um tempo: eles vão mudar.

– Não entendi.

– Eles vão fazer... quem sabe o quê? Algum tipo de troca de guarda. Ou estão precisando mudar as naves para algum outro planeta, ou... eu realmente não sei, Solo. Os detalhes são confusos, mas o que nós *sabemos* é que as naves

que estão saindo agora de lá não serão imediatamente repostas. E isso significa que teremos alguns dias.

– Quando?

– Agora.

Chewie levanta a cabeça de novo e grunhe.

– Agora? – Han inclina-se na cadeira, subitamente agitado. – Tipo, hoje?

– Quase. O relógio vai começar a correr no próximo ciclo.

– A Aliança... a Nova República, o que quer que seja... Eles me colocaram nessa coisa. Tenho uma responsabilidade. Não posso simplesmente mudar o plano e ir despreparado para... – Han sabe o que a Nova República diria. Eles têm uma estratégia. Não vão despender atenção para Kashyyyk, ainda não. Ele já perguntou sobre isso a eles, mais de um vez.

Chewie está dando aquele olhar em sua direção. Ele não dá um pio sequer. O peito do Wookiee está subindo e descendo.

E é então que Han se dá conta: as palavras que saem da sua boca não soam como se fossem dele, de fato. Estar aqui fora, entretanto, com Chewie, fez Han se sentir como antes. Eles apenas saíam por aí. Faziam o que queriam. Iam para onde o nariz apontasse, para beber, contrabandear pilhas de créditos e qualquer outra coisa, boa ou ruim, que aparecesse pela frente.

Um fogo se acendeu em Han.

Era hora de fazer isso.

Ele diz a Imra:

– Você me deve muito, lembra? – Daquela vez em que ele tirou um destróier estelar da cola dela, sendo atacado no processo. – Não me diga que não se lembra...

– Eu lembro, eu lembro. É por isso que estou aqui. Você disse que, se algum dia eu ficasse sabendo qualquer coisa a respeito do mundo Wookiee, deveria falar com você. Aqui estou eu, falando com você.

– Isso não é o bastante – ele resmunga. – Você precisa fazer mais.

– Quanto mais? – Ela hesita.

– Reúna todo mundo. Cada patife pensante, malandro, canalha, contrabandista, qualquer um que me deva um favor. Qualquer um que odeie o Império como nós.

– Essa não é uma lista tão longa quanto você gostaria.

– Certo. Ofereça imunidade. Se eles querem as suas fichas apagadas, diga que a Nova República está aberta a isso. Perdão completo.

– Isso é verdade?

– Com certeza – ele mente. Não é verdade, ele nunca ouviu falar disso. Mas eles farão que seja verdade, de algum jeito. Então se vira para Chewbacca: – Ei, amigo. Você ainda sabe como entrar em contato com os outros refugiados? Roshyk, Hrrgn, Kirratha, e tal?

O grupo de meia dúzia de Wookiees escaparam de Kessel e fugiram do Império, quando ninguém mais conseguiu fazer isso. É um grupo dos brutos mais malvados e mais peludos. Eles são mercenários agora e não ligam muito para as políticas da Nova República, mas com certeza se preocupam em libertar o seu lar.

Chewie acena com a cabeça e grunhe, assentindo.

– Ótimo. Reúna-os. E, Imra, você traz o resto. Peça que todos nos encontrem do lado de fora da estação de Warrin. Tipo, agora. Diabos, pra *ontem*. Não precisamos da Aliança ou da República. Faremos isso do nosso jeito.

O Wookiee levanta o braço longo, em alegria.

Imra dá a sua palavra, e então se vai.

– Não temos nenhum plano, amigo – ele diz.

O Wookiee grunhe.

– Vamos bolar um no caminho.

Chewie concorda, ululando.

– Bom. É como nos velhos tempos, cara.

Chewie agarra Solo com os grandes braços, sacudindo-o como um copo de dados.

Han gargalha, tentando não ser esmagado.

– Vamos, Chewie. Estabeleça novas coordenadas. É hora de ir pra casa.



C A P Í T U L O

27

Wedge cambaleia para o corredor do palácio do sátrapa. A dor o puxa, como correntes pesadas. A fadiga suga suas energias, e não importa quão rápido o seu coração bata, não importa quanta adrenalina sinta passando por ele, seus ossos ainda lhe dizem uma coisa: *Desista, deite-se, entregue-se.*

A energia caiu há apenas alguns minutos, e, quando isso aconteceu, suas algemas se abriram como se fossem de brinquedo. Agora, ele está livre.

Ou quase isso.

Ele escuta vozes nas proximidades, alarmadas, seguidas pelo som da marcha de pés barulhentos. *Stormtroopers.* Wedge estremece e enfia-se no canto mais próximo, um espaço estreito ocupado por um pote de cerâmica, que serve de casa para uma das orquídeas das selvas do planeta. Ele se aperta próximo do pote, tentando continuar respirando.

Passos chegam cada vez mais perto.

A conversa dos soldados:

– A almirante acha que foi algum tipo de distração.

– Ou talvez eles só não queiram que a gente saia daqui – diz o outro.

– Quem são *eles*?

– Isso importa?

As vozes vão ficando mais altas, à medida que os soldados passam...

Passam andando, até parar. E param bem ao lado do canto com o vaso, a apenas um punhado de passos de onde Wedge se esconde, nas sombras deste espaço intersticial, tensionando os músculos. Ele se prepara para o ataque...

Não. Não vai funcionar, pois ele está muito ferido. Em qualquer outro dia, se estivesse saudável, ele daria conta de um par desses cabeças de balde. Bateria seus capacetes um contra o outro, agarraria um dos fuzis de raios, correria pela porta. Mas, no estado em que se encontrava agora, eles o dominariam. Acabariam com ele. Em vez disso, ele fica parado, quieto como as estrelas.

Os stormtroopers olham ao redor.

– Nada no terceiro andar. Indo para o quarto – diz um deles, no rádio.

E seguem em frente.

Wedge solta um leve suspiro de alívio, conforme os passos ressoam. Os seus músculos doem. As pernas quase cedem, o joelho se dobra de repente, e, quando volta por reflexo, cutuca o pote de cerâmica, que chacoalha e oscila, ecoando por todo o hall.

Os passos param.

Não, não, não.

Um dos stormtroopers pergunta ao outro:

– Ouviu algo?

– Lá atrás.

Eles começam a se aproximar de novo.

Parece que não tenho escolha. É lutar ou ser encontrado. Sobreviver a qualquer custo ou ser jogado de novo na masmorra. Wedge fica tenso, colocando o pé na melhor guarda de luta que ele consegue. O pé acaba pressionando o pote mais uma vez, que escorrega, fazendo ressoar alto o barulho de pedra contra pedra.

E, quando isso acontece, a parede atrás dele se abre, revelando uma porta fina e estreita. Uma passagem secreta.

É agora ou nunca. Wedge escorrega pelo pote para a escuridão da passagem aberta. Os passos se aproximam pelo outro lado. Wedge vê um botão de pedra saliente na parede e o golpeia com a parte de baixo da mão, fazendo a porta se fechar atrás dele...

Bem no momento em que tem um vislumbre da armadura branca.

Temmin fica ali sentado, tremendo. Ele se sente tonto, enjoado e mal do estômago. Tenta se manter calmo enquanto Jas conta a ele que o caça TIE de sua mãe, aquele que salvou a sua vida apenas meia hora antes, caiu no palácio do sátrapa.

Eles tentam consolá-lo. Até Ossudo coloca uma garra de metal no seu ombro. Mas ele os afasta, dizendo que vai ficar bem.

O garoto pisca para esconder as lágrimas, e se vira para que ninguém as possa ver, passando a encarar a parede com a mandíbula travada e as mãos tremendo embaixo da mesa.

A questão é: ele sempre soube que esse dia viria. Sua mãe por aí, em algum lugar na galáxia, lutando ao lado dos rebeldes. Garantindo que suprimentos passassem em meio ao território imperial. Cada dia que ele ficava sem falar com ela (o que acontecia na maioria dos dias) era um dia em que Temmin sabia que ela poderia estar morta. Imaginava a nave dela flutuando pelo espaço, com seu corpo ainda preso no assento de alguma porcaria dessas naves-dormitório que os rebeldes tinham paradas em algum hangar sombrio. Esse pensamento, por vezes, vinha a ele em forma de pesadelos. Neles, ela procurava por ele, com os olhos mortos e a boca escancarada. Ou os imperiais iam até a sua casa para lhe dizer que a tinham assassinado. Ou um caixão aparecia na sua porta, com ela dentro.

E, agora, o dia tinha chegado. Logo depois de terem feito contato mais uma vez.

Enquanto Jas continua contando que a missão não está acabada, dizendo que eles ainda têm trabalho a ser feito, tudo que Temmin pode fazer é navegar pelos sentimentos, já bastante familiares a ele, que se formam no seu interior como um mar tempestuoso.

Raiva é o rei desses mares. Ele sente raiva por ela ter partido, doando-se a uma causa que era sempre mais importante que ele. E raiva de si mesmo, por ser tão egoísta e por não ter aproveitado melhor o tempo que teve enquanto ela esteve ali. Tinha raiva de todo mundo, na verdade: de Sinjir e Jas por os terem arrastado para o meio disso, de Surat por ser Surat, da Nova República e do Império Galáctico e...

Temmin escuta o som de pernas de cadeiras arrastando-se contra o chão.

Ele se vira, como os outros, e engasga.

Uma mulher está sentada na cadeira na extremidade da mesa. Então, ela puxa para trás o véu que encobre o seu rosto.

– Mãe – ele diz, com uma vozinha baixa.

A lateral dela está toda ralada, e o rosto está sujo e com um pouco de sangue, também.

– Você... caiu – Jas diz.

– Descobri que os caças TIE têm um assento ejetor, afinal. – Norra dá de ombros.

Temmin se arrasta por sobre a mesa, derrubando a garrafa de plooy-sap de Sinjir no chão, sem sequer notar. Tudo que importa para ele agora é abraçar a mãe, que devolve o gesto.

O abraço dura um bom tempo, embora ele perceba de repente que não é tempo o bastante.

A queda de energia, Rae pensa. Quando o caça TIE bateu contra o palácio, destruindo os transportes, a energia oscilou por alguns segundos. E, aparentemente, isso já foi o bastante.

Porque, agora, o prisioneiro escapou. Wedge Antilles está solto no palácio. As algemas magnéticas que o prendiam falharam com a queda de energia. É um prédio velho, sem geradores de emergência.

– Isso não é bom – Rae diz, afirmando o óbvio.

– Vamos encontrá-lo – afirma Adea, embora a voz dela não esboce confiança. – Vou colocar os soldados nisso.

– Bom – Rae diz.

Adea deixa a sala, e a almirante pega a cabeça do droide médico. É provável que ele tenha sido destruído por Antilles.

Isso adiciona mais um problema à equação. E dos grandes. Até agora, toda essa *cúpula* foi problema atrás de problema para gerar *novíssimos* problemas. Um emaranhado, um cruzamento de erros e incompetências. Comprometido do nascer do sol ao anoitecer.

Disseram a ela que aquela era uma ideia ruim. Mas Rae insistiu, apegando-se ao que sempre dizia o conde Denetrius Vidian: *Esqueça o antigo modelo*. Ela abraçou a ideia inúmeras vezes, porque o jeito antigo de fazer as coisas só tinha levado o Império à obsolescência. Ela decidiu que era preciso um novo jeito para ir em frente, um que pudesse curar o Império e salvar a galáxia. Isso é o que garantiria uma paz adequada antes que o caos voltasse a crescer, renovado pelas sementes jogadas pela destruição da segunda Estrela da Morte. Só que, agora, ela não tem mais certeza. Talvez o jeito antigo fosse o único. Controle assertivo. Autoritarismo. O punho de aço, em uma luva preta. Sloane procura se focar. Ela tem que encontrar Antilles. De novo.

A passagem é grande o suficiente apenas para uma pessoa. É uma diferença gritante para os grandes corredores do palácio, corredores largos o bastante para acomodarem uma fila de guardas, ou talvez até um par de speeders, se você conseguisse passá-las pela porta. Isto aqui é menor, íntimo. Uma passagem para o sátrapa, ou para os seus convidados.

É tudo novidade para ele, mesmo agora. Wedge não é exatamente parte da nata da galáxia. Ele cresceu sujando as mãos no depósito de combustível e trabalhando em fazendas locais no tempo livre. Mas, mesmo assim, a passagem faz algum sentido: certamente o sátrapa precisa de um jeito de se mover pelo palácio sem ser visto, sem ser incomodado por conselheiros ou dignitários querendo isso ou aquilo. E Wedge sempre ouviu que as cidades de Akiva estavam repletas de passagens secretas, tanto embaixo como em cima delas.

A grande questão é: e agora?

Ele para por tempo o suficiente para recuperar o fôlego. Escorregando pela passagem, vê luzes azuis cristalinas, projetando um leve brilho. E, depois que passa por elas, essas luzes escurecem, iluminando o caminho apenas três metros por vez, formando um efeito bonito, quase feérico. Às vezes, ele encontra pequenas fendas por onde a luz brilha de verdade, a luz do dia quente que vem do lado de fora das frias paredes do palácio. Esses lampejos de luz têm o gosto de liberdade. Isso dá a ele esperanças, mas também agonia.

– Tão perto... – ele murmura para si mesmo.

Mas, então... ele dobra uma esquina e vê um raio de luz com bastante substância, brilhando por uma velha janela, cujo vidro se dobrou com o tempo.

Não é uma janela grande, mas é grande o suficiente.

Ele pode passar por ela, se conseguir quebrá-la, pode subir para o outro lado e...

Wedge olha através do vidro distorcido e vê o tamanho da queda.

São três andares. E não meros andares de uma escola corelliana, mas três andares de um *palácio*. São de quinze a vinte metros até o chão.

Talvez escalar seja uma opção. Ou, então: se há uma janela aqui, deve haver outras mais baixo. Se a passagem continuar...

E, então, ele entende.

Ele pode sair. Ele pode ser capaz de fazer isso dar certo. Mas e depois? Ele sai ferido para a cidade. Talvez consiga, talvez não. Talvez o recapturem em uma hora, ou em dez, ou depois de alguns dias. O que isso mudaria? A ocupação aconteceu. Há algo grande acontecendo neste palácio, *agora mesmo*.

Fugir talvez salve a sua vida. Mas salvaria a Nova República?

Não. A sua única chance é ficar ali. Permanecer no palácio e descobrir o que está acontecendo, ou, pelo menos, encontrar um modo de mandar uma mensagem para Ackbar e os outros.

Ele dá uma olhada pela janela uma última vez.

Tão perto...

Então, segue em frente.

Norra reserva o momento para apreciar o encontro. Ela está cansada depois de tudo, e, francamente, só quer absorver o que está acontecendo ali. A dor corre seu corpo por inteiro, pela medula dos seus ossos. Todas as vezes que ela pisca, vê o palácio vindo ao seu encontro. Ela se lembra de suas mãos estendendo-se para apoiar-se contra o console (uma ideia estúpida; como ela pôde achar que isso atenuaria a queda?), da palma das mãos esmagando os botões.

Um deles era o ejetor.

Quando se deu conta, já estava do lado de fora do TIE, que esmagava os três transportes. O paraquedas abriu tarde, tarde demais, e um vento forte a levantou e a jogou para a direita. Então, ela acabou no chão, arrastada, com a manga do casaco rasgada em farrapos e a pele, ralada.

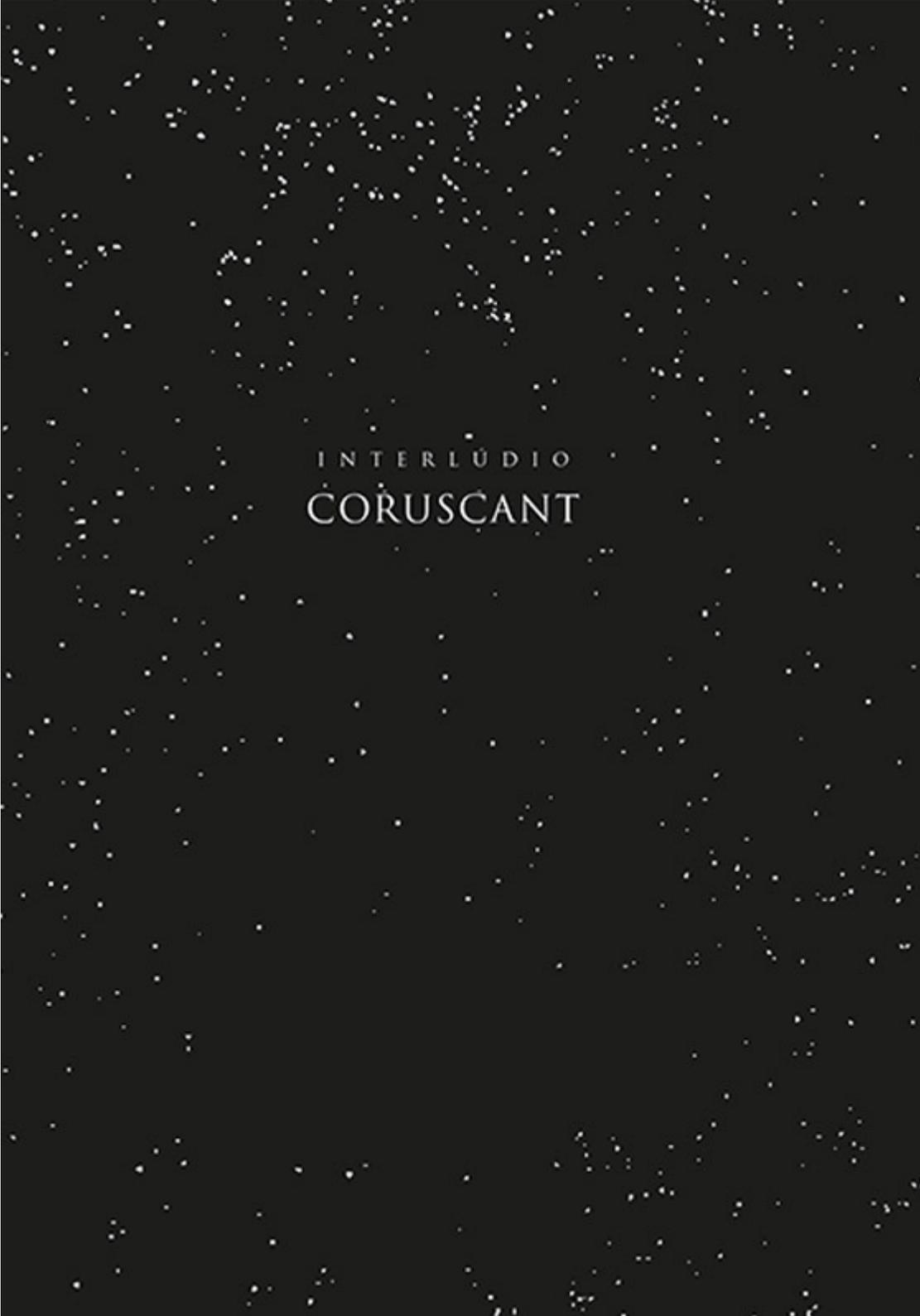
Então, pelo menos por um momento, ela recebe o abraço e sorri para as duas pessoas que são relativamente estranhas a ela, mas que parecem quase amigas, se não da família: a caçadora de recompensas e o ex-imperial.

Até mesmo o droide louco do filho lhe diz:

– ESTOU FELIZ QUE A SUA EXISTÊNCIA NÃO FOI REDUZIDA A ÁTOMOS, MÃE DO MESTRE TEMMIN.

Ela ri. Assim como todos os outros. Norra puxa Temmin para o lado dela, colocando o braço em volta da cintura dele.

– Também estou feliz de estar viva – ela diz. No entanto ela sabe: o momento acabou. Tinha que acabar. Ela fica séria e diz, em tom grave: – Mas ainda temos trabalho a fazer. Temos que entrar no palácio, e acho que sei como.



INTERLÚDIO
CORUSCANT

É o aniversário de treze anos de Jak.

O jovem rapaz, não, o jovem *homem* precisa de um presente de aniversário. Não que ele tenha alguém por perto para comprar um presente para ele. Mas com certeza o seu pai gostaria que ele tivesse o melhor.

Ele caminha através dos túneis em ruínas do 1313: o nível subterrâneo mais infame de Coruscant, uma masmorra tão profunda que o mundo da superfície até já se esqueceu da sua existência. Ele passa por um pálido par de fungos er'kit, do tipo que adere em superfícies, fixando-se nas paredes, sugando com ganância uma bagunça esponjosa. Passa por um Xexto, com suas patas como as de aranhas, puxando fios de um painel esburacado, para conectá-los a um carregador cheio de baterias gordas, que buzina. O alienígena vibra com irritação quando Jak passa por ele, um aviso para que o rapaz não tente saquear os despojos da eletricidade roubada. E ali, logo depois disso, ao dobrar a esquina...

Uma dupla de guardas: um humano com cara de durão, barriga de cerveja e comida presa na barba e um Kerkoidiano ainda maior e mais gordo. O último encara tudo com um par de presas vermelhas como sangue. Conforme Jak se aproxima, o Kerk mostra a ele a arma na cintura. Na língua básica, o alienígena murmura:

– Circulando, malandro.

– Eu não sou um malandro – Jak responde, juntando coragem. – Sou um comprador.

O Kerk puxa a arma, mas não é uma ameaça real. Seu movimento é lento, lânguido, gesto de um valentão confiante.

– Eu disse...

Jak pega o cartão.

Ele é preto, fosco.

A tinta nele é vermelha... e brilha.

– Olha – Jak diz.

Os olhos do humano se arregalam.

– Uma criança com um cartão.

– Não sou uma criança, é o meu aniversário.

– Feliz aniversário, moleque – o Kerk diz. – Certo, você pode entrar.

O homem barbado bate na porta, que a abre com um barulho agudo.

Lá dentro está quem Jak procura: um Iktotchi chifrudo, o lorde da escória Talvee Chawin, também conhecido como Espinho. O apelido talvez se deva ao fato de ele ter um dos chifres quebrados e de o segundo chifre descer pelo rosto, enrolando-se sob seu queixo, para, em seguida, apontar para fora, como o espinho de aviso de uma planta venenosa.

Mas talvez seja porque ele tem sido um espinho no pé do Império.

– Você – o Espinho diz. – Você é a criança.

– Não sou... – *Oh, deixa pra lá.* – Sim, sou eu.

– Não pensei que você fosse mesmo aparecer.

– A sua amiga me deu o cartão.

– Mas que motivo um garoto como você tem para usar isso? – O lorde do crime Iktotchi levanta-se do sofá em semicírculo e aproxima-se do menino, lambendo o ar. – Você não pertence ao mundo daqui de baixo. Você é lá de cima.

– Você está... certo. Mas, neste momento, *lá em cima* não me pertence.

Um sorriso se forma no rosto do lorde do crime.

– Pertence a eles.

O Império.

Jak continua:

– Eu salvei a sua mulher da custódia da polícia.

– Ela não é a minha mulher. Ninguém é dono de Lazula.

– Ela trabalha pra você.

– Ela trabalha *comigo*.

– Certo, que seja. Eu a salvei, e ela me deu o cartão. Agora, aqui estou.

– O cartão, o cartão. – Ele sopra e estala os lábios pálidos. – Sim, é quase como se você soubesse o que estava fazendo ao salvá-la. – Ele vira um dos seus olhos negros para Jak. – Dá até para se perguntar se você mesmo não armou pra ela...

Nisso, Jak fica em silêncio. Ele tenta não tremer nas bases.

Porém, o lorde do crime bate as mãos e sacode os dedos pontudos.

– De qualquer forma, eu admiro a sua atitude *de tomar o controle*. Você me dá o cartão e eu dou a você um presente de aniversário. Mas é um presente que vem com um preço, como todos os presentes. O preço não é apenas um ano adicionado à sua vida, o preço usual por mais um ano nesse mundo, mas algo maior, mais longo. Uma vida diferente. Uma vida comigo.

– Eu...

– Você pode ir. Pense nisso. Fale com a sua família. Pergunte aos seus deuses. Mas essa é a minha condição. Lazula já me contou o que você quer, e eu sei o que eu quero como recompensa.

– Eu não tenho família. – Ele só tem uma jarra de cinzas com o nome do pai escrito nela. E deuses... Eles nunca os tiveram. Papai nunca acreditou. – Eu salvei Lazula. Isso deveria bastar.

– É o suficiente para eu não estripar você como uma doninha-pipe.

– Oh...

– Sim, *oh*. Se você quiser a arma que procura, junte-se ao time.

– Estou dentro.

Essas duas palavras são ditas sem hesitação, o que surpreende até o próprio Jak.

O Iktotchi sorri.

– Bom. Então você terá a sua arma. Por que você precisa dela? Qual é o seu plano?

Vou derrubar a energia de Coco-Town. Porém, ele não diz isso. Ele não explica como a Brigada dos Fedelhos, grupo de crianças ainda mais novas que

ele, e que luta pelos rebeldes, conhece todos os buracos de parafusos e túneis nessa parte da cidade. Como eles conhecem uma porta de acesso escondida na parte de trás do velho e falecido Restaurante do Dex, e como, se um deles se esgueirar por um daqueles túneis, pode, em teoria, plantar um dispositivo EMP sob a linha principal do Império, acabando com a sua energia. Com os seus olhos, ouvidos e canhões.

Tudo o que diz é:

– É meu aniversário, mas, de fato, é um presente para o Império. Um bolo que estou cozinhando para eles. – *E, quando as luzes estiverem apagadas e eles estiverem perdidos nas sombras, eu vou sair do nada e disparar um tiro de raio nas costas do comandante Orkin Kaw.* Então, finalmente Jak teria a sua vingança contra o homem que tirou seu pai dele. Porque essa batalha, essa guerra, ainda continua. E Coruscant ainda não foi derrotada.



C A P Í T U L O

28

Adea se apressa pelo longo corredor, com os pés ecoando no piso de cerâmica. Ela encara a tela que tem nas mãos, que mostra mapas do palácio do sátrapa. Ela tenta imaginar onde o prisioneiro possa ter se escondido. Adiante, quatro stormtroopers a interceptam, então seguem por um corredor perpendicular. Ao lado, algumas garotas serviçais escondidas em uma alcova observam, esperando, assustadas.

No silêncio, se para e escuta, Adea é capaz de ouvir os sons da multidão lá fora. É um ruído sutil e constante, como o sangue bombeando nas orelhas. Ela se pergunta quanto tempo vai levar até que alguém passe para o lado de dentro daquelas paredes. Talvez escalando pela torre quebrada, a que foi destruída pelo canhão de raios.

Não há tempo para se preocupar com isso.

Foque no problema de agora, ela pensa.

Os mapas do palácio flutuam no ar diante dela, em um pequeno holograma. Ela abre as mãos, esticando os dedos, e o mapa fica maior; em seguida, toca a área, dando mais zoom. O piloto preso deve ter escapado da sala e então... Não há passagens pelos dutos, que se saiba. Tudo é aberto e óbvio, com grandes saguões e escadarias. O problema não é que tudo seja aberto, mas, sim, que o palácio seja tão *grande* quanto é. Levaria um dia inteiro para esquadrihar cada

centímetro dele, para cima, para baixo, tudo ao redor. Ele poderia estar escondido em qualquer parte.

Mas o que é isso? Ali, ela vê um fragmento de uma passagem atrás das paredes. Oscilante, uma passagem secreta. Ou o começo de uma.

Adea se dá conta: eles estão com um mapa incompleto. O sátrapa forneceu-lhes um mapa que omite as passagens clandestinas...

Ela percebe movimento à sua direita.

Alguém corre rápido, pega o ombro dela e a vira...

Adea grita, ao mesmo tempo que uma pequena arma de raios que ela mantém no coldre, bem na base de sua espinha, é arrancada dali.

O prisioneiro está ali parado, a apenas um metro de distância, com a pistola dela na mão. Capitão Wedge Antilles. Seu cabelo está uma bagunça, e os olhos, desfocados. Sua pele pálida é da cor de cinzas, gordurosa e escorregadia por causa do suor.

– Quero a holotela – ele diz.

– Não – ela responde, levantando o queixo para parecer durona.

– Está vendo essa arma? Preciso da tela, e que você abra os canais de comunicação. Você pode fazer isso, não?

Sua boca forma uma linha reta e resoluta.

– Não.

– Você está mentindo.

– E se eu estiver?

Ele ri, irritado e cansado. Ele sente dor. E diz:

– Quero que você pense bem a respeito da situação. Vê tudo isso? O Império? Está acabado. Esse é o fim. Se você me ajudar, eu não vou esquecer. Ninguém precisa saber. Diga que dominei você. Você não parece ser um soldado, ou um oficial. Seja esperta, me ajude, me dê a tela.

De forma hesitante, ele assente.

Choramando, ela se inclina para frente e começa a entregar a holotela.

Ele tenta alcançar o dispositivo.

Adea olha para ele com desprezo e vira a tela na direção de Wedge, deslizando o dedo pelo canto para aumentar o brilho, de forma que projetor lance luz nos olhos dele. Ele os protege com as mãos, gritando...

Adea não corre. Ela pensa: *Este é o meu momento. Eu o peguei. Sloane e os outros agora me devem um favor. Corrigi o erro dela, eu serei uma heroína.*

Ela se lança para a frente, dando uma joelhada no estômago dele. Suas mãos atacam, segurando o pulso de Wedge; ela faz uma torção – tinha prática em defesa pessoal, tendo treinamento em artes marciais imperiais, uma combinação de *Zavat*, *echani* e um pouco do bom e velho EIC, ou seja, dos exercícios imperiais de combate, o mesmo treinamento de todo stormtrooper e de todo oficial. A arma cai da mão do piloto.

Wedge, porém, é rápido. Mesmo na atual condição. Com a outra mão, ele golpeia para a frente e pega a arma que está prestes a cair. Adea dá uma cabeçada no piloto, acertando-o com a testa em seu nariz...

Crunch.

Ele grita.

A arma cai.

E a dor passa queimando por ela. Adea cambaleia para trás. Na sua perna esquerda fumeja um buraco, causado pelo disparo de raio. Tufos de fumaça saem rodopiando da ferida. Toda a perna fica bamba, e ela cai no chão.

A escória rebelde diz:

– Sinto muito, mesmo.

Então, ele apanha a holotela e vai embora, cambaleando.

Adea grita para pedir ajuda, avisando que o intruso está aqui. Então, ela apenas se debate no chão, gritando em desespero por ter falhado. A chance de ela de fazer algo certo pelo Império deu muito errado.

Jas está de pé diante da porta da loja de Temmin. A jornada até aqui não foi das mais fáceis, embora devesse ter sido. Akivanos passam por ali, em um fluxo. Alguns deles carregam placas. No caminho, ela viu uma efígie do sátrapa. Neste instante, lá fora, um tosco espantalho que parece a sombria autoridade imperial Darth Vader está em chamas. A fumaça negra sobe da base, e o fogo consome aos poucos o espantalho do lorde Sith.

Essa cidade é um barril de cordylleum, prestes a explodir.

Não foi ela que fez isso acontecer, mas Jas e os outros definitivamente providenciaram o combustível e os fósforos.

Parte dela está orgulhosa, pois isso é ela em ação, em um nível muito superior.

Isto é Jas empunhando uma população inteira da cidade como uma arma contra o seu alvo. Ela está até acostumada a manipular pessoas. Mas isto? É algo magnífico, sublime. O outro lado é que ela está acostumada a trabalhar sozinha. Tia Sugi sempre teve um grupo, sem mencionar uma queda pelos oprimidos. Fazendeiros, escravos e idiotas.

Jas sempre pensou nisso como uma fraqueza. Talvez fosse.

Ela olha para trás de si, para o interior da loja, e vê Norra e Sinjir trabalhando juntos. O rapaz, Temmin, teve que dar uma saída, pois disse que não guardava os mapas na loja, por segurança. Ele precisou ir até o seu “cantinho escondido secreto” (palavras dele, não dela) para pegá-los. Assim, ele e o droide louco estavam fora.

Estou usando essas pessoas para cumprir os meus objetivos. Não é? Eles não são o grupo dela. São ferramentas, tanto quanto um hydrospanner ou a chave inglesa de Harris. Isso é o que ela diz para si mesma, a fim de se preparar para a perda de um deles. Porque é claro que alguém não vai sobreviver a essa missão. Eles quase perderam Norra. Outra pessoa vai cair.

Ela tenta ignorar o sentimento que isso lhe traz.

Tenta ignorar que isso a faz sentir qualquer coisa que seja.

É um trabalho. Você não deve nenhuma lealdade à Nova República ou a este grupo especial de aberrações e degenerados. Eles não são a sua gente. Você não é a gente deles. Faça o trabalho, seja paga, saia daqui.

Isso é o que a cabeça dela diz.

Mas por que o coração diz algo diferente?

– Aqui vamos nós – diz Norra, trazendo uma caixa e arremessando-a sobre a mesa.

Sinjir se inclina para ver o que ela traz, então recua um passo.

– É uma caixa *inteira* de detonadores térmicos.

– Não acho que sejam globos de neve.

– Posso confiar que você não vai nos explodir? Está manejando essas coisas como um estivador jogaria uma caixa de carne de bantha em conserva.

Ela ri e franze o cenho enquanto encara Sinjir, medindo-o.

– Você não era um soldado, era?

– Todos eram soldados a serviço do Império – ele diz, ironicamente.

– Sei. Quero dizer, de linha de frente, com arma na mão. Tomando disparos de raios. Veja, detonadores térmicos não explodem até que sejam acionados. – Ela pega a caixa e dá uma balançada. Ele estremece, esperando ser explodido até as suas moléculas constituintes. – Não explodem se você bate neles. Você poderia até chutar um, que nada aconteceria. Até que você acione o detonador, ele é basicamente um punhado de pedras brilhantes.

Ele limpa a garganta.

– Você vai me perdoar se eu ficar a alguns metros de distância dessa caixa de “pedras brilhantes”, então.

– Confie em mim: estamos a salvo. – Agora, porém, ela para e cruza os braços. Dá para ver que tem algo em mente.

– Vá em frente, diga. Liberte a sua alma.

– Eu...

– Ponha pra fora, Norra.

– Você pode confiar em mim. Eu posso confiar em você?

– Com detonadores térmicos?

– Com a minha vida.

– Oh. Isso. – Ele arqueia a sobrancelha tão para cima que quase a coloca junto do cabelo. – Porque eu era um imperial, você quer dizer.

– O Império não lida muito bem com traição. Os seus membros são leais, porque sabem o que acontece se não forem. Sou uma inimiga sua. E você, um meu. Esse tipo de coisa não é fácil de se esquecer.

Ele estala os dedos.

– Viu? Você está certa, mas também está errada. Aqueles que são leais ao Império só o são porque sabem o que vai acontecer se traírem o sistema. Isso está certo. E você sabe por quê, Norra Wexley? Por *minha* causa. Eu era um agente de lealdade. Você sabe quais são as responsabilidades de um agente de lealdade imperial?

– Confesso que não.

– Oh, é realmente um papel encantador. Fui treinado para farejar fraqueza nos meus companheiros. Aprendi a ler a linguagem corporal, a identificar mentiras, a jogar as pessoas umas contra as outras, tudo para descobrir se o meu próprio povo tinha cometido algo contra o Império. Qualquer coisa servia, desde pequenas falhas de conduta até a traição contra o trono. Eu era a sombra que não ia embora. Se me colocassem em uma base, uma estação de combate ou um escritório, as pessoas saberiam que estavam sendo observadas. Eu iria assustá-los até descobrir o que fizeram, como um caçador espantando uma presa do esconderijo. E eu iria feri-los para ganhar uma confissão e corrigir os erros. Oh, e não era só dor física que eu causava, embora isso fosse parte do processo. Também era dor emocional. Posso contar uma história?

– Temmin ainda não voltou, então, pode ser.

Sinjir inclina-se de volta à mesa. Enquanto conta a história, seus longos dedos ágeis gesticulam junto.

– A maioria das pessoas que eu feri era gente com que eu não me importava. Alguns eram brutos, outros covardes, e todos eles eram pessoas que eu estava feliz de atormentar pelo imperador. Mas não era sempre o caso. Pegue por exemplo o jovem oficial de artilharia Rilo Tang. Rilo era um oficial ansioso. Tinha olhos brilhantes, como créditos polidos. Um belo homem, bonito como o pôr do sol. Doce como um bolo jif. E *traíçoeiro* como um *macaco-lagarto*.

– Não entendi.

– Ele era um ladrão.

– E o que roubou?

Sinjir ri e balança a cabeça.

– Bem, esse era o lance. Nada particularmente importante. Era uma compulsão, suspeito. Mãos pegajosas, pegando qualquer coisa que não estivesse pregada no chão. Em especial, ele roubava os bens pessoais dos outros. Coisas bobas, como holofotos e cartões de identidade, e, pelas estrelas, uma vez eu me lembro de ele ter roubado um par de sapatos. Por que faria isso?

– Pergunto o mesmo. Por quê? – Norra semicerra os olhos.

– Melhor chute, baseado em seu perfil psicológico? Pais costumam mandar os filhos problemáticos para as academias imperiais. Um ato teoricamente corretivo, já que assumem que podemos moldar sua prole insubordinada e vagabunda, tornando-a algo próximo a um apropriado cidadão galáctico. A realidade era que esses tipos eram varridos de lá. À força, se necessário. O Império queria heróis, não um show de horrores. Suspeito que Rilo fosse desse último tipo.

– O que aconteceu com ele?

– Nós o avisamos. *Eu* o avisei. Repetidamente. E, então, chegou o dia em que ele roubou algo de um moff, um anel. Era um anel que o moff disse ter um significado pessoal, mas eu descobri que havia informações criptografadas

nele... Mas isso é história para outro dia. Então, fui forçado a... lidar com Rilo, para solicitar a sua confissão.

Ali estava. Aquele olhar na cara de Norra. Até agora, ela vinha seguindo a história pela curiosidade. Mas, de repente, aquele olhar cai no rosto dela, como a folha de uma árvore. O que sobra é uma encarada fria e vazia. Uma de horror.

– Você o matou – ela disse.

– Não. Oh, não, não. Você me entendeu mal. Eu não era o carrasco. Era o confessor, a polícia secreta. Eu encontrava a evidência, e outra pessoa assinava o mandato, e ainda outra empurrava você pela entrada de ar, ou colocava você na frente de um pelotão de fuzilamento etc. Mas, para extrair a confissão, eu tive que quebrar muitos ossos no belo corpo do rapaz. Não sei se o mataram. Ouvei rumores que ele terminou trabalhando nos compactadores de lixo. O que importa é que o rosto dele nunca mais seria o mesmo. A beleza, o vigor? Acabados. E por culpa minha.

– Você era um homem ruim.

– Talvez ainda seja, embora esteja tentando ser melhor. Mas não é por isso que estou contando essa história a você. A razão pela qual estou lhe dizendo isso é que você pensa ser a minha inimiga, e isso não é nem um pouco verdade. O Império é o meu inimigo. O Império sempre foi o meu inimigo. Eu caeei a minha própria gente, machuquei as pessoas. Eu tinha de duvidar delas, achar as suas fraquezas. E eu vi *tanta* fraqueza e perdição nelas... – *E em mim.* – Os imperiais eram os meus inimigos e continuam sendo. Eu apenas tirei o uniforme.

– Então você está conosco? Você é um rebelde?

Esse pensamento dá um nó na cabeça dele. Ele é, não é? Um rebelde. Ele virou a casaca. Foi para o *outro lado*. E por quê? Porque quase morreu lá em Endor? Porque olhar para toda aquela destruição o abalou? Ele tinha mudado? Que razão curiosa para desertar do posto. Não pode ser assim tão simples. Não

pode ser assim tão *fechado*. Ele diz a si mesmo que é temporário. Que essa crise de consciência um dia vai se resolver sozinha.

Ele levanta o queixo, olha fixamente para baixo, depois para ela, e diz:

– Não estou com eles, mas também não estou com vocês. Estou comigo.

– Eu não confio em pessoas que estão somente por si mesmas.

Ele dá de ombros e oferece um sorriso triste.

– Então, você não deveria confiar em mim.

Tudo foi pelos ares, como uma supernova. Jom Barell consegue ver isso. Caças TIE explodindo uns aos outros lá em cima, a cidade insurgindo ao redor dele. Ele se esconde em um beco minúsculo, entre duas construções – uma velha loja kaffa e um cortiço de paredes podres –, observando o desenrolar dos fatos. A revolta, os cânticos, o ódio contra o Império. Fúria contra o sátrapa. Uma ressurreição akivana: renascimento, brilhando no fogo da revolução.

Até agora, ele tinha um objetivo, que era chegar a uma estação de comunicação e encontrar uma forma de reportar. Poderia invadir o sistema ou forçar os imperiais a entregá-lo a ele.

Mas e todas essas pessoas ao redor dele? Essa pequena rebelião se descortinando diante dos seus olhos? Bem, isso o coloca no espírito da luta.

Ele pensa de novo naquela torre turbolaser, destruindo quem quer que estivesse no caça TIE roubado. Aquela coisa era poderosa.

Então, Jom muda as ordens. É hora de um novo alvo.

Esqueça a estação de comunicação.

Ele planeja tomar o canhão de raios. Sozinho. Seria isso ou o resultado mais provável: morreria tentando. Mas, se ele não estivesse disposto a morrer por aquilo em que acredita, não teria se juntado à Aliança Rebelde, em primeiro lugar.

Temmin já está de volta. Todos eles estão reunidos lá embaixo, no depósito da loja, e ele espalha os mapas das passagens subterrâneas da cidade sobre um par de caixas de armas.

– Um mapa de flimsiplast – Sinjir diz. – Que singular.

Norra o silencia. Ela admite que soa um poucoafiada, um pouco... *maternal demais*. (E os sentimentos de Norra sobre Sinjir ricocheteiam na sua mente, como um raio desintegrador. Ela quer confiar nele. Mas algo sobre ele parece errado. Será que o ex-agente imperial poderia traí-los?) Ainda assim, funciona, e Sinjir fica quieto. Norra inclina-se para os mapas.

– Veja, este é o nosso caminho até o palácio. Os túneis se conectam por todas as partes da cidade. Os pontos de acesso há muito foram emparedados...

Temmin interrompe:

– Sim, o que também significa que eles emparedaram o caminho para o palácio.

– Talvez não – ela diz. – Todo mundo aqui já ouviu os boatos de que o sátrapa consegue se esgueirar para dentro e para fora do palácio. Pode ser assim. E, mesmo se o caminho estiver fechado... é para isso que temos os detonadores.

A caçadora de recompensas assente.

– Gostei disso. – Norra sente um impulso ímpar de orgulho. Jas parece ser alguém difícil de agradar. – E assim ficamos fora das ruas e fora do caminho da rebelião. Além do bônus de ficarmos fora das vistas tanto do Império como dos homens de Surat. Funciona. E essa é a nossa porta de entrada? – Jas aponta para a porta secreta atrás do valacordeon.

– Sim – Temmin diz. – Mas tenho que dizer que *não gosto* desse plano. É ruim. Tão ruim quanto um motor fumegante em uma speeder. Tão ruim quanto o cheiro vindo do traseiro de um eopie com gases. Tão ruim...

– Evocativo – Sinjir interrompe. – Você deveria ser um poeta.

– Só estou dizendo. Está vendo esse mapa? Não é totalmente preciso. Tem centenas de anos.

Norra diz:

– Mas você explorou a área. Você será o nosso guia. Eu confio em você, Temmin. – Ela oferece a ele um sorriso quente. Para a surpresa dela, ele retribui.

– Certo, *sim*, eu explorei, e o mapa esteve errado muitas vezes. Além do mais, nunca fui tão longe. Se estamos indo até o palácio, temos que passar pela velha fábrica de droides.

– Que é onde você conseguiu muitas das suas peças de droides para vender, certo?

– Não exatamente... Peguei sucata dos poços de lixo lá embaixo. Buracos cheios de lixo da fábrica. Nunca fui até lá.

Jas pergunta:

– Por que não?

Ele hesita. Mas, então, diz:

– Porque é assombrado.

Por um momento, todos trocam olhares.

Sinjir não consegue se conter e explode em risos.

– Assombrado? Pelo quê? Droides fantasmas?

Norra dá uma cotovelada forte nas costelas dele. Ele solta uma interjeição de dor.

– Sei lá – Temmin diz. – Eu não sei! É essa a história que contam, pra explicar por que o lugar foi selado. Porque era assombrado. Vocês sabem quantas pessoas já sumiram lá?

– Sumiram porque não tinham um mapa – Norra diz. – É provável que tenham se perdido, Temmin. Ou que nunca tenham sumido, que sejam apenas parte das histórias. Histórias assustadoras de alguma excursão de acampamento na floresta não correspondem à realidade. Esse é o nosso melhor e mais rápido caminho até lá.

Jas se vira para Temmin.

– Você tem um jeito melhor? – ela pergunta.

– Tenho.

– E...?

– Nós apenas não vamos! Escutem, eu entendo, todos queremos fazer o melhor pela galáxia. Mas não é o nosso trabalho. Bem... – Ele aponta para Jas.

– Certo, é o *seu* trabalho. Mas e o resto de nós? Isso tudo vai acontecer sem a nossa ajuda. E... talvez a Nova República seja o lado do bem; talvez, não. Talvez nada mude por aqui. Talvez piore. Nós somos a *Orla Exterior*. Somos aquela parte do vaso sanitário que ninguém quer limpar, tá bem?

Sinjir assovia.

– E eu pensei que *eu* fosse descrente.

Norra ajoelha-se diante do filho e pega nas mãos deles. Parte o seu coração vê-lo dessa forma. Ele *é* descrente. Ela entende, ela sabe disso. E tem certeza de que é culpa dela, o que significa que é seu dever consertar isso.

– Temmin – ela diz. – Esse é o tipo de coisa pela qual o seu pai e eu lutamos. Queríamos uma galáxia melhor. Para você e para os seus filhos. – Ele estremece ouvindo isso, e ela se lembra de que nenhum adolescente quer ouvir a respeito de se casar e ter filhotes. – Por favor, confie em mim. Estaremos fazendo a coisa certa. Podemos fazer a diferença. Mesmo um pequeno grupo de pessoas pode mudar a galáxia. É preciso apenas um homem para cuspir no olho de um gigante e cegá-lo. Então, vamos fazer isso. Vamos cuspir no olho do gigante.

Jas se impõe, dizendo:

– Sua mãe está certa. Se não agirmos agora, é provável que os imperiais naquele palácio acabem escapando pelos nossos dedos. Se isso acontecer, não seremos pagos. E você quer ser pago, não quer?

– Quero – Temmin aquiesce.

Norra quase se arrepende. No final, o que o fez decidir participar não foi o seu pedido mais sincero, mas o mais prático: a ganância colocada pela caçadora de recompensas. Mas funcionou.

Ele está dentro.

O chamado funciona, e eles encontram Wedge Antilles nos aposentos dos serviçais, no piso inferior do palácio. Mesmo ali as proteções de aço já estão sendo baixadas sobre todos os vitrais das janelas, e as portas, fortificadas. Nesse nível, o rugido da multidão é uma coisa vívida. Ainda abafado, ao longe, mas com uma oscilação que Rae consegue sentir no próprio peito.

Ela entra na sala fortificada com um trio de stormtroopers. Adea não está presente, pois já está sob cuidados dos médicos do lugar.

Antilles está deitado no chão no fundo da sala, morto, com o braço aberto de forma oblíqua e a mão curvada em uma garra artrítica. A alguns centímetros de distância, está a holotela que ele roubou da sua assistente, depois de atirar nela.

Rae vai para a frente e, em seguida, vê as costas dele subindo e descendo. Ele não está morto, afinal. Apenas inconsciente. Dor e ferimentos são bons demais para ele. Bom. E isso significa que essa falha em particular começou e terminou antes que os outros da cúpula pudessem descobrir sobre ela.

Sloane faz um sinal para que os stormtroopers peguem Antilles.

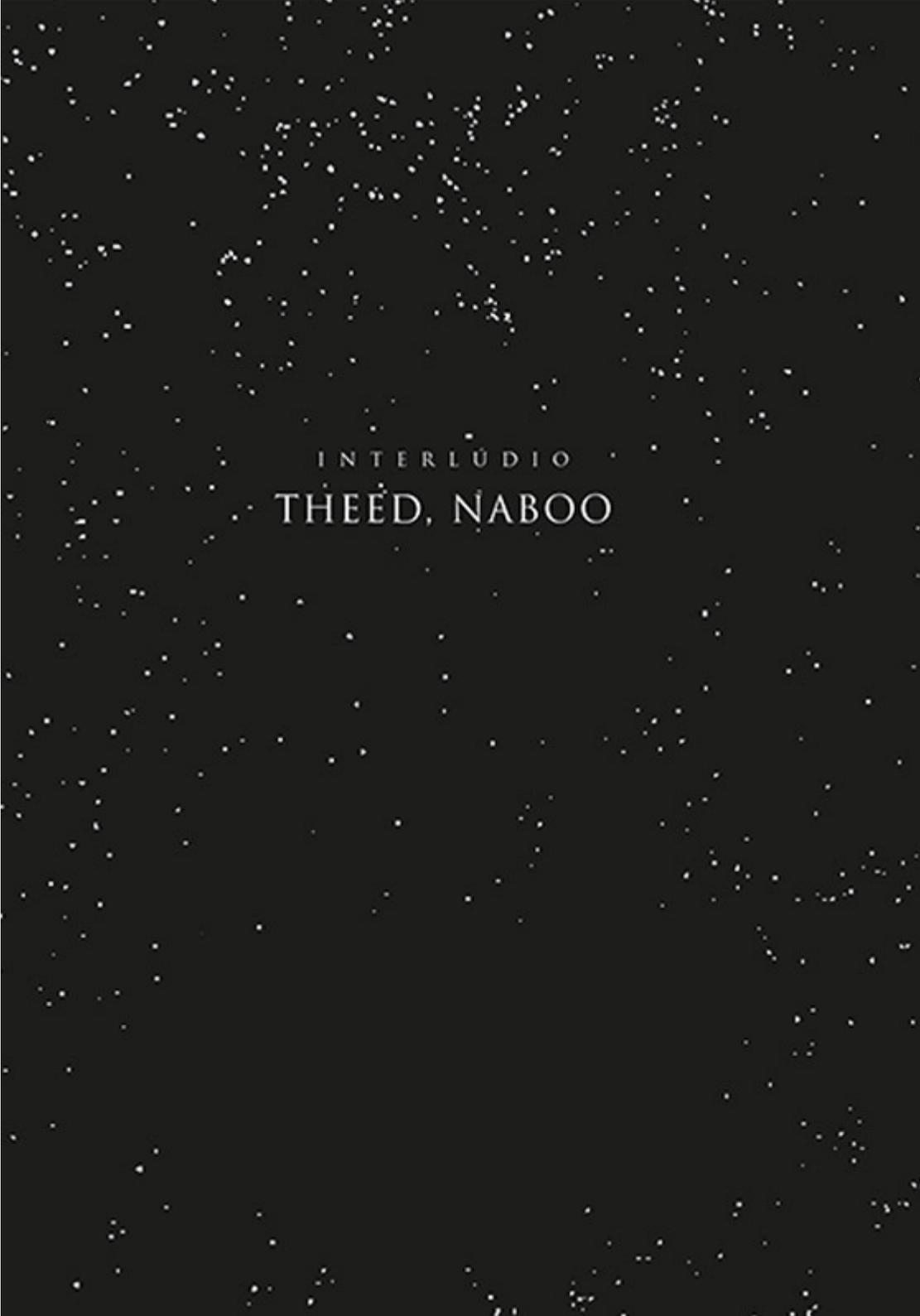
– Levem o prisioneiro lá pra cima. Usem algemas de *verdade* desta vez. Certamente o sátrapa pode arrumar algumas nesse palácio arcaico. – Então, ela estala os dedos. – Deem essa holotela para mim. Vou devolvê-la a Adea. – Só porque ela está ferida, não quer dizer que não possa trabalhar. Rae precisa dela.

O stormtrooper lhe entrega a holotela.

E o sangue de Sloane gela.

No objeto, uma tela de comunicação aberta. Ele invadiu o sistema deles, chegando até uma linha segura para uma frequência rebelde.

Antilles mandou um chamado para a guerra.



INTERLÚDIO
THEED, NABOO

O garoto de cabelo vermelho com a fissura no lábio superior fica lá com as outras crianças. Crianças dos mais variados formatos, tamanhos, idades e raças alienígenas. A maioria eram garotos menores que ele, e, quanto menor fosse a criança, maior a chance de que recebesse atenção das pessoas que se reuniam lá para tentar adotá-las. Todas aquelas pessoas, vindas de diferentes partes da galáxia.

O garoto vai até a menina com lekkus na cabeça e diz:

– Nunca iremos para casa com nenhuma dessas pessoas.

– Cale a boca, Iggs – ela responde. – Você está sendo um grande estraga-prazeres.

– Você sabe disso, e eu sei disso, Streaks. Eles querem os pequenininhos. Os menores. Somos muito velhos. – Ele dá de ombros.

– Não somos *tão* velhos assim – ela sussurra. – E, além disso, somos heróis.

– Heróis? – Ele revira os olhos. – Qual é?! Eles não sabem de nada e, se soubessem, não encarariam dessa forma.

– Somos a Brigada dos Fedelhos de Coco-Town. Isso tem algum significado.

– Isso significa duas coisas: fique quieto e sente aí. As pessoas nem sabem o que fizemos. Você acha que alguém se importa com um bando de órfãos que se escondia nos esgotos e bagunçou com alguns cabeça de balde e outros imperiais? Não sei se você notou, mas não estamos mais em Coruscant. E, mesmo se estivéssemos... e daí?

Eles foram pegos e trazidos até aqui. “Para evitar que ficassem perto do perigo”, como foi dito a eles. Mas Iggs e Streaks, eles *eram* o perigo. Eles e os outros órfãos estavam fazendo o trabalho rebelde. Atacando nas sombras. Escondendo-se em corredores e contêineres. Eles derrubaram uma fragata imperial, que levava suprimentos para o front do Império.

– As pessoas se importam. Fizemos mais que isso. Transmitimos mensagens. Contamos a respeito dos movimentos das tropas. Fornecemos informações,

Iggs. Como você acha que os rebeldes retomaram Coco-Town? Foi por nossa causa.

Ele a afasta com a mão.

– Eu sei disso. Você sabe disso. Mas essas pessoas nunca vão saber de nada.

Ou se importar.

– Você acha? – A face dela se entristece.

De repente, ele se sente mal e aperta o braço dela.

– Sempre teremos um ao outro. E temos os outros, também.

Agora, a moça com a pele verde e outra mulher, mais velha – a “entendida”, aquela que vem falando com os órfãos e os pretensos pais sobre isso ou aquilo –, chegam mais perto. Iggs escuta a mulher verde falando com um casal de humanos com cara de abastados, com peles rosadas e roupas chiques. Eles estão conversando sobre quão importante é tentar fazer a galáxia “voltar ao normal”, sobre como um monte de crianças pobres ficou sem lugar porque seus pais foram para a guerra ou porque eram “baixas colaterais” do conflito, e sobre como agora é a hora de colocar as famílias no centro das preocupações de novo. E, na maior parte do tempo, Iggs fica lá fazendo caretas e revirando os olhos. Tudo enquanto Streaks permanece de pé, visivelmente vibrando.

– Talvez eles venham e nos entrevistem – ela diz. – Talvez possamos ir para casa com alguém. – Ele sente a esperança na voz dela, como se dissesse: *Talvez possamos ter pais de novo.*

– Eles não virão falar conosco. Parecemos pivetes sujos.

– Talvez venham!

– Não vão vir.

Entretanto lá vem eles. A moça verde e a entendida. Os adultos se agacham e a moça verde pergunta a ambos:

– Quais são os seus nomes?

Eles respondem que ele é Iggs e ela é Streaks.

A mulher quase não consegue conter o divertimento, e um leve sorriso surge no rosto dela. *Ria*, Iggs pensa. Ela bate um papinho com as crianças, sobre coisas corriqueiras. O sabor favorito de milk shake dos dois, se eles esperam que o time de gravibol Pennant melhore este ano, coisas assim. Uma pequena multidão de pessoas que desejam ser pais e mães está reunida, agora. Gente rica de Naboo, em toda a sua classe e estilo. Iggs só se sente mais como uma mancha em uma bela toalha de mesa.

– O que aconteceu com os seus pais? – a mulher pergunta.

Iggs congela, pois não quer nem pensar, nem falar sobre isso. Ele procura bloquear as memórias dos pais caídos daquele jeito...

Ai. Não. Ele se sente fora do lugar. Como um pedaço de lixo jogado em uma bela bandeja. Então, quando estão falando com Streaks, ele se esquivava por trás de uma tenda e começa a procurar um jeito de sair dali, já formando um plano na cabeça. Chegar aos esgotos, que devem levar a algum lugar. Conseguir voltar até Theed e encontrar um espaçoporto. Pegar uma carona de volta para onde a ação acontece. Voltar para a guerra em Coruscant, para casa em Coo-Town, onde a Brigada dos Fedelhos pode se reunir de novo e ajudar os rebeldes.

Ali, ele vê a grade de um bueiro. Vai servir, pois não parece aparafusada. É toda dourada e bonita, como tudo nesta cidade de museu.

Iggs se esgueira pela lateral da tenda. Está prestes a gritar para Streaks que é hora de ir, que chegou a hora de sair dali e esquecer essa história sem sentido de *adoção*. Mas, então, ele se vira, e ela sumiu. Não, não sumiu: está a alguns metros lá na frente, conversando com um casal de aparência agradável, um par limpo de peles rosadas, cabelos alinhados e dentes brilhantes. Ela parece feliz. Todos parecem felizes.

Iggs pensa que isso é bom para ela.

Então, uma vez que ninguém está prestando atenção, ele escapole sozinho. Vai até aquele bueiro, puxa a tampa e escorrega em direção às trevas. É hora de

voltar para casa, de voltar para a luta.



C A P Í T U L O

29

A valise é leve. Embora ele já a tenha movido antes, é de novo uma surpresa: a caixa com fechos escuros de carbono devia pesar uma tonelada. E alguém poderia esperar que uma arma como essa (ou o que quer que “isso” seja) fosse pesada. Mas não. É leve como o ar e oca como um balão.

Enquanto os outros já se movem pela passagem que leva às catacumbas sob a cidade, Temmin levanta um dos lados da caixa, e Ossudo, o outro (o droide ajuda não porque ela seja pesada, mas, sim, porque é difícil de se carregá-la).

Eles entram pela porta.

Temmin olha para a loja, diz um adeus silencioso e fecha a entrada. Adiante, Sinjir bate nos iluminidroides: pequenas lanternas flutuantes, cada uma com um trio de braços como tentáculos, que oscilam para baixo. Braços que terminam em pinças. A luz vinda dos droides é cheia de manchas e sebosa (eles estão sujos e detonados). Mas é o bastante. Norra e Sinjir seguem na frente. Temmin começa a segui-los, mas Jas pega o seu braço primeiro.

– Essa caixa... – ela diz.

– É a arma de Surat – ele diz, tentando forjar alguma autoridade, tipo: *Sim, é a arma de Surat, e eu a roubei. E daí?*

– Não é uma arma.

– O quê? É, sim.

– Pode até ser, mas não é *literalmente* uma arma.

– Não entendo, como você... – Temmin toca um dos fechos de carbono e a coisa se escancara. Seus olhos se arregalam. – O quê? *O quê?!* Estou tentando abrir isso há dias. Dias!

– Eu a abri.

– Você... simplesmente a abriu. Você tem dedos mágicos? É algum tipo de feiticeira?

– Tenho os meus talentos. E os usei enquanto estava aqui arrumando a minha arma, antes de ajudar a sua mãe a pegar um daqueles caças TIE. – Ela gesticula para a caixa. – Vá em frente, abra.

É o que ele faz. Como uma criança no dia do seu nome, ele abre o presente com entusiasmo ganancioso. Assim que a tampa levanta, um brilho azul emerge. Ele tem que apertar os olhos, pois é muito brilhante. Então, ele vê: é uma caixa de datacubes.

– Datacubes? – ele pergunta. – É isso? Não é arma nenhuma!

– Não é uma arma, e sim algo muito melhor: *informação*.

– Surat estava protegendo informação?

– Não sei, mas, se sobrevivermos a isso, eu ajudo você a descobrir que tipo informação há aí. E, juntos, poderemos vendê-la.

Ah. Ali está. O lado dela. Ele deveria imaginar que haveria um. Ele estala a língua.

– E imagino que você ficará com uma parte, pela sua benevolência, pela sua sabedoria e por conexões com qualquer tipo de mercado onde seria possível vender isso...

– 60-40.

– Oh, opa, ei, isso não é justo...

– Dou a *você* os 60%.

Oh. Ele hesita. Adiante, a luz se afasta, enquanto os outros andam, com os iluminidroides balançando atrás deles. Sua mãe o chama:

– Você vem?

- Combinado – diz Temmin a Jas, apertando a mão dela.
- Combinado.
- Estamos indo! – ele grita. E murmura: – Que impaciente.

Sinjir está acostumado a lugares apertados. O Império não era conhecido pela sua arquitetura *aconchegante*, mas gostava de manter certo pragmatismo austero (esse termo, *pragmatismo austero*, ou às vezes *austeridade pragmática*, era de fato bastante utilizado nos folhetos imperiais de propaganda). Assim, matinha os seus corredores baixos e estreitos. Stormtroopers deviam literalmente ter a mesma altura e o mesmo peso em parte por causa disso – ele não estava brincando quando disse ser alto demais para um stormtrooper.

As catacumbas, sendo assim, não lhe causam claustrofobia. Não no sentido estrito. Não, a sua ansiedade tem outra fonte: a forma como eles estão vagando por lá. Não basta que o labirinto os faça virar à direita e à esquerda ou seguir reto. Vai além disso, com algumas passagens indo para cima, outras para baixo e outras ainda avançando em espiral. Uma parte do caminho é seca como poeira, e o cheiro é de ossos pulverizados. Outra parte é úmida, inebriante, quase fúngica. Eles andam no meio de poças e por sobre pedra e argamassa desmoronadas. Às vezes, os iluminidroides projetam luz na parede por onde passam, mostrando impressões de mãos sujas sobre a rocha, ou então algo em uma língua diferente da básica. Talvez uma maldição, algo profano. Ou talvez alguma ameaça.

Ocasionalmente, sons também percorrem o caminho pelo labirinto, raspando e roçando. Um sibilo. Uma vez, um par de olhos verdes brilhantes apareceu nas trevas, como cristais brilhantes. Quando as luzes iluminaram a coisa, Sinjir viu que era apenas um fengla, um verme pálido e pelado, com o corpo arqueado e os incisivos tortos. O bicho cuspiu e sibilou antes de fugir, batendo as garras.

Eles andam por um tempo, parando algumas vezes para checar o mapa. E, então, continuam. Andam a pé sob água pingando; é água de chuva persistente, como Temmin lhes assegura, não as excreções corporais de algum Ithoriano fazendo as suas coisas lá em cima. Eles cruzam uma longa ponte estreita, a qual Sinjir percebe, apenas na metade do caminho, combinar com o droide de combate, porque é feita quase inteiramente de ossos. Grandes, não humanos, ligados entre si com fio enferrujado. A ponte está dependurada sobre um abismo, e Sinjir lembra-se do grande penhasco que havia sob ele quando esteve preso na masmorra de Surat Nuat. A masmorra deve se conectar a esses espaços subterrâneos da cidade.

Logo eles começam a ver pedaços de droides. E buracos de raios nas paredes. Sinjir até mesmo acha que vê rastros deixados pelo uso de sabres de luz: este foi o lugar de uma velha batalha das Guerras Clônicas. Quando os Jedi eram muitos e não estavam à beira da extinção.

– Estamos chegando às pilhas de lixo – Temmin diz.

O mapa diz isso, Sinjir pensa.

E, então, ele observa Temmin. Ele não estava fazendo isso até agora, não de fato. O garoto parece bem, apenas um pouco abalado com tudo isso. Ele pode até fingir que é durão, mas depois de quase ser morto por um gângster Sullustan e perder a mãe, é de se esperar que esteja um pouco fora de órbita.

Algo mais está rolando, entretanto.

É o jeito como o rapaz olha agitado ao seu redor. Ele está nervoso, como se estivesse escondendo algo. *Temmin tem um segredo.*

Sinjir fica um pouco para trás e puxa Jas para perto dele.

– O que foi? – ela pergunta, em voz baixa.

– Precisamos conversar.

– Hmmm – ela diz, assentindo, como se fosse inevitável. – Eu sabia que isso viria. E sim, eu concedo.

– Você concede o quê, exatamente?

– Que você se satisfaça.

– Eu... não entendo. *Satisfaça?* Não sei o que você quer dizer com isso. Só sei que parece ruim... sem energia. Tomar um copo de vitamina de proteína quando estou com muita fome é algo que me *satisfaz*. E, ainda assim, desagradável.

Jas lança a ele um olhar frustrado.

– Quero dizer que acho você capaz. Você me interessa. Então, *sim*: quando tudo isso terminar, podemos copular.

– Copular. Como... – O rosto dele fica vermelho, de forma suspeita e surpreendente. – Tipo, nós dois? Juntos?

– É exatamente isso que eu disse.

– Oh. – Ele ri.

– Se vai rir disso – ela diz, de repente brava –, você pode pegar o meu convite e enfiar na sua porta de escape.

– Não, quero dizer... Não curto... isso.

– Isso? – A carranca de Jas se aprofunda, e os seus dentes aparecem. – Alienígenas?

– *Mulheres*.

– Oh. *Oh*.

– Sim, oh.

– Oh.

Momentos se passam. O clima estranho entre eles é algo visível, como uma nuvem de moscas que você não pode ignorar, não importa o quanto tente. Eventualmente, ela deixa escapar:

– Você queria falar comigo sobre outra coisa, aparentemente?

– Ah. Sim. Sobre o garoto Temmin.

– Ele é claramente muito jovem pra você.

– Pode parar? Não foi isso que eu quis dizer. Escute, acho que ele está mentindo para nós.

– Todo mundo mente o tempo todo, Sinjir. Entendo que o seu antigo papel no Império possa tornar você *excessivamente* paranoico, mas...

– O mapa – ele diz, por fim. – É a respeito do mapa.

– O que tem o mapa?

– Temmin nos disse que o mapa tinha mudado. Que ele está errado.

Ele vê a percepção chegar nela como uma mosca que pousa no nariz de alguém.

– Mas ele não está errado – ela diz. – Está certo.

– Exato.

– Ele está escondendo algo. – A cara de Jas se fecha. – Há algo aqui embaixo que ele não quer que vejamos, talvez.

– Um estoque, quem sabe? Um tesouro.

– Pode ser. Fique atento.

– Você também.

Os poços de lixo são crateras enormes, escavadas nas catacumbas. O tijolo de pedra dá lugar a rocha natural, e o espaço se abre em câmaras grandes e profundas, que abrigam montes e montes de sucata velha. A maioria é de peças de droides, e uma grande parte delas é irreconhecível e impossível de ser usada. As coisas boas já devem ter sido tiradas de lá. *Pelo meu filho*, Norra pensa.

Ela fica diante dos poços, olhando ao redor, e chuta uma pedra para a frente. A pedra bate no que parece ser um braço semiderretido de um droide protocolar. Outras partes soltam um clangor, escorregando em uma avalanche momentânea de sucatas. Tudo ecoa. Temmin chega para ficar ao lado dela.

– Aí vai a ideia de seguirmos em silêncio – ele diz.

– Estamos sozinhos aqui embaixo.

– Tá bom.

Ela revira os olhos.

– Onde estão os outros dois? – Senhor Ossudo está cerca de três metros atrás deles, ainda segurando a caixa de detonadores térmicos, enquanto cantarola. Mas os outros não estão ali.

– Estão ali atrás, conversando. Eu vi a luz do droide deles.

– Hm. – Ela levanta a sobrancelha. – Temmin, você confia em Sinjir?

– Não sei. Por quê?

– Ele é um imperial, que machucava pessoas por profissão.

– Você confia na caçadora de recompensas, mas não no imperial?

– Uma caçadora de recompensas segue um certo código. Quer ser paga, e essa missão garante o pagamento dela. Confio nela quanto a isso. – Ela dá de ombros.

– Mas não em Sinjir.

– Eu... não sei. Quero confiar nele.

– Ele nos trouxe até aqui.

– Isso é verdade.

– Ele não fodeu a gente ainda.

– Olha a língua – ela repreende.

– Desculpe.

– E você está certo. Mas podemos estar indo direto para uma armadilha.

Temmin fica tenso e olha para o outro lado. Ela agora percebe que está dando a ele motivo para se preocupar.

– Eles não são da família – ele diz. – *Nós* somos uma família.

– Somos. Mas tenho certeza de que vai dar tudo certo.

– Sim. – Ele roda a língua na boca e chuta uma pedrinha. – Mãe, me desculpe.

– Pelo quê?

Ele hesita um pouco.

– Por... ser um verdadeiro idiota sleemo com você. Não foi legal. Eu só... – As suas narinas se dilatam, conforme ele respira fundo. – Senti a sua falta, senti

a falta do papai. Eu estava bravo por você partir e ainda mais bravo com a possibilidade de você ter morrido... Não tenho o que você tem, não tenho... coragem, não tenho esse fogo no coração pela Nova República como você. Eu só...

Ela o abraça.

– Está tudo bem. Você é só uma criança, Tem. Já teve muito com que se preocupar na vida. Não se preocupe com isso. Eu amo você.

– Eu também amo você.

Ela sente uma vibração no peito. Ela sabe que ele a ama. Mas ouvir isso? Faz toda a diferença.

De trás deles, Jas chama:

– Já vamos parar?

– Não. Só estamos esperando vocês nos alcançarem – responde Norra.

Eles continuam.

É hora, Sinjir pensa, de bisbilhotar.

Eles passam pelos poços de lixo, indo em direção ao que o mapa indica ser a velha fábrica de droides. Ou a sua entrada, pelo menos. Temmin diz que eles têm que passar pela frente daquilo, mas, felizmente, não por dentro.

Quando passam pela parede de fungos brilhantes, a pedra sob os seus pés fica solta e escorregadia, lisa com musgo esponjoso. Então, Sinjir alcança Temmin e o droide de combate B1, Ossudo.

– Esse seu droide... – Sinjir diz. – Ele é algo único.

Temmin olha para ele, com uma sobrancelha levantada em suspeita.

– É, eu sei.

– Você o encontrou aqui?

– Sim, em um dos poços.

O droide de combate caminha ao lado. Ele canta quieto (bem, não tão quieto assim) uma musiquinha:

– DOO DEE DOO DOO BAH BAH BAH DOO DOO.

– Ele obviamente não é mais um modelo padrão. Você fez algumas modificações – Sinjir diz.

– Obrigado, Darth Óbvio. Ou seria imperador Palpável? Na próxima você vai me contar de que lado uma arma de raios atira, ou por que eu não devo entrar em uma liga de luta-livre Wookiee.

– Você não vai conseguir bancar o engraçadinho para cima de mim, garoto; então, nem tente. Só estou dizendo... Como exatamente você programou esse droide para ser tão... *assim*? – Ele gesticula na direção do droide, que para de cantar e dá um salto no ar.

Temmin suspira, como se essa linha de questionamento o aborrecesse e, ainda assim, ele fosse obrigado a passar por ela.

– Ossudo é preparado com um coquetel turbinado de programas. Algumas programações heurísticas de combate droide, alguns vídeos de artes marciais, os movimentos de algum general ciborgue das Guerras Clônicas e também os movimentos corporais de dançarinas de la-ley de Ryloth.

Dançarinas, isso explica bem algumas coisas. O ocasional movimento gracioso do droide, por exemplo, e também as cantorias.

– Esperto – Sinjir diz.

– Esse sou eu.

– O que mais há aqui embaixo?

– Sei lá. Sei tanto quanto você.

Essa resposta parece ser verdade. Temmin não parece mentir, mas, como Sinjir acabou de notar, o garoto *é* esperto.

– Há algo aqui embaixo que você não quer que nós vejamos, Temmin?

– O quê? Você está me acusando?

– Eu só quero que você saiba que não vamos... saquear as suas mercadorias.

– Não tenho nada aqui para ser *saqueado*.

Sinjir funga.

– Achei que talvez quisesse impedir que chegássemos ao tesouro da fábrica de droides antes de você. Mas isso significa que é outra coisa.

– Que outra coisa?

– Você está escondendo algo, Temmin. Posso sentir isso.

Ali! Ali está. Toda a expressão de Temmin muda, bem de leve: há uma cintilação em seu rosto, como um pequeno defeito em um holograma; é um sinal de que Sinjir está certo. O garoto *está* escondendo algo.

– Eu... Não...

Adiante, Jas diz:

– A fábrica.

Ela aponta para o lado.

Para Temmin, Sinjir diz:

– Isso ainda não acabou. – Então, eles dão uma corridinha para alcançar os outros, com os pequenos iluminidroides ululando um metro atrás.

Ali, a passagem se abre. A entrada da fábrica droide é uma grande boca, emoldurada por arcos de metal, duas cabines e uma velha placa enferrujada, com a inscrição: APOIE A CONFEDERAÇÃO DOS SISTEMAS INDEPENDENTES! Outra placa diz: COMPRE UM DROIDE DA ALIANÇA SEPARATISTA! Na terceira, pendurada por um lado só, pois o que a segurava do outro se soltou, lê-se: LEVANTE-SE CONTRA A OPRESSÃO DA REPÚBLICA. Nesta última, algumas das letras estão tão enferrujadas que já não se distinguem mais.

Norra diz:

– Isso é da época em que os separatistas trouxeram a guerra para a Orla Exterior, nos últimos anos das Guerras Clônicas.

– E como tiravam os droides daqui? – Jas pergunta. – Eles não conseguiriam marchar por esse... esgoto.

Temmin troca de pé, nervoso. Sinjir o observa, enquanto o garoto diz:

– Costumava haver uma plataforma, um elevador. Eles subiam os droides, e naves vinham buscá-los. Está tudo destruído e selado. Uma vez, pensei que poderia chegar aqui por lá, mas está muito destruído. – Ele coça a cabeça. – Podemos ir? Este lugar me deixa estressado.

Uma pequena técnica para *arrancar* a verdade é fazer o sujeito – Sinjir acredita que a palavra *vítima* seria mais apropriada, mas tenta devolver esse tipo de pensamento ao buraco escuro de onde vem – se sentir desconfortável. Tire o seu equilíbrio: faça isso, e eles cometem erros. Dizem coisas que não querem dizer. E, então, é isso que Sinjir planeja para o momento.

Ele pega um pedaço de pedra.

– Não está assombrado – ele diz. – Vejam.

Sinjir joga a pedra contra o portão. Ela bate com um *bong* em uma das cabines. Chovem flocos de ferrugem, conforme a pedra cai.

– Não! – Temmin avisa.

– Não há nada com o que se preocupar, a fábrica não está...

Do lado de dentro, nas profundezas da fábrica, algo uiva um som mecânico. Não é humano. Mas talvez não seja completamente robótico, também.

– Os portões – Jas diz. – Esse lugar deveria estar selado.

– Mas não está – Norra acrescenta. – Está tudo aberto.

Outro uivo, seguido por um terceiro ainda mais perto.

– TENHO UM MAU PRESENTIMENTO QUANTO A ISSO – Senhor Ossudo diz.

– Temos que ir – Temmin diz.

De dentro da antiga fábrica, o som de uma corrida repentina: metal contra metal, como passos. Algo vem na direção deles, e cada vez mais rápido.

– Fujam! – Sinjir grita.



C A P Í T U L O

30

As narinas vermelhas se dilatam. O ar entra e sai. Ackbar deseja água. Ele tem um pequeno tanque ali, um tanque bacta de recuperação, adaptado com água que possui a salinidade e o nível de pH do seu mundo natal, Mon Calamari. Às vezes, ele entra no tanque e apenas... flutua. Mas Ackbar tem pouco tempo para momentos assim.

Talvez um dia, mas não hoje.

A mensagem do capitão Antilles se repete sem parar na sua mente. Ela chegou a Ackbar por um canal imperial, por incrível que pareça. Ackbar não era o destinatário, mas viu a mensagem logo depois de ser transmitida. Wedge parecia desmazelado, ferido. A mensagem foi breve, antes de ele desmoronar e a comunicação ser interrompida. Breve demais. *Reunião do alto escalão imperial. Cerco em... Akiva. Palácio em Myrra. Agora é...*

E, então, a mensagem acabou.

Ackbar diz para os demais – Agate, Madine, Mon Mothma, alferes Deltura – que Antilles estava certo. Ele ousa completar a mensagem do capitão:

– Agora é a hora. Preparem uma pequena frota, mas mantenham outras navas de reserva, abastecidas e com armamento completo. Agate, eu quero que você lidere o ataque. Esteja pronto para qualquer coisa. Se for de fato o Império, pode ter certeza de que não cederão facilmente. E eles adoram nos enganar para que façamos o que queremos.

É como inverter uma pirâmide e carregá-la, com a ponta para baixo, nas costas. Todo aquele peso, o pico afiado entre as omoplatas. Como uma pirâmide feita de tijolos de chamas. Um fardo terrível e incômodo.

Essa é a sensação de Sloane no momento.

Os demais são levados agora pelo pânico, pela raiva, pela oportunidade. Pandion tenta reduzi-la a pó. Shale, a profeta das catástrofes, acha que eles devem se render agora ou morrer em breve. Tashu interrompe a toda hora, fazendo alguma consideração ou contando uma parábola sobre o seu conhecimento do lado sombrio: e se ao menos tivéssemos seguido os seus ensinamentos e, ah, Palpatine disse isso, os velhos textos Sith disseram aquilo. Crassus quer pagar para sair dali. Fica balançando a sua carteira metafórica de créditos, pensando que o Império pode escapar da perseguição da Nova República com subornos. *Boa sorte com isso*, pensa Rae.

O sátrapa, pelo menos, permanece calado. Fica sentado em um canto, olhando para as próprias mãos. A verdade está clara para aquele ali. Ele sabe que será abandonado pelo Império. O sátrapa ficará com uma cidade que quer enfiar a sua cabeça em um forcado e exibi-la por aí, para todo mundo ver.

No outro canto da sala de jantar – uma vez que eles jamais chegaram à sala de reuniões, perto dos aposentos, neste dia confuso e turbulento –, está Adea, com a perna já na atadura ortopédica impressa pelo droide médico. A assistente vem mancando, e Rae pensa: *Eu tenho que mantê-la perto de mim. Ela mostrou mais coragem que a maioria desses pretensos imperiais.*

– O iate? – pergunta Rae para Adea, ignorando os berros de amargor e ódio do restante da sala.

– Teve que abastecer a um sistema daqui, mas está no hiperespaço, agora. Pousará em breve, provavelmente dentro de uma hora.

Rae fica tensa.

– Isso é mais tarde que o esperado. Não sei se vou conseguir manter esses animais sob controle até lá. – *Eles podem arrancar a minha cabeça, também.* – Alguma chance de Crassus estar atrasando o iate, agindo pelas nossas costas?

– É possível, mas não vejo motivo. Ele está ansioso para ir embora. A verdade é que aquelas barcaças são... – Adea faz uma careta ao sentir um pouco de dor e troca de pé. – Elas bebem combustível como se estivessem no open bar da cantina da Estrela da Morte.

Sloane passou muitas noites bebendo na cantina com os companheiros. Ela sente uma pontada de nostalgia.

Rae volta-se para a sala e fala, em um tom de voz mais alto do que o de todos os demais:

– Shale, quanto tempo deve levar até que uma frota rebelde chegue aqui?

A mulher torce o rosto e franze o cenho.

– Difícil dizer, almirante. Eles mandarão alguma coisa, provavelmente em breve. É de se suspeitar que seja uma frota de tamanho razoável. Devem chegar em uma hora, se estiverem agressivos; em três, se estiverem cautelosos.

Isso é passar raspando demais.

– Nossos próprios destróieres estelares. É hora de chamá-los de volta. Nosso ardil acabou.

– Almirante – Shale contesta –, se chamarmos as naves de volta, não teremos garantias de que aqueles três destróieres estelares sobreviverão à batalha que virá a seguir...

– Precaução eu admiro; covardia, não. Embora nosso regimento de TIEs esteja um tanto reduzido, nossos destróieres são mais que capazes de destruir uma frota rebelde. Especialmente se estivermos prontos para o combate. Eu não quero fugir para o espaço bem na hora em que a escória rebelde sair do hiperespaço. – Para Adea, Sloane fala: – Chame-os de volta. Agora.

– Sim, almirante. – Adea se aproxima. – E há uma ligação para a senhora.

Sloane se pergunta em silêncio: *Quem?*

A assistente vira a tela para a almirante, de maneira que os demais na sala não consigam ver.

Rae vê um rosto que reconhece, embora pertença a alguém a quem ela jamais foi apresentada.

É o gângster Sullustano, Surat Nuat.

Mas por quê?



C A P Í T U L O

31

O tempo, como se expandido nos momentos entre dois apertos no gatilho. Jas se ajoelha e encara o avanço da horda, enquanto os demais fogem. O rifle comprido está na sua mão. O olho, na mira. Lá embaixo, indo na direção da entrada da antiga fábrica, eles saem aos borbotões.

Um vislumbre de metal corroído. Pernas pneumáticas. Placas peitorais amassadas. Braços compridos, desengonçados, com muitas juntas. *Droides*, pensa ela. Droides loucos, lunáticos. Um diferente do outro. Olhos brilhantes. Lamentos mecanizados.

Eles disparam pelo corredor, a uns trinta metros de distância. Avançam como selvagens, como os lobos-javalis de lombo eriçado de Endor. Correm de quatro, sobem pelas paredes, passam como aranhas pelo teto em ruínas.

Bum. Bum. Bum.

A arma de fogo dispara projétil atrás de projétil.

Eles caem, um por um. Jas acerta as pernas do primeiro, que cai e quebra o pescoço. Surge uma faísca quando um tiro penetra no crânio de metal de outro, que desaba sobre um terceiro droide daquele enxame. Eles berram e guincham. Ela dispara novamente, e um crânio de droide se solta e bate na parede, provocando um eco alto...

É aí que Jas percebe.

Eles não são droides, são outra coisa *qualquer*. São criaturas, coisas com olhos negros, sem nariz e de bocas abertas, revelando uma massa confusa de dentes finos como agulhas. O que perdeu a placa craniana dispara para o lado, pega a placa e a recoloca no lugar, antes de voltar correndo para a multidão que avança.

Vinte e cinco metros.

Bum.

Vinte. Dezoito.

Mais perto, mais perto.

São muitos, pensa Jas. Uma dúzia ali, e mais saindo aos montes da fábrica. Uma tribo inteira dessas coisas. *Uma colmeia*. Mas ela tem os projéteis, ela consegue. Eis que surge a voz da tia Sugi sussurrando em seu ouvido:

Você tem que saber quando correr, menina.

Foi uma mensagem dada a Jas apenas semanas antes de ela aceitar o conselho da tia. Talvez pela forma como Sugi disse aquilo, talvez não. Mas Jas de fato fugiu do planeta natal. Um lugar terrível. Um lugar *estranho*, Iridonia. Brutal e implacável.

Quinze metros.

Os dois corações de Jas disparam em conjunto, superando a velocidade com que ela consegue apertar o gatilho.

Doze metros.

Bum.

Eles berram, guincham e se atropelam.

Surgem uma mão no seu ombro e uma voz, estarecida e quase perdida, sob o zumbido nos ouvidos de Jas. É o garoto.

– *Temos que ir* – diz ele. – *São muitos*.

– Eu consigo! – ruge Jas.

Mas ela não consegue. Jas sabe que não consegue.

Você tem que saber quando correr, menina.

Agora é a hora de correr.

As histórias eram verdadeiras, percebe Temmin, pelo menos de um certo ponto de vista. O que saiu daquela velha fábrica de droides não eram fantasmas. O lugar não é assombrado por espectros ou por fantasmas da Força.

E também não é assombrado por droides antigos e defeituosos.

São os Uugteens.

Quando volta para buscar Jas, Temmin vê um Uugteen. O que eles pensavam ser droides eram apenas Uugteens, usando peças de droides como armadura. Aquelas coisas brancas e selvagens – quase humanas, mas ainda suficientemente distantes para serem monstros – geralmente se limitam às selvas e às gargantas. Às vezes, porém, eles descobrem cavernas para morar. As catacumbas embaixo de Myrra não são apenas cavernas, percebe Temmin.

Elas são um *sistema* completo de cavernas. Talvez haja uma saída para outro lugar, para a Garganta de Akar ou até mesmo o litoral bem ao sul. Esse bando tem vivido lá embaixo por muito tempo, não é? Nem importa, agora, porque ele e seus amigos estão cercados. Estão sendo caçados. E os monstros estão ganhando terreno rapidamente.

Jas se vira subitamente, atirando em uma viga de pedra meio desmoronada que paira sobre o corredor. Com um disparo, a viga racha e começa a se estilhaçar. Com dois tiros, aquelas rachaduras se espalham. Porém, o bando está quase em cima deles, falando sandices e gritando como homens pegando fogo. Mais uma vez, Temmin tenta puxá-la...

Mas Jas dá um último tiro. A viga desmorona. Um jato d'água vem junto, batendo na linha de frente dos monstros.

A água diminui o ímpeto deles.

Por um instante.

O grupo volta a correr, dobrando uma esquina. Ali o caminho sobe, e Temmin sabe que estão próximos ao terreno sob o Distrito Real. Mais meia

hora de caminhada e eles chegarão ao palácio do sátrapa – ou embaixo do prédio.

Senhor Ossudo para de correr, colocando uma caixa de detonadores no chão. O braço de astromec gira até virar um borrão. O outro braço se retrai, revelando o vibro-punhal. Ossudo começa a emitir sons iguais aos dos Uugteens: rosnados ameaçadores, latidos, toques confusos de distorção mecânica.

Temmin grita para o droide, avisando que não é a hora.

Mas Ossudo é programado para proteger Temmin. Essa é a programação que prevalece sobre qualquer outra coisa. Ele é obstinado, leal, psicótico.

Os Uugteens passam por cima da viga quebrada.

Temmin ouve o chamado da mãe. Ele tenta dizer a Ossudo para andar, chega até mesmo a puxar o braço do droide de combate, mas Ossudo não arreda pé.

Então, Temmin baixa o olhar, para perto dos pés do droide e vê a caixa de detonadores.

A caixa de detonadores.

– Eu tenho um plano! – berra o garoto para Ossudo. – Vamos, vamos!

Ele tira um detonador da caixa. Apenas um. Em seguida, abre o detonador, gira o topo até o estopim mais curto e joga o objeto de volta para a caixa de onde veio. Depois, grita:

– Corram! Corram todos!

Temmin dispara à frente, esticando as pernas. Todas as partes do seu corpo se esforçam ao máximo, enquanto ele gesticula para que todos corram. Ossudo vem correndo ao lado do garoto, e os pés do droide batem forte no pavimento.

– TUDO FARÁ BUM! – berra Ossudo.

Seis segundos. Os Uugteens chegam em peso.

Cinco segundos. Norra gesticula para o filho e os demais correrem.

Quatro segundos. Os monstros vestidos como droides correm para a caixa.

Três segundos. Jas gira o corpo e dispara o rifle sobre o ombro de Temmin.

Dois segundos. Ossudo solta uma risada cacarejante.

Um segundo. Temmin faz uma cara de dor e pula para o chão quando...

Ele ergue o rosto do chão. A cabeça lateja como o motor de uma speederbike em marcha lenta. Temmin ergue o corpo com as duas mãos, e uma chuva de poeira e fragmentos de rocha cai do seu cabelo. Ele se esquiva a tempo de ver Jas dar um pulo e golpear com a coronha da arma a placa facial de um Uugteen, que parece um droide protocolar pintado com o que parece ser sangue, cuja máscara é rasgada ao meio a fim de criar uma boca assustadora, e a criatura gira e desmorona. Ossudo pisa na criatura sem parar.

Temmin pensa: *Não deu certo. O plano não certo.*

Mas, então, ele se firma contra a parede até ficar de pé. Jas oferece a mão, e Temmin a aceita. Dois Uugteens estão no piso quebrado; ali, o chão é formado por ladrilhos partidos e esporádicos. Tudo destruído.

O túnel está selado.

– Uns que conseguiram passar – diz Jas, gesticulando para os dois monstros.

De perto, Temmin percebe a pele pálida por baixo da armadura revelada por entre as juntas, como um crustáceo quando alguém o vira de costas para lhe arrancar a carne.

– Você está bem? – pergunta Jas.

Temmin concorda com a cabeça, atordoado.

– Foi uma boa ideia – fala ela, que sai rapidamente do caminho quando Norra se atira em cima do filho e o abraça.

– Foi uma boa ideia – diz Norra.

Ela beija a testa do garoto. Distraído, Temmin pensa: *Mesmo eu estando sujo.* É o que uma mãe faz.

– Obrigado – responde ele, com o tom agudo que ainda vai de orelha a orelha, enquanto a cabeça lateja como chuva intensa em um velho tonel de

combustível.

Sinjir chega tirando a poeira do uniforme de oficial.

– *Ainda* não é hora de abrir uma caixa de espumantes. Vou lembrar informalmente a todos vocês que o garoto acabou de detonar nossa chave para entrar no palácio do sátrapa.

Sim, pensa Temmin, *agora todos nós teremos que dar meia-volta e desistir. E tudo ficará bem novamente.*

– Não podemos voltar – fala Jas.

– Acho que acabou – diz Temmin, dando de ombros, tentando não soar ansioso demais. – Está tudo... Está tudo revirado. Vamos encontrar um caminho de volta à superfície e...

Sinjir ergue a cabeça.

– Um caminho de volta à superfície? Você consegue encontrar uma saída próxima daqui?

– Cacete, com certeza – fala Temmin.

– Olha o linguajar – reclama a mãe.

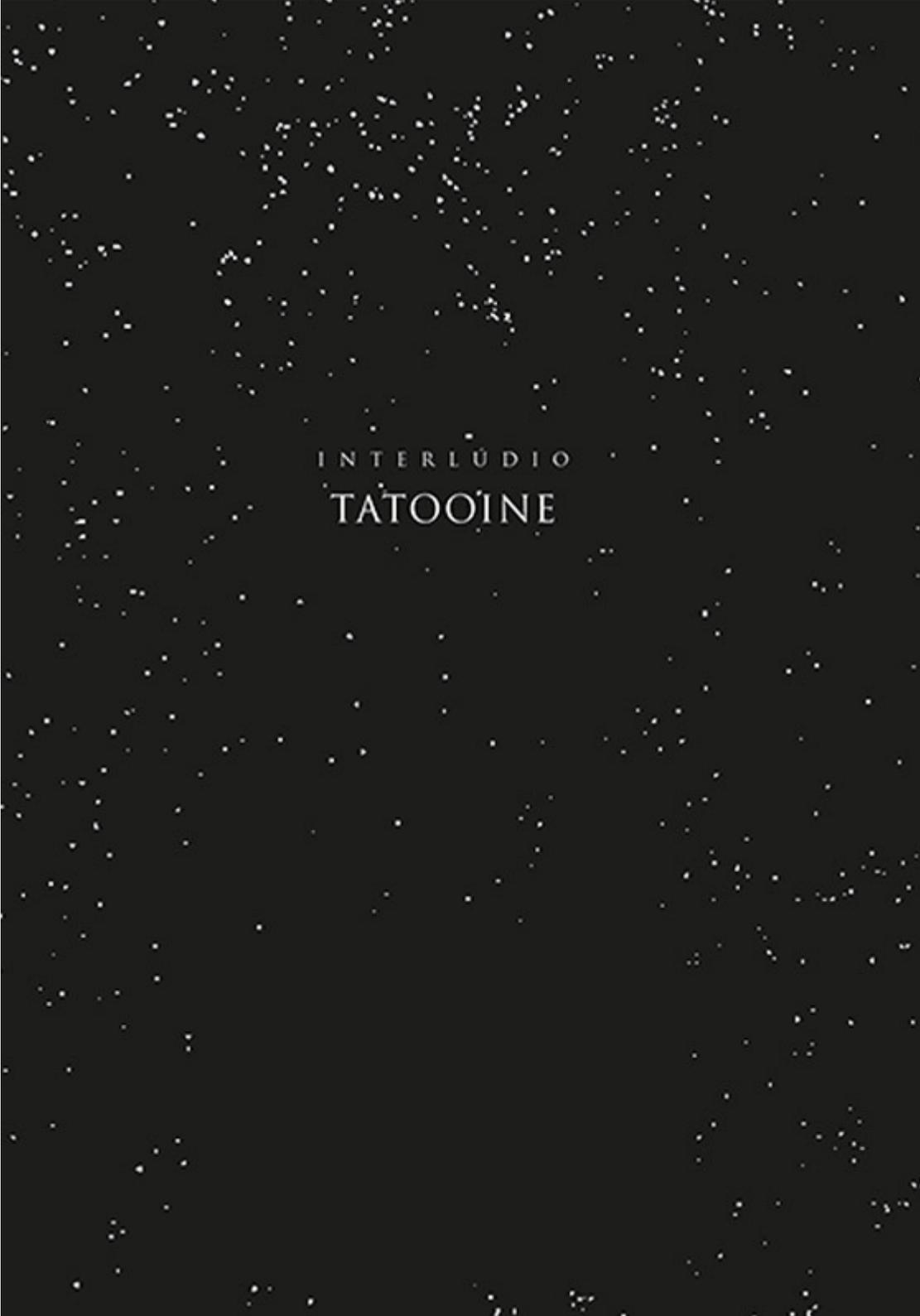
– Desculpe. Mas, sim, há, esperem... – Ele desenrola um mapa, com o coração batendo a um quilômetro por minuto dentro do peito. *Escapamos.* Suas dúvidas em relação a tudo não importam mais. – Aqui – diz Temmin. – É perto. Em cinco minutos estaremos lá. O caminho deve nos levar exatamente ao interior do velho prédio do Clá Bancário.

– *Nos* levar, não – discorda Sinjir. – *Me* levar. – Aquilo faz que ele ganhe olhares curiosos. – Eu estou com a roupa certa para o golpe – continua Sinjir, apontando para o uniforme de oficial com a mão aberta. – Descobrirei um jeito de subir e sair. Entrarei em contato com os imperiais do palácio. Devo conseguir descobrir a frequência porque, ah, é claro, eu era um imperial com nível alto de autorização. E aí eu mando que *eles* abram a porta para nós.

Jas franze a testa.

– E como você planeja fazer isso?

– Esta é a parte brilhante. Eu direi que os túneis são a única saída segura do palácio.



INTERLÚDIO
TATOOINE

Jawas fedem.

Isso é algo que Adwin Charu não esperava. A maior parte do planeta tem aquele cheiro de *areia quente*, como o interior do forno de argila da mãe dele, antes de ela colocar a massa. Como se tudo estivesse assando. Mas, assim que entra no sandcrawler, Adwin Charu é atingido pelo odor como um soco. É um cheiro almiscarado, animalesco.

E, de repente, ele é forçado a considerar se cada Jawa seria apenas uma fraternidade de ratos molhados, reunida sob robes marrons e com um véu negro como rosto.

Os Jawas sibilam e tagarelam para Adwin, e ele repete mais uma vez, como tem feito pela última meia hora:

– Eu não *quero* nada disso. *Isto* – ele abre os braços em um gesto amplo, indicando as pilhas de sucata mal-iluminadas ao redor – não *vale nada* para mim e meus companheiros. Eu preciso ver as verdadeiras mercadorias.

Adwin pronuncia as palavras como se falasse com alguém com problema de audição. E não adianta nada: aqueles monstros fedorentos e teimosos não parecem dar ouvidos a ele, ou sequer compreendê-lo; ou, talvez, simplesmente não se importem. Mas ele conhece as histórias: os Jawas vendem refugio para os ingênuos, mas todo sandcrawler também tem uma boa coleção de verdade. Mercadorias valiosas, para os bem-informados.

Adwin tinha um serviço a fazer ali. E não voltaria para o chefe com um monte de lixo defeituoso.

Os Jawas estalam a língua e sussurram.

– *Preciso* de droides, armas, ferramentas de mineração. *Sei* que esses sandcrawlers são antigos veículos de mineração. *Vocês roubaram* os sandcrawlers. O mínimo que poderiam fazer é...

Por trás dele, alguém pigarreia.

Adwin dá uma olhadela para trás e vê um homem parado ali. É um sujeito com traços angulosos, pele curtida, olhos apertados e um sorriso de quem acha

graça.

– Olá, aí – diz o homem.

– A-hã – responde Adwin. – Beleza. Se me dá licença... – Irritado, ele acrescenta: – Eu espero terminar aqui logo, desde que essas *coisas* obedeçam.

– Você não é daqui, certo? – diz o sujeito, ainda sorrindo, como se soubesse de alguma coisa. Ele sai do intenso sol do deserto e tira um pouco de poeira do casaco comprido. – Não é um nativo.

– Não. Como você sabe?

O homem dá uma risada catarrenta e rouca.

– Para começar, você está limpo demais. Passe algum tempo aqui, e a poeira entrará em suas unhas e nos pelos do nariz. Areia nas botas. Mas a outra questão é que é preciso saber lidar com os Jawas. Esses pequenos saqueadores trabalham com afinidade. A pessoa compra alguma novidade, algo pequeno, depois volta e compra algo maior. E, com o tempo, após mais ou menos uma dezena de visitas, a pessoa começa a ver o que os Jawas realmente têm a oferecer. As verdadeiras mercadorias.

Adwin faz uma expressão de desdém. Ele não tem paciência para essas coisas.

– Eu não posso me dar ao luxo de esperar. Meu chefe não permitiria isso. – Adwin suspira. *Isso é inútil, então.* – Acho que terei que arriscar em... qual é aquela cidade atrás de nós?

– Mos Pelgo – responde o homem.

– Sim. Bem, lá ou em Espa, creio eu.

Adwin suspira e começa a passar pelo homem, que estende a palma da mão. Ele não toca em Adwin, mas bloqueia a passagem.

– Agora, espere aí, amigo. Eu, por acaso, tenho aquela afinidade com esses pequeninos de que você precisa. Eu ficaria contente em oferecer garantias por você.

Adwin franze os olhos.

– Você faria isso?

– Certamente.

– E a troco de quê? – Ele franze ainda mais os olhos, e a desconfiança contorce o seu rosto, em uma expressão duvidosa de desdém. – Qual é o preço?

O homem gargalha novamente.

– Sem preço, sem preço. Apenas hospitalidade.

Este planeta de segunda classe é composto por caipiras coletores de água. Beleza. Adwin pode explorar isso. Ele se sente à vontade explorando a inocência dos outros.

– Sim, sim. Isso seria excelente. Obrigado, é... Qual é o seu nome?

– Cobb Vanth.

– Senhor Vanth...

– Cobb, por favor.

– Ah, Cobb. Podemos, então?

O homem dá um passo à frente, enquanto coça o rosto de barba rala e começa a falar com os Jawas. Eles se dirigem a Cobb, tagarelando naquela língua de rato.

– A-hã, não, eu sei – diz ele. – Mas eu trouxe créditos, e ele também. – Cobb se volta para Adwin e dá uma piscadela, enquanto os Jawas sussurram e tagarelam. – Ok, então. Vamos.

Eles acompanham um par daqueles pequenos esquisitos encapuzados até outra porta nos fundos, perto de um droide gonk de cabeça para baixo. A porta assovia, depois se fecha quando eles entram. Luzes se acendem, mais claras ali que no outro aposento. E, dito e feito, ali estão as mercadorias.

Um droide protocolar. Um par de astromecs. Um suporte para armas – das forças imperiais, pela aparência. Na parede dos fundos, há uma série de painéis que parecem saídos de uma barça a vela hutt, e mais alguns outros artefatos hutts – alguns queimados, outros retorcidos. Tudo aquilo é sucata.

– Perfeito, perfeito, perfeito – diz Adwin batendo palmas.

Ele imediatamente vai até uma prateleira e começa a fuçar cestas, caixas e gaiolas. Cobb fuça também, embora Adwin praticamente se esqueça dele até que o homem diga:

– Você trabalha para a nova empresa de mineração?

– Há? Ah, sim – responde Adwin, ao se virar.

– A Companhia Chave Vermelha, não é?

– Essa mesma. Como você sabe?

– Eu levo jeito para sacar as coisas. Sei que elas estão mudando. Não apenas na galáxia, mas aqui em casa, também. Os Hutts ainda não se resolveram sobre quem deve assumir o trono de Jabba, se é que dá para chamar aquele bloco de pedra de trono. Parece que esse pode ser um novo momento para Tatooine.

– Sim, nós com certeza esperamos que seja – responde Adwin distraído, praticamente ignorando a conversa fiada do sujeito.

Adwin está contente por Cobb ter conseguido que ele entrasse ali, mas agora deseja que o homem simplesmente o deixe em paz. Ele nota uma caixa grande e comprida no chão e retira o pano esfarrapado que a cobre...

Ah, minha nossa.

Do interior da caixa, Adwin retira um capacete. Cheio de marcas e furinhos, como se tivesse caído ácido em cima. Mas, ainda assim... Ele bate no capacete com os nós dos dedos. Os Mandalorianos sabiam fazer armaduras, não é?

– Olhe para isto – diz Adwin, ao erguer o capacete. – Armadura mandaloriana de combate. A caixa inteira. Um conjunto completo, pela aparência. Passou por poucas e boas. Acho que o meu chefe vai gostar disto.

– Na verdade, eu acho que vou levar isso para casa comigo – diz Cobb.

– Acho que *não* – fala Adwin, dando meia-volta com o capacete embaixo do braço.

A arma de raios na cintura de repente parece pesada, oscilante. Ansiosa para ser sacada. Aquela é uma sensação estranha. Adwin acha que está pegando o espírito do planeta. Ele nunca teve que atirar em um homem antes.

Talvez hoje seja o dia. Vem a ele uma sensação estranhamente eufórica.

Cobb dá um sorriso malicioso e cruza os braços.

– O que você está pensando, minerador? Veja bem, eu realmente daria bom uso para essa armadura. Imagino que, sendo um recém-designado policial...

– Autodesignado, imagino – responde Adwin. Mas Cobb não morde a isca.

– Sendo um policial – continua Cobb –, um pouco de proteção cairia bem, contra aqueles tipos corruptos que pensam poder se aproveitar do meu planeta. Essa armadura é minha.

Adwin dá um sorriso debochado. Ele abre a túnica com o polegar, revelando a arma de raios.

– Cobb...

– Xerife Vance, para você.

– Ah. – Adwin ri. – *Xerife*, eu odiaria ter que sacar essa pistola...

A mão de Cobb Vance surge em um piscar de olhos, e a sua própria arma de raios emite um som agudo, abrindo um buraco cauterizado no ombro direito de Adwin. A mão do minerador fica mole, sem vida. O capacete cai da outra mão. Adwin recua contra a prateleira, horrorizado.

– Você, seu monstro...

Cobb dá de ombros.

– Ora, vamos, eu não sou um monstro. Não sou pior do que o seu chefe, aquele Weequay comedor de estrume, Lorgan Movellan. Eu conheço o esquema dele. Conheço todos os esquemas. Com medo de que a República volte e aperte o cerco contra todos os vagabundos e borra-botas, os sindicatos estão tentando descobrir novas formas de parecer legais. E, com os Hutts brigando uns contra os outros por poder, um bando dessas pequenas *empresas de mineração*, entre aspas, está chegando por aqui, com brutamontes como o seu chefe no comando. Uma nova era de barões da mineração. Comigo não cola. Estou aqui, agora. Eu e outros *como eu*. Levando a lei a este lugar sem lei.

E isso começa comigo dando um tiro em você e levando a armadura que está no chão.

Adwin choraminga.

– Por favor, não me mate.

– Ah, não vou matar. Vou deixá-lo vivo, a fim de que conte ao seu chefe que é melhor que ele faça as malas e saia deste setor pelas vias hiperespaciais. A não ser que ele queira que eu vá atrás dele em minha nova, bem, nova para mim, armadura.

– Eu contarei a ele – fala Adwin, descendo lentamente até o chão.

Ele vê Cobb pegar a caixa da armadura antes de se dirigir à porta. Ao sair, o homem diz:

– Na próxima vez que você quiser fingir que é um pistoleiro, é melhor atirar primeiro e falar depois. Até mais.



C A P Í T U L O

32

Pac!

A rocha bate com força no capacete do stormtrooper. O capacete gira, e a visibilidade é perdida. Jom Barrel dá a volta para a frente do imperial blindado e desfere um violento chute para cima. A ponta da bota acerta e quebra a mão do stormtrooper que segura o fuzil de raios. A arma escapa da mão do homem, voando para a frente.

Jom pega o rifle e dispara três raios no peito do stormtrooper, cujo corpo cai em cima de outros três soldados. O braço quebrado de Jom ainda pende ao lado do seu corpo.

Nada mau para um pássaro com uma asa ferrada, pensa ele.

Ele começa a subir pela escada que leva à torre do turbolaser terra-órbita, mas, como acaba percebendo, subir a escada é a parte mais difícil. Jom tem que se debruçar nela, subindo devagar, erguendo o corpo com a mão boa, mantendo a arma de raios do stormtrooper presa às costas.

É uma empreitada miserável.

Muitos gemidos e resmungos.

A subida parece levar uma era galáctica, mas, de alguma forma, Jom Barrel consegue chegar ao topo e abrir a escotilha. Ele começa a entrar...

– Não se mexa – diz uma voz.

Um jovem oficial imperial de artilharia, com o seu pequeno quepezinho de oficial, está parado ali, apontando uma pequena arma de raios imperial para ele. Aquela mão treme muito.

Jom suspira. Ele sobe pelo resto da escada – “devagar!”, como manda o imperial – e ergue a mão boa para acalmá-lo.

– As duas mãos – fala o oficial.

Ele é um zé-ninguém, de aspecto jovem e saudável. Bochechas brancas como marshmallows. Olhar assustado, como gado prestes a encontrar o criador. O garoto está diante do console de artilharia e, através do vidro, Jom vê os canos duplos do turbolaser apontados para o céu.

– Um braço está quebrado – diz ele.

– Eu disse... as duas mãos.

Jom rosna. *Raios de garoto*. Ele faz uma careta ao erguer o braço quebrado. Uma dor incandescente passa pelos ombros. Jom arreganha os dedos e encara o oficial fixamente, com olhos apertados e lacrimosos.

– Pronto.

– Agora... de joelhos.

– Você é jovem.

– O... o quê?

– *Jovem*. Como um pequeno bezerro whilk... Não sabe o que é um whilk? Eu cresci em uma fazenda. São criaturas de pernas compridas. A carne é fibrosa, mas o leite é bom e a pele dá um belo couro. Os filhotes são umas coisas desajeitadas, atrapalhadas. Mancos e burros que nem uma porta. Você é apenas um filhote.

– Não sou, não – insiste o oficial, que novamente gesticula com a arma de raios.

– A-há. Deixe-me adivinhar a situação. A maioria dos seus superiores morreu. Muitos deles explodiram com a Estrela da Morte ou em uma das batalhas subsequentes. Alguns foram vendidos por governadores. Então, o

grupo de oficiais é agora formado por caras como você, jovens e inexperientes, ou por sujeitos muito velhos, que estão sendo chamados de onde estavam encostados porque não há mais ninguém.

– Eu não sou inexperiente.

– Não é mais, porque eu estou testando você. Eis o teste: você pode correr ou morrer. Eu não o culparia por correr. Você não seria o primeiro imperial a abandonar o posto. Alguns de vocês estão finalmente percebendo que perderam a guerra, estando apenas agarrados aos destroços. Não tem problema. Você pode ir, e eles jamais o encontrarão. – Jom dá um passo para o lado, chegando um pouco mais perto do oficial e do console de artilharia atrás dele. – Vá em frente.

– Eu...

– Sem julgamento aqui, parceiro.

O oficial baixa a arma e dá um passo cauteloso à frente, como alguém caminhando sobre a superfície de um lago congelado, andando devagar para que aquilo tudo não rache e o jogue nas profundezas geladas.

Jom pensa: *Bem, isso saiu melhor do que o esperado.*

Mas eis que uma expressão passa pelo rosto do jovem oficial. É outro vislumbre de medo, mas, desta vez, diferente. Um medo maior. Um medo do seu próprio pessoal e do que os imperiais farão, caso ele corra.

O oficial toma uma decisão naquele momento, erguendo novamente a arma de raios. Mas, assim que ela levanta, Jom já está avançando como um touro. Ele colide com o imperial, ambos saem do chão, e o jovem oficial se choca contra o console. O rapaz fica imóvel e rola para o chão. Ele encolhe o corpo e geme.

Jom pega a pistola de raios, ergue o garoto e o enfia em um baú nos fundos.

– Deveria ter feito uma escolha diferente, garoto – diz Jom, fechando o baú.

Lá dentro, o oficial berra e choraminga. Jom faz uma expressão de dor ao sentar-se ao console. Ele liga o radar: uma nave. A caminho.

Jom aciona um botão, e dados surgem em um trio de monitores diante dele. É um iate, um Ryuni-Tantine Vita-Liner. Nave sofisticada, ainda que um pouco velha, construída para os mais ricos da galáxia, daquelas que Jom e os amigos costumam chamar de “alta atmosfera”, porque em seu mundo, Juntar, os mais ricos dentre os ricos viviam no céu, em mansões flutuantes, enquanto o resto do mundo trabalhava arduamente nas fazendas e nas cidades imundas abaixo. O iate é de uma época antiga, da era das Guerras Clônicas. Uma época de pompa e circunstância maiores.

A trajetória da nave aponta para o palácio.

Ele verifica o sinal da nave porque ela, de alguma forma, passou pelo cerco. E, como esperado, o código piscante é positivo para um código imperial, o que a torna uma nave imperial.

Jom ri e vira os canhões. Ele puxa os controles manuais e aponta os dois canos da imensa torre para o iate. A nave sai das nuvens voando baixo e lentamente, com a lateral brilhando ao sol, como se tivesse uma cobertura de luz líquida. Jom dá um sorriso cruel e pisca.

– Tchau, tchau, navezinha.

Ele aperta os gatilhos duplos.

Nada acontece.

Aperta, aperta, aperta. *Clique, clique, clique.*

Nada.

– Raios! – urra Jom.

Ter jogado o oficial contra o console deve ter danificado... *alguma coisa.*

Jom Barrel vê o iate descer, indo em direção ao castelo, tão a salvo quanto uma baleia-estelar em um oceano vazio. *Não, não, não.* Ele tem que dar um jeito na situação. E tem que dar um jeito *agora.* Porque ele vai derrubar aquela nave, de uma maneira ou de outra.



C A P Í T U L O

33

O plano bem simples é este:

Eles encontram a entrada para o palácio do sátrapa. É bastante óbvio: a passagem não foi selada por uma mistura deselegante de rochas e pedras, mas, sim, por tijolos de primeira linha. Tijolos vermelho-sangue, incrustados com cristais de lucrita, uma pedra semipreciosa que cintila e resplandece quando tocada pela luz. Na parede de tijolos, há uma placa com letras rebuscadas: SELADO PELA AUTORIDADE DA SATRAPIA DE MYRRA, AKIVA.

Em seguida, eles andam pelo corredor, logo após a curva, e ali esperam.

Os oficiais passarão por ali, provavelmente seguidos por um punhado de stormtroopers ou guardas do palácio. E, assim que o fizerem, haverá uma surpresa à espera deles.

Norra não tem muita certeza disso. Ela se encolhe atrás de uma pilha de entulho musgoso e se inclina na direção de Jas.

– Você tem certeza de que isso dará certo?

– Não – responde Jas –; nunca tenho certeza, mas é a nossa melhor aposta.

– Não seremos capazes de dar cabo de todos eles.

– Somando os quatro, eu confio nas nossas habilidades. Especialmente com as minhas habilidades e a programação do droide, ficaremos bem.

– Você está bem? – pergunta Norra a Temmin.

O garoto concorda com a cabeça, mas ele não está bem. A mãe consegue perceber isso. Algo o incomoda. Temmin tenta usar uma máscara de confiança, até mesmo de arrogância, dando seu típico sorrisinho irônico. Mas é um sorriso falso. Norra é a mãe de Temmin e, portanto, ela sabe. Ele está incomodado com alguma coisa que o corrói por dentro.

Ele talvez esteja com medo.

Mas isso é tudo? Temmin geralmente é tão destemido... A questão parece ser outra.

Não há tempo para descobrir, agora.

Norra ouve alguma coisa. Para o filho e a caçadora de recompensas, ela leva o dedo aos lábios e fala, sem emitir som: *Eles estão vindo*.

Os momentos passam. Norra é tomada pela confusão e depois pelo horror, porque o que ela está escutando *não* vem da direção do portal selado, e sim do lado oposto. Vem *de trás* deles.

Um leve tremor no chão. Passos que se aproximam cada vez mais.

– Os Ugteens – diz Jas, enquanto mete uma bala no rifle.

– Não – fala Norra. – Eu conheço esse som.

Não é a confusão causada por aquelas coisas horríveis: antes, os Ugteens avançaram com ruído de metal e o gemido de máquinas. Estes de agora são passos ritmados. É o barulho de armaduras, não de membros recauchutados de droides.

– Stormtroopers – diz Norra.

E, no fim da longa passagem escarpada atrás deles, Norra enxerga o primeiro vislumbre da armadura branca. Um tiro de laser vara o ar bem acima da cabeça deles, causando uma chuva de pedras e fragmentos. Ela dispara de volta, e de repente o ar está salpicado de raios de luz.

– Recuem! – grita Norra.

Eles só têm um ponto de recuo: de volta à passagem selada, que levaria ao interior do palácio. É um beco sem saída, mas que chances eles têm? O grupo

recua pela curva, e, enquanto isso, Norra tenta obter uma ideia rápida do que está vindo. Uma dezena ou mais de stormtroopers se aproxima. Uma luta complicada, mas factível. *Talvez.*

Eles dobram a esquina... no momento em que a passagem explode. Tijolos escarlates batem contra a parede quando a explosão erradica a barreira.

Pela névoa escura de fumaça e poeira, surgem mais vislumbres de branco.

Stormtroopers avançam aos borbotões por aquela ponta, também. Agora, o grupo está preso pelos dois lados, capturados como um rato entre dois gatos...

Norra então se dá conta do que está acontecendo, sentindo um desespero ao perceber que eles foram traídos por Sinjir.

O grupo está preso na esquina, todos encolhidos uns contra os outros. Ela e Temmin atiram em uma direção; Jas e o droide – Ossudo também com uma arma de raios na mão em garra –, na outra.

Alguém interrompe a tempestade infernal:

– Abaixem as armas – diz a voz feminina.

A expressão no rosto de Jas é um relâmpago de pura raiva, uma máscara de fúria e determinação assassina.

– Toma bala! – rosna ela, erguendo novamente o rifle de cano longo.

Mas Norra coloca a mão no ombro da caçadora de recompensas. Jas faz uma expressão confusa, de certa forma suplicante. *Deixe-me matá-los*, diz o olhar.

Porém, Norra balança a cabeça e abaixa a arma de Jas.

– Norra... – diz Jas.

– Você não pode cobrar a recompensa se estiver morta – responde ela.

– Sinto muito – fala Temmin.

– Abaixem as armas – berra a voz de mulher novamente. – Levantem-se com as mãos para o alto. Devagar.

Jas xinga em um idioma que Norra desconhece, depois pousa o rifle. A arma de raios de Temmin já está abaixada, e ele diz a Ossudo para fazer o mesmo.

Eles ficam de pé, com as mãos para o alto.

Os stormtroopers surgem pela névoa. Uma dúzia de cada lado. É um número grande demais de soldados para se enfrentar, mesmo com uma caçadora de recompensas experiente e um droide de combate psicopata do lado deles. Norra sente um nó no estômago.

Em meio aos stormtroopers que vieram da direção do palácio, surge uma mulher – a que mandou que eles abaixassem as armas, ao que parece –, que passa pelos soldados e vai à frente do grupo. Ela mantém as mãos entrelaçadas às costas. A mulher tem pele e olhos escuros, e o seu rosto está contraído, em um olhar dissecante. As costas são arqueadas, e ela tem uma postura de autoridade e confiança.

Uma almirante, pelas barras no peito.

– Eu sou a almirante Rae Sloane – diz a mulher. – Vocês estão presos por conspiração contra o Império Galáctico, longo seja o seu reinado.

– *A-keea' tolo, fah-roo kah* – xinga Jas novamente em um idioma desconhecido, e depois cospe no chão.

– Você jamais escapará impune – diz Norra. – O fim do Império é aqui. Está chegando o cometa que irá transformar o resto do seu reinado em poeira.

– Sim, bem, o cometa ainda não nos atingiu, Norra Wexley. Venha. Por um período curto, bem curto, vocês serão hóspedes da satrapia de Akiva.

Jom está deitado embaixo do console, com fios pendurados no rosto como se fossem os tentáculos faciais de um dentista Quarren. Ele dá um nó em um cabo, depois junta outros dois. O fio solta faíscas, e Jom xinga. Ele luta desesperadamente para contornar o mecanismo do gatilho, que deve estar quebrado, a fim de permitir que o controle de disparo se encaminhe diretamente para o próprio console. Jom ignora as minúsculas queimaduras no rosto e tenta o terceiro fio...

Acima, ele ouve um zumbido. O console está novamente ligado.

Funcionou! Sim!

Jom morde o interior da bochecha para se esquecer da dor ao se levantar, e em seguida mira os canhões novamente. Agora, o iate pousou no palácio. Bem, não exatamente: a nave não pode pousar, pois o anel de pouso está em estado lastimável. Mesmo dali ele consegue ver que a peça inteira está inclinada, parecendo tão frágil quanto um castelo de cartas de pazaak. Assim sendo, o iate paira, gastando combustível e permanecendo no ar nas proximidades.

Isso permite um tiro perfeito.

Ele atira. Jom alcança o botão para o qual redirecionou o mecanismo de disparo, um botão antigamente usado apenas para ligar e desligar as luzes no interior da torre, pressionando-o com o polegar.

Nada acontece.

Ele ruge de frustração e pressiona novamente.

As luzes do console se acendem, depois ficam intensas demais, e, então, saem faíscas das laterais e das junções. E o troço inteiro se apaga.

Norra é colocada de joelhos à força no piso do palácio. É um piso bonito, de um azul-celeste que ela nunca viu antes, com veios de cobre e bronze. Tem a aparência de água do mar refletindo a luz do sol, e uma parte de Norra quer encará-lo para sempre, fingindo que nada daquilo está acontecendo. Mas *está* acontecendo. Sinjir os traiu. Eles são prisioneiros. A missão falhou, e eles serão presos ou executados.

Apesar desse desejo, Norra não é o tipo de pessoa que se esquia do que vem por aí, não importa o quão horrível isso seja.

Ela empina o queixo e encara de frente, com uma expressão de desdém.

Ao lado dela, Temmin e Jas também estão ajoelhados. O droide permanece de pé, virando a cabeça de um lado para o outro, desconfiado, e olhando para todos que o cercam. Cada vez que o crânio gira no próprio eixo, Norra ouve o gemido dos pequenos servomotores.

Ela pensa: *O droide está confuso. Irritado. É imprevisível.*

– Controle seu droide – sussurra Norra para o filho.

Mas Temmin apenas parece abalado. Ele não diz nada.

A almirante anda em volta deles. No topo de uma grande escadaria, estão outras pessoas importantes. Norra vê um homem alto, com cara de raposa, vestindo um uniforme escuro de moff, e uma mulher menor e mais velha. Aquela deve ser a general Jylia Shale. Atrás deles, há um homem corado e pançudo com uma barba rala, e outro indivíduo com um chapéu alto e pomposo. Este último tem um sorriso estranhamente benévolo.

Rae acena com a cabeça para alguém.

Através da multidão, eles trazem Sinjir.

Um olho está inchado e fechado; o nariz, entupido de sangue, parece cheio de cicatrizes, talvez até quebrado. As mãos de Sinjir estão presas atrás das costas. Ele é empurrado, caindo com força sobre o ombro, soltando um gemido de dor.

– Sinjir – diz Norra –, eu não entendo.

Stormtroopers se aproximam, com algemas magnéticas.

– SOLTE-ME, MESTRE TEMMIN – diz Ossudo, com o braço de astromec começando a girar lentamente.

– Não, Ossudo, não – fala Temmin, baixinho.

Um trooper pega os braços de Norra com violência e os coloca para trás. As algemas se fecham nos pulsos. Eles pegam Jas também, e ela luta um pouco, soltando os ombros e rosnando como uma fera selvagem, mas o pequeno ato de rebeldia não é suficiente. As algemas zumbem e se fecham nos pulsos da caçadora de recompensas.

Temmin, porém, fica de pé.

– Temmin – fala Norra. – Filho, agora não é o momento.

Mas ele a ignora e dá um passo à frente. Curiosamente, ninguém o detém.

– Solte-me – diz o garoto. – A mim, minha mãe e o droide.

– Oh, não – fala Jas. – Temmin, não.

Há desapontamento na voz da caçadora de recompensas. Norra não entende de início, mas, a seguir, Temmin fala:

– Esse é o acordo. Honre o acordo.

Rae ergue uma pequena holotela, aperta um botão, e uma projeção começa. Ali está o holograma azul oscilante de um Sullustano caolho. Ela sabe quem ele é. Aquele é Surat Nuat.

– O seu acordo foi com *ele* – diz Sloane, e o Sullustano sorri.

– Infelizmente, garoto – fala a projeção de Surat –, o Império negociou um acordo por conta própria. E eles alteraram os termos.

– Não! – exclama Temmin. – Você disse que nós estaríamos livres.

– Temmin... – diz Norra, ouvindo o medo na própria voz. *Isto não pode ser verdade. Ele não pode. Não teria...* – Temmin, o que está acontecendo?

O garoto dispara um olhar triste e em pânico para a mãe.

– Desculpe.

No chão, Sinjir geme.

– Ele nos traiu.

– Eu queria ficar aqui – fala Temmin. – Não queria ir embora. Este é o meu lar! Eu tive que dar algo para Surat, ou ele nos mataria. Mãe, por favor. – Ele se volta para a almirante: – Não! Não foi isso que nós combinamos. O acordo foi para mim, minha mãe e o meu droide: todos nós podemos ir embora.

– Você pode ir – diz Rae. – Os outros ficam. A não ser que você queira ficar para trás também. Eu sou flexível em relação ao aperto desse nó no pescoço.

Surat ri.

– Você daria um bom caçador de recompensas, garoto – diz Jas ao olhar para Temmin.

– Ele daria um imperial ainda melhor – fala Sinjir.

Temmin, imensamente perturbado, se volta para o droide.

– Ossudo! Salve a gente!

O droide emite um grito de guerra mecanizado e salta...

O droide de combate jamais teve chance.

Disparos de laser abatem o homem de metal no ar. O droide B1 grita e cai com força no piso, com tanta violência que racha o ladrilho azul e bronze. As suas pernas cedem, e ele cai de lado enquanto Temmin corre na sua direção. Stormtroopers empurram o garoto, contendo-o em seguida. Norra tenta se levantar, mas é detida ali.

Norra vê Sloane ir até o droide e tem uma sensação de inevitabilidade. A almirante saca a arma de raios e dá um tiro atrás do outro na cabeça da máquina.

Após o sexto disparo, a cabeça se solta e rola, fumegante.

Os membros do droide ficam imóveis e batem no piso.

Temmin chora.

– Conforme nosso acordo, você pode ir – diz Sloane para o garoto. Depois, ela se volta para os stormtroopers que o seguram. – Escoltem-no para fora do palácio. Pelo telhado, por obséquio.

Não!

Norra fica de pé de supetão e começa a correr na direção de Temmin.

Vem um vislumbre de branco, quando um stormtrooper surge por trás e golpeia as costas dela com a coronha do fuzil de raios. Ela desmorona em meio a peças de droide, ao lado de Sinjir, e grita enquanto Temmin é levado embora, chutando, berrando e chamando pela mãe.



C A P Í T U L O

34

O que foi que eu fiz?

Esse pensamento vai e volta dentro da cabeça de Temmin. O remorso vara o garoto como o vibro-punhal na ponta do braço do Senhor Ossudo, e a memória da destruição do droide se junta ao sentimento de culpa. Isso e a mãe chorando por ele, a expressão nos rostos de Jas e Sinjir...

Na ocasião, aquela pareceu a medida certa. Ele sabia que jamais iria querer sair de Myrra, mas isso significava fazer as pazes com Surat ou ter a própria língua arrancada. Então, Temmin foi em frente e ligou para Surat, e o gângster Sullustano aceitou o acordo. Temmin tentou diminuir a culpa com o argumento de que o ex-imperial e a caçadora de recompensas fariam o mesmo. Eles venderiam a pele do garoto assim que alguém oferecesse o valor suficiente de créditos, e Temmin disse a si mesmo: *Eles não têm escrúpulos. Não seguem um código.*

Mas, na verdade, é *ele* que não tem escrúpulos.

É Temmin que não segue um código.

Mesmo com chances remotas de que isso acontecesse, ele teve esperanças de que tudo desse errado e de que não fosse necessário levar o plano a cabo. Esperou que a situação se ajeitaria, que a armadilha idiota que ele prendeu na própria perna simplesmente... *se soltaria*, que os nós se desfariam conforme tudo se resolvesse, sem que o plano se tornasse realidade. Mas cá está ele, sendo

arrastado escadaria acima por um par de stormtroopers. Os calcanhares batem nos degraus duros, e a mão tenta segurar alguma coisa, qualquer coisa: um corrimão, uma lâmpada, uma maçaneta.

Adiante, outra escadaria...

Temmin estica a mão e pega a borda de uma pequena fonte na parede. Ele segura firme com os dedos e consegue se soltar. Os dois stormtroopers gritam assustados e vão atrás do garoto. Ele dá um pontapé, acertando um dos soldados no peito. O soldado geme, mas pega o pé do garoto, metendo, então, um soco no estômago de Temmin. O rapaz fica sem ar, e uma dor desce pelas suas pernas e sobe pelos seus braços.

Ele é novamente levantado pelos stormtroopers, que o carregam por um segundo lance de escadas e através de um par de portas vermelhas, até chegarem ao telhado. Temmin tosse e pisca para conter as lágrimas. Ele ouve um som de cânticos. Berros. A multidão.

– Não, não, por favor – implora Temmin, ao ser erguido na direção da beirada do telhado.

Os dois stormtroopers levantam o garoto acima da cabeça. Ele vê a multidão, agora. Enorme. As pessoas vêm de todas as direções. Ele vê efígies, placas, pedras, tijolos e garrafas sendo jogados. Akivanos, protestando contra a satrapia. Protestando contra o *Império*. Temmin sentia falta disso. Ele achava que todo mundo simplesmente quisesse manter a cabeça baixa. Como ele. *Eu estou do lado errado dessa questão.*

Mãe, eu sinto muito.

– Hora de se juntar aos seus amigos – diz um dos stormtroopers.

Temmin nem sabe quais dos amigos. Só sabe que grita ao ser lançado pela beira do telhado. Temmin cai.

O iate paira na onda de calor acima do palácio do sátrapa. A parte da frente parece o bico de um falcão mergulhado em bronze. Ele tem janelas negras

entre canos vermelhos e dourados, além de duas asas que apontam para baixo e sobem nas pontas, como se fossem as mãos de um monge suplicante e melancólico. O iate flutua com a lateral voltada para o palácio e se aproxima da quina do telhado, enquanto a prancha se estende horizontalmente; ela se abaixa somente no último minuto, a fim de formar uma rampa até o telhado.

Da rua, algumas pedras batem inutilmente na barriga da nave.

Stormtroopers vão até a beirada e disparam as armas de raios indiscriminadamente contra a multidão.

Norra pensa: *Vocês estão apenas cavando a cova do Império com ações como essas.* Porque assim todo mundo vê que o Império é um bandido, um brutamonte. Não é melhor que Surat Nuat, o Sol Negro ou o sindicato dos Hutts. O Império finge empenhar-se pela lei e ordem, mas, no fim das contas, empenha-se em vestir a opressão com a fantasia da justiça.

A almirante deve compreender a questão da mesma forma, porque ela chega perto dos stormtroopers e manda que recuem, sob uma tremenda bronca.

À frente de Norra, os demais convidados de honra do Império – os alvos, aqueles que eles esperaram deter e falharam – entram a bordo da nave. O homem com cara de raposa, aquele que Norra acredita ser o moff Pandion, dá um olhar desdenhoso para eles, como se fossem barro do pântano grudado na sola da bota. Uma sujeira que precisa ser limpa e jogada para longe. Em seguida, ele também sobe pela rampa.

Norra olha para Jas e Sinjir. Ambos estão parados ali, com as mãos presas atrás das costas. Cada um deles é contido por stormtroopers, de maneira que não haja como correr, nem lugar para ir, caso corram.

A seguir, a porta se abre novamente, e Norra finalmente vê:

É o capitão Antilles. O coração de Norra se despedaça. Os ferimentos dele o colocam sob controle dos imperiais. O cabelo está grudado na testa pelo suor. Sua palidez é da mesma cor de cinzas em uma lareira. Ele está amarrado a uma

mesa flutuante, levada à frente por um par de stormtroopers e um droide médico 2-1B.

Ao passar, os olhos do capitão pestanejam e se abrem, e Antilles vê Norra.

– Piloto – diz ele.

– Capitão – responde ela.

Ele dá um sorriso fraco para Norra ao ser empurrado para o iate.

Norra olha para Sinjir.

– O que vai acontecer conosco? – ela pergunta.

– Bem. – O ex-imperial suspira. – Eu provavelmente serei julgado. Jas provavelmente morrerá. Você, eu não sei dizer. Prisão. Execução. Talvez você se junte ao seu amigo rebelde e faça parte de um acordo de paz.

– Eu sinto muito por tudo isso.

– Não foi culpa sua – fala Jas.

– Ele era filho dela – observa Sinjir, encarando as duas com o único olho bom; o outro permanece inchado e fechado. – O sangue de Norra corre nas veias dele. Eu posso guardar um *pouquinho* da culpa para ela. Acho que mereço me dar esse luxo.

Jas começa a reclamar, mas é interrompida por Norra:

– Ele está certo. Você pode me culpar. Eu apenas espero, apesar de tudo, que o meu filho esteja bem.

Sinjir dá um sorrisinho irônico.

– Norra, não acho que nenhum de nós esteja bem.

– Norra, Temmin é um sobrevivente – diz Jas. – Ele tem capacidade para isso. Se alguém vai escapar dessa situação com vida, será ele.

Temmin está morto.

Ele tem certeza disso. Não pode ter sobrevivido. E agora vem essa sensação, essa *estranha e impossível* sensação de estar flutuando, sendo levado pelo que parecem ser as águas plácidas da Baía Farsigo ao sul. Ele, a mãe e o pai

costumavam tirar férias lá, às vezes. Eles pescavam, velejavam em lanchas a jato ou tentavam assustar alguns moluscos korlappii reluzentes, aqueles em que o sol batia de forma que provocasse um arco-íris de luz.

Temmin não ouve a água, nem sente o cheiro da maresia.

O garoto abre os olhos.

Ele *está* flutuando. Suspenso. Sendo levado pelas mãos da multidão.

As pessoas o pegaram. *Por todas as estrelas e todos os satélites, elas me pegaram.*

Temmin ri: uma gargalhada louca, que se parece com a do seu droide insano. E eis que Temmin se lembra da mãe, de Jas e de Sinjir.

Ele não tem muito tempo.

Temmin ergue a cabeça, rola para fora do tapete de mãos que o carrega e cai dentro da própria multidão. Por um momento, ele fica perdido. É difícil recuperar o senso de orientação naquele mar de pessoas. A massa é avassaladora. Mas, então, Temmin gira o corpo e vê as enormes muralhas do palácio se erguendo.

Eu tenho que voltar lá para cima.

Ele começa a avançar pela multidão.

Pedras são jogadas contra a muralha e ricocheteiam. Temmin vê as pessoas tentando escalar; um Rodiano sobe pela muralha e fica pendurado em uma sacada. Um par de humanos tenta se ajudar a escalar. E Temmin pensa: *É por ali que eu vou.*

Há tempos ele não brinca com os amigos. Há alguns anos não tem bancado mais o moleque de rua. Mas Temmin ainda sabe como subir por um cano de esgoto, trepar em uma cerca ou encontrar apoios para as mãos onde não parece haver nenhum. Ele não tem tempo de descobrir o melhor caminho para subir.

Em vez disso, tudo que Temmin pode fazer é escalar com os demais.

Enquanto os últimos passageiros são embarcados – prisioneiros retirados das catacumbas embaixo do palácio –, o sátrapa chega e se ajoelha.

– Por favor, por favor, por favor. Os senhores têm que me levar junto. Estou cercado! Eles estão subindo pelas muralhas como lagartos-macacos. Eles me farão em pedaços.

Sloane coloca a mão no ombro do homem.

– O senhor prestou um grande serviço ao Império, sátrapa Isstra.

O sorriso se espalha pelo rosto do sátrapa como manteiga. Ele acredita que está sendo salvo, e o seu peito se enche de alívio.

– Obrigado. Obrigado, almirante. A senhora é muito gentil.

– Mas nós não precisamos mais da sua ajuda.

– O... O quê? – O rosto dele é tomado por espanto. Ele não sabe se está sendo punido, recompensado, aposentado, ou sabe-se lá o quê. – Eu não...

Ela acena com a cabeça. Dois stormtroopers agarram Isstra e o arrastam de volta para a porta. Ele chuta e berra, como uma criança petulante.

– Você não pode fazer isso! – grita ele, babando pelos cantos da boca como se fosse espuma do mar. – Eu fui bom para vocês! Guardas! Guardas!

Dois guardas palacianos surgem correndo pela porta e são abatidos pelos fuzis de raios dos stormtroopers. São mortos antes mesmo de ter a chance de proteger o seu antigo líder.

O sátrapa bale como um animal de abate com a garganta cortada. Os troopers jogam o homem no chão, e ele rasteja entre os corpos dos guardas, chorando.

Sloane entra a bordo do iate.

A multidão urra. Os dedos de Temmin mal se seguram, enfiados em uma ranhura apertada que sobe pela muralha do castelo. Os músculos doem. Há tempos ele não faz isso. Temmin ergue o corpo...

Bem no momento em que a multidão se agita, como uma onda. As pessoas se afastam das muralhas. Alguém lança alguma coisa contra as portas do palácio.

O que foi aquilo?

O prédio treme. A onda de choque do detonador térmico amassa a porta. Os dedos da mão esquerda de Temmin escapolem do apoio...

O garoto fica pendurado por um braço, e os pés lutam a fim de encontrar qualquer tipo de saliência que possa dar impulso a ele.

A multidão forma uma onda novamente. As pessoas se amontoam contra a porta danificada, fazendo força. Um Besalisk de quatro braços passa pelo meio da multidão com uma enorme marreta de ferreiro, avançando contra a porta.

Não tenho tempo para me preocupar com isso.

Temmin grita entre dentes cerrados ao esticar o braço e recuperar o apoio. O garoto continua a subir.

Morna está sentada na cadeira de capitão do iate. Rae entra, sentando-se ao lado dela.

– Confortável – diz ela ao piloto.

Morna concorda com a cabeça.

– Sem brincadeira, almirante. Tudo reluz. E essas cadeiras... Tenho a sensação de que ainda estou afundando nelas.

– Não se acostume com as cadeiras. Conforto não é uma prioridade imperial. – Diante disso, Rae dá um sorrisinho. – Algum problema com o piloto de Crassus?

– Ele brigou comigo, mas o fiz reconhecer a autoridade do Império e garanti que ele ainda seria pago pelo serviço.

– O piloto está trancado, não é?

– Em uma das cabines, sim.

Adea também está em uma das cabines. Rae aconselhou a assistente a se deitar, pelo amor das estrelas: a mulher tem sido impecável na ajuda, e corajosa na defesa do Império. Rae mandou que descansasse. Ela colocou a assistente em uma das cabines ao lado do capitão Antilles e o soldado responsável pela sua guarda.

– Excelente. Estamos prontas para ir embora deste planeta execrável?

– Estamos, almirante. E acabei de receber o relatório dizendo que os destróieres estelares voltaram do hiperespaço para a órbita. Temos cobertura da *Vigilância*, da *Repressão* e da *Ascensão*.

– Então vamos dar adeus a esta sauna a vapor suarenta.

Morna concorda com a cabeça e liga os motores da nave.

O iate começa a se mover.

O iate começa a se mover.

Temmin luta para passar por cima da borda do telhado do palácio, então vê a prancha sendo recolhida e o iate indo embora.

Cheguei tarde demais.

Ele olha ao redor, os olhos disparando rapidamente.

Ali.

O sátrapa, em prantos, jaz entre os corpos de dois guardas do próprio séquito, com as vibro-lanças caídas ao lado.

Isso é uma estupidez, pensa Temmin. Ele corre até lá, chuta uma das lanças e pega a arma com a mão. *Essa é a pior ideia*, pensa o garoto, dando meia-volta para correr o mais rápido possível na direção da borda do telhado. *Sou um cabeça de laser boçal que vai morrer*, decide Temmin, ao enfiar a ponta da lança com força no chão e usá-la como apoio para saltar do telhado do palácio.

Estou morto.

Não vou conseguir.

Cometi um erro enorme.

A lança escapa de suas mãos. Os braços de Temmin giram no ar enquanto o iate se afasta. A lateral da nave surge rapidamente...

O garoto colide com ela, com um baque.

As mãos procuram apoio, mas não encontram nenhum. Ele ouve um guincho patético ao tatear o metal e começar a cair.

Mas então... ele para de cair.

A mão pega um dos canos decorados que emolduram uma das janelas. Temmin se agarra firme, levanta a outra mão e ergue o corpo. Há um momento de triunfo, uma taquicardia no peito ao pensar: *Consegui! Consegui mesmo!*

E, então, o iate começa a subir, e ele se dá conta:

Por que eu fiz isso? Eu vou morrer!

O solo embaixo começa a encolher, conforme o iate sobe.

Tão perto, pensa Rae, relaxando na cadeira de copiloto. *Quase lá.*

A viagem inteira foi um fracasso. Ela percebe isso, agora. Mas o fracasso não pode ser o fim; tem que ser esclarecedor, como um manual de instruções escrito em cicatrizes. Quais, então, são as lições disso tudo? O que foi aprendido e o que pode ser construído usando os destroços?

Um: o consenso não será fácil. E, na verdade, pode ser difícil a ponto de não valer o investimento.

Dois: o Império está fragmentado. Essa informação não é nova, mas foi esclarecida aqui. E, como resultado, uma nova dimensão foi revelada para ela: muitos dentro do Império não querem consertar essas rupturas, mas, sim, usar a divisão em seu próprio benefício.

Três: para o Império funcionar, eles precisam...

Um pequeno sinal vermelho surge na tela de Morna. A piloto franze a testa.

– O que é isso? – pergunta Rae.

– Pode ser um pássaro – responde Morna. – Embora, se for esse o caso, pareça ser um pássaro muito grande. – Ela balança a cabeça e esclarece: – Tem alguma coisa no casco.

Rae acena com a cabeça.

– Mandarei alguns homens darem uma olhada.

Sinjir está ajoelhado ao lado dos demais. O rosto do ex-agente imperial parece massa sovada. Eles esperam em uma sala opulenta, localizada na traseira do iate, ajoelhados como escravos em um ambiente luxuoso mobiliado com sofás e mesas. O banqueiro gordo, Crassus, está sentado em um canto, fumando especiarias em um cachimbo comprido de obsidiana. Suas escravas, em máscaras bestiais, aparam e lixam as unhas dos pés rechonchudos e sem vida do seu mestre, cortando os calos dos dedos horríveis.

De um lado de Crassus está Jylia Shale. Uma general. Sinjir a conhece, ou melhor, conhece o que dizem sobre ela. Dependendo de com quem se fala dentro do Império, Shale é uma lenda ou uma traidora. Uma conquistadora ou uma canalha. Ela está acompanhada por dois guardas imperiais de capas vermelhas.

Do outro lado de Crassus há um conselheiro, em robe púrpura. Sinjir não lembra o nome daquele ali, embora tenha bastante certeza de que Jas lhe disse quem ele era. Alguém da panelinha de Palpatine, muito provavelmente. Um acólito do lado Sith da Força, embora certamente não seja um praticante. Essencialmente, um seguidor.

Diante de Sinjir está sentado Pandion, empertigado.

Olhando fixamente para o grupo.

Não. Olhando fixamente para *ele*, para Sinjir.

– Eu sei que sou bonito – diz Sinjir, com um rosnado involuntário vindo do fundo da garganta, um barulho provocado pelos ferimentos, não por raiva.

Pandion dá apenas uma risadinha. Parece prestes a dizer alguma coisa, mas um pequeno contingente de stormtroopers passa correndo, indo em direção ao meio da astronave. Eles parecem assustados. Pandion tenta não se sobressaltar, mas acontece.

– Tem algo errado, não é? – pergunta Sinjir, com um sorrisinho sarcástico.

– Feche os lábios, traidor, ou vou arrancá-los.

Vou morrer, vou morrer, vou morrer. Temmin se segura com cada grama de força de vontade. Filetes de nuvens já começam a passar por ele. O ar fica frio. A nave começa a tremer com a turbulência. Ele pensa: *Talvez eu consiga rastejar para a parte de baixo da nave, usar a minha ferramenta multiuso para abrir uma escotilha de manutenção, entrar na barriga da nave e...*

A janela acima dele se abre com um assovio, e surge a cabeça de um stormtrooper.

– Ei!

Esse é o melhor convite que Temmin possa vir a receber.

Ele estica o braço, pega por trás do capacete do stormtrooper e puxa o soldado imperial para o espaço aberto.

O grito do trooper é alto de início, e depois some, ao cair.

Temmin rasteja para o interior da janela aberta.

Ele cai de barriga para cima no piso, ofegante. Balança os braços para que o sangue volte a circular. Temmin está em um corredor cheio de portas. Cabines do iate. Ele se levanta e sacode a poeira. Então, alguém bate no ombro dele.

Epa.

O garoto se vira. Ali estão dois stormtroopers, com os fuzis erguidos.

E, atrás deles, vem um par de guardas imperiais com capacetes vermelhos e capas varrendo o piso.

– Ei, pessoal – fala Temmin, dando uma risada falsa. – Esse não é o ônibus espacial das 12:30 para o cassino do Aglomerado Odwalliano? Não? Epa, foi mal!

Ele dá meia-volta e sai correndo.

– Que raios de raios! – rosna Jom Barell, com o rosto vermelho.

Nada que ele fez conseguiu colocar aquele troço para funcionar, e agora o alvo está fugindo para a órbita. Jom fica parado por alguns momentos, ofegante.

Acalme-se, diz ele a si mesmo. Pense.

Mas Jom não pensa e não se acalma.

Ele ruge de raiva, dando um soco atrás do outro no console com a mão boa, porque qualquer chance que ele teve foi desperdiçada, e o esforço para conquistar essa torre desde o início não fez porcaria nenhuma para ajudar a Nova República e...

Com o último soco, o console subitamente se ilumina.

– Mas que...

Do lado de fora da janela, os canhões duplos se ajustam para acompanhar o alvo.

A torre inteira treme quando a arma dispara, enchendo a cabine com a luz intensa e demoníaca de tiros de turbolaser.

Está indo bem. Bem demais. Sloane sente o nó do pavor no estômago, que fica mais apertado quando Morna se vira e diz, com o cenho franzido:

– Temos um problema, almirante.

É lógico que temos.

– O que foi, piloto?

– Uma frota rebelde entrando no espaço acima de Akiva.

Uma escolha de momento totalmente horrível.

– Qual o tamanho?

– Suficientemente grande para ser um problema.

– Vamos simplesmente chegar em segurança à *Vigilância*, Morna. Depois, nós podemos...

A tela da piloto começa a piscar novamente.

– O que foi *agora*? – dispara Rae.

Os olhos de Morna se arregalam com pânico e confusão.

– Uma de nossas torres, na superfície. Está nos acompanhando. Está prestes a...

A nave treme. A cabeça de Rae é jogada trás, e ela cai da cadeira. Tudo fica escuro.

Lasers queimam o ar acima da cabeça de Temmin. Ele corre, abaixa-se e mergulha de barriga para evitar ser cozido. O garoto rola para cima e ergue as mãos para se render...

Mas nota que os stormtroopers não vão deixar que faça isso.

Os soldados erguem os fuzis novamente.

E a parede ao lado deles subitamente desaparece.

A nave balança com força para a direita ao ser varada por um clarão intenso, que rasga a parte inferior e leva a parede, o piso e os imperiais embora – o que sobrou deles sai voando pelo buraco aberto. O vento uiva, como o lamento de uma fera. Quando o corredor inteiro se despressuriza, Temmin também começa a se sentir puxado pelo vento; ele agarra a maçaneta de uma cabine, bem no momento em que o iate passa a mergulhar. Luzes são arrancadas das paredes e sugadas para o redemoinho de nuvens. Em ambas as pontas do corredor, portas pressurizadas começam a se fechar, a fim de selar o meio da nave.

Temmin abre a porta da cabine com um chute e se afasta dos ventos uivantes, que ainda tentam sugá-lo para o vazio. Ele se joga lá dentro.

Soam sirenes de emergência. O console da nave se acende em uma série de clarões assustados. Rae ergue o corpo até a cadeira novamente. Morna jamais abandonou a dela. Os braços da piloto estão estendidos, e os tendões no pescoço estão rígidos como os cabos de uma ponte pênsil. Ela luta para manter o iate voando, mas a nave começa a mergulhar e Morna puxa os controles, erguendo novamente o nariz do iate.

– Relatório! – exige Sloane.

– Meio ocupada, almirante! – rosna Morna, com os dentes cerrados.

Rae quer dar uma bronca, mas a piloto está certa. Em vez disso, a almirante aciona uma tela e vê que o dano foi bem no meio da parte inferior do iate. Perto de onde ficam as cabines do primeiro piso. As duas metades da nave estão se fechando com portas pressurizadas, o que significa que eles ainda não estão mortos e ninguém tem que abandonar o iate; porém, *também* significa que a parte frontal do veículo, onde Rae está agora, está isolada e, na verdade, *inacessível* para quem quer que esteja na parte traseira. E o meio da nave é uma terra de ninguém.

A nave balança e treme, como se estivesse prestes a se desmantelar.

– A atmosfera é turbulenta aqui em cima – alerta Morna. – Pode nos fazer em pedaços. Quase em órbita. *Quase lá.*

– Mantenha a nave intacta – exige Rae.

Se há alguém que pode fazer isso, esse alguém é Morna.

As luzes emitem um zumbido e piscam. Elas se apagam, depois brilham em tom vermelho de emergência, voltam a acender e se apagam novamente.

Jas não sabe o que aconteceu, mas a melhor hipótese é de que eles tenham sido atingidos. Ela está surpresa por ainda estarem voando. O fato de essa ser uma nave bem grande ajuda, mas, mesmo assim, eles têm sorte de o iate inteiro não ter sido dividido ao meio, e de que ambas as partes não tenham simplesmente mergulhado em direção ao planeta.

O pânico se espalha pelas fileiras imperiais agora. Estão todos murmurando, em desespero. Crassus se queixa sobre o iate. O conselheiro, Yupe Tashu, reza em algum idioma herege para suplicar a qualquer que seja a Força Sombria que ele costume invocar em momentos de crise. Shale está simplesmente inclinada para a frente, com a cabeça entre as pernas, como se fosse vomitar. Sendo general, ela está acostumada, na maior parte do tempo, a estar no solo, ou enfurnada em uma sala de guerra em algum lugar. Ela não é um soldado, ou pelo menos não o tem sido há anos.

Quanto a Jas, a caçadora de recompensas apenas fica sentada, imóvel.

Como Pandion, que parece odiar Sinjir de verdade. O sentimento está ali, visível na forma como ele olha fixamente para o ex-agente. Os olhos negros de Pandion são como um par de canos de uma arma de raios pronta para disparar.

Um stormtrooper entra.

– Estamos separados da frente da nave. As portas pressurizadas nos isolaram.

Pandion, sem tirar o olhar de Sinjir, pega o comunicador e fala no aparelho:

– Almirante Sloane, a senhora está aí?

O comunicador estala. A voz de Sloane surge: entrecortada, cheia de estática, mas presente.

– Moff Pandion. Estamos ocupadas no momento.

– Devemos supor que vamos morrer? Esta nave tem cápsulas de fuga, não tem?

A voz de Sloane retorna.

– Estamos a salvo. Quase em órbita. Paciência.

Jas não sabe o que está acontecendo, mas o caos meteu a mão na situação.

E, no caos, surgem as oportunidades.



INTERLÚDIO
CIDADE DAS NUUVENS
DE BESPIN

– Eles estão vindo! – grita Borgin Kaa para a jovem namorada, a dançarina Linara.

Ela responde com um olhar de pânico, enquanto Borgin aponta para a porta da frente do domicílio de luxo. Uma fila de faíscas sobe pela borda exterior da passagem trancada magneticamente. As fagulhas brilham intensamente, seguindo com a velocidade e a perfeição de uma mão confiante e experiente.

O velho tateia a mesa do saguão e encontra um vaso de cerâmica da Era Vinzor. É um artefato de vários milênios de idade, que remonta à Velha República. Ou pelo menos foi o que lhe disseram. Tudo que importa para ele – ou importava – é que o vaso tem algum valor, pela forma como é incrustado com lacita azul, como se fossem teias reluzentes de um tom azul-celeste intenso.

Borgin odeia fazer isto, mas ele mete a mão no vaso.

É uma arma, pensa ele. Não um artefato antigo e valioso.

O coração dispara no peito.

Será que ele tomou o remédio hoje de manhã? Ou se esqueceu?

Será que ele vai morrer?

Não! Eu vivi até hoje. Estou na lista. A Cidade das Nuvens se tornou um destino e tanto para quem procurava implantes raros: novos olhos, mãos feitas sob medida, sistemas de órgãos totalmente renovados para qualquer humano ou alienígena que pudesse pagar. Borgin precisa de um coração novo. Ele estava na lista, e torce para que ainda esteja. Porém, os vilões rebeldes atrapalharam tudo: o Império interveio e assumiu o controle do setor, e agora todos aqueles implantes estão parados.

Os imperiais darão um jeito nisso. O Imperador garantiu a paz na galáxia.

As brasas dançam a curva final da porta, e depois descem ao chão.

A passagem assovia e abre de lado.

Através da fumaça, Borgin vê a silhueta dos invasores. Linara grita, e ele grunhe e lança o vaso com força. A peça erra o alvo e bate ao lado da porta,

sem sequer se quebrar. O vaso simplesmente emite um som seco e cai no chão.

Aparentemente, os Vinzors sabiam como fazer um vaso.

As figuras invadem o cômodo, com armas de raios em prumo. Duas delas Borgin não reconhece: uma Devaroniana e um DAP – droide assistente pessoal – desengonçado e rangente, em cuja placa facial prateada e suja alguém pintou uma caveira negra.

Os outros dois, Borgin reconhece. Um deles é o criminoso local Kars Tal-Korla, também conhecido como o Flagelo da Cidade das Nuvens. É difícil não o reconhecer. Ele está em todo pôster e holovídeo de advertência ali na cidade! O Império quer muito Tal-Korla, e aqui está ele, dentro do próprio apartamento de Borgin, usando a sua armadura característica: uma mistura incompatível de retalhos de armaduras mandalorianas, corellianas e até de peças de troopers imperiais como bônus.

Ao lado dele, porém, está a verdadeira surpresa.

Jintar Oaar, um Onderoniano como ele. Rico além da conta. Um dos moradores ali nos níveis de luxo da Cidade das Nuvens, ao lado de Borgin.

Um amigo. Ou alguém que *foi* um amigo, antigamente.

– Você – diz Borgin, apontando um dedo grosso para o homem.

Jintar, aquele bonitão desgraçado. Barba bem-aparada. Olhos como nuvens cinzentas. Até as feições do seu rosto parecem ilustres.

Mas, quando Borgin aponta o dedo acusador, a Devaroniana intervém, pegando o dedo e dobrando-o para trás. A dor é como um raio que sobe até o cotovelo de Borgin. Ele urra de uma maneira vergonhosa, soltando um guincho agudo, suíno, parecido com o som que um Ugnaught faz quando cai dentro de máquinas. Depois, fica de joelhos, enquanto a Devaroniana usa a outra mão para enfiar o cano do fuzil de raios na sua testa.

– Espere – fala Jintar.

Ele estica a mão para pegar o punho da Devaroniana, e ela sibila para Jintar, como uma serpente. Ele para o gesto, mas diz a ela:

– Deixe-me falar com Borgin.

Kars concorda com a cabeça.

– Deixe os dois conversarem – ele diz. – Mas estamos com o cronograma apertado aqui; portanto, seja breve. – Ao droide assistente, Kars vocifera: – Encontre aquele painel de acesso.

Painel de acesso? O olhar de Borgin acompanha o droide, que sai bamboleando do saguão e entra no corredor. Mas, antes que ele possa ver aonde o homem de metal está indo, a Devaroniana pega Borgin pelo queixo com violência, virando o seu rosto para ela.

– Seu amigo quer falar com você.

– Bor – diz Jintar, depois de se ajoelhar. – Preste atenção. Mentiram para nós. Adelhard isolou o setor inteiro. Enormes cercos, com um remanescente imperial desorganizado. Mas não é assim que eles mantêm o controle. Eles mantêm o controle mentindo para nós. – Ele respira fundo. – O Imperador está morto, Bor. Foi confirmado.

– Mentiras – rosna Borgin. – Claro, é nisso que uma pessoa como *ele* quer que você acredite.

Ele aponta com o queixo para Kars, o rebelde. O pirata desmazelado na armadura de retalhos não faz nada além de balançar a cabeça e olhar para ele, com desprezo.

– Eu vi os holovídeos – diz Borgin. – Você também viu. Palpatine está vivo e bem em Coruscant e...

– Aquele é apenas um dublê. Um substituto. *Um ator*.

– Não. São mais mentiras rebeldes.

– Fizemos a comparação. Os vídeos não batem. Essa... *pessoa* em robes negros não é Palpatine. Queixo diferente, gestos diferentes. Uma cópia barata.

– Você é um traidor.

Jintar faz uma expressão de decepção, com um olhar triste.

– Não, Borgin. *Você* é o traidor.

– O Império tem sido bom para nós.

– Sim, mas não tem sido bom para todos os demais. E as pessoas honradas da galáxia vão perceber isso. O que significa que estou cobrando uma atitude sua. – Jintar fala em um tom de voz brando. Aquele homem conseguiria convencer um cão-slakari a largar uma carcaça podre. – Nós poderíamos contar com a sua ajuda.

Ajuda. Eles querem a ajuda *dele*?

Isso não vai acontecer. Borgin ruge; ele participou de algumas brigas nos velhos tempos, quando era um jovem barão da mineração na lua de Sevarcos. Obviamente, Borgin está mais velho agora, bem mais velho, e pesado, mas ele avança para o alto e dá uma cabeçada em Jintar...

Estrelas explodem no fundo dos olhos de Jintar, que cai sentado. Alguém tenta segurá-lo, mas ele grita e afasta a mão.

Jintar faz uma cara de dor, e a testa já mostra o florescer de um futuro hematoma. Borgin, porém, sente o gosto de sangue.

É a vez do rebelde. Kars entra em cena. Uma imagem borrada. Borgin pestaneja. O pirata coça a barba rala e gira a pistola na cintura.

– Vamos resolver essa questão na conversa. Você tem um painel de acesso nos fundos, ligado ao mesmo conduíte que leva aos aposentos do governador Adelhard, na torre principal. Precisamos daquele painel aberto. Você nos fornece o código, nós ficamos contentes. Você não nos fornece o código, nós temos que fazer tudo por conta própria. – A boca de Kars forma um sorriso afiado e cruel. – E nós *não* ficamos contentes.

– Brutamontes! Valentões! *Criminosos*.

Kars suspira.

– Muito bem, então. Rorna?

Ele acena com a cabeça, e a Devaroniana mete um soco na lateral do corpo de Borgin. Ele geme e se debate. Jintar pega as mãos de Borgin e as vira para trás das costas. Ele sente as mãos serem enfiadas dentro de alguma coisa. Um

saco de tecido. Uma meia, talvez. Depois, vem o barulho de fita adesiva sendo puxada do rolo, enquanto é passada em volta dos pulsos.

– Linara! – berra ele. – Linara, salve-me!

Mas a namorada simplesmente encara Borgin, da mesma forma que uma mãe desapontada olha para uma criança encenqueira.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer? – pergunta Linara a Kars.

O pirata ri; em seguida joga para ela um rolo de fita adesiva.

– Por que não fechar esse duto de ventilação furado que ele chama de boca?

– Linara, eu fui bom para você – reclama Borgin. – Nós nos amamos. Não faça isso comigo. Eu vou castigar você! Vou castigar a sua família inteira! Vou acabar com os empréstimos deles e jogar credores contra eles e...

Linara mete a fita na boca de Borgin. E não para por aí. Ela dá uma, duas, três voltas de fita na cabeça dele. Parece que Linara está curtindo aquilo.

– Mmf! *Mmf*.

Tradução: *O Imperador vai arrancar a cabeça de vocês por isso.*

Kars acena com a cabeça. Do fundo do domicílio, vem o som de uma broca girando. Kars leva um comunicador de pulso à boca.

– Diga a Lobot que teremos que fazer isso da forma complicada.

– Nós poderíamos arrancar o código dele, sob tortura – fala a Devaroniana, em um tom mais baixo. – Seria um grande prazer – ela completa, com um sorriso selvagem.

O pirata a dispensa com um gesto. Depois, fala longe do comunicador:

– Não, temos instruções específicas. Sem travessuras desse tipo. Temos que manter a situação sem sujeira, completamente honesta e legal. Blá-blá-blá, a Aliança não age “assim.” – Depois, volta a falar no aparelho no punho: – Sim. Sim, estou ouvindo. Diga para Lobot ficar de prontidão, com uma equipe de invasão. E mande uma mensagem para Calrissian. Diga que estamos quase dentro, e que ele pode transferir os créditos... – Kars faz uma pausa. – Não, sabe do que mais? Diga que estamos fazendo essa aqui de graça. Por conta da

casa. Ele e os seus amigos da Nova República me devem um favor. Faça questão de enfatizar isso. Um *grande* favor.

Escória. Escória!

Jintar se ajoelha mais uma vez.

– Você está do lado errado da história, Bor. Jamais entendeu que a galáxia era mais do que um único homem.



C A P Í T U L O

35

E assim, do nada, o céu azul-claro da atmosfera dá lugar às matizes de escuridão do espaço; e as matizes também somem, deixando de ser parcialmente sombras e tornando-se, finalmente, o breu total. O vácuo reconfortante. Porque é isto que ele é, para Rae: um vazio reconfortante. Aquela vastidão provoca uma pausa em Rae. A infinidade de tudo aquilo. Ela se sente pequena dentro do espaço, mas também suficientemente poderosa para ser importante dentro dele.

No momento, porém, ela não encontra conforto algum, porque, diante deles, a guerra se alastra na escuridão.

É uma batalha de pura força bruta. Sem elegância, nem autocontrole. De um lado, um trio de destróieres estelares disparando uma salva de tiros atrás da outra. São ataques lançados contra a frota rebelde invasora: cinco naves, todas menores que os destróieres, mas não menos potentes. E, entre as duas frotas, um enxame de naves, como revoadas de pássaros noturnos, trocando disparos. Alguns queimam intensamente enquanto rodopiam como fogos de artifício que estalam e giram após serem acesos por crianças gargalhando.

Ela morde o lábio.

– Como estamos indo? – pergunta Rae a Morna.

– Estamos nos arrastando pelo caminho – responde a piloto.

– Arrastando ou correndo, só nos leve para casa.

A comandante Agate está tremendo.

É normal, pelo menos para ela. A batalha ali começou, e, no começo de qualquer batalha, Agate treme. É a combinação de nervos de guerra agitados e da onda de adrenalina que a atinge, como raios causando uma sobrecarga no sistema. Durante anos, ela tentou esconder isso. Agate tomou remédios para acalmar as mãos. Tentou se manter escondida e sozinha durante os primeiros momentos de uma batalha, porque não podia permitir que qualquer um a visse nesse estado. A tremedeira era um sinal de fraqueza. Porém, com o tempo, Agate se deu conta de que exibi-la – e não se importar com quem se importava – era um sinal de força.

Portanto, agora ela treme e deixa acontecer. É uma parte natural de quem ela é, como guerreira e líder de soldados.

Agate se acalma ao encarar a escuridão e voltar o olhar para o mapa de combate projetado holograficamente sobre a mesa. Todas as peças se movimentam como devem. Parece uma dança caótica, mas que tende a seguir um tipo de ordem especial e preciosa.

Agora, porém, surge um novo sinal.

Ela toca o ar e dá zoom no penetra.

Um iate? Penetra e inesperado.

Imperial? Ou pode ser algum barão de terras Akivano azarado, que resolveu fazer uma rápida escapada durante... uma batalha espacial em andamento? Ou é um idiota ou um gênio pilotando aquela coisa. Agate pede que o alferes Targada – um Klatooiniano bruto, com a testa alta e a boca carrancuda, um escravo ruidosamente leal à Nova República – calcule a trajetória da nave.

– Está indo em direção àquele destróier estelar – responde ele.

Uma nave imperial, então.

Abatê-la?

Ela hesita. As coisas são mais lentas do que se imaginava que fossem; enormes naus capitâneas disparam uma salva de tiros atrás da outra entre si, enquanto os caças mergulham e rodopiam entre as estrelas. Um raciocínio cauteloso pode ser uma vantagem à parte. Mas a hesitação pode se tornar rapidamente um perigo.

Targada parece ecoar a pergunta de Agate:

– Concentrar fogo no iate?

– Não – responde ela, rispidamente. – A nave está danificada. Pode conter dados de grande valor. Destruí-la significa destruir informações que podem ser úteis para nós. – Agate xinga baixinho. Em uma situação ideal, eles mergulhariam e capturariam a nave, mas a batalha não permite uma manobra tão precisa assim. – Vamos acabar com as opções de pouso do iate. Concentre fogo naquele destróier estelar. Se não tiverem um lugar para pousar, eles se tornarão uma captura fácil.

O homem estranho estrangula Temmin. Ele tem bochechas rosadas, o nariz com verrugas e o rosto marcado por pústulas, e veste o uniforme de couro de um piloto.

– O que está acontecendo? – pergunta o sujeito. As luzes se acendem e se apagam. – O que está acontecendo com a minha nave, seu pivete?

Temmin o empurra.

– Sai! De mim!

O homem rosna.

– É melhor você me contar o que aconteceu. Você fez alguma coisa? É um insurgente? Um terrorista rebelde? Escória. Escória!

E, então, ele avança contra Temmin. O garoto berra e devolve um soco. O nariz do homem estoura como uma espinha, e ele cai choramingando.

– Minha nave. Minha nave!

Temmin não tem tempo para isso. Ele olha ao redor, mas os olhos têm dificuldade em se ajustar, com as luzes piscando daquela forma. O piloto começa a rastejar em direção à porta, e Temmin anda e se ajoelha em frente a ele.

– Lá fora da cabine é a morte. Ouviu? Morte.

– Você não sabe do que está falando. Eu preciso chegar à cabine de comando! Eu sei pilotar esta nave. Eu. Apenas eu! Sou um bom piloto. Ou... era. Antigamente.

– Então, precisamos chegar lá. As portas pressurizadas foram fechadas, seu cabeça de nerf. Você conhece esta nave? Diga-me como chegar... a algum lugar, *qualquer* lugar.

O homem geme ao se levantar. Os ossos e as juntas rangem e estalam.

– Empurre... empurre aquela cama lá. Deve haver uma escotilha de manutenção ali embaixo, mas eu não tenho uma ferramenta para abri-la.

Será que ninguém jamais está preparado? Temmin revira os olhos e solta a ferramenta multiuso do cinto. Ele empurra a cama. Dito e feito: há ali uma comporta baixa com parafusos lisos, que vão exigir tempo. Temmin começa a trabalhar.

Pandion fica de pé. Norra observa o homem dar passos lentos na direção de Sinjir, em quem ele parece estar especialmente concentrado.

– Você foi um imperial antigamente – diz Pandion. – Um agente de lealdade, correto?

– Correto – responde Sinjir.

– Que ironia, então. Que a sua própria lealdade esteja agora sob suspeita.

– Na verdade, não. Desde o início do meu treinamento, fui ensinado a enxergar a fraqueza nas outras pessoas. Foi apenas uma questão de tempo até que eu pudesse enxergar a fraqueza no Império inteiro. – Sinjir sorri, com os

dentos sangrando. – Observe atentamente e você verá que a coisa toda está tomada por rachaduras e fendas.

Pandion aproxima-se mais, com um passo lento e calmo. A crueldade brilha nos seus olhos, pulsando e reluzindo como as luzes no teto.

– A única fraqueza no Império são homens como você. Homens que não estão suficientemente comprometidos. Homens que traem uma causa por um defeito dentro deles. Corações feridos e mentes apequenadas. O Império fica mais forte quando idiotas como você caem.

Mesmo com as mãos atrás das costas, Sinjir consegue dar de ombros.

– Ao que me parece – fala ele –, a fraqueza no Império são homens como você, moff Pandion. Idiotas insignificantes e ineficientes. Homens que desejam mais ser líderes do que *liderar* de verdade. E, além disso, o que é um *moff*, exatamente? Um mero chefe de setor. Até o nome soa fraco. *Moff. Moff.* É o som que um cachorro faz quando regurgita o jantar...

Paf. Pandion dá um tapa em Sinjir.

Um filete de sangue desce do lábio para o queixo do ex-imperial. Sinjir lambe o sangue.

– *Moff, moff, moff* – repete ele, debochando.

– Sinjir, não... – alerta Norra.

Mas é tarde demais. Pandion está em cima dele novamente, e desta vez o moff levanta Sinjir pelo colarinho do uniforme roubado de oficial. Ele bate uma, duas, três vezes, e a cabeça de Sinjir pende para trás nos ombros.

– Pare! – berra Norra. – Pare.

Pandion rosna para ela.

– Cale-se, escória.

Sinjir aproveita a oportunidade. Ele cospe um dente, um dos seus, na cara do moff Pandion. O dente quica no espaço entre os olhos do imperial, e, enquanto ele pisca, surpreso, Sinjir dá-lhe uma cabeçada.

Crack.

Pandion cambaleia para trás. Dois filetes de sangue descem do nariz, e o rosto se contorce em um nó horrível.

– Seu traidor. – Pandion limpa o sangue do nariz, depois saca a arma de raios. – Você não chegará vivo ao julgamento.

– Deixe que eu faça isso – Jas se manifesta.

Pandion franze os olhos.

– O quê?

– Eu faço isso. Pelo preço certo.

– Preço? Depois que você se uniu a *este* bando?

– O prêmio pela sua cabeça era bom demais, Pandion. Mas tenho certeza de que haja créditos mais do que suficientes para me recompensar. Olhando apenas para este iate, posso ver que estamos a bordo de uma nave de banco. Certamente você está disposto a me pagar mais do que a Nova República me ofereceu para capturar você.

– Me capturar?

– Você era o motivo de tudo. Há uma recompensa muito grande.

Ele dá um sorrisinho, um misto de arrogância e de desprezo.

– Sim, eu deveria ter contado com isso. Qual era o tamanho da recompensa?

– Dez mil créditos.

– Deveria ter sido maior – reclama Pandion. – Ainda assim, eu lhe darei vinte mil créditos do bolso de Arsin Crassus para executar este traidor. Aqui, agora. O que me diz?

Crassus fica de pé, vociferando como um idiota.

– O quê? Você não pode. Eu não fiz essa oferta!

– E, no entanto, acredito honestamente que você não negaria isso ao Império – diz o moff Pandion, apontando a arma de raios para Crassus. – Certo?

– Ah... certamente. O que é meu é de vocês.

Pandion ri.

– Ótimo. – Ele gira a arma de raios e se aproxima de Jas Emari, oferecendo a ela a pistola. – Aqui está, Zabrak. Pegue. É sua. Ah, o que é isso? Suas mãos estão presas? – Pandion estala a língua. – Que vergonha. Acho que não temos um acordo, então, porque o Império não *faz mais* acordos com caçadores de recompensas.

Ele recolhe a arma de raios e faz um gesto para golpear Jas.

Norra grita.

Mas Jas é rápida. As suas mãos estão livres, de alguma maneira. Ela pega a mão de Pandion, torcendo o pulso. O moff grita; ela arranca a arma, gira o corpo de Pandion e aponta a pistola para a cabeça dele.

– Ninguém atire, ou eu arranco o topo da cabeça dele com a sua própria arma de raios – avisa Jas.

Jylia permanece sentada; Crassus, de pé. Stormtroopers e guardas imperiais apontam as armas para ela, mas Pandion faz um gesto para dispensá-los, dizendo:

– Não. Não. Esperem. Abaixem as armas. Deixem que ela fale.

Norra pensa: *Como ela se soltou?*

Mas eis que Sinjir se aproxima, e as algemas dele também caem dos pulsos.

De repente, uma voz chama embaixo de Norra. Ela se vira e olha, vendo um par de olhos observando tudo através do duto de ventilação que percorre o aposento inteiro, na emenda entre a parede e o piso. Uma pequena ferramenta multiuso se estica pelo duto. Norra ouve a voz:

– Mãe, aproxime mais os pulsos. Eu consigo arrombar a tranca.

Na parte dianteira do iate, um caça TIE rodopia na direção deles, com fogo saindo de uma lateral para a bocarra impiedosa do espaço. Morna puxa o manche e tira o tijolo voador do caminho bem a tempo. A própria nave treme quando o TIE explode em algum ponto fora do alcance da visão.

Adiante, um par de TIEs persegue um X-wing rebelde. Eles avançam e mergulham. Depois das naves está o destróier estelar *Vigilância*. *Não está longe agora*, pensa Rae.

Ela chama Tothwin pelo comunicador. O rosto nervoso do tenente aparece na tela.

– Estamos chegando – fala Rae. – Baía G2D1.

– É claro, almirante. Estamos sofrendo muitos danos, e os escudos...

Morna se debruça.

– Estamos chegando com tudo. Eu não consigo desacelerar este troço. Algo está queimado.

– Deixe droides extintores à mão – acrescenta Rae –, estamos chegando...

De uma das fragatas rebeldes, um enorme disparo desenha um arco no espaço e atinge a *Vigilância*. Surge uma rajada de fogo e destroços na tela que mostra a ponte. A imagem de Tothwin se dissolve, e a conexão some.

– Almirante? – pergunta Morna. – Não podemos pousar. A *Vigilância*...

– Sobrevive, por enquanto. O plano é o mesmo.

– Almirante, eu aconselho veementemente...

– Eu tenho um plano. Entre no destróier. Na mesma baía. A *Vigilância* ainda sobrevive, e eu tenho um plano.

A tensão no ambiente é tão alta que, se caísse um alfinete, todos seriam capazes de disparar as suas armas de raios. Jas está com a pistola de Pandion enfiada na têmpora dele e a outra mão no pescoço do homem. Norra está de pé agora, retirando as algemas. Sinjir ajuda Temmin a sair do duto de manutenção no meio do piso. Norra corre, pega o filho e dá nele um abraço forte e longo.

– Que emocionante – debocha Pandion. – E você, caçadora de recompensas? Você tem uma única arma, e uma dezena de outras apontadas na sua direção.

– Esta única arma está apontada para a sua cabeça – responde ela.

– Ah, sim. Mas e *depois*, exatamente? Nós pousamos... e você continua com essa ameaça? Em algum momento você acabará encontrando alguém que não se importará que eu viva ou morra.

– Eu diria que já encontramos várias pessoas assim.

Ele dá um muxoxo de desdém.

– Essa farsa é temporária. Qual é o seu plano?

Jas dá um sorriso selvagem e lambe os lábios.

– Eu não tenho um plano. O que eu tenho é a *sua* arma de raios, os *meus* amigos e a sorte ao nosso lado. Além disso: somos muito bons em improvisar, como você bem pode ver.

– Você pagará por isso.

– Não – fala ela. – Nós *seremos pagos* por isso.

Rae coloca o cinto de segurança.

O destróier estelar se aproxima cada vez mais. A baía G2D1 espera coberta pelo leve brilho azul dos escudos. Escudos que ela acredita que estejam falhando, o que significa que, em breve, a *Vigilância* deixará de existir.

– Eu confio que você não nos matará – diz ela para Morna.

A piloto concorda com a cabeça.

– Esse é o plano.

Morna torce o rosto ao apontar o iate para a frente da baía. Rae sente a velocidade agora, vê tudo se aproximando rápido, rápido demais, e o convés vem correndo...

O iate atinge o convés com força. Rae é tomada pela dor, uma dor que passa pelos pulsos e pelo pescoço, quando as forças-g ameaçam despedaçá-la. O iate pousa com violência, e, no momento em que as luzes se apagam novamente, tudo que a almirante ouve é o rangido de metal sobre metal, enquanto a nave inteira vira de lado e desliza velozmente, sem empecilhos, pela baía do destróier estelar.



C A P Í T U L O

36

Bzz. Bzz.

Faíscas surgem na escuridão, vindas de circuitos que estalam e zumbem. Painéis balançam, pendurados por fios soltos. Uma névoa de fumaça enche o ar, que cheira a duelo pela supremacia: o fedor de metal quente, o odor de plástico fundido. Um terceiro fedor: ozônio elétrico.

Luzes vêm de fora. Berrantes, brilhantes e artificiais.

Norra grunhe e se levanta do chão desigual, procurando entender o que aconteceu; mas ela não leva muito tempo para se dar conta, já que esteve nessa situação muitas vezes antes: *caímos na terra*.

Sob ela, Temmin está caído, sem se mover.

Oh, não.

– Temmin. Temmin! – Ela o puxa, e ele de repente inspira o ar com força, arregalando os olhos. Ela ri e o traz para perto.

– Ai – ele diz.

– Sinto muito.

– Não, *eu* sinto muito.

– Agora, não – ela diz. – Mais tarde; agora temos que...

Alguém se move por ali. Os olhos de Norra se ajustam e ela vê Jas espreitando em meio à sala em ruínas, emergindo de uma espiral de fumaça preta. Ela para sobre um corpo, aponta a arma para baixo e atira.

O raio azul de um disparo, ajustado para atordoar, chilra pelo ar. Quem quer que esteja ali caído estremece e fica mole.

Jas levanta os olhos e vê Norra. Ela oferece a mão e a ajuda a se levantar; depois, faz o mesmo com Temmin. Para o garoto, a caçadora de recompensas diz:

– Você está atrasado.

– Jas, desculpe, eu não queria...

– Pode parar aí, está tudo bem.

Atrás deles, ouvem uma tosse e uma cusparada, antes de Sinjir dizer:

– Sim, por favor. Eu não estou morto, mas ainda posso engasgar com esse seu sentimentalismo barato. Não sei dizer *exatamente* o que aconteceu, mas eu apostaria uma boa grana que não devemos fazer nenhum movimento brusco.

– Você fala demais para quem não deveria fazer nenhum movimento brusco
– Jas diz.

– E você certamente gosta de uma retórica desnecessária...

– Foco, pessoal. Qual é o nosso status? – Norra interrompe.

– Caímos – Jas diz. – Obviamente – ela complementa, ao gesticular com o pé na forma de um chute leve. – Esse corpo pertence ao conselheiro Yupe Tashu, agora atordoado. Também dominei Jylia Shale, a general. – Jas aponta para ela, e Norra nota uma figura amontoada. – Além dela está Crassus. Ele não sobreviveu, bem como a maioria desses stormtroopers.

Um deles começa a se levantar e Jas dispara um raio atordoante contra ele, que bate de volta para o chão com um gemido vindo do fundo da garganta.

– E Pandion?

– Se foi.

– Venha – diz Norra, com um aceno de cabeça.

Eles seguem em direção ao fundo da sala e juntos empurram para o lado um entulho de metal, liberando a entrada da luz, e, então, abrem parte do casco, apenas o bastante para que possam sair dali.

Lá fora: a entrada da doca, um retângulo voltado para o espaço. É uma batalha espacial: naves da Nova República lançam saraivadas dos seus canhões. As trevas ficam acesas com o vigor da guerra.

Lá dentro: a doca do destróier estelar imperial. Um alarme ressoa e toda a nave balança e vibra.

Um interceptador TIE passa gritando pela porta de entrada, perseguido por um par de A-wings em formato de setas. Norra pensa: *Eu queria estar lá fora.* Um velho sentimento. Um sentimento de medo, mas ao mesmo tempo de ansiedade e atração.

– Vejam – Temmin diz. Ela acompanha o que ele aponta...

Do outro lado da doca, Norra vê uma linha de transportes de classe lambda e um par de caças TIE. Um dos transportes levanta voo.

– Você. – Norra aponta para Jas. – Leve os outros. Pegue os seus “prêmios” e coloque-os a bordo de um desses transportes espaciais. Você consegue pilotar, certo?

– Não tão bem quanto você, acho, mas creio que seja capaz, sim – Jas confirma.

– Capaz – Sinjir diz. – De novo isso.

– Você ajuda Jas, Sinjir. Temmin, preciso que você faça algo realmente importante. Está ouvindo?

– Tá... tá bom. Diga.

– Volte até o iate e encontre o capitão Wedge Antilles. Entendeu? Encontre-o e tire-o de lá. – *Por favor, que ele esteja bem depois de tudo isso...*

Temmin pergunta:

– Mãe, o que *você* vai fazer?

– Vou pegar um desses caças TIE e vou atrás *daquela* pessoa, quem quer que ela seja – ela responde, apontando para o transporte que passa rugindo sobre eles, disparando os canhões. Norra empurra os outros para trás dos escombros

do iate, conforme os disparos de raios formam uma linha de crateras ao longo do chão da doca, antes de o transporte voar em direção à saída e para o espaço.

Norra não desperdiça tempo, pois não há tempo para ser desperdiçado.

Ela já está de pé, arremetendo para um dos caças TIE. No caminho, escuta o filho chamando, pedindo que ela não se vá, pedindo que não morra, pedindo que deixe aquilo pra lá. Mas Norra sabe que não pode, sabe quem ela é e o que ela faz. E é isso. É hora de voar uma vez mais.



C A P Í T U L O

37

Uma vez mais a quase lunática liberdade de um caça TIE. Norra mergulha a pequena nave imperial para dentro do turbilhão da batalha. Tiros de canhão passam em ambas as direções, e raios cruzam o vácuo diante dela. Ela procura pelas estrelas em busca da sua presa, e, logo que vê o sinal do transporte classe lambda lá fora no escuro, um X-wing chega arremetendo contra ela como uma ave de rapina; é então que ela se dá conta: *estou em uma nave imperial.*

Os Jedi são conhecidos por terem a Força. Ela não sabe se é isso real (embora Skywalker certamente faça parecer não se tratar de nenhum mito), mas sabe que não o tem. Só tem o que tem, ou seja, uma incrível habilidade de *desligar o cérebro*. Fazer a mente parar de tagarelar. Parar de pensar nos detalhes.

Parar de pensar e só *sentir*.

O X-wing desce sobre ela, que reage sem pensar, levando o caça TIE para cima, na direção contrária à do X-wing. Então, um Y-wing aparece na sua vista, e ela precisa dançar para frente e para trás com o caça TIE, de estibordo para bombordo e de volta, evitando os tiros que vêm na sua direção.

Ela aperta rápido o comunicador e sinaliza para os rebeldes:

– Aqui é Norra Wexley, Ouro Nove. Eu dominei este TIE. Repito: eu dominei este caça TIE.

Na sua cabeça, ela acrescenta: *Por favor, não me matem.*

A comandante Agate está de pé na ponte de comando da velha fragata de Alderaan, a *Solspiro*. Lá fora, ela observa a batalha se desdobrar. É fácil se perder encarando aquilo – não por não saber o que está acontecendo, mas por ser dragado para dentro de tudo, como um inseto em direção a uma luz de plasma. É hipnotizante, de certa forma. Aos poucos, ela percebe: *Estamos ganhando esta batalha.*

O que significa que estão ganhando a guerra.

Há, porém, uma nova pergunta a assombrar Agate, no fundo da mente:

E depois?

Atrás dela está o alferes Uray, um Pantorano, que diz:

– Estamos vencendo neste momento, comandante.

– Estarmos vencendo não significa que vamos ganhar. Mantenha a pressão, alferes.

– Sim, comandante. Há algo mais. – Uma pausa, então: – Há uma piloto lá fora em um caça TIE. Alegando ser... bem, uma de nós. Do Esquadrão Ouro.

– Isso parece improvável.

– E, ainda assim, é o que ela alega.

Agate pondera que pode ser uma armadilha. Mas com que propósito? Um único TIE poderia fazer o quê? Eles são máquinas de suicídio, mas por que esse ardil?

Seu estômago se revira ao dizer o caminho a seguir:

– Dê suporte a ela. Coloque-a na linha e vamos ver o que está acontecendo.

Conectar coordenadas do hiperespaço não é algo fácil de se fazer durante uma batalha espacial. Errar e colocar a nave em um espaço errado: o único lugar a que a pessoa vai chegar bem rápido é o túmulo. (Embora aqui Rae admita que, se é para morrer, melhor que seja no espaço. Nascida da poeira estelar, retornada à poeira estelar. Ela não liga muito para esse tipo de poesia, mas isso parece ter algum apelo para ela.)

– Quase lá – Rae diz. – Mantenha a gente voando, Morna.

A piloto dela assente.

No fundo do coração, Rae lamenta a perda daqueles que ficaram para trás. Adea em particular. Ela não sabe dizer se a mulher está viva ou morta. Adea certamente merecia a vida, mas, se a morte for o fim dela, terá sido uma morte nobre, a serviço do grande Império Galáctico.

A porta da cabine se abre com um silvo – o que é curioso, pois ela e Morna Kee são as únicas neste transporte... ou assim ela pensava.

Ela dá meia-volta, já sabendo quem vai encontrar: Pandion, com uma arma de raios na mão. Um fio de sangue escorre de um longo corte em sua testa. O nariz parece quebrado, a boca está cheia de sangue e o resto do seu uniforme parece sujo, cheio de poeira e esfarrapado.

– Você sobreviveu – ela diz.

– Sobrevivi – ele responde, com um curioso sorriso, que morre rápido no rosto. – Deixe-me dizer como isso vai acontecer: você vai até a *Dilacerador*, vai me levar até o destróier estelar, e então eu vou tomar o controle. Ele é meu, agora, almirante, não é mais seu. A última grande arma do Império está sob o meu controle, porque você é incapaz de usá-la.

O transporte desvia de uma saraivada de disparos que vem na sua direção. Rae se apruma na cadeira, e Pandion permanece de pé, olhando de soslaio, carrancudo.

– Seu idiota – ela diz. – Seu ansioso, tolo, egoísta. *Grão-moff. Bah.* Você imagina tanto, e está tão errado. A *Dilacerador* não é a última arma. Eu nem mesmo a controlo. Há algo... mais.

– Você não se refere a... – O rosto dele se contorce.

– Me refiro, sim. Ele não está morto.

– Mas você disse que ele *estava*.

– Eu menti. – Ela dá de ombros.

– Isso era... tudo parte do plano dele, não era? Eu deveria ter percebido. Caí em uma armadilha. Nós *todos* caímos em uma armadilha, sua traidora. Sua idiota, maldita traidora.

Pânico a domina, e ela pensa: *Não, não era para acontecer assim*. Porém, se dá conta de algo ainda mais terrível: *Mas, e se fosse?*

E se esse fosse o plano dele o tempo todo?

De repente, a nave se sacode. Morna, sem tirar os olhos do console, diz:

– Temos companhia de um caça TIE, que está atirando em nós! Bem como de outras naves rebeldes. Chegando.

– Novo plano, então – diz Rae, fazendo uma careta. – Talvez você queira apertar os cintos, Valco. Essa vai ser uma viagem sinuosa.

A sensação de estar voando de novo é boa. O caça TIE faz Norra sentir como se finalmente estivesse em equilíbrio. E logo ali na frente está o transporte. Ela dispara algumas vezes, mas o escudo defletor inimigo segura. Entretanto, eles não vão conseguir por muito tempo. Especialmente com o esquadrão de Y-wings vindo por trás dela, para suporte. No entanto, logo quando ela vê o transporte...

TIEs. Pululando como vespas sobre ela. Ela não aparece mais como um imperial no radar deles, e os inimigos disparam contra ela. Norra desvia, levando três atrás dela. O trio a segue como ímãs, em sua cola a cada giro, volta ou guinada; então, ela os traz de volta na direção dos Y-wings, os caças rebeldes que estão bem à frente.

No comunicador, ela diz:

– Continuem no alvo.

Parece uma missão suicida. Um jogo no qual ninguém parece disposto a recuar, jogado com o seu próprio povo, as próprias naves. Mas eles sabem o que ela está fazendo. Esse é um movimento ensaiado, e é um pelo qual os imperiais nunca esperariam.

No último segundo, ela arremete para cima. Os Y-wings abrem fogo e os TIEs são despachados, queimando em bolas de fogo.

Agora, de volta ao transporte.

Leva um instante até que ela possa encontrá-lo, pois o transporte tinha se desviado do curso inicial.

Ali. *Ali*. Indo em direção a outro dos destróieres estelares. O transporte desvia rumo à enorme nave imperial. Norra alinha as armas e começa a disparar.

Pandion tinha escolhido ficar de pé.

O que era esperado: ele não iria se sentar. Não se arriscaria a demonstrar fraqueza.

Rae pensa: *Isso será a sua queda*.

– Esse é o seu destróier: *Subjugador*. Vou tomá-lo.

Ele ri.

– Acho que você superestima a sua...

Rae se move com velocidade, pegando os controles de voo das mãos de Morna e puxando-os para a direita, o que faz a nave dar um giro rápido.

Pandion perde o equilíbrio. Morna assume a nave e, quando o moff se recupera, Rae já está de pé, lançando um soco no meio dele e começando a brigar pela arma nas suas mãos.

Ela dispara um tiro no estômago do seu adversário, chutando-o para fora da cabine.

A porta se sela por trás dele, e os dedos de Rae dançam sobre o teclado próximo, para garantir que fique fechada. Ele geme do outro lado, enquanto bate na porta.

A nave balança com o disparo do caça TIE.

– Vamos dar o que eles querem – Rae diz. – Que fiquem com esta nave e com Pandion. Vamos dar a eles um show.

Morna assente com a cabeça.

Ela começa a sequência de desprendimento, enquanto Rae insere os códigos de autodestruição na matriz de hiperdrive.

Tudo acontece de forma tão devagar e, ainda assim, tão rápida. Norra dispara os canhões do TIE contra os motores do transporte. Ela arranha os escudos como uma criança com um de seus brinquedos... e, então, acerta um tiro certo. Os motores cintilam em um azul brilhante, e ela espera que fiquem escuros.

Mas isso não acontece. Ocorre, sim, o oposto.

Eles entram em erupção, soltando raios crepusculares, e Norra tem que proteger os olhos. O transporte de repente cai para a esquerda, movendo-se não como uma nave, mas, sim, como um pedaço de detrito espacial, e ela percebe, tarde demais, que *vai explodir*.

E, de fato, o transporte explode. O veículo inteiro treme e detona, espalhando fogo pelo espaço aberto. Norra tenta mover o TIE para longe, virando os controles para manobrar com força e rapidez para estibordo, mas o fogo enche as janelas, e tudo balança. Faíscas sibilam pelo console, caindo sobre a sua cabeça. É então que ela pensa: *É isso, então, acabou...*

Pelo menos vou embora fazendo o que eu queria.

Pelo menos vou embora lutando.

Pelo menos Temmin sabe que eu o amo.

Eu amo você, Temmin...

E, então, ela se vai.



INTERLÜDIO
JAKKU

Este é um lugar morto, pensa Corwin Ballast.

Lá fora não há nada; é um nada extenso e infinito. A crosta seca do deserto, caudas de areia que passam chicoteando. Depois disso vêm as dunas, montes de areia vermelhos como fogo, que parecem correr para sempre sob aquele céu sem nuvens.

Atrás dele, tendas esfarrapadas e maltrapilhas. Apoiadas por pedaços de poste e vergalhões enferrujados, algumas delas estão dobradas com uma inclinação de artrite. O vento ameaça pegar a todas e levá-las embora, mas nunca o faz. Essas tendas estão ali há tanto tempo que se tornaram uma parte do mundo, assim como as pessoas.

Corwin sai da sua speeder, uma porcaria duvidosa comprada de uma dupla de eremitas de Tuanul. (Ele deu a eles mais do que precisava dar. Caridade. E o que isso importa agora, de qualquer forma?) Então, ele desce entre os catadores, os refugos, a escória da população da galáxia. Todos estão cobertos de poeira, e também de cicatrizes: marcados pela dificuldade do lugar. Um bruto de rosto redondo, com uma coroa de cabelo preto delgado e um corpo gordo envolto em panos, dá um passo diante dele, lambendo os lábios rachados e rindo.

– O que temos aqui?

Corwin, porém, conhece o esquema; não é nenhum idiota. Não mais. Ele engancha o polegar em torno da casa do botão do paletó e puxa a roupa para trás, mostrando um repetidor laser HyCor esguio, ordinário, com um respiradouro de cano.

Ao ver isso, o homem esfarrapado grunhe e volta a olhar ao redor, em busca de uma presa que não pique ou morda. Corwin, por sua vez, procura pelo bar.

Não há muito para se ver. O bar foi feito a partir de sucata; a coisa toda é deformada, distorcida e moldada em um meio-círculo áspero, tudo isso sobre a tampa de uma mina de concussão 323 Rakhmann. Poeira e areia silvam contra o dossel de metal fino.

Corwin puxa um banquinho enferrujado ao lado de um sujeito com cara de caveira e olhos de soquetes: um dos Uthuthma, com faixas de correntes formando um lenço e escurecendo sua bocarra cheia de dentes. O alienígena conversa com ele na sua língua:

– *Matheen wa-sha wa-sho tah.* – Se é uma colocação ou uma pergunta, Corwin não sabe dizer. Tudo o que faz é piscar e fazer um sinal de joia com o polegar levantado. O Uthuthma continua a encará-lo, com aqueles buracos vazios chamados de *olhos*. Então, vem um pigarro alto de trás do bar, e Corwin se vira para ver o barman...

É um sujeito grande, cujos músculos viraram gordura. O nariz é como uma árvore caída, e todo o lado direito da cara é salpicado com cicatrizes, algumas delas com caroços, com pedaços de cascalho e pedregulhos. Um dos pedaços de cascalho é maior que a unha do polegar de Corwin e está preso no rosto do homem do mesmo jeito que uma pedra se projeta do chão morto e seco.

– O que ‘cê vai tomar?

– O que ‘cê tem?

– Nada além de Néctar de Tranco, como chamam.

– Se você só tem uma coisa, então por que pergunta o que eu quero?

Os barman encolhe os ombros e bufa.

– As pessoas gostam da ilusão da escolha. Dá a elas conforto nesta época estranha.

– Então vou querer isso, meu bom homem.

– Bom homem – o barman murmura. Em seguida, derrama o líquido de uma velha lata de óleo em um pote menor e o entrega a Corwin. O suposto néctar é da cor de fluido hidráulico. E pedaços flutuam nele. Pedaços esponjosos, que giram.

– O que é isso?

– Néctar de Tranco, já disse.

– Não, quero dizer, o que é isso?

– Argh. Bom, eu não pergunto, sabe? Eles apenas trazem isso pra mim. Algo sobre raspar os montículos mortos de líquen das rochas. Ouvi que eles os conservam em barris de combustível, algo assim.

– Vai me deixar bêbado?

– Deixaria um verme espacial bêbado.

Corwin dá um gole e a bebida tem gosto azedo, com um sabor residual de óleo de motor. Não demora muito para que as suas gengivas comecem a ficar dormentes e que os seus dentes tremam. Tá bom, então.

O Uthuthma balbucia algo para ele mais uma vez:

– *Matheen bachee. Iss-ta ta-hwhiss.*

– Que a Força esteja com você, também – Corwin diz. A sua voz está mole, após o gole de Tranco. As palavras saem como brisa, e ele ri um riso louco, desolado e vazio. Como esse pequeno enclave. Como todo este planeta.

– Você não é daqui – o barman diz.

– O que me entregou?

– Não tem muita gente que seja *daqui*. A maioria... *acaba* aqui. Rejeitados, como tantas cargas inúteis. Jogados fora, como lixo.

Corwin dá de ombros, ri e bebe o seu veneno.

– Você é um cara estranho. Está procurando trabalho?

– Pode ser. O que tem por aí?

– Ah. *Pfft*. Não muito. A maior parte da mineração é feita do lado oposto, e mesmo isso é bastante escasso. Temos magnetita aqui, e bezorita, e tem também um papo de que há novos poços de gás kesium próximos a Cratertown, mas isso deve ser só um boato. E há por aqui os bandos de catadores. Ao norte daqui estão os Wheel Races. Você pode também fazer alguns votos e se tornar um monge eremita, mas, não, não você. Eu diria que você poderia ser um barman, mas acontece que esse trabalho já tem dono.

– Vou pensar a respeito disso, obrigado.

O barman continua em cima dele:

- Então, como você acabou aqui?
- Eu não “acabei aqui”.
- Não é daqui, não acabou aqui. Então, como terminou no Bar do Ergel?
- Você é o Ergel?
- Sou, sim.
- Bem, Ergel, eu vim para cá.
- Você veio para cá? De livre e espontânea vontade?
- De livre e espontânea vontade.

Ergel fica lá, encarando-o por uns bons dez segundos. Então, solta uma gargalhada. Uma grande, florescente e borbulhante risada, como se ele estivesse se engasgando com o próprio pulmão no processo. As bochechas se contraem, e a sua barriga salta para trás e para a frente.

– A galáxia é um lugar bem grande, meu amigo. Aberta como a bocarra cheia de presas de um nexu. A estrelas são infinitas. Os mundos são contáveis, mas não cabem em uma mão, nem em milhares delas. Entre tantos planetas, entrepostos, estações, espaçonaves e... – Ele ri mais. – Você veio para *cá*?

– Eu vim – Corwin assente.

– Por quê? Eu tenho que saber. Preciso entender o que leva um homem a fazer isso.

– *Matheen vis-vis tho hwa-seen* – diz o Uthuthma.

– Cale a boca, Gazwin – Ergel resmunga. – Deixe o homem terminar. – E, para Corwin: – Ignore o cara de caveira. Preciso saber.

Nesse momento, Corwin pisca algumas vezes. E, a cada vez que faz isso, vê tudo acontecer de novo, bem ali na sua cidade natal, bem em Maborn, em Mordal: a sua garotinha, caída na rua.

O leve respirar dela.

Os imperiais entrincheirados em uma extremidade da cidade e os rebeldes, em outra.

Corwin lá, de lado, escondendo-se atrás de caixas de suprimentos com a esposa, Lynnta, e de repente ela está correndo atrás da garotinha. E ele corre atrás dela, com força, gritando, esticando os braços...

Disparos de raios vêm de ambas as direções.

A cabeça de Lynnta quebra para um lado...

E, então, ela cai.

Corwin salta...

Porém, algo queima do lado do seu corpo, atravessando-o. Ele ouve o chiar e sente o seu sistema passar por um choque, como uma bomba detonando debaixo d'água. *Bum.*

Então, ele apaga.

Quando acorda, semanas depois, em uma imersão de bacta em um transporte do lado de fora da cidade, a sua família está morta, já enterrada. E nenhum dos lados tinha ganhado a guerra, mas ambos voltaram para casa, a fim de lamber as feridas.

– A guerra – Corwin responde ao barman, finalmente. – Estou cansado da guerra.

– Você não parece um imperial. Era um rebelde, aposto.

– Não, não era rebelde, também. Apenas um homem tentando sustentar a família.

– Você trouxe a sua família para cá?

– Sim – Corwin diz, mas não explica que os trouxe apenas no coração, e na fotografia que tem guardada na bota. – Queria levá-los para o mais longe possível da guerra. Para um lugar onde a guerra nunca nos encontraria. A pedra mais distante que eu conseguisse encontrar em um mapa estelar.

– Bem, você encontrou isso, cara. Não há lugar mais distante que aqui. A guerra ainda não encontrou motivo para chegar nesta pedra.

– Jura?

– Se a guerra chegar aqui, eu lhe pago todo o Néctar de Tranco que você quiser.

– Combinado.

– Este é um lugar morto, sabe?

– Sei.

Isso serve para Corwin. Um lugar morto para ele, um homem que tinha morrido.

PARTE QUATRO





C A P Í T U L O

38

E, então, ela está de volta.

Norra grita nas trevas, e a luz entra, apressada. Tudo parece eletrificado. O corpo dela está brilhando muito, e tudo vibra e queima; ela está subindo, e há algo em seu braço. Ela começa a arrancar a coisa, e também o que há na sua boca e no seu nariz. Ela engasga, tosse. Subitamente, alguém chega e a segura, prendendo os seus braços. *Quero ir embora*, ela tenta dizer, mas a sua voz é uma zona de arranhados e gargarejos. Tudo que escuta é uma voz:

– Calma, mãe, calma, está tudo bem. Tudo bem. – É Temmin. Oh, por todos os deuses e todas as estrelas, é o filho dela. Ele a segura bem perto, e ela o abraça.

Agora, ela percebe que está em uma sala branca. Céus azuis brilham do lado de fora. Um droide médico está de pé ao seu lado, pronto para agir.

Temmin beija a bochecha de Norra; ela beija a testa dele com os lábios rachados e chora.

Dias depois, quando recupera a voz, Norra está sentada no salão do edifício médico, na cidade de Hanna. Pela janela é possível ver a cidade e, além dela, os prados varridos pelo vento. Chandrila tem sido um lugar pacífico, muito distante da guerra. Parece algo fora do seu tempo, um souvenir de outra era.

Ela está lá com duas outras pessoas: almirante Ackbar e o capitão Wedge Antilles.

Wedge parece melhor que ela, embora não muito. Ele está andando com uma bengala agora, apesar de dizer que isso vai mudar em breve.

Ackbar, por sua vez, parece cansado. Porém, aparenta estar feliz em vê-la.

– Você é uma coisa incrível, Norra – diz Ackbar.

– Não sei de nada quanto a isso, senhor – ela diz. A voz de Norra ainda está arranhada, e ela continua nervosa, sensível. Desde que o droide a acordou do coma com uma mistura química qualquer, ela se sente como uma bateria supercarregada. Como se fosse se levantar, correr, pular e dançar. Mas seu corpo não pode fazer essas coisas; ela não se sente preparada, está dolorida, tão cansada quanto um velho cão-musk.

Ackbar e Wedge trocam um olhar. Wedge aquiesce e Ackbar entrega a ela uma pequena caixa.

– Isto é para você.

Ela dá um olhar interrogativo e pega o objeto. Norra hesita, mas Wedge a apressa:

– Abra, Norra.

Uma medalha.

– Eu já tenho a minha – ela diz –, isso deve ser algum erro.

– Uma pessoa pode ganhar mais de uma medalha – Ackbar diz, um tanto rispidamente, mas com os lábios torcidos e um sorriso estranho. – Os seus esforços em Akiva tiveram um efeito tremendo.

– Eu... não vejo como...

– Ter humildade é certo e bom, mas os fatos perseveraram além das sombras dos nossos próprios sentimentos – Ackbar diz. – Você salvou o capitão Antilles. Você nos ajudou a capturar alvos valiosos do Império: a general Jylia Shale e Yupe Tashu, o conselheiro de Palpatine. Além disso, confirmamos a morte de outros dois: moff Valco Pandion e o escravocrata Arsin Crassus. – Pelo jeito

como Ackbar diz “escravocrata”, a palavra parece gotejar raiva e condescendência.

– A almirante Sloane – Norra diz. – O que foi feito dela?

Wedge suspira.

– Temos a sua assistente, Adea Rite. Mas a almirante em pessoa escapou. É por isso que você esteve aqui em coma pelo último mês. Ela explodiu o transporte e fugiu em uma cápsula de fuga. – Norra se dá conta: *É claro*. A cabine frontal desses transportes classe lambda vira um veículo de fuga.

Ela termina a história para ele:

– Deixe-me adivinhar: ela levou a cápsula de fuga direto para o destróier estelar...

– E eles deram um salto para a velocidade da luz, sim.

Ela faz uma careta, mostrando o desapontamento que se apossa dela.

Wedge estende a mão e aperta as de Norra.

– Vamos encontrá-la. Nós ainda derrubamos dois destróieres estelares. Foi uma vitória para a Nova República.

Ela assente e força um sorriso.

– Obrigado, capitão.

– Há algo mais – diz Ackbar.

– Senhor?

– Tenho mais trabalho para você, se quiser fazê-lo.

– Eu... não sei, senhor. O meu filho. Eu...

– Apenas me escute, pode ser?

Ela concorda e escuta. E, no fim, acaba por dizer “sim”.

Akiva ainda está quente, ainda mormacento. Uma tempestade veio na noite anterior, e agora a pista de aterrissagem está repleta de folhas de palmeira e das gordas, largas, enrugadas e azuis flores das árvores asuka. As flores jazem

emaranhadas contra o chão, ainda bonitas ao seu jeito, mas também parecendo afogadas.

Norra está lá, com uma mala no ombro.

Temmin está lá com ela, e ele também traz uma mala.

Uma bandeira da Nova República tremula sobre a pista de aterrissagem, e uma corveta corelliana ruge no céu. Akiva: o primeiro planeta da Orla Exterior a oficialmente juntar-se ao contingente de mundos que requisitam fazer parte da Nova República. Os sátrapas viram a traição do Império – bem como a raiva do povo de Myrra – e decidiram que o único jeito de salvar a própria pele e o governo era ceder, em parte, para a República. (E Norra agradece às estrelas que a primeira ordem executiva tenha sido a de varrer a corrupção e o crime. Surat fugiu, mas o resto da sua gangue caiu. Muitos foram presos, e os demais se foram no que eles provavelmente pensaram ser glória; mas, longe disso, caíram em um banho de sangue brutal, que acabaria em uma nota de rodapé nos livros de história de Akiva.)

– Está certo disso? – ela pergunta.

– Sim, estou certo.

– Você pode ficar aqui, eu entenderia.

– Não quero ficar aqui. Pensei que aqui fosse a minha casa, mas não é.

– Ainda poderia ser. – Ela sorri.

– Você é a minha casa. Aonde quer que você vá, é nesse lugar que eu viverei – diz Temmin. Norra o puxa para perto. – Você acha que ainda podemos encontrar o meu pai? – ele continua.

– É possível. Esses data cubes que você roubou de Surat têm bastante informação a respeito dos negócios criminosos do Império. – Jas os havia traduzido. Parece que Surat estava coletando informações, para o caso de ser obrigado a barganhar a sua liberdade com a florescente Nova República. Temmin, ao roubar isso dele, tirou a sua única carta na manga. O arquivo ofereceu uma série de informações ligando o Império a vários sindicatos do

crime através da galáxia. – Os Hutts e os outros sindicatos do crime operam prisões clandestinas para o Império. Espero que a nossa jornada nos leve até lá. – Os holocrons vão informar a nova missão deles. – Mas não quero prometer nada. Não como fiz antes. Não sei o que vai acontecer lá fora. Você precisa saber disso, Temmin. Mas vamos tentar, certo? Vamos tentar.

– Eu sei. – Ele olha para cima. – Ei, chegou a nossa carona.

Uma nave flutua para baixo. Seus motores gêmeos giram e soltam fogo contra o chão, a fim de diminuir a velocidade da descida. É uma nave de assalto do tipo SS-54. Na lateral há uma pintura, já descascando, de uma pequena boneca segurando uma faca afiada. As palavras sob a pintura já tinham quase todas sumido, exceto por duas:

SEJA LEGAL.

O veículo pousa, e, quando isso acontece, três pessoas saem dele. Jas é a primeira, esticando o pescoço e estalando os dedos. Sinjir vem logo atrás. Ele ainda tem aquela crista tosca. O cabelo na nuca cresceu um pouco mais, mas aquela *aura* imperial ainda permanece sobre ele, como um miasma.

O último a sair é um homem com grossas costeletas, que se conectam com um volumoso bigode. Com o braço engessado, ele carrega a arma de raios ao lado. Capacete na mão, ele sai e vai direto na direção de Norra, com a mão estendida para ela.

– Norra Wexley, certo? – ele pergunta.

– Jom Barell – ela diz, apertando a sua mão. – É um prazer finalmente conhecê-lo. Só quero dizer de novo que aprecio muito a sua luta em Myrra. Eu pensei que todo mundo da FENOR tivesse morrido naquele dia. Estou feliz por estar errada e por você tomar a iniciativa.

Temmin passa e murmura:

– Embora você quase tenha nos matado.

– Esse é o seu garoto? – ele pergunta.

– É o meu garoto – ela responde.

Temmin dá um abraço em Jas, depois um soquinho no ombro de Sinjir. Norra o chama:

– Temmin, acho que você está esquecendo algo.

– Oh! Sim. – Ele enfia dois dedos na boca e assovia. – Ei. Ossudo! Vamos botar pra quebrar.

Do outro lado do campo, Senhor Ossudo levanta a cabeça. O droide acena. Ao longo da última semana, ele foi reconstruído por Temmin e Norra juntos, a partir de sucatas, no porão na casa de Esmelle e Shirene. Foi um “projeto em família”, como ela definiu. Em uma mão, o droide traz uma flor; na outra, uma arma de raios.

– ENTENDIDO!

O droide de combate passa correndo, deixando pequenas crateras no campo de pouso. E isso diz a Norra que eles ainda têm um pouco de trabalho a fazer com o sistema pneumático do droide.

Jas e Sinjir chegam perto dela, e Jas diz:

– Então, todos prontos para caçarmos alguns criminosos de guerra imperiais?

– Oh, eu *acho* que sim – Sinjir diz, amuado. – Gosto de fingir que estamos indo em busca de presas perigosas, mas é mais provável que cacemos um bando de contadores imperiais rechonchudos em mundos distantes.

– Chamado do dever – Norra diz. – Fico feliz que vocês o atendam junto comigo. Não achava que fossem querer. Ackbar sugeriu que todos nós trabalhássemos juntos de novo e... Bem, eu achei que ele estava louco.

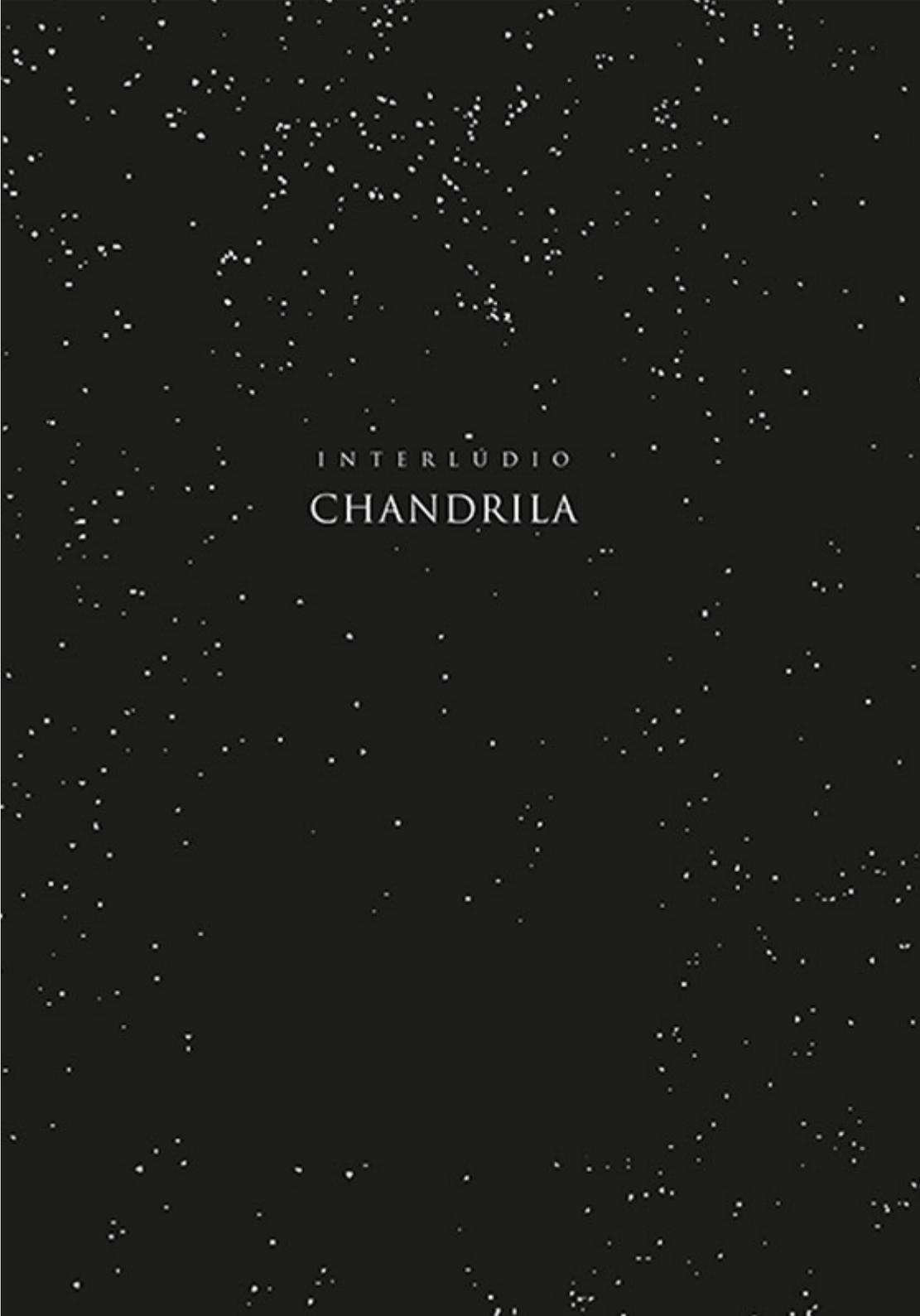
– Tem dinheiro na jogada – Jas diz, dando de ombros.

– E bebida – Sinjir acrescenta.

– Oh, isso vai ser divertido. Vamos, o trabalho nos espera – Jom franze o cenho.

Norra sorri.

Temmin está de pé diante da rampa da nave de Jas, acenando. Ela acena de volta e sobe a bordo, pronta para ver aonde a próxima aventura os levará.



INTERLÚDIO
CHANDRILA

– Qual é o seu nome? E o seu posto? – Olia pergunta.

O homem na frente da procissão de prisioneiros parece surpreso.

– Sou o cabo Argell. Camerand Argell. S... senhora. E você?

Mas ela não responde. Em vez disso, pergunta:

– O que é isso? – Ela gesticula para os prisioneiros alinhados. São imperiais, ainda vestindo parcialmente os uniformes: stormtroopers em roupas de baixo, oficiais em vestes cinzas e pretas. Não é um grupo grande, talvez uma dúzia.

– Acho que... é óbvio, são prisioneiros – ele continua, olhando nervosamente para Lug, o Trandoshano, ali imóvel com a câmera. – Capturamos um pequeno entreposto em Coruscant. Vão ficar alocados aqui nos campos, e o comandante Rohr pensou que seria prudente fazer uma parada com eles daqui a pouco pelo... Bem, ahhh, pelo triunfo do dia, e tal. – Ele pisca. – Estou sendo gravado?

– Está, *sim* – ela diz –, e isso não é certo. Leve esses homens ao lugar a que eles pertencem. Eles não são gado. Não são prêmios!

– Mas nós devíamos estar orgulhosos de termos ganhado essa guerra...

– Ninguém deve se orgulhar da guerra, cabo. Ninguém. Uma guerra não é algo que fazemos por gostar de ganhar, ou por qualquer glória que haja em subjugar alguém. Fazemos isso porque queremos estar do lado certo das coisas. Isso... – Ela balança as mãos no ar, tentando (e falhando, de alguma forma) conter a raiva. – Esse é o tipo de coisa que o Império faria. Exigir que os seus prisioneiros marchem, em uma exibição, com o intuito de enervar o sangue dos fiéis. Nós não fazemos isso. Temos que ser melhores que isso. Balance a cabeça se me entendeu.

– Claro, senhora – ele assente, de forma hesitante.

– Bom, muito bom. Vá em frente, diga ao seu comandante que os planos mudaram.

Argell engole em seco e dá um desconfortável aceno para a câmera. Então, ele serpenteia de volta pelo caminho de onde veio, levando a linha de

prisioneiros com ele. Olia fica lá, fumegando.

Tracene se aproxima. A câmara ainda está rodando. Ela coloca a mão no ombro da Pantorana. Um pequeno gesto, mas que basta: Olia deixa escapar um suspiro.

– Isso foi incrível. Você é boa nisso.

Olia sorri rigidamente.

– Só precisamos fazer o melhor. Todos nós. Se vamos seguir com isso, temos que fazer direito.

– Você está preocupada que a Nova República possa fazer as coisas do jeito errado? Que isso tudo, os manifestantes, os órfãos, as paradas de prisioneiros... Que essas coisas possam ser avisos? Será que a Nova República vai sobreviver?

Olia vira-se e levanta o queixo, para falar com autoridade:

– Isso é uma democracia – ela diz. – É estranho, e é uma bagunça. Não é sobre fazer certo, mas, sim, sobre tentar fazer certo. Sim, é tudo um pouco caótico. Certamente vamos cometer erros. E o Império? Eles não se importavam em nada com a democracia. Valorizavam a ordem acima de tudo. Queriam tanto estar certos que qualquer um que sequer insinuasse que havia algo errado ou que agisse de forma diferente era marcado como inimigo e jogado em uma prisão sombria em algum lugar. Eles destruíram outras vozes, para que apenas as deles restassem. Nós não somos assim. Nós nem sempre estaremos certos. Nunca seremos perfeitos. Mas vamos ouvir. Ouviremos as incontáveis vozes da galáxia e abriremos os nossos ouvidos; sempre vamos escutar. É assim que a democracia sobrevive. É assim que se *prospera*. Veja ali.

Ela aponta, e agora surge uma nova procissão.

Senadores. Uma centena, talvez mais. Vindos de sistemas por toda a galáxia, até mesmo alguns da Orla Exterior, marchando em direção à velha Câmara do Senado de Chandrila. Pequenas multidões de cidadãos se juntam, aplaudindo, assobiando. É apenas um começo. Um bem humilde, mas um começo.

Olia sorri.

– Isto é democracia. Isto é a Nova República. E, se você me desculpar, temos muito trabalho a fazer. Que a Força esteja com você, Tracene.

– Arrasou, Olia – a âncora jornalística sorri.

EPÍLOGO

Rae está de pé na ponte da *Dilacerador*. Ali, encarando pela janela a brilhante nébula Vulpinus, está o almirante da frota.

As mãos dele estão para trás, e ele cantarola um pouco. É algo clássico, da época da Velha República. Ela escuta por um momento: a *Sestina do Imperador Vex*, talvez.

– Senhor – ela diz.

Ele levanta um dedo em um sinal, pedindo paciência. E continua a cantarolar, com a cabeça balançando, até chegar a um pequeno *crescendo*. Então, sem se virar para Rae, ele baixa o dedo e diz:

– Sim, almirante Sloane?

– Há algo que eu gostaria de perguntar ao senhor.

– Você pode sempre falar abertamente comigo – ele fala, finalmente virando-se para encará-la. Seu semblante é frio e ele a olha, examinando-a como se ela fosse um pedaço de carne suculento e ele estivesse escolhendo onde dar as melhores mordidas. – Por favor.

– A cúpula, em Akiva.

– Coisa terrível.

– Não aconteceu como planejado... – Ela hesita. – Embora agora eu não tenha tanta certeza. O senhor planejou... que acontecesse daquele jeito?

– Explique. – Ele sorri.

– Eu... estive pensando. Tudo aconteceu tão rápido. Mais rápido do que qualquer um poderia prever. E eu me pergunto: será que temos alguém no nosso meio que possa ter convocado os rebeldes? Eu procurei e encontrei... comunicações. Feitas a partir de um canal criptografado, vindo dessa mesma nave. Enviadas para o que parece ser uma frequência rebelde.

– Elucide-me. Que motivo eu teria para fazer isso?

– Tenho pensado a respeito e imagino que seria para... eliminar a competição. – Ela hesita novamente.

– Uma teoria interessante.

– Estou mais interessada em saber se é uma teoria acurada, almirante.

Ele pega a mão dela e dá um aperto.

– Era um teste.

– Eu poderia ter morrido lá em Akiva. Ou ter sido capturada.

– Mas isso não aconteceu. Você não foi capturada e continua viva. Você é a minha melhor e a mais brilhante, e é por isso que passou no teste. Preciso de gente como você.

Então surge a questão que ela odeia ter que fazer:

– E se eu não tivesse sobrevivido?

– Nesse caso, a minha avaliação de você teria sido equivocada. Você não teria sido minha melhor, nem a mais brilhante. Seria como os outros: Pandion, Shale e assim por diante. Eles eram fracos, animais doentes que tiveram que ser abatidos e retirados do rebanho. Eles não passaram no teste, e já não são um fardo para nós. – Ela tenta reprimir um arrepio. – Aqui – ele continua, apontando para as faixas vermelhas brilhantes da nébula de Vulpinus, para as voltas arrebatadoras de nuvens vermelhas e para as estrelas além delas. – Olhe lá para fora. Esta não é mais a nossa galáxia.

– Almirante, nós ainda não perdemos.

– Oh, perdemos, sim. Vejo o desespero nos seus olhos, mas isso não é motivo para desespero, almirante Sloane. E é assim que tem que ser. O

Império se tornou essa máquina... feia e deselegante. Algo bruto e ineficiente. Precisávamos ser quebrados em pedaços. Precisávamos nos livrar daqueles que querem ver essa máquina velha indo inevitavelmente para a frente. É hora de algo melhor, de algo novo. De um Império que mereça a galáxia que vai governar.

Sloane não sabe o que sentir. Agora é uma estranha mistura de terror, de nojo, mas também de esperança.

Ele estava tentando traí-la?

Ou aquele era mesmo um teste, pelo qual ele esperava que ela passasse?

Tudo o que ela consegue dizer é:

– É claro, almirante.

– Agora, você me dá licença? Tenho coisas em que pensar.

Ele toca o ombro dela com gentileza. É um gesto aparentemente carinhoso, até que ele o usa para virá-la, mandando que Sloane siga o seu caminho.

The image features the iconic Star Wars logo centered on a black background filled with numerous small, white, star-like specks of varying sizes, creating a starry space effect. The logo itself is rendered in a bold, white, sans-serif font. The word "STAR" is positioned above "WARS", and both words have a distinctive horizontal bar cutting through the middle of each letter. The overall composition is simple and visually striking due to the high contrast between the white text and the dark, speckled background.

**STAR
WARS**

STAR WARS / MARCAS DA GUERRA

TÍTULO ORIGINAL: Star Wars / Aftermath

ILUSTRAÇÃO: Scott Biel

CAPA: Desenho Editorial

COPIDESQUE: Mateus Duque Erthal

REVISÃO: Isadora Prospero | Isabela Talarico

PROJETO E DIAGRAMAÇÃO ORIGINAL: Desenho Editorial

VERSÃO ELETRÔNICA: [S2 books](#)

EDITORIAL: Daniel Lameira | Mateus Duque Erthal | Katharina Cotrim |
Bárbara Prince | Júlia Mendonça | Andréa Bergamaschi

DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

COPYRIGHT © & TM 2015 LUCASFILM LTD.

COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2015

(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE
QUAISQUER MEIOS.

 EDITORA ALEPH

Rua Henrique Monteiro, 121

05423-020 – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3202

www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vagner Rodolfo CRB-8/9410

W469m Wendig, Chuck

Marcas da guerra [recurso eletrônico] / Chuck Wendig ; traduzido por André
Gordirro, Guilherme Kroll. - São Paulo : Aleph, 2016.

366 p. : 3,2 MB.

Tradução de: Aftermath
ISBN: 978-85-7657-355-5 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção. I. Gordirro, André. II. Kroll, Guilherme. III. Título.

2016-412

CDD 813.0876
CDU 821.111(73)-3

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
2. Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3